

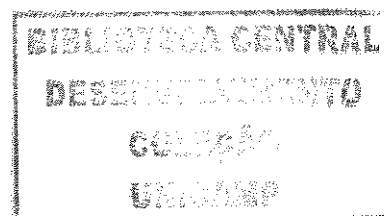
MARIA CÉLIA PEREIRA LIMA-HERNANDES

A Interface Sociolingüística/Gramaticalização:
estratificação de usos de *tipo, feito, igual e como*
sincronia e diacronia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor.

Orientadora
Profª. Drª. Maria Luiza Braga.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP
2005



UNIDADE BC
 Nº CHAMADA T/UNICAMP
65503
 V 65503 EX 65503
 TOMBO BC/ 65503
 PROC. 6-86-05
 C ☐ D ☒
 PREÇO 11,00
 DATA 12/13/05
 Nº CPD 1

(65503)
 Bib ID 363454

2

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Lima **Hernandes, Maria Célia Pereira Lima.**
H43T
1 65503
 A Interface sociolingüística/gramaticalização : estratificação de usos de tipo, feito, igual e como : sincronia e diacronia / Maria Célia Pereira Lima Hernandez. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.
 Orientador : Maria Luiza Braga.
 Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
 1. Gramática comparada e geral - Gramaticalização. 2. Sociolingüística. I. Braga, Maria Luiza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The Sociolinguistic/Grammaticalization Interface: layered functions of *tipo, feito, igual* and *como* - synchronic and diachronic research.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Grammaticalization; Sociolinguistic; Comparative structures.

Área de concentração: Sociolingüística / Gramaticalização.

Titulação: Doutorado. em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Ingedore G. V. Koch, Profa. Dra. Anthony Julius Naro, Profa. Dra. Maria Conceição Paiva e Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves.

Data da defesa: 30/06/2005.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Luiza Braga – Orientadora
IEL/UNICAMP - UFRJ

Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch
IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Anthony Julius Naro
UFRJ

Profa. Dra. Maria Conceição Paiva
UFRJ

Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves
UNESP – S.José do Rio Preto

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Célia Pereira

Lima Hernandez

e aprovada pela Comissão Julgadora em
18/08/05.

M. Fausta C. Pereira de Castro
Prof. Dr. MARIA FAUSTA C. PEREIRA DE CASTRO
Coordenadora Geral de Pós-Graduação
IEL/UNICAMP
Matr. 04368-1



AGRADEÇO A

MARIA LUIZA BRAGA, minha orientadora, por acreditar no potencial do meu trabalho e incentivar seu desenvolvimento; minha amiga, cujos atributos essenciais – cuidado e atenção constantes, delicadeza, amizade, carinho, respeito – são inspiração para minhas atitudes no dia-a-dia acadêmico. Meu agradecimento e minha homenagem, pelo exemplo de vida que me inspira a seguir.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA e ANTHONY JULIUS NARO – pela disponibilidade, pela leitura atenta, pelo material sugerido e pelas críticas, que muito contribuíram para o aprimoramento da pesquisa.

INGEDORE KOCH pela contribuição na discussão sobre gramaticalização e iconicidade.

SEBASTIÃO CARLOS GONÇALVES pela análise detida dos dados, pelas sugestões e, especialmente, pelo contínuo exercício da amizade.

VÂNIA C. CASSEB-GALVÃO, NILZA B. DIAS, ANGÉLICA CARMO E CRISTINA CARVALHO, amigas bastante presentes e grandes interlocutoras nas discussões sobre gramaticalização.

ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO – pelas breves, mas profundas discussões sobre axiomas lingüísticos e unidirecionalidade.

HEITOR MEGALE – pela assessoria na avaliação do desdobramento de abreviaturas observadas no século XVIII e pelas críticas sobre o *corpus* diacrônico.

OSVALDO H. LEONARDI CESCHIN – pelas discussões iniciais sobre os dados ambíguos do português arcaico.

WALDEMAR FERREIRA NETO, MANOEL LUIZ GONÇALVES CORRÊA E DOMINIQUE TILKIN GALLOIS – pela disponibilidade em participar da banca de minha qualificação de área e pelos comentários sempre tão pertinentes que muito contribuíram para o aperfeiçoamento do trabalho final.

MARILZA DE OLIVEIRA E MÁRIO VIARO pelos materiais de Henfil e pelas discussões sobre testes lingüísticos.

LÍGIA CORREA DIAS – pelas discussões sobre os dados diacrônicos e pela constante atenção.

SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO – pelo auxílio nas breves discussões sobre dicionários diacrônicos.

ANGELINA BATISTA pelo apoio constante nos momentos variados.

LÍDIA SPAZIANI E GUILHERME FROMM pelo *Abstract*.

MIGUEL SALLES – pela dissertação sobre comparação doada ainda no início do doutorado.

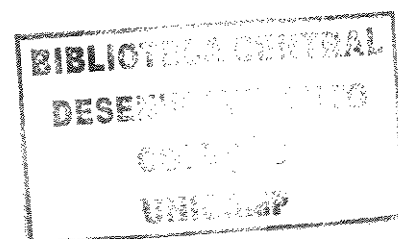
MARTÍN RUSSO – pelas frutíferas discussões sobre os usos de *tipo* e *tipo assim* no português e no espanhol.

PEUL – por ceder os *corpora* de contato, de recontato, por permitir o acesso às fichas sociais dos informantes. De modo especial, agradeço aos colegas Solange Tristão e Cassiano.

NURC-RJ – pela cessão dos *corpora* de contato e de recontato.

INEP/MEC, pela possibilidade de consulta às produções escritas por jovens.

ALUNOS DO CURSO DE LETRAS (UNIBAN, UNINOVE E USP) – que gentilmente responderam aos questionários.



ANTONIETA, do Acre, pelas discussões filológicas sobre receitas de cozinha do século XV.

MENINAS E MENINOS DO CONDOMÍNIO PORTO SEGURO, que contribuíram com seus exemplos e opiniões sobre os usos de *tipo* e *tipo assim*.

Funcionários da SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IEL-UNICAMP, especialmente à Rose e ao Cláudio, pelo apoio constante.

Dedico este trabalho a

Abelita e João,

Carlos,

Ingrid e Carla,

e

Malu.

TIPO ASSIM...

Quando veio? Um dia desses, às 2 da manhã, peguei o carro e fui buscar minha filha adolescente na saída do show do Charlie Brown Jr. Ela e as amigas estavam eufóricas e eu ali, meio dormindo, meio de pijama, tentei entrar na conversa. E aí, o show foi legal?? A resposta veio de uma mais exaltada do banco de trás: - Cara! *Tipo assim*, foda!? E outra emendou: *Tipo* foda mesmo!? Fiquei *tipo assim* calado o resto do percurso, cumprindo minha função de motorista. Tô precisando conversar um pouco mais com minha filha, senão daqui a pouco vamos precisar de tradução simultânea. Pra piorar ainda mais, inventaram o ICQ, essa praga da internet onde elas ficam horas e horas escrevendo abobrinhas umas pras outras, em código secreto. *Tipo assim*: kcf! Vctmb nunk tah trank, kra. Eh dt+, sl. T+ Bjoks. Jubys? Em português: Cacete! Você também nunca está tranqüila, cara. E demais, sei lá. Até mais, beijocas. Jubys. Jubys, que deve ser pronunciado diúbis, é isso mesmo que você está imaginando, a assinatura. Só que o nome de batismo é Júlia, um nome bonito, cujo significado é cheia de juventude, que eu e a minha mulher escolhemos, sentados na varanda, olhando a lua. Pois Jubys é hoje essa personagem de cabelo cor de abóbora, cheia de furos na orelha que quer encher o corpo de *piercings* e tatuagens. Tô ficando velho!

Outro dia tentei explicar pro mesmo bando de adolescentes o que era uma máquina de escrever. Nunca viram uma. A melhor definição que consegui foi *é tipo assim* um computador que vai imprimindo enquanto você digita. Acho que não entenderam nada. Eu sou do tempo do mimeógrafo. Pra quem não sabe, é uma máquina que você coloca álcool e dá manivela pra imprimir o que está na folha matriz. Por sua vez, essa matriz precisa ser datilografada (ver datilografia no dicionário) na tal máquina de escrever, sem a fita (o que faz com que você só descubra os erros depois do trabalho feito), com o papel carbono invertido. Enfim, procure na internet que deve haver algum site sobre mimeógrafo, papel carbono, essas coisas. Seu eu ficar explicando cada vocábulo descontinuado, não vou conseguir acompanhar meu próprio raciocínio. Voltando às garotas, a cultura cinematográfica delas varia entre a obra de Brad Pitt e a de Leonardo de Caprio. Há anos tento convencê-las a ver *Cantando na Chuva*, mas sempre fica para depois. Um dia cheguei entusiasmado em casa com a fita de um filme francês que marcou minha infância: A guerra dos botões. Juntei toda a família para a exibição solene e a coisa não durou nem 5

minutos. O guri foi jogar bola. Jubys inventou um trabalho de história sobre a civilização greco-romana que tem que entregar *tipo assim* até amanhã senão perde ponto e até minha mulher, de quem eu esperava um mínimo de solidariedade, se lembrou que tinha um compromisso com hora marcada e se mandou. Fiquei ali, assistindo sozinho e lembrando do tempo em que eu trocava gibi na porta do capitólio.

Uma amiga me contou que o filho de 10 anos ficou espantado quando viu um telefone de discar. Sabe telefone de discar *é tipo assim* um aparelho sem teclas, geralmente preto, com um disco no meio, todo furado, onde cada furo corresponde a um algarismo. Você enfia o dedo indicar no buraco correspondente ao número que precisa registrar, gira o negócio até dar meia lua de metal e solta a roleta, que lá por dentro está presa a uma mola e faz ela voltar à sua posição inicial. Esse aparelho serve para conversar com outra pessoa como qualquer telefone comum, desde que esteja, é claro, conectado na parede. Eu sou do tempo em que vidro de carro fechava com maçaneta. E o fusca tinha estribo e quebra vento. Não espalha, mas eu andei de Simca Chambord, de DKW, Gordini, Aero Willis e até de Romiseta. Não dá pra explicar aqui o que era uma Romiseta, só vou dizer que era *tipo assim* um veículo automotivo, com 3 rodas, que a gente entrava pela frente e a direção era grudada na porta. Procure na internet, deve haver um site. Tá bom, tá bom, confesso mais. Usei Camisa Volta ao Mundo, casquinho de Banlon, assisti à Jovem Guarda, o Direito de Nascer, mas é mentira essa história de que meu primeiro disco gravado foi em 78 rotações. Há pouco tempo, João, meu filho de 8 anos, pegou um LP e ficou fascinado. Botei pra tocar e mostrei a agulha rodando dentro do sulco de vinil. Expliquei que aquele atrito gerava o som que estávamos escutando, mas aí ele já estava jogando Pokemon Stadium no Game Boy. Não é que ele seja desinteressado, eu é que fiquei patinando nos detalhes. Ele até que é bastante curioso e adora ouvir as histórias do tempo em que eu era criança. Quando contei que a TV, naquela época, era toda em preto e branco ele viajou na idéia de que o mundo todo era em preto e branco e só de uns tempos para cada é que as coisas começaram a ganhar cores. Acho que de certa forma ele tem razão. *Tipo assim*: A mente que se abre a uma nova idéia jamais volta ao seu tamanho original. (Luís Fernando Veríssimo)

Resumo

A partir da premissa de que deslizamentos funcionais de itens/estruturas mais ou menos lexicais permitem a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas, investigo os usos sincrônicos e diacrônicos dos itens *tipo*, *feito*, *igual* e *como* no português do Brasil. Apresento o estatuto da mudança sob a perspectiva da gramaticalização e da sociolinguística, posto que motivações internas e externas se imbricam em muitos trajetos de deslizamentos funcionais dos itens analisados. Procedo ao estudo de tipo *painel* (Labov 2002) com amostras de língua falada por cariocas dos projetos PEUL e NURC. Proponho a hierarquização dos vários usos baseada na unidirecionalidade e quantifico esses dados produzidos em situações de fala, avaliando a referendação dos padrões funcionais em dados diacrônicos dos séculos XIII ao XX. Com essa estratégia, mostro que muito do que ocorreu no passado explica o que já ocorre sincronicamente; além disso, essa metodologia favorece a compreensão da direção assumida pela mudança. Realizo um estudo circunstanciado na exemplificação/quantificação de *type/tokens*. Defendo, com base em Du Bois (1985), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003), a pertinência de um estudo quantitativo para a apreensão da gramaticalização de itens. Como estratégia para estudar a incorporação de usos inovadores em textos escolares, empreendi um exaustivo estudo dos padrões funcionais de *tipo* em redações escolares dissertativas, por meio do que discuto o ingresso de usos funcionais inovadores na língua escrita e a trajetória de gramaticalização assumida pela forma-fonte. Apoio minhas explicações em pressupostos sociolinguísticos, especialmente naqueles que defendem que a incorporação de novas formas/funções linguísticas pelos indivíduos deve-se à força de valores/atributos do grupo que as originou/ou que mais evidentemente as utiliza. A adesão linguística de inovações seria, assim, reflexo da atitude individual e indicação de sintonia com os valores dos pares.

Lista de Quadros, Gráficos e Quadros

Esquema 1 – Modelo de interação verbal de Dik.	p.20
Esquema 2 – Estágios do processo de gramaticalização.	p.28
Esquema 3 – Deslizaamentos funcionais de <i>igual</i> , <i>feito</i> e <i>tipo</i>	p.90
Gráfico 1 – Comparação entre ações – conjunção <i>como</i>	p.121
Quadro 1 – Diferenças entre metonímia e metáfora	p.26
Quadro 2 – Informantes PEUL – Amostra 80 e Amostra 00	p.52
Quadro 3 – Informantes/Número de inquérito – NURC – Contato e Recontato	p.52
Quadro 4 – Amostras de produções escritas	p.56
Quadro 5 – Ocorrências por item analisado nos <i>corpora</i> PEUL e NURC	p.59
Quadro 6 – Resumo comparativo das aceções em dicionários	p.66
Quadro 7 – Distribuição funcional de <i>tipo</i> – PEUL/NURC	p.73
Quadro 8 – Distribuição funcional de <i>feito</i> - PEUL/NURC	p.80
Quadro 9 – Distribuição funcional de <i>igual</i> - PEUL/NURC	p.89
Quadro 10 – As funções de <i>como</i> nas gramáticas	p.94
Quadro 11 – Distribuição funcional de <i>como</i> - PEUL/NURC	p.102
Quadro 12 – <i>Types Tokens</i> de <i>tipo</i> – Diacronia	p.106
Quadro 13– <i>Types Tokens</i> de <i>feito</i> - Diacronia	p.107
Quadro 14 – <i>Types Tokens</i> de <i>igual</i> – Diacronia	p.110
Quadro 15 – Paráfrases de <i>igual</i> – Adjetivo	p.112
Quadro 16 - <i>Types Tokens</i> de <i>como</i> – Diacronia	p.113
Quadro 17 – Elementos comparados nas orações- <i>como</i>	p.120
Quadro 18 – Distribuição de padrões funcionais – PEUL	p.132
Quadro 19 – Distribuição de <i>types tokens</i> e contatos sociais – PEUL	p.145
Quadro 20 – Distribuição de padrões funcionais – NURC	p.148
Quadro 21 – Juntões de comparação – PEUL	p.157
Quadro 22 – Juntões de comparação – NURC	p.159
Quadro 23 – Distribuição <i>types tokens</i> – Redações Escolares	p.168

Sumário

Resumo	p.9
Lista de esquemas, gráficos e quadros	p.10
Introdução	p.13
Capítulo I – Fundamentação Teórica	p.17
1. A base funcionalista	p.17
2. Diálogo com os estudos sobre Gramaticalização	p.21
2.1 Mecanismos de mudança	p.25
2.2 Direcionalidade do processo	p.28
2.3 Motivação do processo	p.32
2.4 Processamento de base comparativa	p.38
Capítulo II – Fundamentos Metodológicos	p.47
1. Orientação metodológica	p.47
1.1 Constituição dos <i>corpora</i>	p.51
1.2 Tratamento dos dados	p.57
Capítulo III – Análise Sincrônica	p.59
1. Deslizamentos funcionais da palavra <i>tipo</i>	p.60
1.1. Pesquisas anteriores	p.60
1.2. Cotejo com as acepções registradas em dicionários	p.63
1.3. Hierarquia de usos de <i>tipo</i>	p.69
2. Deslizamentos funcionais da palavra <i>feito</i>	p.74
2.1 Cotejo com as acepções registradas em dicionários	p.74
2.2 Hierarquia de usos de <i>feito</i>	p.78
3. Deslizamentos funcionais da palavra <i>igual</i>	p.82
3.1 Cotejo com as acepções registradas em dicionários	p.82

3.2 Hierarquia de usos de <i>igual</i>	p.87
4. Deslízamentos funcionais da palavra <i>como</i>	p.90
4.1 Cotejo com as acepções registradas em dicionários e em gramáticas	p.90
4.2 Hierarquia de usos de <i>como</i>	p.99
Considerações finais	p.102
 Capítulo IV – Análise Diacrônica	p.105
4.1 Trajetória e frequência de usos	p.105
a. Diacronia de <i>tipo</i> - <i>Types/tokens</i>	p.106
b. Diacronia de <i>feito</i> - <i>Types/tokens</i>	p.107
c. Diacronia de <i>igual</i> - <i>Types/tokens</i>	p.110
d. Diacronia de <i>como</i> - <i>Types/tokens</i>	p.113
 Capítulo V – Implementação de usos nas modalidades falada e escrita	p.129
1. Estudo Painei	p.130
1.1 Estudo Painei – <i>Corpus</i> PEUL	p.131
1.2 Estudo Painei – <i>Corpus</i> NURC	p.148
2. Emergência de padrões funcionais conjuntivos: o quadro das conexões comparativas de igualdade.	p.155
3. <i>Tipo</i> na Modalidade Escrita	p.161
3.1 Transmissão lingüística: mistura de modalidades?	p.167
 Conclusões	p.173
 Referências Bibliográficas	p.179
Abstract	p.187
 Anexo I – Histórico do Projeto PEUL	p.189
Anexo II – Histórico do Projeto NURC	p.191
Anexo III – Fiat Tipo	p.193
Anexo IV – Tiras Henfil	p.195
Anexo V – Questionários	p.197
Anexo VI – Notas sobre respostas dos adolescentes	p.203

Excluído: 8

Excluído: 29

Excluído: 0

Excluído: 7

Excluído: 4

Excluído: 0

Excluído: 6

Excluído: 2

Excluído: 8

introdução

O estudo de deslizamentos funcionais de itens/estruturas mais ou menos lexicais permite a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas. A partir dessa premissa, apoio-me em pressupostos teóricos do funcionalismo e da gramaticalização e investigo os usos sincrônicos e diacrônicos dos itens *tipo*, *feito*, *igual* e *como* no português do Brasil.

Meu foco de interesse são mudanças no estatuto categorial da palavra *tipo* em consonância com as propostas da Sociolingüística. Cojeto os variados padrões funcionais desse item, vale dizer, usos/valores/funções, com os de outras formas capazes de ocorrer no mesmo contexto.

A escolha desse tema foi motivada inicialmente pela constatação de que, ao mesmo tempo em que alguns padrões funcionais da palavra *tipo* são estigmatizados na escola e em situações diversas cujo foco de atenção é o indivíduo, esse item tem empreendido uma rota de mudança categorial bastante interessante do ponto de vista da gramaticalização. O fato de ser correlacionada, no senso comum, à faixa etária e classe social mais baixa, não é garantia de que esses usos estejam de fato restringidos a esses grupos. Refiro-me a casos, como, por exemplo, o da palavra *tipo* na função discursiva de marcador. Embora a alta recorrência de usos seja associada a falantes adolescentes, indivíduos de outras faixas etárias também a empregam. Em contrapartida, há empregos inovadores de *tipo* que aparecem, de modo insuspeito, em textos mais formais, como artigos científicos e teses. Para discutir as questões relacionadas a essa temática, organizei esta tese em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, apresento e discuto o conceito da mudança lingüística sob a perspectiva da gramaticalização e da sociolingüística, posto que motivações internas e externas se imbricam em muitos pontos do deslizamento funcional dos itens analisados.

No segundo capítulo, apresento os *corpora* constituídos para este estudo que lida com as abordagens sincrônica e diacrônica. Apresento, para a primeira abordagem, que será tratada em dois momentos distintos na tese, em decorrência do tipo de material/modalidade lingüística (escrita/falada), a seleção de entrevistas com 16 falantes cariocas gravados em dois momentos – Amostra 80 e Amostra 00 (Projeto PEUL) e também com 6 cariocas com curso superior, gravados em dois momentos – Contato e Recontato – (Projeto NURC-

RJ). Apresento, para a segunda abordagem – diacrônica – a amostra de textos do século XIII a XX, base para a verificação da recorrência de padrões funcionais. Ainda nesse capítulo, organizo a amostra de textos escolares em três grupos, distinguidos pelo tipo/objetivo do exame. Por fim, defendo, com base em Du Bois (1985), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003), a pertinência do tratamento estatístico (frequências *type/tokens*) para a apreensão do processo de gramaticalização.

Dedico o capítulo 3 à análise sincrônica de cada um dos itens estudados (*tipo, feito, igual, como*). Tomo como ponto de partida uma breve pesquisa em gramáticas e dicionários, seguida da proposta de hierarquização dos usos com base na hipótese da unidirecionalidade como recurso heurístico e quantifico-os nos dois *corpora*.

No capítulo 4, procedo à análise dos dados rastreados nos documentos diacrônicos com vistas a verificar se os padrões funcionais hierarquizados no estudo sincrônico são os mesmos nos séculos XIII ao XX. Tendo em vista que sincronicamente as mudanças não são percebidas com nitidez, com essa estratégia, mostro que muitas das mudanças ocorridas no passado explicam o que ocorre sincronicamente. Esse tipo de incursão pode também favorecer a compreensão da direção assumida pela mudança, razão pela qual realizo um estudo circunstanciado na exemplificação/quantificação de *type/tokens*.

No capítulo 5, procedo a um estudo de tipo painel (Labov 1994), por meio do que analiso a trajetória de usos individuais em dois grupos de falantes, com características diferentes em muitos aspectos. Busco identificar fatores sociais capazes de sustentar uma explicação sociolinguística para a adesão a usos inovadores. Neste capítulo, argumento sobre a importância de correlação de fatores sociais classicamente avaliados por sociolinguistas – sexo, idade, grau de escolaridade – associando-os aos vínculos sociais de cada indivíduo. Defendo que a trajetória social de cada pessoa pode afetar drasticamente a incorporação de usos linguísticos, especialmente aqueles inovadores decorrentes de um processo de gramaticalização.

Como estratégia para estudar a incorporação de usos inovadores, empreendi um estudo dos padrões funcionais de *tipo* em redações escolares dissertativas, por meio do que discuto o ingresso desses usos na língua escrita e a trajetória de gramaticalização assumida pela forma-fonte. Apoio minhas explicações em pressupostos sociolinguísticos, especialmente naqueles que defendem que a incorporação de novas formas/funções

lingüísticas pelos indivíduos deve-se à associação com valores e atributos do grupo que com maior evidência as utiliza. Esses aspectos permitem discutir a atitude do falante como indicativo de sua sintonia com os valores do grupo de que se considera parte.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É objetivo deste capítulo explicitar os pressupostos teóricos que guiam esta pesquisa. De início, discuto conceitos e rótulos vinculados ao funcionalismo lingüístico e mostro em que medida me aproprio dos mesmos no decorrer da pesquisa. Com a ampliação das discussões e com a instauração do diálogo com a gramaticalização, ficarão também delineados os caminhos metodológicos de que me servirei para o estudo dos empregos das palavras *tipo*, *feito*, *igual* e *como* no Português.

1. A BASE FUNCIONALISTA

O pressuposto básico da abordagem funcionalista é que o estudo do sistema lingüístico leve em consideração o usuário da língua e, como consequência, todo o entorno suficiente para a produção de sua fala torna-se alvo de interesse.

Tendo em vista que a Gramática Funcional objetiva a descrição e a explanação das línguas focalizando os aspectos pragmático e psicológico, discussões a respeito do entorno comunicativo – em que a motivação e objetivos para a interação verbal são questões centrais – e correlações com os processos mentais envolvidos na interpretação e produção das expressões são imprescindíveis (Dik 1997).

A proposta de Dik sustenta-se no argumento de que o usuário da língua natural é parte do sistema integrado, a língua. Dessa forma, o falante compõe o “discurso”, que tem em sua base a informação pragmática. Assim, numa situação de interação verbal, nenhum discurso é interpretado adequadamente se se levar em conta unicamente o conteúdo intrínseco da cadeia lingüística; outros tipos de conhecimento são necessários ao sucesso da interação verbal. Dik agrupa em dois tipos esses conhecimentos: a) conhecimento de longo-termo; e b) conhecimento de curto-termo.

O conhecimento de longo-termo constitui-se por meio dos componentes lexical (predicados lexicais, propriedades semânticas e morfossintáticas, bem como as inter-relações), gramatical (regras e princípios que definem estruturas gramaticais subjacentes e que licenciam sua expressão lingüística) e pragmático (regras e princípios que governam o uso adequado de expressões lingüísticas na interação verbal). Esses componentes integram o *conhecimento lingüístico*. Também inclui-se no conhecimento de longo-termo o domínio de informações sobre o mundo e outros mundos possíveis, manifestados pelos componentes referencial (conhecimento sobre entidades, como pessoas, coisas, lugares, etc.), episódico (conhecimento sobre estados-de-coisas em que entidades estão envolvidas (ações, processos, posições, estados) e geral (conhecimento sobre regras gerais e princípios que governam o mundo e outros mundos possíveis), os quais constituem o *conhecimento não-lingüístico*.

O conhecimento de curto-termo, por sua vez, deriva de eventos comunicativos e situacionais. Dik subdivide-o em dois tipos: situacional e textual. O primeiro permite que o falante constitua o conhecimento sobre o centro dêitico do evento comunicativo. E o segundo permite que o falante reconheça as referências textuais, os estados-de-coisas a partir das regras e princípios que governam o mundo real e mundos possíveis no texto.

Com base nessa distinção de conhecimentos, numa perspectiva funcional do discurso, apresentam-se três perspectivas de observação e estudo. Na primeira, responde-se ao questionamento a respeito das motivações/decisões sobre as estratégias adotadas na interação; na segunda, procuram-se examinar os tipos de padrões estruturais e os níveis de organização discursiva; na terceira, lida-se com a continuidade/descontinuidade e coerência/incoerência em termos de graus. Muito da perspectiva adotada é, por vezes, determinada pelo material analisado e objeto focalizado.

Como em qualquer corrente funcionalista, não concebo a existência de uma sintaxe autônoma (Dik 1979), razão pela qual busco na interação uma explicação para o fato em análise. Uma sintaxe autônoma, ao contrário, analisa os fenômenos num eixo sintagmático, sem, contudo, tratar das restrições/escolhas, que remetem à “própria duplicidade básica implicada no complexo que representa a atividade lingüística dos falantes” (Neves 1996, p.31).

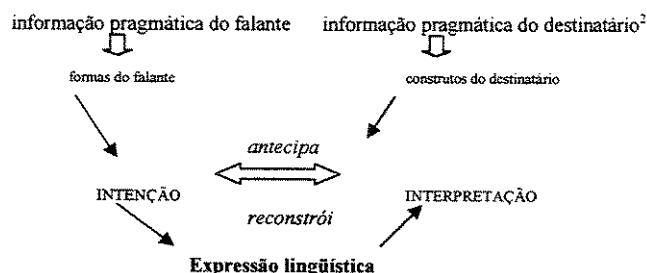
Neste trabalho, as regularidades lingüísticas e aparentes “irregularidades” quanto ao uso dos itens analisados serão observadas, sem, contudo, perder de vista a idéia de que as relações entre a instrumentalidade do uso lingüístico e a sistematicidade da estrutura lingüística estabelecem-se como não-arbitrárias (Neves 1996), razão por que é imprescindível um tratamento em termos de tendências e condicionamentos.

Assumir como verdades as idéias anteriormente discutidas implica a aceitação de que a produção de sentidos (falante-ouvinte) manifesta-se num exercício de antecipação de interpretação por parte do falante e de reconstrução da interpretação por parte do interlocutor, e é justamente esse jogo que permitirá apurar a tensão constante entre discurso / gramática. Por isso, numa perspectiva funcional, os componentes semântico e sintático não são autônomos em relação ao componente pragmático.

Em suma, do ponto de vista funcional, a língua é um sistema semânticoⁱ e como tal manifesta a produção de sentidos por meio de enunciados lingüísticos (Neves 2002), estruturados a partir de uma organização específica de itens gramaticais e lexicais. Essa organização, parcialmente apresentada na gramática tradicional, é objeto de interpretação e alvo de explicação para a gramática funcional à luz da inter-relação dos componentes sintático, semântico e pragmático. E esta pesquisa, por assumir seu viés funcionalista, não pode se furtar à tarefa de tentar explicar as regras e princípios que subjazem ao funcionamento da expressão lingüística em questão, sem perder de vista o dinamismo cooperativo observado nas atividades interativas, que se traduzem num mútuo trabalho de construção interpretativa da informação pelos interlocutores envolvidos, tal como prevê o modelo funcionalista de Dik (1989, p.8) na seguinte representação:

ⁱ Segundo Halliday (1985), esse fato não remete unicamente a significados de palavras. Inciu-se nessa designação a inter-relação de dois domínios: léxico e gramática.

Esquema 1 – Modelo de interação verbal de Dik (1989).



Nesse modelo, todo o ato comunicativo incorpora a intenção do falante. E o ouvinte (num papel não-passivo de receptor) interpreta a partir do *output* lingüístico gerado pelo falante. O jogo comunicativo se estabelece, assim, entre a expressão lingüística e a interpretação à luz das informações pragmáticas do ouvinte.

Assentada parcialmente a fundamentação teórica deste trabalho, apresento, a seguir, alguns exemplos de ocorrências da palavra *tipo*:

- a) Com os verbos não-ergativos, **tipo** trabalhar, chorar, sorrir, o sujeito é o agente da ação verbal. (Artigo Científico, Ribeiro 1996)
- b) ...eles perguntam **tipo** o que nesses lugares? (personagem adolescente do seriado televisivo Um Maluco no pedaço)
- c) Cara, **tipo assim**, fala sério! (menina paulistana).

os quais constituem instâncias extraídas de situações diversas e com motivações diferentes para a produção. Alguns são mais aceitos pela norma gramatical tradicional do que outros; alguns são repelidos socialmente – muitas vezes ignorados pela norma, mas francamente acolhidos pelo sistema funcional da língua portuguesa, contudo todos, sem exceção, sinalizam a dinamicidade da interação lingüística e as necessidades pragmáticas que impelem o falante a buscar adequada codificação sintática.

A constatação de que, nos exemplos apresentados, não se tem exatamente o mesmo uso da palavra *tipo* – tanto no que tange ao contexto de uso quanto à própria categoria gramatical – faz com que me pergunte sobre as regras de funcionamento e princípios organizadores dessas manifestações lingüísticas. A resposta imediata – e não menos simplória – deve ser aquela que tenha na base dos argumentos a constatação de que

² A fim de evitar a interpretação inadequada de um destinatário passivo, prefiro o emprego do termo “interlocutor”.

intenções comunicativas do falante (atividade de antecipação) podem ser apreendidas pelo interlocutor (atividade de reconstrução interpretativa).

Com o fim de buscar respostas a essas indagações, será necessário o estabelecimento de diálogo com algumas áreas de conhecimento, quais sejam, gramaticalização (que permite a observação do movimento no sistema lingüístico), cognição (que permite a compreensão dessa movimentação por meio das manifestações lingüísticas dos indivíduos) e sociolingüística (que favorece a apreensão dos usos lingüísticos pelos indivíduos de grupos sociais). Com a conjugação de aspectos teórico-metodológicos dessas áreas, torna-se possível o estudo de *tipo* e da expansão de seu espectro funcional no Português.

2. DIÁLOGO COM OS ESTUDOS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO

Começo esta seção apresentando a definição de alguns autores sobre o que é a gramaticalização. A seguir, discuto a pertinência de alguns princípios que regem esse processo.

McMahon (1996), ao considerar os fenômenos de mudança lingüística, apresenta um histórico do termo *grammaticalisation*³. Inicialmente, cita Meillet (1912, p.131), que, em sua primeira discussão sobre o fenômeno, define gramaticalização como “le passage d’un mot autonome au rôle d’élément grammatical”. Assim, palavras de uma categoria lexical plena, tais como nomes, verbos e adjetivos, tornam-se categorias gramaticais – como são as preposições, advérbios e auxiliares –, as quais num momento futuro podem se tornar afixos.

Por conseguinte, *gramaticalização* não pode ser traduzida unicamente como mudança morfológica, mas, sim, como uma mudança global que afeta também a fonologia, a semântica e até a sintaxe (McMahon 1996). Também não é fenômeno circunscrito a uma língua específica, mas altamente produtivo em todas as línguas naturais.

³ A par dos rótulos classicamente associados ao processo de gramaticalização, outros termos mais recentemente foram utilizados para referência ora às fases do processo ora ao processo como um todo. São estes os termos: semantic bleaching/weakening, reanalysis, syntacticization, ‘univerbation, condensation, e reduction (Kurylowicz 1964, 1965; Benveniste 1968; Traugott 1982; Langacker 1977²:103; Givón 1984; Heine & Reh 1984; DeLancey 1985; C.Lehmann 1986; Heine, Claudi & Hünemeyer 1991; Traugott & Heine 1991). Também há referências a um *output* mais abstrato em contraposição a um *input* mais concreto (Traugott 1980:46, 1990; C.Lehmann 1982:128; Harris & Campbell 1995:20).

Tendo em vista que recorrer a dicionários equivale, muitas vezes, a uma viagem diacrônica pelos sentidos assumidos nos vários momentos em que os termos são empregados, consultei obras especializadas da área lingüística para identificar a trajetória do termo *gramaticalização*. Selecionei, para esse fim, três dicionários (Luft 1971, Câmara Jr. 1977, Dubois *et alii* 1973)⁴.

Esses autores situam o fenômeno no campo lexical. Incluem, respectivamente, as palavras *transformação*, *evolução* e *processo*, que revelam a noção de *mudança* ao mesmo tempo em que implicam dinamicidade, incluída pelos autores no domínio histórico (*lingüística diacrônica*, *origem diacrônica*). Lendo, após o “boom” dos estudos sobre gramaticalização, as definições que esses autores propõem, é possível notar o embrião de questões muito relevantes hoje, como a fluidez entre categorias.

Há, ainda, nas definições desses autores, algumas diferenças interessantes. Luft focaliza a mudança categorial numa visão bastante típica de uma abordagem centrada no sistema gramatical bipartido. Ao postular a mudança de significação externa > interna, não deixa espaço para os deslizamentos menores, para dentro de uma mesma significação, como se as mudanças ocorressem em saltos sempre discretos. Dubois *et alii* concebem gramaticalização como uma mudança unicamente diacrônica, vinculada à gênese de línguas. Não há, nessa conceituação, uma leitura diacrônica que não culmine com o nascimento de línguas. Verifica-se, a partir dessa definição, uma perspectiva macro da gramaticalização, enquanto processo de gestação lingüística. Já, pela definição de Câmara Jr., vislumbra-se um fenômeno diacrônico de formação de palavras, manifestado sincronicamente nos casos de derivação imprópria⁵. A derivação – em sendo imprópria – constitui uma exceção ao processamento normal e padrão⁶.

⁴ Luft (1971, p.92): *transformação de palavras nocionais, providas de significação externa (nomes, verbos) em instrumentos gramaticais ou elementos portadores de significação interna (partículas, afixos, verbos de ligação; preposições, conjunções = conectivos)*. [grifo nosso]

Dubois *et alii* (1973, p.318): *Em lingüística diacrônica, fala-se em gramaticalização quando um morfema lexical, durante a evolução de uma língua em outra, tornou-se um morfema gramatical*. [grifo nosso]

processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras (v.), providos de semantema, em vocábulos gramaticais (v.vocábulos). É em princípio a origem diacrônica de todos estes últimos vocábulos. Câmara Jr. (1977, p.130): *Quando num estado lingüístico coexistem a palavra e o vocábulo gramatical, decorrente de gramaticalização, tem-se um caso de derivação imprópria (v.)*. [grifo nosso]

⁵ O rótulo “derivação imprópria”, empregado de forma típica na gramática tradicional como mudança de classe gramatical sem modificação na forma, revela uma concepção de uso extraordinário. Tal concepção reforçaria a oposição erro/acerto, rejeitada numa perspectiva lingüística. Outros rótulos mais neutros que

Reverendo essa concepção numa perspectiva funcional, defende-se uma gradualidade transformacional, em cujo processamento há a passagem de um item-fonte a um item-meta, que assume nova função. Essa gradualidade – que permite a manutenção e também a renovação de traços – pode ser lida em termos do que Hopper chamou de princípio da persistência⁷.

Várias das definições encontradas nos dicionários e em manuais de lingüística permitem entrever, em sua base, a definição clássica de Meillet (1912), introdutor do termo *gramaticalização* com o sentido de “atribuição de um caráter gramatical para uma palavra formalmente independente” (Harris & Campbell 1995:19):

L'affaiblissement du sens et l'affaiblissement de la forme des mots accessoires vont de pair; quand l'un et l'autre sont assez avancés, le mot accessoire peut finir par ne plus être qu'un élément privé de sens propre, joint à un mot principal pour en marquer le rôle grammatical. Le changement d'un mot en élément grammatical est accompli. (Meillet 1912:139)

mas não são suficientes quanto ao significado desse termo, pois, como argumenta Braga (1999), o campo dos fenômenos que podem ser examinados sob o enfoque da *gramaticalização* sofreu alargamento e atualmente inclui o estudo do itinerário percorrido por formas lingüísticas e também por construções gramaticais emergentes.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991:2) sustentam que o conceito de gramaticalização é mais abrangente:

where a lexical unit or structure assumes a grammatical function, or where a grammatical unit assumes a more grammatical function, we are dealing with grammaticalization, a process that can be found in all languages known to us and may involve any kind of grammatical function.

Essa definição salienta a movimentação (muitas vezes tão pequena) que ocorre entre os usos/acepções de uma mesma palavra, os quais não chegam a constituir uma nova categoria, mas somente a alteração de algum traço menos perceptível ao falante comum. Por isso, faz todo sentido a metodologia de combinação dos vieses sincrônico e diacrônico. Recuar no tempo, mesmo que em lapsos temporais não tão distantes, pode favorecer a observação das abstratizações sofridas pelo termo/estrutura.

alternam com aquele seriam conversão, habilitação, hipóstase (cf. comunicação pessoal com Sebastião C. Gonçalves).

⁶ Para Cunha & Cintra (1985, p. 104), a derivação imprópria, “a rigor, (...) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras (...), pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.”

⁷ Segundo esse princípio, alguns traços pertinentes ao termo-fonte serão mantidos no elemento gramaticalizado (cf. Hopper 1991).

Amparados por esse tipo de argumento, Traugott & Heine (1991) defendem que o termo *gramaticalização* remete a um processo lingüístico⁸ tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação, ainda que, em momentos anteriores, tenha sido tratado como questão unicamente diacrônica por Bopp (1816), Humboldt (1825), Gabelentz (1891) e Meillet (1912). É pertinente, contudo, esclarecer que o recorte estabelecido por esses autores resulta de uma visão predominante na época, pois a grande escola que abria caminhos de pesquisas no ocidente obedecia a uma orientação histórico-comparativa.

Outros autores investigam o processo de gramaticalização partindo do discurso para a morfossintaxe (Givón, Charles Li, Thompson, dentre outros). Givón (1979)⁹, por exemplo, defende a existência de um processo cíclico: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero, perspectiva adotada também por Genetti (1991), Givón (1991), Haiman (1991), Herring (1991), Hook (1991), Hopper (1991), Lichtenberk (1991) e Shibatani (1991)¹⁰.

Próxima a essa perspectiva está aquela voltada para a codificação gramatical. Nela é interesse primeiro o exame da organização sincrônica (Thompson & Mulac 1991) e pancrônica (Frajzyngier 1996, Myhill 1988, Givón 1979, Du Bois 1985, Traugott & Heine 1991) da estruturação gramatical.

Outras concepções têm sido apresentadas e, a título de exemplo, considere-se aquela proposta por Votre (1999)¹¹ :

processo de regularização que se verifica num fenômeno qualquer, à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza, e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim pólos de um contínuo, em que certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no contínuo da gramática. Assim, advérbio é mais gramatical do que adjetivo.

⁸ O termo *gramaticalização* também tem sido empregado como rótulo designativo de quadro de referência teórica (cf. Hopper & Traugott 1993).

⁹ Givón fundamenta-se na proposta de Hodge (1970, *apud* Castilho 1997), que admite dois estágios: 1. sintaxe forte e morfologia fraca; 2. sintaxe fraca e morfologia forte. Ao primeiro é atribuído o *slogan* "a sintaxe de ontem é a morfologia de hoje".

¹⁰ Todos esses trabalhos estão incluídos em Traugott & Heine (1991), volumes I e II.

¹¹ Refere-se ao trabalho Dicionário Básico de Lingüística Funcional, em desenvolvimento por um grupo de pesquisadores, liderados por Votre.

em que se verifica a preocupação com o processamento sincrônico, que promove deslizamentos funcionais menos perceptíveis, justamente por não configurar mudança de classe gramatical.

A partir desse ponto, alguns aspectos relativos à ordenação dos itens mobilizados durante o processo de gramaticalização tornam-se bastante obscuros, especialmente quando penso nos mecanismos de mudança que subjazem ao processo. Em sua rota de deslizamento funcional, *tipo*, derivando usos diversos, obedeceria a uma única motivação cognitiva?

Para discutir essa questão, na próxima seção, farei referência a alguns processos que podem motivar a gramaticalização.

2.1 MECANISMOS DE MUDANÇA

No processo de gramaticalização atua um princípio cognitivo específico – princípio de exploração de velhas formas para novas funções (Werner & Kaplan 1963:403, *apud* Heine *et alii* 1991b). Com base nesse princípio, pode-se dizer que conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto¹²:

By means of this principle, concrete concepts are employed to understand, explain or describe less concrete phenomena. In this way, clearly delineated and/or clearly structured entities are recruited to conceptualize less clearly delineated or structured entities, non-physical experiences are understood in terms of physical experiences, time in terms of space, cause in terms of time, or abstract relations in terms of kinetic processes or spatial relations, etc. (p.150)

Nesse processo dois mecanismos apresentam-se envolvidos: transferência conceptual (metáfora¹³), que aproxima domínios cognitivos diferentes; e motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia) (Heine, Claudi & Hünemeyer 1991a). A diferença entre eles pode ser expressa da seguinte maneira:

¹² Justamente por essa razão, Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário que se realize uma análise sobre a manipulação cognitiva e pragmática, razão por que a transferência conceptual e contextos que favorecem a reinterpretação devem ser observados.

¹³ Muitos lingüistas (Sweetser 1990, Bybee *et alii* 1994, Heine & Reh 1984, Heine *et alii* 1991a) argumentam que a mudança semântica durante do processo de gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos.

Quadro 1 – Diferenças entre metonímia e metáfora

Metonímia	Metáfora
nível sintagmático	nível paradigmático
reanálise (abdução)	analogia
implicaturas conversacionais	implicaturas convencionais
opera através da inter-relação sintática dos constituintes	opera através de domínios conceptuais

(Bisang 1998: 16)

As inferências metonímica e metafórica constituem processos complementares. O primeiro resulta da contigüidade de significações, favorecida pela proximidade de formas lingüísticas (Ulmann 1962), ocorrendo, assim, uma associação entre o processo cognitivo de metonímia e o mecanismo de reanálise. O segundo permite a transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre os dois domínios conceptuais, ou seja, da associação do processo cognitivo de metáfora com o mecanismo da analogia resulta a metáfora (Hopper & Traugott 1993).

Traugott (1988) concorda com essa idéia de que metáfora e metonímia são processos totalmente inseparáveis. Muitas vezes, na análise de um fenômeno já gramaticalizado, é possível observar a atuação de ambos os mecanismos em trechos específicos da mudança. Enquanto a metáfora resolve um problema de representação, a metonímia é associada com a resolução de problemas de informatividade e relevância na comunicação.

Nesse sentido, *metáfora* e *metonímia* ajudariam a explicar a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior em um item ou construção mais gramatical. Vale ressaltar que a passagem de um item/construção de menos gramatical para mais gramatical somente é possível através de um estágio intermediário em que um processo conceptual atua, favorecido pela aproximação sintática:

a metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança ou mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático (Martelotta *et alii* 1996: 54)

Apoiados em Taylor (1989: 122), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991: 61) definem metonímia como “a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity”, e defendem que esse é

um mecanismo que contribui para o processo de gramaticalização, podendo desencadear a reanálise estrutural.

Segundo a grande maioria dos pesquisadores, ao processo de gramaticalização subjazem processos metafóricos que envolvem inferências a partir de limites conceptuais¹⁴. E as transferências conceptuais decorrentes desse processo poderão seguir um percurso de alteração unidirecional com base na hierarquia funcional.

A transferência de um sentido ‘literal’ para outro ‘figurado’ e de um domínio de conceptualização para outro promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato. Essa movimentação normalmente é intermediada por uma ambigüidade semântica (Heine *et alii* 1991a) que representaria o ‘elo perdido’ da recategorização.

Pode-se, ainda, tomar como subsídios as discussões de Bybee *et alii* (1994) acerca dos mecanismos motivadores da gramaticalização, quais sejam: *extensão metafórica*, *inferência*, *generalização*, *harmonia* e *absorção*. A *extensão metafórica* caracteriza-se por meio de duas propriedades: 1. mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; 2. preservação de algum traço da estrutura relacional original. A *inferência* remete diretamente à implicatura, pois, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. A *generalização* representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso. Para esse mecanismo, a frequência de uso mostra-se bastante relevante. A *harmonia* é um mecanismo restrito aos elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico. Por isso, é aplicável aos estágios mais avançados da gramaticalização. Por fim, a *absorção* representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado. No caso do trabalho de Bybee, refere-se ao momento da criação de um *gram zero*.

Segundo Bybee, esses mecanismos de mudança operam em diferentes estágios do processo de gramaticalização, como representado a seguir:

¹⁴ O argumento de Langacker (1987, *apud* Taylor 1989) parece fundar essa idéia: “Uma entidade ser assimilada a uma categoria se uma pessoa encontrar alguma razão plausível para correlacioná-la a um membro prototípico”.

verificação empírica (como fazem Hopper & Traugott 1993: 34); ou 2. como propriedade definicional do processo de gramaticalização (como fazem Heine, Claudi & Hünemeyer 1991: 4). Ziegeler (2002), similarmente, postulou a ambivalência da unidirecionalidade: como um fenômeno colateral da gramaticalização; como uma entidade manifestada independentemente do viés analítico.

As seguintes questões emergem neste ponto da discussão: a que esfera de categorias se refeririam esses autores? teria a unidirecionalidade comportamento paralelo em todas as esferas categoriais? a unidirecionalidade aferida diacronicamente seria apreensível em sincronia?

Alguns autores utilizam o rótulo *continuum*¹⁶ para tratar dos deslizamentos entre classes de palavras. Traugott (1988), por exemplo, observa que de um mesmo *continuum* apreende-se o desenvolvimento de advérbios ou preposições em conectivos oracionais, de conectores concessivos a partir de temporais. Também Traugott (1980) evidencia o deslizamento de demonstrativos a artigos definidos no inglês, o mesmo ocorrendo no húngaro (Tompá 1972, *apud* Heine & Kuteva 2002). Similar rota empreende o verbo *ir*, que desliza para morfema de futuro no português e em outras línguas, como o inglês (Pérez 1990) e o tamil (Lehmann 1989).

Outros autores citam o *continuum* para representar os deslizamentos empreendidos por categorias semânticas, como a passagem de um valor temporal a causal (Traugott & König 1991) ou de um valor volitivo a de futuridade (Hopper & Traugott 1993) ou, ainda, de um valor modal a comparativo (Bisang 1998).

Em muitos trabalhos, para explicar um deslizamento representado em linha, é incluída mais de uma categoria, como ocorre na trajetória parcial da palavra *tipo*, objeto de estudo nesta tese. Os exemplos postulados como mais antigos, os mais aceitos pela norma culta, associam a palavra *tipo* à categoria *nome* e, ao mesmo tempo, aos traços semânticos [+ humano, + animado, + concreto], como em (a) a (c); e aos traços [- humano, - animado, - concreto], como em (d) a (f).

a) Esse *tipo* frequenta este bar assiduamente.

¹⁶ Segundo Hopper & Traugott (1993), *continuum* ou *cline* devem ser compreendidos num trabalho de análise sincrônica, como metáforas por meio das quais lingüistas organizam os dados numa linha imaginária. É o que fazem, por exemplo, Braga & Paiva (2003) ao analisarem a palavra *ai*.

- b) Que *tipinho* mais esquisito esse menino!
- c) Ele é um *tipão*!
- d) O *tipo* utilizado neste formulário é diferente.
- e) Gosto desse *tipo* de perfume.
- f) Comprei pulseiras, colares e coisas desse *tipo*.

Claramente existem diferenças entre os dois conjuntos de exemplos e também entre cada um dos exemplos de cada conjunto, mas nada que se compare aos usos mais abstratos de caráter mais gramatical ou discursivo, como em:

- g) Viajei as férias todas, *tipo*...esqueci que trabalho existe.
- h) Ricardo come *tipo* um elefante.
- i) Nessas feirinhas se vende *tipo* o quê?

Alguns usos, como em *g*, correspondem a categorias gramaticais, configurando uma trajetória nome > juntor; outros usos, como em *h* e *i*, revelam *tipo* no desempenho de uma função na organização e hierarquia conversacional.

Em número mais recorrente estão os trabalhos que mobilizam categorias cognitivas num *continuum* para explicar os deslizamentos funcionais das palavras/estruturas. Talvez essa maior recorrência se deva à pertinência dessa postulação aos fenômenos, até o momento, estudados.

Heine, Claudi & Hünemeyer (1991b) apresentam a seguinte ordenação de categoriais conceptuais, por meio do que se pode observar um processo de abstratização: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. A hierarquia e a unidirecionalidade implicam que as mudanças são operadas sempre da esquerda para a direita e, neste caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo (+concretas) para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo (- concretas). Um exemplo comumente citado para ratificar a unidirecionalidade é o desenvolvimento de locativos originados em termos ligados a partes do corpo (Heine, Claudi & Hünemeyer 1991a, Svorou 2002, Votre 1996), cujo percurso remete a *corpo* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualificação* ou, ainda, partes do corpo para identificação de regiões geográficas num espaço físico, como, por exemplo, em *Costa*¹⁷ Atlântica. Também partes de corpo para marcar a posição hierárquica numa cadeia, como cabeça > chefe, braço direito > auxiliar, assessor, e outras expressões complexas como a apresentada em “fulano é meus pés e mãos”. Também palavras para indicar direção são mobilizadas para significar tempo: vá em *frente* em seu

¹⁷ No exemplo específico de *Costa Atlântica*, não se configura um processo de gramaticalização.

projeto, siga em *frente* toda a vida. Note-se que, aqui, a trajetória discriminada reflete o ordenamento de categorias cognitivas, mas nem todas são exemplos de rotas de gramaticalização.

No plano da fonologia, há evidências de que a unidirecionalidade possa ser apreendida em estágios mais avançados da gramaticalização de um item-fonte (Bybee, Perkins & Pagliuca 1994). Muitos estudos apontam para a redução ou apagamento de segmentos fônicos dos itens em processo de gramaticalização. Muitas vezes, em seus estágios iniciais, a perda de material fônico, manifesta-se pela dependência mais acentuada a outra forma presente na cadeia sintagmática, comportando-se como um clítico. E o que se vê, por exemplo, na gramaticalização do pronome 'a gente', em que o determinante fixa-se ao nome, bloqueando a substituição do determinante por outros e mesmo a inclusão de outros elementos entre o determinante e o nome, fundindo-se de tal forma ao núcleo sintagmático que falantes com pouca familiaridade com o padrão culto da língua grafam-no como uma única palavra.

Heine, Claudi & Hünemeyer (1991^a: 48) esclarecem que não se deve esperar muito desse *continuum*, pois, se de um lado a metáfora, enquanto estratégia cognitiva, pode nos ajudar a descerrar os olhos para algumas explicações, de outro lado, não fornece a explanação necessária à gramaticalização nem ao comportamento gramatical, pois atua no nível semântico.

Ainda esses autores advertem que essa unidirecionalidade é rompida em muito poucos casos, o que não invalida seu uso¹⁸. Essas idéias encontram eco nas palavras de Sweetser (1990: 9):

... more crucially, the historical order in which senses are added to polyssemous words tells us something about the directional relationships between senses; it affects our understanding of cognitive structure to know that spatial vocabulary universally acquires temporal meanings rather than the reverse.

Casos como esses fizeram Frajzyngier (1996) postular a hipótese da bidirecionalidade da gramaticalização. Analisando as orações temporais e condicionais das línguas chádicas, apresentou evidências de dois *continua*, quais sejam, orações desenvolvidas de condicionais para temporais e também de temporais para condicionais.

¹⁸ *There exist a few examples that contradict the unidirectionality principle. (p.51)*

Tendo em vista que o autor considera que, cognitivamente, tempo é categoria mais básica do que condição, então, pelo menos nesse âmbito cognitivo, há uma reversão da direção esperada em se tratando do segundo fenômeno.

Com base na argumentação tecida, assumo, como Braga (mimeo.), que a unidirecionalidade é “um recurso analítico que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados a uma determinada forma”. Por meio desse recurso, generalizações metafóricas são favorecidas com vistas ao tratamento de dados empíricos.

2.3 MOTIVAÇÃO DO PROCESSO

As discussões sobre os mecanismos de mudança que regem o processo de gramaticalização e as sobre o recurso analítico do contínuo unidirecional permitiram o contato com alguns trabalhos que evidenciaram a relevância de motivações internas para a mudança lingüística. O peso da motivação externa, em contrapartida, deve ser explorado com a mesma profundidade, uma vez que a situação interativa tem sido apontada por estudiosos da Análise da Conversação e da Sociolingüística como o gatilho de muitas mudanças na língua.

Nesta seção, discuto o papel da motivação externa de mudanças lingüísticas e argumento sobre sua importância para a compreensão dos movimentos sociais na comunidade de fala.

A motivação externa pode ser vinculada à intenção de criatividade/economia, uma vez que o indivíduo busca inovar por meio da fórmula “formas velhas/sentidos novos”, também orientados por leis de convivência, de idade, de regras sociais. Contudo, se a mente se manifesta por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema lingüístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua.

O componente social, por conseguinte, é bastante importante para a rota de gramaticalização. Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a), por exemplo, defendem a correlação entre gramaticalização e os seguintes fatores: a) contato entre línguas; b) interferência entre as formas escrita e falada de uma língua; e c) contexto sociocultural.

As alíneas *a* e *b* apresentam fatores que não me parecem cruciais para a rota de deslizamento assumida por *tipo*. Estatuto diferente assume o fator apresentado na alínea *c*, posto que uma grande motivação para a mudança lingüística remete a uma necessidade comunicativa num contexto sociocultural.

Essa necessidade comunicativa é resolvida mediante diversas estratégias pragmáticas, como é o caso, por exemplo, de ser claro, de não ser repetitivo, de ser relevante etc. Essas estratégias pragmáticas requerem estratégias lingüísticas também diversificadas, que se adaptam (e, portanto, variam) de acordo com o contexto sociolingüístico.

Nesse sentido, não se pode conceber que a dinâmica do processo de mudança lingüística corra à margem de uma movimentação social. São esteios dessa dinâmica as necessidades geradas nos grupos sociais e na sociedade, como um todo, parcialmente ditadas pela evolução do indivíduo (emersão de novos jovens) e parcialmente comandadas pelas forças inerentes às línguas (orientadoras dos usos). Dessa movimentação fazem parte velhas e conhecidas formas lingüísticas, saídas do léxico, que, uma vez imantadas segundo o processo da gramaticalização, deslizarão para a gramática. O processamento é bastante complexo, uma vez que, sem perder totalmente suas propriedades originais, ganham algumas outras peculiares da nova categoria que integrarão.

Meillet (1912) afirma que três são as causas da evolução das formas gramaticais: lingüística, histórica e social. No que tange à primeira, argumenta ser uma motivação interna à língua e oferece o exemplo de mudança ocorrida com a palavra *pas* no francês. Segundo o autor, *pas* vem do latim (< *passus*), que remete a um nome que tinha à época o valor semântico de “passo”, mas que já desempenhava função adverbial com acepção negativa. A motivação histórica é explicada por meio das necessidades geradas a partir das evoluções tecnológicas. Exemplifica com a palavra “carro”, do latim (: *carrus*), que significava veículo com rodas, e depois passa a significar veículo motorizado. A motivação social, por sua vez, remete aos sentidos específicos para uma palavra em grupos sociais. Exemplifica com o termo que nomeia equipamento utilizado para atrair falcões, o qual passa a significar simplesmente “atrair” na língua.

É perceptível que a grande motivação da gramaticalização é justamente o desejo do falante por expressividade. E McMahon (1996) explica que as palavras mais freqüentemente utilizadas perdem sua força expressiva fazendo com que o falante recorra a outros elementos para gerar reforço de idéias. Para esse processo são mobilizados itens lexicais plenos / estruturas, que – por serem autônomos – podem esporadicamente ser incluídos numa determinada seqüência. Surtindo o efeito desejado, essa expressão passa a ser repetida de modo a se tornar obrigatória na construção, anteriormente opcional.

Ainda segundo essa autora, com a obrigatoriedade de uso dessa construção, a forma é submetida a muitos processos de alteração constitucional. Essas alterações são principalmente decorrentes dos atritos provocados pela sua presença numa seqüência anteriormente autônoma. Assim, sua escalada passa por alterações fônicas (prosódicas), semânticas (pela adjunção feita) com conseqüências na sintaxe apresentada. Esse, contudo, é um processo bastante comum nas línguas, ainda que pouco perceptível em seus estágios iniciais.

No latim antigo, uma partícula enfática *naenum* emergiu de uma combinação da partícula *ne* (não) com *unum* (um). Assumindo função enfática, *naenum* tornou-se recorrente; posteriormente teve sua forma reduzida a *non*, que deu origem aos termos franceses *non* e *ne*. Esse mesmo movimento de reforço e incorporação apresentara-se no Proto-Indo-Europeu “*ne*” e seu descendente direto como *na* (sânscrito), *ni* (gótico) e *ne* (eslavo), os quais se apresentam como pequenas e inexpressivas palavras (cf. McMahon, 1996). Hoje, assiste-se a mais um passo desse processo de alteração na língua francesa falada: *ne* esvaziou-se como negativa, deixando de ser pronunciado nas sentenças e seu par correlativo *pas* assumiu a função de negar.

Para Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a: 23-4), a gramaticalização “é iniciada por forças que estão fora da estrutura lingüística”. Esses autores oferecem algumas possibilidades de ações do falante para que a criatividade se mostre:

- I. inventar novos rótulos, isto é, criar combinações arbitrárias de sons;
- II. emprestar termos ou expressões de outros dialetos ou línguas;
- III. criar expressões simbólicas tais como onomatopéias;
- IV. compor e derivar novas expressões de formas lexicais e gramaticais já existentes;
- V. ampliar o uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos, estratégias que incluem transferência analógica, metonímica, metafórica. (p. 27)

Todas essas ações podem gerar ampliação de usos lingüísticos, mas somente a ação descrita no item cinco corresponde ao processo de gramaticalização, que prevê a ampliação de uso sintático-semântico de formas já existentes na língua: as formas vão diacronicamente assumindo funções pertinentes a palavras de outras categorias gramaticais.

Esses autores (op.cit., p.76), com base em Traugott & König, sugerem que a mudança categorial somente é possível em decorrência de uma reinterpretação feita durante o processo de gramaticalização, e essa releitura é propiciada por situações em que elementos pragmáticos de reforço, implicaturas conversacionais ou metonímias sejam as estratégias utilizadas, justamente por favorecerem enunciados lingüísticos ambíguos.

Portanto, a grande motivação para tal dinâmica toma, como ponto de partida, falantes em situações reais de interação. É coerente, nessa linha de argumentação, defender que, numa fase inicial do processo, o item-fonte da gramaticalização vincula-se a um sentido/função mais concreto e, com o deslizamento categorial, sua abstratização é operada¹⁹. Essa verdade sustenta-se, segundo Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a: 31), no fato de que alguns itens-fonte podem representar experiências básicas dos seres humanos e correspondem a formas antigas mobilizadas para a alimentação do processo de gramaticalização.

Já no início do século XX, Meillet postulava um movimento espiral para representar o processo de gramaticalização:

Les langues suivent ainsi une sorte de développement en spirale: elles ajoutent des mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s'affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents en vue de l'expression; l'affaiblissement recommence, et ainsi sans fin. (Meillet 1912: 140, *apud* McMahon, p. 165)

Contudo, por esse movimento não se pode ter a exata noção de todo o percurso desenhado, exatamente porque as motivações derivam dos usos cotidianos exigidos pelas necessidades individuais²⁰.

Tais necessidades diferem nas modalidades escrita e falada da língua. Na língua escrita, alguns fenômenos, como a ambigüidade, vagueza, redundância, implicitudes, hesitações, incompletudes, repetições e sinais extralingüísticos podem ser indesejáveis ou

¹⁹ Processo similar se desenvolve com itens já gramaticais que deslizam funcionalmente para itens mais gramaticais ainda.

²⁰ Consideram-se 'necessidades individuais' também aquelas que representam as necessidades de um grupo socialmente coeso.

disfuncionais. Na falada, no entanto, esses mesmos elementos podem ser esperados, são funcionais e podem dizer muito acerca da organização conversacional. Em caso de tornarem incompreensível a informação codificada, nessa modalidade contam com possibilidade de reparo conversacional (Milroy 1993: 218). Assim é que, para Milroy, deve-se ter bastante claro que inovação e mudança apresentam origens distintas:

...innovation and change are not conceptually the same thing: an innovation is an act of the speaker, whereas a change is manifested within the language system. It is speakers, and not languages, that innovate. (p. 221)

Sendo a inovação um ato do falante com efeitos na estrutura lingüística, com sua difusão pela comunidade, tem-se a mudança no sistema lingüístico. Assim, não se pode estranhar que a interação seja o lugar relevante para essa inovação e, uma vez implementada no sistema, o fortalecimento desse uso pode ser uma consequência:

Once a new linguistic structure is created - that is, once change has entered the system - it penetrates in an orderly fashion and constrains individual and collective behaviour ... (op.cit., p. 222)

Mithun (1991) vai além e defende que os fatores comunicativo e cognitivo motivam a gramaticalização de categorias. Segundo ela, para o entendimento amplo do processo de gramaticalização, deve-se não somente apreender as possíveis rotas de desenvolvimento dos marcadores gramaticais e de categorias, mas, ainda, compreender os fatores que motivam esse desenvolvimento, “especialmente sua interação potencial com os sistemas gramaticais nos quais eles emergem” (p.183), incluindo-se aí *preocupações culturais*.

Tendo em vista o dado cultural abordado por Mithun, cabem aqui algumas considerações acerca da palavra *tipo*, investigada nesta tese, uma vez que algumas de suas diferentes funções se encontram em graus distintos de incorporação/aceitação na língua padrão. Essa é a razão para que, em situações de fala, *tipo*, especialmente em funções diversas daquela assumida pelo item-fonte²¹, desperte desde o estranhamento até a rejeição.

Enquanto substantivo, *tipo* revela deslizamentos funcionais tão pequenos que não chega a causar a mesma saliência social²² de *tipo*-conjuncional ou mesmo de *tipo*-discursivo. Entre os universitários do curso de Letras, é comum a associação a um uso

²¹ É relevante esclarecer que o item-fonte pode ser variável nas perspectivas diacrônica e sincrônica. Nesta tese, *tipo* é forma-fonte, mas apresenta em seus deslizamentos funcionais muitos itens-fonte, eleitos de acordo com o ponto de partida a ser tomado em relação ao item-meta ou item-alvo.

²² Saliência social foi rótulo empregado por Rodrigues (1987) aos casos de ruptura de concordância verbal (português popular em São Paulo) que geravam estigma ao indivíduo na comunidade. Inspirou-se no rótulo “saliência fônica” empregado por Lemle & Naro (1977).

efêmero (gíria) de adolescentes. Em contrapartida, adolescentes de ambos sexos associam-nos a uma marca de identidade grupal ou, em termos sociolingüísticos, como variante correlacionada à idade²³.

Esse movimento de rejeição das novidades representa uma herança cultural (Laraia 1989) que faz com que os integrantes de uma determinada comunidade apresentem uma reação depreciativa a quaisquer tentativas de ações fora dos padrões aceitos pela maioria. Esse caminho pode tanto rumar para a discriminação e para o preconceito quanto para a mudança e para a estabilização de usos.

A título de ilustração, note-se que, somente na segunda metade do século XX, lingüistas brasileiros passaram a conceber a língua falada como objeto passível de investigação científica. Esse novo interesse trouxe conseqüências para o estudo da língua portuguesa. Segundo Laraia (1989), são justamente pequenas mudanças como essa que evidenciam o caráter dinâmico da cultura. Baugh (1980: 83) também atinou para o fato de que mudanças de caráter social podem afetar, em grande medida, até mesmo a maneira de abordar um fenômeno lingüístico:

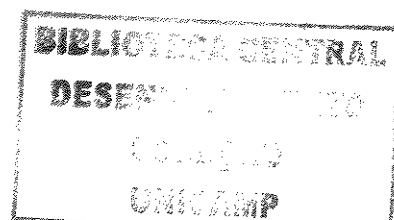
All facets of Afro-American behavioral research have obvious social implications. Undoubtedly, the catalytic impact of the civil rights movement has influenced this social orientation. In the case of linguistics, however, some of the most significant theoretical advances of our time can be linked directly with Black English Vernacular (BEV) research.

Assim, as mudanças ao longo do tempo podem facilitar a compreensão do que se passa numa sociedade, e essa compreensão pode minimizar os preconceitos decorrentes do choque entre gerações:

Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (Laraia 1989: 105)

Para essa tarefa, em se tratando de um fenômeno lingüístico, torna-se imprescindível a busca de um diálogo com a Sociolingüística, especialmente no que se refere aos caminhos metodológicos oferecidos pela vertente laboviana.

²³ Na terminologia sociolingüística, trata-se de usos com *covert prestige*. O fato de outros indivíduos adotarem esses usos mais inovadores de *tipo*, a despeito da recusa pela escola e por normativistas, evidencia a existência de *covert prestige* (Labov 2001).



2.4 PROCESSAMENTO DE BASE COMPARATIVA

Mostrei, até aqui, que o processamento mental que subjaz aos diversos empregos de *tipo* revela eventos que recorrem/co-ocorrem em contextos que exigem uma operação básica em qualquer indivíduo durante o processamento de informações: a comparação, a analogia.

Esse processo (o de comparação) é uma atividade desenvolvida pelos seres humanos já na fase infantil, e essa atividade diferencia-se no adulto pelo tipo de estratégia comparativa operada, pois, para uma estruturação linguística complexa, é necessária a articulação de compartimentos cerebrais que só se adquire com a progressão da complexidade e a associação de intermódulos mentais (Del Nero 1997: 74). Além de um processamento cerebral, conta-se, ainda, com o conhecimento prévio que fornecerá a moldura associativa. Esse conhecimento, contudo, é um ganho gradual e natural, cumulativo e dependente da capacidade de abstrair, como defende Salles (1979: 181):

A comparação é um processo de conhecimento. Sua finalidade: levar a conhecer e a saber. Organiza-se na inteligência e projeta-se na língua no interesse do usuário: um sujeito-pensante dinamizando uma competência textual, que considere as habilidades do sujeito-comunicante de saber “adaptar” os seus enunciados a determinadas situações de comunicação. Em suma, um componente pragmático que seja o elo da gramática-competência com o uso concreto do sistema.

Ainda segundo esse autor, que estudou as várias estratégias de comparação no nível do discurso, a comparação “é um meio para atingir um fim: conhecer, avaliar o mundo, compensar”, constituindo, dessa forma, uma atividade básica do ser humano.

Os caminhos pelos quais o indivíduo pode estabelecer a tarefa de comparar são vários, mas todos, sem dúvida, estão circunscritos a uma atividade, antes, sensorial de observação, seguida de uma justaposição de elementos num processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático.

A mente é preferencialmente uma rota que surge no deserto. Um departamento virtual que não se repete nos membros, mas na regra de convocação. As rotas são inúmeras. Daí a capacidade de improvisação e criação. O bom piloto descobre truques para não atolar, embora não tenha mapa das ruas. Isto é inteligência. Às vezes, mesmo o bom piloto atola porque a dinâmica com que o deserto muda é mais forte que seus truques e habilidades inteligentes. (Del Nero 1997: 77)

À comparação, enquanto processamento cognitivo, também são necessários a inteligência e o raciocínio, posto que é um processo básico da mente. Não importa o caminho adotado para manifestá-la, a comparação ocorrerá. As formas disponíveis para a manifestação podem ser muitas, e umas mais complexas que outras, entretanto a atividade cognitiva é a mesma: o modo como as pessoas vêem os objetos e o modo como processam essa informação “está comprometido com a história do ser humano e com o modo como enfrentou o meio e a linguagem”, assim como o modo de agrupar categorias está comprometido com a história da ciência linguística.

Paschoal (1992), que estudou o processo de compreensão da metáfora, afirma que o primeiro estágio para que essa compreensão se estabeleça é o da percepção da ruptura entre os elementos envolvidos. Já, o processo de compreensão da comparação, que toma como primeira etapa a aproximação por similaridade, está cognitivamente num estágio anterior de aquisição pelos usuários da língua.

Nessa direção também caminha o estudo de Votre & Rocha (1996). Esses autores estabelecem correlação entre produtividade de metáforas²⁴ e o grau de escolaridade de estudantes. Observam que, à medida que o domínio linguístico aumenta, maior é o número de metáforas produzidas.

Na literatura sobre as estratégias associadas ao processamento comparativo, não é difícil notar que as noções que se combinam com esse processamento são variadas nas línguas. Heine (1997: 109)²⁵, por exemplo, indica sete noções distintas envolvidas nesse processamento, quais sejam:

- | | |
|-------------------------|---------------------------------|
| a) positiva | - David is smart. |
| b) equative | - David is as smart as Bob. |
| c) superior comparative | - David is smarter than Bob. |
| d) inferior comparative | - David is less smart than Bob. |
| e) superlative | - David is the smartest. |
| f) elative | - David is very smart. |
| g) excessive | - David is too smart. |

Embora algumas dessas noções (como as apresentadas nas alíneas *a*, *f*, *g*) possam ser questionadas como exemplos de orações comparativas, de fato não se pode negar que

²⁴ Metáfora é aqui concebida como uma ferramenta que permite ao usuário retomar sua experiência prévia de modo a organizá-la em termos de sua proeminência. Assim, colocam-se lado a lado temas mais familiares e menos familiares, a partir dos quais se processará a informação. O menos conhecido será, então, conhecido em termos do já conhecido (cf. Maalej 1999).

²⁵ Heine sintetiza as propostas de Ultan (1972), Andersen (1983) e Stolz & Stolz (1994).

mesmo um período simples, dito num tom assertivo com relação a um indivíduo (ainda que não explicita outros indivíduos – como alvos de comparação), pode ter contado com um processamento cognitivo prévio de base comparativa. Exemplos disso seriam as alíneas *f* e *g*.

Ao que parece, é uma necessidade comunicativa a marcação de graus de igualdade entre os elementos. Então, entre objetos (animados ou não) que compartilham muitas, mas não todas as características, haveria uma sinalização da subjetividade do falante, como se codificasse lingüisticamente seu reconhecimento da distância gradual, ainda que mínima seja. Entre idéias e fatos não totalmente idênticos em características, essa gradiência seria usada para aproximar duas informações em uma única estratégia discursiva: o que de fato ocorre; e o julgamento do falante sobre o fato visto. Se essa idéia encontrar sustentação nas análises feitas, essas estruturas com alto grau de subjetividade teriam uma função semântica de assinalar a posição ocupada na gradiência de não-identidade estabelecida na escala de dois objetos possivelmente complexos, como argumentou Stassen (1985: 24, *apud* Heine 1997: 111).

Algumas palavras simplesmente favorecem o processamento comparativo por conterem implicitamente a idéia de relação. É o que ocorre, por exemplo, com os verbos *preferir* e *gostar*, que implicam a imediata justaposição de elementos e, como consequência, a opção por um em detrimento do outro.

- (1) E: É, uma comida que você *mais* gosta, que você faz.
 Inf.: Eu *gosto mais* de arroz com feijão. (PEUL)

No fragmento de diálogo apresentado, a preferência é ativada por intermédio da expressão verbal *gostar mais*, implicando a idéia de *gostar menos* de outros elementos não-citados.

Essa particularidade também é atribuída a outras palavras, tais como *mesmo* (*a*), que faz o interlocutor ativar um quadro de informação prévia de identidade entre o elemento citado e outros elementos já citados ou não, mas que podem ser, num processamento de recuperação, reativados na mente do interlocutor. É o que se vê na receita passada pela informante carioca E36 e, ainda, no emprego da palavra *igual* pela informante também carioca E43, ambas entrevistadas para o Projeto PEUL.

- (2) Aí a *mesma* quantidade daquela pasta eu boto de açúcar. (E36)
 (3) Você só presta se você é *igual* a mim, se você tem a *mesma* cor de pele, se você tem o *mesmo* pensamento. (E43)

Quando formula sua pergunta à informante E04, com o fim de obter um novo veio sobre o qual a conversa poderá girar, a entrevistadora opta pela inclusão do termo *tipo*, vago o suficiente para reforçar a ativação do processamento de comparação desencadeado pela expressão *gosta mais* sem que isso resulte numa estrutura complexa de subordinação no plano da codificação lingüística:

(4) E: Que *tipo* de novela que você *gosta mais*? Assim, que tenha bastante drama ou uma, assim, que acabe bem?

Inf.: Ah! Gosto umas que acabe bem! (PEUL)

Sendo *tipo* um delimitador, conforme demonstrou Moraes de Castilho (1991), em seu plano cognitivo consta a operação de, num conjunto amplo e vago, portanto genérico, selecionar um enquadramento pragmático possível à resolução do problema. Na resolução do problema “que tipo de novela gosta mais”, a informante opera o processamento de comparar. Função aproximada pode ser observada no emprego de termos, como *maior*, *menor*, *menos*, *mais*, *diferente*, *melhor*, *pior*. Relação paralela é pressuposta no uso de palavras qualificadoras, como *barato*, *caro*, *rico*, *pobre*, *alto*, *baixo*, *gordo*, *magro*, posto que representam características que assumem seu valor peculiar somente no emolduramento pragmático que permita a atividade de cotejo. Esses poderiam ser considerados, a exemplo da análise de Wouden²⁶ (1987) sobre a polaridade, os operadores nulos.

A expressão da comparação, contudo, manifesta-se em níveis variados de complexidade estrutural. Assim é que se pode manifestar a comparação por meio de orações simples pela inclusão de termos que se predispõem a esse processamento (por ex.: o verbo *preferir*, anteriormente citado). Pode-se também estabelecer a comparação por intermédio da aproximação de orações num período composto, cujas informações são justapostas para o encaminhamento da operação de comparar. Nesses casos, a sinalização é efetivada por meio de conjunções comparativas.

²⁶ Wouden (1997) evidencia a existência da polaridade negativa marcada por operadores nulos, ou seja, existiria um tipo de polaridade negativa interna ao verbo, conforme exemplo: *I doubt that he will invite anybody*. Nele, o verbo *doubt* (duvidar) detém polaridade positiva em menor grau do que, por exemplo, o verbo *dizer*. Essa carga positiva mais restrita serviria como evidência de que nem sempre é necessária a presença formal de um item de polaridade negativa para que a polaridade se efetive.

Além dessas estruturas, há, ainda, a comparação realizada no plano argumentativo²⁷, em que a comparação desempenha também uma função textual de grande importância na malha argumentativa durante a conversa:

- (5) Inf.: O *outro* meu filho é alto, sabe? E forte, é alto. *Esse* é baixinho, né? O *outro* não, o *outro* é alto, tem um metro e oitenta e cinco. (E36)

Nesse nível, lança-se mão dos operadores *outro* e *esse*, que estabelecem o contraste necessário ao encaminhamento da operação de comparar. Efeitos semelhantes são provocados pelos usos de aproximações temporais, como *Antigamente...agora*, *antigamente... hoje*:

- (6) Inf.: *Antigamente* escondia, *hoje* não, você vê na rua, conhece logo, né? (E36)

Embora a estrutura tipicamente comparativa no português se manifeste por meio do emprego da conjunção *como*²⁸ com freqüentes apagamentos de termos na segunda oração, é possível também observar a noção comparativa instalando-se entre partes discursivas. Essa relação entre porções maiores de texto pode ser apreendida em correlações do tipo: *de uma parte... de outra parte, se de um lado.... de outro*.

Alguns autores de formação clássica (Irmãos Maristas, 1961: 268, a título de exemplo), contudo, alertam para o fato de que, em português, é comum a estratégia de substituir os conectores *como* e *assim como* pelo uso da conjunção condicional *se*:

- (7) Se o fogo experimenta o ouro, a adversidade experimenta os homens virtuosos.
 (7a) Como o fogo experimenta o ouro, a adversidade experimenta os homens virtuosos.
 (7b) O fogo experimenta o ouro como a adversidade experimenta os homens virtuosos.
 (7c) O fogo experimenta o ouro assim como a adversidade experimenta os homens virtuosos.
 (7d) Assim como o fogo experimenta o ouro, a adversidade experimenta os homens virtuosos.

A inversão da ordem não altera a relação analógica entre as duas ações, entretanto a noção de modo é muito mais nítida em alguns exemplos.

²⁷ Toda comparação, em sentido lato, tem caráter argumentativo. Assumo, contudo, o rótulo *argumentativo* no sentido estrito de termo que acumula uma função coesivo-textual.

²⁸ As orações complexas comparativas do português incluem o conector de uso não-marcado *como*, numa estrutura de verbo de ligação.

O fato é que a relação de analogia entre eventos manifesta-se por caminhos e níveis diversos. Essa constatação faz pensar sobre dois fatos: a regra variável captada nesses usos e a fluidez semântica entre algumas categorias.

Algumas noções estão associadas à comparação, e as evidências ultrapassam o emprego de conector similar. Uma questão relevante, aliás, diz respeito ao tratamento a ser concedido às orações/conjunções nas gramáticas de língua portuguesa. Cumpre mencionar, como exemplo de polêmica entre os gramáticos, a proximidade entre as noções comparativas e conformativas.

Numa breve comparação feita entre autores de épocas distintas (Almeida 1969, Cegalla 1971 e Neves 2000), já se constata a padronização de uso das seguintes conjunções conformativas: *como*, *conforme*, *segundo* e *consoante*. Somente Almeida acrescenta a expressão *da mesma maneira que*, que se aproxima bastante da expressão *da forma que*, identificada nos usos cariocas:

(8) A gente tem que seguir o que a gente sabe e *da forma* que a gente foi criado. (E42)

Nem todos os autores (por exemplo, Cruz s/d) reconhecem orações conformativas como um grupo independente, mas me parece que isso já é reflexo de uma tradição gramatical. Maurer Jr. (1959:221-7), em seu trabalho de reconstituição da gramática do latim vulgar, descreve dentre as orações circunstanciais somente as seguintes: final, consecutiva, condicional (período hipotético), concessiva, temporal, causal, modal e comparativa. Note-se a ausência das orações circunstanciais conformativas.

É possível que a ausência dessas conjunções seja motivada pela sua pouco discreta categorização, que, por sua vez, decorre da indissociação do processamento comparativo: a operação necessária para se chegar à idéia de conformidade é bastante complexa e envolve, de pronto, a justaposição²⁹ de dois ou mais elementos, que serão posteriormente cotejados. Em muitas sentenças, essas noções estão sobrepostas e não podem ser, com segurança, classificadas somente como comparativas ou conformativas.

²⁹ *Justaposição*, aqui, remete ao ato de expressar duas informações seguidamente (ou, se preferir, lado a lado) numa aproximação que culmina em cotejo. Não há, assim, nenhuma conotação de processo sintático, uma vez que normalmente vem explícito, no período, o nexo.

Segundo Cunha & Cintra (1985:571), as fronteiras das noções associadas à comparação se alargam se forem incluídas as proporcionais, que, junto com as comparativas e as conformativas, não são distinguidas nas gramáticas do português de Portugal. Fica fácil compreender o que ocorre quando um dado como o seguinte é analisado:

(9) E quanto mais eu aprendê aqui, mais eu tô tomando o caminho. (PEUL)

em que a proporção é marcada, num estágio primitivo, por uma comparação, para se chegar a uma conclusão de paralelo proporcional. A expressão “mais aprender” é o ponto de ancoragem para o resultado concomitante expresso em “mais tomar o caminho”. As duas idéias são alinhadas sintaticamente e, pela noção de proporcionalidade inserida, a dependência semântica se instaura. Para que a segunda ocorra em proporção, a primeira deve ser efetivada.

Alguns autores discutem a sobreposição semântica ou, como prefiro, o deslizamento funcional, focalizando como condicionadora a idéia subjacente de contraste. É o que faz Moraes (1972-73) ao tratar das orações adverbiais.

A partir de dados colecionados, o autor observou que algumas conjunções tradicionalmente classificadas como temporais poderiam introduzir o valor contrastivo na relação de comparação. Isso é mais evidente, segundo o autor, nas sentenças em que está presente a simultaneidade temporal entre os eventos expressos. O resultado dessa aproximação de eventos é a instauração de um contraste tão forte que torna a noção de tempo enfraquecida na interpretação. O exemplo oferecido pelo autor é o seguinte: “enquanto cristãos deixavam perecer à mingua uma desgraçada, tu [um mouro] a salvavas”³⁰.

Analisando esse exemplo, Moraes afirma que o termo *enquanto* não equivale a “ao mesmo tempo que”, razão por que tem comprometida sua noção original de tempo. Concomitante a esse fato, as oposições lexicais *perecer/salvar* e *cristãos/mouros* evidenciam contrastes. Também nesse artigo, o autor fala em adjuntos adverbiais de comparação contrastiva, em que se utilizariam expressões, como *ao contrário de*, *ao inverso de*, *à diferença de*, *contrariamente*, e apresenta um exemplo de José de Alencar: “a

³⁰ Exemplo extraído da obra *O monge de Cister*, de Alexandre Herculano, 1907, volume I, cap.V, p.94.

órfã, *ao contrário* da filha do capitão-mor, tinha uma dessas naturezas que não sabem viver em si e para si”³¹.

Ao que parece, os contrastes em orações subordinadas permitem a operação comparativa, o que torna opacos os limites da categorização tradicional. Isso é mais evidente no emprego das conjunções *enquanto*, *enquanto que*, *entretanto que*, *entanto que*, *ao passo que*, *quando* (às vezes): “mocinhas supõem comprar romances, quando na realidade estão se provendo de noções da eterna e tenebrosa ciência de amar”³².

O critério sintático que fortemente colabora para a noção contrastiva é ensejada pela presença de termos que permitem estabelecer esse contraste. É o que se nota com relação à expressão *na realidade*.

Na identificação de dados em entrevistas, a simples seleção de elementos comparativos é uma tarefa delicada, haja vista que as fronteiras entre conectores muitas vezes desaparecem.

Na relação entre as orações, a palavra *como* – e as demais palavras de noção comparativa – parece sinalizar a moldura sobre a qual o falante constituiria uma verdade concebida após um processamento de ordem cognitiva. O deslizamento funcional para uma relação causal também partiria do enquadramento comparativo realizado. Ex.: *Como durmo muito cedo, também acordo cedo*. Haveria na base informacional uma comparação que não seria determinada pela relação puramente sintática entre orações, mas, sim, no plano psicológico, uma vez que o falante situa o evento de “acordar cedo” como repetível e correlato ao evento de “dormir muito cedo”.

Uma questão relevante, então, seria saber as relações entre as orações de causa introduzidas por *como* e as relações de comparação. E, nesse sentido, duas questões seriam pertinentes: teria a palavra *como*, nas estruturas causais, derivado de leitura comparativa? teria a causal *como* surgido da prévia comparação entre eventos repetíveis? O que se pode afirmar, com segurança até o momento, é que a comparação tem em seu processamento mental (portanto prévio) uma atividade básica do ser humano, pressupondo um paralelo entre entidades/referentes/eventos. Certamente, a ocorrência de processamento similar em

³¹ In *O sertanejo*, cap. XIX, p.177

³² In *Fala, Amendoeira*, “Nobre Rua São José” p.20, de Carlos Drummond de Andrade.

outras manifestações lingüísticas pode facilitar esse deslizamento funcional da palavra *como*.

Se a condução do raciocínio desenvolvido estiver correta, os deslizamentos funcionais de *tipo* terão um paralelo nos deslizamentos funcionais de outros termos que hoje desempenham função conjuntiva de base comparativa.

Essa é a motivação para que, uma vez tecidas as considerações sobre as noções associadas ao processamento comparativo, seja analisada a trajetória etimológica das palavras *igual*, *feito* e *como*, que também pressupõem em seus usos a tarefa de cotejo e, em algumas funções, apresentam recategorizações típicas do processo de gramaticalização.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresento o estatuto da mudança sob a perspectiva da gramaticalização e da sociolingüística, buscando aproximar os dois vieses já que, como argumentei no capítulo anterior, motivações internas e externas se imbricam em muitos trajetos de deslizamentos funcionais, tal como postulo para as palavras *tipo*, *igual*, *feito* e *como* no português do Brasil.

Apresento, também, o *corpus* constituído para dar cabo deste estudo, que se divide em duas abordagens: sincrônica e diacrônica. Na primeira abordagem, discuto a pertinência de um estudo de tipo *painel* para as amostras de língua falada por cariocas registrados em entrevistas para os projetos PEUL e NURC. Como estratégia para estudar a incorporação de usos inovadores em textos escolares, empreendi um exaustivo estudo dos padrões funcionais de *tipo* em redações escolares dissertativas. Lanço mão desse material para discutir o ingresso de usos funcionais inovadores na língua escrita e a trajetória de gramaticalização assumida por esse item.

Ainda neste capítulo, discuto a pertinência de um estudo quantitativo para apreender a gramaticalização de itens. Faço isso com base em Du Bois (1985), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003).

1. ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A metodologia da sociolingüística laboviana valoriza as tarefas de coleta, transcrição e organização de dados da língua em situação real de comunicação, levando em conta fatores sociais (sexo, idade, escolaridade, procedência e etc.) como correlacionados à

forma de codificação lingüística. Essa metodologia também tem sido adotada por pesquisadores que se debruçam sobre questões de gramaticalização, e o que permite tal interface, nesse caso, é a comum preocupação com a mudança³³.

Enquanto os sociolinguistas concebem a mudança como um fenômeno intrínseco das línguas cuja dinamicidade tem na comunidade de fala sua grande mola de propulsão, os estudiosos da gramaticalização detêm-se na observação de uma mudança muito específica na língua: palavras ou estruturas que passam de um estatuto menos gramatical a um estatuto mais gramatical ou de um estatuto gramatical a um mais gramatical ainda.

A despeito da preocupação comum com a mudança, não é pertinente afirmar que o *corpus* e as técnicas de análise de dados possam produzir respostas similares em ambas as perspectivas. As indagações do pesquisador determinam, em grande medida, esses encaminhamentos metodológicos.

Até aqui, as seguintes questões tiveram suas respostas suspensas e não poderão ser respondidas a contento por um mesmo itinerário de busca:

- a) quais mecanismos engendram os deslizamentos da palavra *tipo* (contexto e padrão funcional)?
- b) pela análise de dados diacrônicos, seria possível verificar a hipótese da direcionalidade para o processo de gramaticalização assumido pela palavra *tipo*?
- c) haveria um gatilho social para a expansão de usos na comunidade de fala?

A tais perguntas subjazem tarefas bastante distintas que convergem para a compreensão da mudança lingüística, quais sejam: 1. identificar os deslizamentos funcionais da palavra *tipo*, agrupando-os simultaneamente por padrões funcionais e contexto de uso; 2. rastrear diacronicamente os usos de *tipo* e confrontar a ordem de inserção na língua escrita com os usos registrados em dicionários e gramáticas; 3. postular uma escala sincrônica de usos da palavra *tipo*; e 4. apreender a dinâmica social de usos.

As duas primeiras tarefas, pertinentes aos pressupostos teóricos da gramaticalização, remetem à situação interativa, à cena comunicativa e, em consequência, aos movimentos

³³ Assumo o pressuposto de Labov (1972, p.3) de que não se pode compreender a mudança lingüística desvinculada da vida social da comunidade: "one cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs".

lingüísticos na comunidade de fala. Explico: quando a mudança categorial é operada, um rearranjo paradigmático³⁴ é desencadeado e, nesse momento, nota-se a expansão de uso do elemento gramaticalizado.

Para apreensão dessa expansão, contudo, a sociolingüística oferece métodos diversos. Aqui, tendo em vista o objetivo de avaliar a incorporação/expansão de padrões funcionais da palavra *tipo*, seguirei o método de estudo painel (Labov 1994) na análise de entrevistas com informantes da cidade do Rio de Janeiro nos *corpora* PEUL e NURC (vide Anexos I e II). Nesse material, a partir de uma hierarquia de padrões funcionais baseada nos pressupostos unidirecionais de gramaticalização, quantificarei os dados em termos de *types* e *tokens*.

Quanto à abrangência dos resultados, o método de estudo painel possibilita inferências atinentes à expansão de usos em cada indivíduo. Logo, seguindo esse modelo baseado na interpretação dos dados em tempo real, é possível avaliar como os indivíduos mudam ou não seus usos durante suas vidas. Considerações acerca da produtividade de *tipo* nas entrevistas dos vários falantes dos dois *corpora* não são válidas, por esse método de estudo, para a formulação de conclusões mais gerais; todavia, podem constituir indícios sobre possíveis correlações de variáveis sociais em estudo de tendências.

Após o estudo sincrônico, discuto a validade da hierarquia proposta em relação aos resultados da distribuição dos dados diacrônicos. Para tanto, constituo um *corpus* composto por documentos que recobrem o período do século XIII ao XX.

Posteriormente, estudo o ingresso dos usos inovadores de *tipo* na modalidade escrita. Tomo como base de estudo um conjunto de 10.207 produções escritas dissertativas elaboradas por jovens e adolescentes em situação de avaliação formal (século XXI). Espero, com esta incursão, identificar indícios da incorporação/adesão de usos inovadores de *tipo* na modalidade escrita.

Pertinentes à sociolingüística, mas também à gramaticalização, são as implicações dessa estabilidade/diminuição/aumento de usos, por pressupor o já citado rearranjo paradigmático. A esse respeito, Hopper (1991) discute a inserção de novos usos que irão

³⁴ Hook (1988) rotula esse evento de 'paradigmatização', estágio mais tardio do processo de gramaticalização.

conviver com formas antigas como a estratificação, uma propriedade para identificação dos estágios iniciais do processo de gramaticalização, por meio do que se apreenderiam modos diferentes de o falante dizer o mesmo. Em assim sendo, ‘novas camadas’ (cf. Hopper) podem ser lidas como equivalentes a ‘variantes’ lingüísticas, no sentido empregado por Labov (1972).

Assim, o diálogo entre as variantes lingüísticas e os deslizamentos funcionais de palavras pode ser estreitado. Ilustram esse fato as seguintes sentenças, que podem ser agrupadas segundo a função sintático-semântica desempenhada pelas palavras *tipo*, *como*, *igual* e *feito*:

- (a) A prova foi difícil *tipo* um exame de seleção.
- (b) A prova foi difícil *como* um exame de seleção.
- (c) A prova foi difícil *igual* a um exame de seleção.
- (d) A prova foi difícil *feito* um exame de seleção.

Na sentença (a), a palavra *tipo* é empregada como um conector recorrente no uso cotidiano dos jovens adolescentes em centros urbanos brasileiros. No exemplo (b), o conector *como* integra uma estrutura comparativa típica do português padrão. Já, nos exemplos (c) e (d), as palavras *igual* e *feito* estabelecem a relação de comparação entre as orações num uso típico do dia-a-dia de pessoas de quaisquer níveis escolares, sem grandes preocupações com a formalidade lingüística³⁵. Alguns falantes os concebem como regionalismos.

Na perspectiva de Downes (1984), exemplos como esses são usos legítimos, por serem inteligíveis aos usuários da língua portuguesa. Dados contextuais podem determinar, contudo, o prestígio que cada uma dessas sentenças pode conferir ao uso/usuário. O processo comum na comunidade lingüística, segundo o autor, é partir de uma forma equivalente àquela que representa uma identidade nacional – por assumir uma função integrativa e um valor utilitário dentro da sociedade – e depreciar as estruturas que dessa divergem. Considerando-se o uso indicado pela norma padrão da forma *como*, outras

³⁵ Essas formas, no meio acadêmico, são marcadas e carregam o estigma. Consultados professores de português sobre a inclusão desses termos na gramática normativa, as respostas mostram-se reticentes. Os qualificativos por meio do que se caracterizavam, nas respostas, esses usos eram *regional* e *popular*. Os questionários escritos distribuídos foram 100% indevolutos pela categoria profissional de professores. Optei, posteriormente, pela consulta informal.

formas de mesmo valor podem ser depreciadas e até estigmatizadas se vinculadas a grupos restritos.

Esse argumento confere sustentação às hipóteses alimentadas acerca dos usos emergentes da palavra *tipo*, haja vista que os mesmos seguem uma trajetória previsível de recategorização gramatical similar àquela assumida pelo termo prototípico que sinaliza a relação comparativa entre orações no português. Essa trajetória de usos interessa-me sobremaneira e, para esta análise, adoto um percurso que privilegia a perspectiva pancrônica para o estudo das palavras *tipo*, *feito*, *igual* e *como*.

1.1 CONSTITUIÇÃO DOS CORPORA

A escolha dos materiais de língua falada justifica-se pelas próprias características reunidas durante a composição do *corpus*. Para constituir uma amostra que permitisse o estudo painel, pesquisadores do PEUL e do NURC tiveram que recontatar os mesmos falantes da amostra do primeiro contato. Para tanto, à época do segundo contato (década de 90), de posse das fichas com informação sobre os informantes do primeiro contato (décadas de 70 e 80), empreenderam novas gravações de entrevistas. Todas as etapas do processamento do primeiro contato foram cuidadosamente reproduzidas, desde a composição das fichas, com roteiro similar, até o próprio experimento lingüístico.

Com relação ao PEUL, ainda que sejam os mesmos falantes, em 50% deles houve a progressão escolar. O intervalo médio para o recontato foi de 17 anos e têm-se representadas todas as faixas etárias estabelecidas a priori pelos pesquisadores do PEUL. Na segunda amostra há um desequilíbrio de distribuição quanto ao sexo do informante, uma vez que 68,7% dos informantes recontatados são do sexo feminino. Além disso, o fato de a segunda amostra não ser aleatória impede todo tipo de generalização.

A seguir, encontra-se um quadro que resume as informações sobre as amostras do primeiro contato (Amostra 80) e do segundo contato (Amostra 00) com falantes cariocas³⁶:

³⁶ Para uma categorização pormenorizada dos informantes do PEUL, pode-se consultar Oliveira Silva & Scherre (1986) e Paiva (1999).

Quadro 2 - Informantes PEUL – contato e recontato

Inform.	Sexo	Amostra 80				Amostra 00	
		Data	idade	escol.	<i>intervalo</i>	idade	escol.
E59	F	1983	9	fund1	16	25	médio
A57	F	1983	10	fund1	16	26	fund2
A63	F	1983	12	fund2	16	28	univ.
F23	F	1981	15	médio	18	33	mag.
S39	F	1981	15	médio	18	33	univ.
J06	F	1982	18	fund1	17	35	fund1
L38	M	1981	18	médio	18	36	univ.
L04	F	1981	25	fund1	18	43	fund1
D42	M	1980	31	médio	17	48	médio
J26	M	1983	32	fund2	16	48	fund2
E43	F	1982	42	médio	17	59	médio
M48	F	1981	52	médio	18	70	médio
J03	M	1981	56	fund1	18	74	fund1
N36	F	1982	57	fund2	17	74	fund2
J35	F	1983	59	fund1	16	75	fund1
A33	M	1982	60	fund1	17	77	fund1

Fonte: PEUL/UFRJ

De posse dos dados, procedo ao levantamento das ocorrências em que a palavra *tipo* aparece, utilizando como base de dados somente as amostras pertinentes aos 16 informantes recontatados. Por meio dessa análise, avalio a expansão/estabilidade de usos de *tipo* na conversa dos indivíduos de uma comunidade linguística.

Essa mesma estratégia foi adotada com os dados dos informantes gravados por pesquisadores do Projeto “Norma Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro”, também sediado na UFRJ. A diferença, como já o disse, está no fato de que todos os informantes dessa amostra possuem o curso universitário desde o primeiro contato. Se há progressão na formação, certamente essa se traduz na busca de especializações e de titulações necessárias à vida profissional e acadêmica. Trata-se de 11 informantes – dos quais seis são mulheres e cinco são homens. Esses foram entrevistados em dois momentos/contatos (década de 70 e década de 90), distribuídos da seguinte maneira:

Quadro 3 - Informantes / número do inquérito - NURC – contato e recontato

Corpus comparativo 70-90	Amostra Contato Década de 70		Amostra Recontato Década de 90	
Faixa etária/Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1 (de 25 a 35 anos)	133 011	096 164		
2 (de 36 a 55 anos)	002 140	052 233	133r 011r	096r 164r

3 (de 56 a 73 anos)	373 347	071	002r 140r	052r 233r
4 (de 74 a 80 anos)			373r 347r	071r

Fonte: NURC³⁷

Cabe observar, nessas amostras do NURC, se *tipo, como, feito e igual* em seus deslizamentos funcionais são empregados por estes informantes e se é possível falar em expansão de usos, na perspectiva do estudo painel.

Com o material diacrônico de língua escrita, o procedimento é diferente já que o objetivo, agora, é referendar a hierarquização de usos proposta no estudo sincrônico. Vale lembrar que essa hierarquização é fundada nos princípios de gramaticalização para a categorização das palavras. Assim, após reunir documentos variados para a constituição do *corpus* diacrônico, recolhi neles todas as ocorrências dos itens estudados. Analisei e separei cada ocorrência em termos de padrões funcionais, a exemplo do que faço no estudo com dados sincrônicos. Os documentos foram os seguintes:

SÉCULO XIII

Testamento de D.Afonso II [1214]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado – Textos Medievais Portugueses, 9ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, pp. 397-404.
 Notícia de Torto [1212]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado – Textos Medievais Portugueses, 9a. ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, pp. 404-12.
 Cantigas d' Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses. Ed.critica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa.Vigo, Editorial Galaxia, 1965.
 Afonso X, o sábio – Cantigas de Santa Maria, editadas por Walter Mettmann. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. I, 1959, pp.21-38.
 A demanda do Santo Graal. Edição de Joseph-Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, com introdução de Ivo de Castro. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, pp. 69-78.
 Afonso X – Foro Real. José de Azevedo Ferreira.Vol.I, Edição e Estudo Lingüístico. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987, pp. 125-43.
 Crestomatia Arcaica. José Joaquim Nunes. Lisboa: Livraria Clássica, 1906.
 Lenda do Rei Leir
 A dona pee de cabra
 A molher marinha ou a lenda dos Marinheiros
 Dom Ramiro ou a Lenda de Gaia
 Conde D.Henrique.

SÉCULO XIV

Alphonse X – Primeyra Partida. Édition et étude José de Azevedo Ferreira. Braga, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, pp.120-123, 144, 409-14.
 Orto do Esposo. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário de Bertil Maler. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, volume I, 1956, pp. 1-13.

³⁷ Os números que preenchem as colunas “Amostra Contato” e “Amostra Recontato” referem-se ao código do informante adotado, para organização do *corpus*, pelos pesquisadores do NURC – RJ.

Livro das Aves. Edição de Nelson Rossi *et alii*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965, pp. 19-29.

Crônica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. II, 1954, pp. 83-94, 153-57. Vol. IV, 1990, pp. 5-6, 176-7, 537-9.

Um tratado da Cozinha Portuguesa do Século XV. Organização e transcrição diplomática de Antônio Gomes Filho. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SÉCULO XV

Carta de Doação à Universidade de Lisboa [1431]. Edição Corrêa de Oliveira e Saavedra Machado – Textos Medievais Portugueses, 2a. ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, pp.439.

Crônica da Ordem dos Frades Menores. Frei Genebro. Edição Corrêa de Oliveira e Saavedra Machado – Textos Medievais Portugueses, 2a. ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, pp.434-37.

Boosco Deleitoso. Edição Homônima de Augusto Magne. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, volume I, 1950, pp.3-13.

Bíblia Medieval Portuguesa. Historias d'Abreviado Testamento Velo, segundo o Meestre das Historias Scolasticas. Texto apurado por Serafim da Silva Neto, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958, pp.21-25, 129-46.

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense. Edição dirigida por Ivo Castro. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

Diálogos de São Gregório. Edição crítica de Rosa Virgínia Mattos e Silva em sua Tese de Doutorado homônima. São Paulo, Usp, 1972.

Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram, o qual tornou em linguagem o Infante D.Pedro, Duque de Coimbra. Edição crítica, segundo o ms. De Madrid, prefaciada, anotada e acompanhada de glossário por Joseph M. Piel, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1948, pp.1-30.

Fernão Lopes, Crônica de D.Pedro. Edizione critica, con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi. Roma, Edizione dell'Ateneo, 1966, pp. 119-121, 207-229.

Um tratado da cozinha portuguesa do século XV. Organizado e transcrito por Antônio Gomes Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1994.

SÉCULO XVI

Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral. Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1940, pp.23-46.

Cartas do Primeiros Jesuítas do Brasil, editadas por Serafim Leite SI. Vol.I (1538-1553). São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo [1954]. Vol. II (1553-1558), mesma edição. Vol. III (1558-1563).

Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado. Edição de Avelino Teixeira da Mota, em Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo XVIII, Lisboa, Academia Científica Lusitana, 1976, pp.291-371.

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Transcrição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa, Casa da Moeda, 1983, pp.13-27.

Desengano de Perdidos [1573] de D. Gaspar de Leão. Edição de Eugenio Asensio. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1958, pp.25-41.

Príncipe Perfeito. Emblemas, de Juan de Solorzano Pereira.

Historia de menina e moça. Bernardim Ribeiro. Ferrara: [Abramo Usque], 1554.(consultadas 15 primeiras páginas)

SÉCULO XVII

Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal, do Pe. Bartolomeu Guerreiro. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1966, pp. 17-29, 66-79.

Annaes de El Rei Dom João Terceiro, por Fr. Luiz de Souza, publicados por A. Herculano. Lisboa, Arcadia Lusitana, 1844, pp.354-357.

Livro Primeiro do Governo do Brasil [1607-1633]. Prefácio do Emb. J.C. de Macedo Soares. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, s/d.

SÉCULO XVIII

Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas etc. Tomo primeiro. Lisboa, na Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707, pp.20-31, 230-239.

Cartas da Bahia [1768-1769] do Marquês de Lavradio. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Ministério da Justiça, 1972, pp.9-41.

Governadores do Rio de Janeiro – Correspondência Activa e Passiva com o Corte. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas do Archivo Nacional, 1915.

Diários de Viagem [1780] de Francisco José de Lacerda e Almeida. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1944.

Corpus Eletrônico PHPB – Rio de Janeiro (6 cartas pessoais)

Cartas baianas setecentistas. Organizadas por Tania Lobo. São Paulo: Humanitas. 2001

Discurso sobre as utilidades do desenho. Joaquim Machado de Castro. Lisboa: António Rodrigues Galhardo, 1788. (48 pp.)

SÉCULO XIX

Textos de jornais cariocas do século XIX – Projeto História do Português do Brasil/UFRJ: 1ª fase (1808-1840) cartas de redatores – 9 documentos e cartas de leitores – 11 documentos; 2ª fase (1841-1870): cartas de redatores – 9 cartas e cartas de leitores – 14 cartas; 3ª fase (1871-1900): cartas de redatores – 8 cartas e cartas de leitores – 9 cartas

Cartas Baianas – 1821-1824 – António D'Oliveira Pinto da França. São Paulo: Nacional, 1980.

Eco da voz portuguesa por Terras de Santa Cruz: 15 de julho. António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Typ. de M.A. da Silva Lima, 1847 (8pp.)

Epistola ao usurpador ex-infante Miguel Maria do Patrocínio na sua saída de Portugal. António Feliciano de Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1834 (8pp.)

Gazeta do Rio de Janeiro. Fascículo 13, 1808.

Gazeta Extraordinária do Rio de Janeiro, 1809.

SÉCULO XX

Diálogos das grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão. In: ABREU, Capistrano de. Diálogos das Grandes do Brasil. Salvador: Progresso, 1956. (versão virtual: www.bibvirt.futuro.usp.br)

Apostilas IOB de Comunicação Verbal, 1980. (5 volumes)

República dos Argonautas. Anna Flora. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

Callou, Dinah & Costa, M.Cristina Rigoni. Estratégias discursivas na fala do Rio de Janeiro. In: *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1996. (pp. 381-396)

Ribeiro, Ilza. A ordem dos constituintes. In: Mattos e Silva, Rosa Virginia (org.) *A carta de Caminha – Testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: Edufba, 1996.

Revistas Marie Claire, Nova, Cláudia, Capricho, Veja e Época de 1989, 1990, 2000, 2001 e 2002.

Salles, Miguel. Um estudo sintático-semântico da comparação em português.

Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1979.

Por último, motivada pela possibilidade de observação de materiais atuais elaborados por jovens que, no momento da produção, estavam atentos ao uso da norma gramatical do português, organizei três grupos de documentos. Tentava checar se *tipo*, em

seus padrões funcionais mais inovadores, é preterido em favor de outros itens lexicais menos polêmicos.

Quadro 4 – Amostras de produções escritas

Amostra	Provas lidas	Usos identificados de <i>tipo</i>³⁸
Primeiro grupo	3.500	15
Segundo grupo	1.328	5
Terceiro grupo	5.379	1
Totais	10.207	21

Para constituir o primeiro grupo de textos, examinei 3.500 redações dissertativas produzidas por alunos do ensino médio, para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM-2002 e 2003, organizado pelo INEP/MEC. Nesse universo, encontrei 15 ocorrências da palavra *tipo*.

No segundo grupo, constituído a partir da análise de 772 redações dissertativas elaboradas para vestibulares em universidades particulares do estado de São Paulo, identifiquei 04 ocorrências. E, para completar esse grupo, investiguei 556 redações escritas para o concurso vestibular/2004 de uma faculdade federal de medicina³⁹. Nessas, encontrei apenas 01 ocorrência de *tipo*.

O terceiro grupo foi constituído a partir da análise de 5.379 provas do Exame Nacional de Cursos – do curso universitário de Letras, também organizado pelo MEC para alunos formandos do curso de Letras de universidades de todo o País. Tendo em vista o volume de textos, estabeleci um recorte. Rastreei os usos de *tipo* nas respostas dissertativas, elaboradas num espaço máximo de doze linhas, para a questão que solicitava do candidato o contraste entre gramática normativa e gramática descritiva. Identifiquei apenas uma ocorrência de *tipo* em seus deslizamentos categoriais.

³⁸ É necessário esclarecer que somente quantifiquei e separei para a análise os usos de *tipo* que sofreram deslizamentos funcionais, tendo seus traços originais alterados de alguma maneira.

³⁹ Essa Universidade Federal situa-se no estado de Minas Gerais e, para esse vestibular de meio de ano, apresenta uma proporção de 13,9 candidatos por vaga (556/40 vagas) nesta segunda fase. Normalmente, são candidatos muito bem-preparados os quais costumam gabaritar a prova de múltipla escolha da primeira fase, o que corresponde a dizer que é justamente por meio da prova de redação que pretendem mostrar seu diferencial. Espera-se, assim, um alto domínio da norma culta na produção textual.

1.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Cercando o fenômeno por meio do estudo em *corpora* variados, acredito poder verificar também usos lingüísticos variados. Aliada essa estratégia aos encaminhamentos metodológicos adotados, espero reunir elementos para tratar da gramaticalização da palavra *tipo*, de sua expansão funcional e das implicações disso para os movimentos da língua enquanto um sistema funcional.

O estudo da funcionalidade de um item deve focalizar as unidades em si e também as várias possibilidades de combinação sintagmática. É importante conhecer suas propriedades distribucionais de acordo com seus valores funcionais.

Essa necessidade já fora observada nos estudos lexicais (Biderman 2001, dentre outros) sobre a produtividade de palavras gramaticais e instrumentais. Invariavelmente, esses estudos mostram que as palavras instrumentais/gramaticais são mais freqüentes do que palavras lexicais (Muller, 1992). Estas, por sua vez, têm seu uso determinado por fatores sócio-culturais.

Nos estudos sobre gramaticalização, vários autores (dentre os quais, cito Du Bois 1985, Hopper & Traugott 1993 e Bybee 2003) tratam da freqüência de uso em relação a itens/estruturas que assumem funções mais gramaticais.

Hopper & Traugott (1993) defendem que o aumento de freqüência de uso é um índice seguro de difusão lingüística⁴⁰. Quando se trata de itens lexicais, a quantificação deve levar em conta não só o aumento freqüencial de ocorrências (*tokens*), mas, especialmente, a correlação deste com cada padrão funcional de uso identificado (*types*)⁴¹.

Uma boa justificativa para essa afirmação é oferecida por Du Bois (1985). Ele argumenta que o estudo por meio da freqüência *types/tokens* é importante na medida em que se pode, por meio da análise das ocorrências no texto, apreender a emergência de itens

⁴⁰ Lebov (1972) faz o mesmo com relação à centralização vocálica no inglês.

⁴¹ Para Bybee (2003:604), há dois métodos importantes para a quantificação de dados lingüísticos: a *freqüência token* e a *freqüência type*. O primeiro método, também chamado de freqüência textual, é a freqüência de ocorrência de uma unidade, comumente uma palavra ou um morfema num texto corrido. O segundo método, refere-se à freqüência de padrões particulares, tais como afixo específico (*gram*) que codifica tempo passado.

gramaticais. Por isso, propõe o seguinte princípio: “recurrent patterns in discourse tokens exert pressure on linguistic types” (pp.359-60).

Bybee (2003) afirma que uma alta frequência de *tokens* pode desencadear mudanças importantes, que tanto frequência *token* quanto frequência *type* contribuem para o ‘desbotamento’ do sentido de um elemento e que a repetição de itens é um universal do processo de gramaticalização. Ainda segundo a autora, mais importante do que saber tudo isso é saber *o que é repetido, em que contextos*.

Dessa forma, o aumento frequencial (*tokens*) de um padrão funcional de uso (*type*) deve ser apreendido com cautela, pois esse aumento tanto pode ser resultado de deslizamento funcional operado quanto de gênero/tema discutido no texto. Cabe ao lingüista buscar resposta para o aumento de *tokens* em sua correlação com a expansão de *types*.

Com base nessas discussões, e na interface que se busca entre sociolingüística e gramaticalização, pode-se dizer que forças internas e externas ao sistema co-agem na produção lingüística do falante, que não tem, em consequência, liberdade total sobre a escolha lexical. Esta é, na verdade, circunscrita. Várias normas (contextos sociolingüísticos) atuam com força coercitiva sobre esse falante.

Para proceder ao tratamento frequencial de *types* e *tokens*, nesta tese, utilizo alguns programas do pacote *Varbrul*, ferramenta estatística que favorece a correlação de critérios analíticos.

CAPÍTULO III ANÁLISE SINCRÔNICA

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é explicar como as palavras *tipo*, *feito*, *igual* e *como* vieram a adquirir variadas funções no português do Brasil. Na seção 1, considero, inicialmente, estudos prévios que versam sobre a palavra *tipo* e cotejo essas informações com as acepções encontradas nos dicionários. Depois, proponho a hierarquização dos vários usos baseados em dados produzidos em situações de fala. Nas seções seguintes, adoto organização similar para a análise das palavras *feito*, *igual* e *como*.

Em cada seção, após a proposta de hierarquização, quantifico os dados referentes a cada palavra. Observe os totais de ocorrências identificadas em cada um dos *corpora*:

Quadro 5 - Ocorrências por item analisado nos *corpora* PEUL e NURC

ITENS ANALISADOS	PEUL	NURC	TOTAL
TIPO	133/1009 (13%)	53/509 (10,5%)	186
FEITO	70/1009 (7%)	81/509 (16%)	151
IGUAL	89/1009 (9%)	20/509 (4%)	109
COMO	717/1009 (71%)	355/509 (69,5%)	1072
Total	1009/1518 (66,5%)	509/1518 (33,5%)	1518

Percentualmente a distribuição é bastante próxima para as palavras *tipo* e *como* se compararmos PEUL e NURC, mas não para as palavras *feito* e *igual*. Isso, contudo, não quer dizer que os falantes de ambos os *corpora* empreguem aqueles itens de forma similar.

Para que se faça uma leitura adequada dos totais listados nas tabelas, é importante, de antemão, esclarecer que, quantitativamente, há uma diferença significativa quanto ao tamanho do *corpus*. O PEUL conta com 335.004 palavras, distribuídas da seguinte maneira: 46,5% (155.777 itens) na Amostra 80 e 53,5% (179.227 itens) na Amostra 00; o NURC, por sua vez, conta com 121.923 palavras, distribuídas da seguinte maneira: 57,7% (70.349 itens) na Amostra do Contato e 42,3% (51.574 itens) na Amostra do Recontato. O PEUL é, assim, um *corpus* mais extenso quanto ao número de palavras no contato (2,2 vezes maior) e no recontato (3,5 vezes maior) do que o NURC. Para as inferências que farei nas seções seguintes, então, levo em conta essa distribuição irregular de ocorrências nos *corpora*.

1. DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS DA PALAVRA *TIPO*

Poucos pesquisadores analisaram os deslizamentos⁴² funcionais de *tipo*. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de *tipo* ter baixa produtividade no português falado e, mesmo no português escrito, revelar deslocamentos que raramente implicam mudança de classe categorial, o que pode causar a impressão de que não teve seu uso alterado no decorrer dos tempos.

Na sociedade, a resistência às novidades lingüísticas também colabora para que, nos momentos iniciais de usos, algumas alterações funcionais sejam entendidas como efemeridades típicas da fase adolescente dos indivíduos.

Observemos os exemplos abaixo, recolhidos em materiais da mídia televisiva e imprensa:

- (10) ...eles perguntam *tipo* o que nesses lugares? (personagem adolescente de *Um Maluco no pedaço* - 2001)
- (11) ...eu ganhei quatro quilos e *tipo assim* eu comia direto (personagem de 17 anos, *Meninas veneno* - 2001).
- (12) ...e resolveu arrumar um encontro entre os dois. A idéia era juntar a família dele a dela numa festinha *tipo* lembrar os velhos tempos. (Reportagem de capa, Revista *Época*, 06/2004).
- (13) Caras que vivem de música, gravando e fazendo shows, parecem passar pela vida sem os dramas comuns, *tipo* vestibular. Mas nem diga isso a Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial. (Caderno Vestibular, *O Estado de S.Paulo*, outubro/2004)

Esses exemplos sugerem que os deslizamentos funcionais de *tipo* correlacionam-se com outros fatores sociais além da idade. São também motivados por propriedades contextuais e contextuais.

Feitas essas considerações iniciais, passo à revisão das pesquisas que se preocuparam com os deslocamentos funcionais da palavra *tipo* no português do Brasil.

1.1. PESQUISAS ANTERIORES

No início dos anos 90, na esteira dos avanços das pesquisas com língua falada, Moraes de Castilho (1991), investigando os delimitadores do português falado, identificou estruturas em que *tipo* era incluído. Recolheu, então, ocorrências em entrevistas de falantes

⁴² Emprego intercambiavelmente as palavras deslizamento e deslocamento.

cultos provenientes de cinco capitais brasileiras⁴³ (Amostra NURC/Brasil) e postulou que a palavra *tipo* funcionaria como um delimitador. Observemos alguns dados analisados por Moraes de Castilho:

- (14) então foi um *tipo* de um rumo do início da industrialização japonesa totalmente diferente (EF RJ 379:184)
- (15) o Manga-larga é um *tipo* de cavalo...não muito grande... (DID SP 18:657)
- (16) o Amazonas é impressionante o número de frutas e frutas assim tudo dura *tipo* assim cajamanga...eles têm muito coisa assim é *tipo* de cajá mesmo né? (DID RJ 328:88)
- (17) lá nos Estados Unidos se encontra também nas grandes lojas do *tipo* Mappin... muito maiores que o Mappin (DID SP 137:571)
- (18) aquelas locomotivas de...maria-fumaça...*tipo* maria-fumaça (D2 SSA 98:685)
- (19) às vezes como biscoito geralmente biscoito assim...esses biscoitos *tipo* integral... (DID RJ 328:284)

A autora mostra que há a possibilidade de se reagruparem esses dados em dois blocos: no primeiro, estão os exemplos 14 a 16, em que *tipo* é seguido de um Sprep; no segundo bloco, estão os exemplos 17 a 19, em que *tipo* é seguido de uma estrutura nominal sem preposição.

Com relação ao primeiro conjunto de dados, Moraes de Castilho (1991, p.107) discute o caráter sintático de especificador de SN na expressão “um tipo de bombom” e argumenta que duas predicções instauram-se motivadas pela posição do elemento *tipo* no sintagma nominal:

Interpretamos aqui o item *tipo* funcionando como sujeito de duas predicções: uma da esquerda para a direita, desencadeada por um, e outra da direita para a esquerda, desencadeada por de bombom. Estas análises não caracterizam “um tipo de” como um DA (delimitador aproximativo). A segunda análise toma bombom por núcleo, e com isso todo o constituinte “um tipo de” passa a ser considerado como o Especificador do SN, funcionando como um DA.

Assume como válido o segundo tipo de análise: reconhece procedente inserir a estrutura observada no grupo funcional dos aproximadores porque “categorizam e predicam a classe sujeito indicando que ela não é um membro representativo de sua categoria” (p.94). Nesse sentido, uma expressão envolvendo “X tipo de” sinalizaria para o interlocutor que o falante estabelece um paralelo entre o item citado e um elemento central ou prototípico de

⁴³ Os dados foram produzidos por indivíduos adultos, com alto grau de escolaridade, provenientes de cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife.

uma categoria, concluindo sua condição periférica em relação àquele, razão por que precisaria sinalizar sua proximidade.

Esses dados somaram 93 ocorrências, classificadas como expressões delimitadoras [Det+N (tipo)] e [Quant+N (tipo)]⁴⁴, e contrastavam com os dados do segundo grupo, que apresentava uma estrutura diversa e número de ocorrências bastante baixo, razão suficiente para que lhes atribuísse um caráter duvidoso quanto a ser um delimitador aproximativo: “essa forma reduzida da sequência pode penetrar na MD (margem direita) do SN, situando-se entre o Núcleo e o Complemento, mas nesses casos não há certeza de que se trate de um DA (delimitador aproximativo)” (p.111).

Esse caráter duvidoso pode decorrer de um deslizamento funcional mais acentuado que, dentre outros efeitos, desloca *tipo* de sua função original de substantivo. Isso não ocorre com o primeiro grupo em que *tipo* se mantém na posição nuclear no SN.

Assim, a contribuição de Moraes de Castilho torna-se relevante para este trabalho no sentido de ter apresentado uma descrição bastante cuidadosa de expressões delimitadoras no português culto e por ter registrado o deslizamento funcional de *tipo* na fala de informantes que representam a norma culta da década de 80.

Nove anos depois, Bittencourt (2000) observa que a palavra *tipo* passa a atuar nos níveis lingüísticos intra-oracional e inter-sentencial, quase sempre em parceria com o advérbio *assim*. No nível intra-oracional, a autora apresenta evidências de que *tipo* funciona como delimitador de tempo, espaço, qualidade, sequência, faixa etária, dentre outros, manifestando-se sintaticamente como constituinte periférico do SN. No nível inter-sentencial, por sua vez, são apresentadas evidências de que *tipo* – e muitas vezes *tipo assim* – estabelece conexão entre orações, combinado ou não a outros elementos conectivos. A autora identifica as seguintes noções como vinculadas a essa função conectora: fim, oposição e explicação.

⁴⁴ Foram identificadas nesse trabalho as seguintes estruturas em que figurava o delimitador aproximativo *tipo*: com especificador (um *tipo* de + N: um *tipo* de pessoa interessante); sem especificador (*tipo* de + N: Eu vou sair *tipo* daqui a pouco); sem preposição (SN + *tipo*: aquele queijo *tipo* Reino; solução...*tipo* morrer grande parte da população).

Ainda Bittencourt apresenta exemplos de *tipo* no nível da organização discursiva, ora funcionando como marca introdutora de discurso direto, ora como sinal de prosseguimento ou ruptura tópica do discurso. A autora explica as alterações funcionais recorrendo aos processos de gramaticalização e de discursivização.

Como Moraes de Castilho, Bittencourt tem o mérito de discutir e classificar *tipo* valendo-se de dados reais e atuais da língua falada. E, mais do que isso, de rever esses dados com base nos pressupostos teóricos da gramaticalização, revelando a fluidez entre categorias e seu emprego nos níveis inter-oracional e discursivo.

Os trabalhos até aqui examinados priorizam aspectos sintáticos relacionados aos usos da palavra *tipo*. Na próxima seção, procedo à análise dos valores semânticos associados a essa palavra. Sirvo-me desse expediente porque é o único recurso de que disponho para verificar a movimentação das formas.

1.2. COTEJO COM AS ACEPÇÕES REGISTRADAS EM DICIONÁRIOS

O registro mais antigo da palavra *tipo* foi encontrado no dicionário de Bluteau⁴⁵ (1721:339). Nele consta a entrada *typo* correspondendo a duas acepções:

He palavra tomada dos Gregos. Val o mesmo que molde, fôrma, & às vezes a letra, de que usa o Impressor na sua Officina. *Typus*, i – masc. Cic. (Bem conhecem os *typos* de França – *In*: Cartas de Dom Francisco Manoel, Cartas familiares escritas a varias pessoas sobre assumptos diversos. Roma, por Felipe Maria Manciana, 1664, pag.491)

Typo – Modelo. Exemplar, & às vezes Symbolo, Figura, *Typo* de humildade(...) (O *Typo* da magnanimidade em el Rey Dom Affonso III. *In*: Sebastiam Pacheco Varella. Numero Vocal. Exemplar Catholico, & politico, proposto no mayor entre os Santos o Glorioso S.João Bautista, para imitação do mayor entre os principes o Serenissimo D.João 5. & c. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira. Anno 1702, p. 443) (Ficou *Typo* da Igreja. *In*: Dom Fernando Correa de Lacerda. Vida da Princeza D. Sãta Joanna, pello Bispo do Porto, Lisboa, por Miguel Manescal, anno 1680, pag.4)

Esses sentidos equivalem a ‘marca’ tanto aquela deixada no papel (marca concreta) quanto aquela deixada na mente das pessoas (marca abstrata). Enquanto marca

⁴⁵ Este foi o primeiro dicionário de língua portuguesa a se valer de um *corpus* como base. Contou com 406 obras dos séculos XV a XVII, inclusive alguns textos de autores contemporâneos de Bluteau. É um dicionário inovador também porque inclui a referência completa de todos os exemplos citados.

concreta, essa palavra é empregada em relação à reprodução de materiais por meios mecânicos com o auxílio do homem, tal como ocorre com documentos na área da tipografia; e enquanto marca abstrata, é empregada para indicar um conjunto de propriedades/atributos recorrentes no indivíduo.

Segundo Machado (1956), a palavra *tipo* tem sua origem nos contatos entre os povos latinos e os povos oriundos da Grécia. Para ele o termo significa:

pancada; marca deixada por uma pancada; sinal (em relevo ou em fundo); pegada; escultura; imagem em matérias líquidas ou fluidas; impressão causada por ruído ou por som; forma, figura, imagem; forma da expressão, representação escrita ou verbal; contorno, esboço, plano; conteúdo aproximado de um escrito; regra ou ordem por que uma doença aumenta ou diminui; (p. 2085)

Apesar de *tipo* ter etimologia grega, há consenso entre os estudiosos de que essa palavra entrou para o idioma português por meio do latim – *typu* – no século XVII. Com as novas necessidades na sociedade da época, o serviço de reprodução de obras pelos copistas passa a ser constante, conforme relatado por Morais (1948, *apud* Machado 1956: 2085), daí o aumento de recorrência da palavra *tipo* com a acepção de “letra de forma, de imprimir”.

Houaiss (2001) ratifica os sentidos originais oferecidos por Morais (*typus*= figura, imagem, estátua; representação; fase, andamento de doença), o que permite afirmar que, no latim, *tipo* era um termo polissêmico. Ainda segundo esse autor, no português, essa palavra assume o sentido de “letra de forma, letra impressa” no período que decorre entre 1634 e 1666, com o advento da expansão gráfica. Em 1674, esse termo é utilizado com o sentido de ‘modelo’ e, nesse deslizamento de sentido, é possível vislumbrar um *continuum* de abstratização, pois o termo se emprega primeiramente para referenciar *objeto* e depois *qualidade* desse objeto. Tais acepções são licenciadas pela própria etimologia, como podemos comprovar em consulta ao dicionário de língua latina de Koehler (1948: 877), em que *typus* remete ao sentido de ‘figura, imagem’.

Hoje o leque de sentidos abrangido pelo termo *tipo* é bastante amplo, podendo ser resumido em nove acepções de uso geral e dez de uso técnico aproveitadas pelas áreas de Astronomia, Gráfica, Teologia, Lingüística, Numismática, Patologia, Semiologia e Cinema/teatro/tevé, perfazendo um total de dezenove acepções vinculadas a uma única entrada, conforme Houaiss (2001: 2722):

1. Objeto ou coisa que serve ou se usa para produzir outro igual ou semelhante; modelo.
2. Coisa ou indivíduo que possui em grau elevado os caracteres distintivos de uma classe, um grupo, etc.
3. Classe, categoria de seres, agrupados segundo alguma característica, espécie, gênero.
4. Conjunto de traços característicos de uma raça, de uma família, das pessoas de determinada região etc.
5. Personagem original, figura que se pode considerar como modelo próprio para ser imitado pelos artistas ou escritores.
6. Pessoa excêntrica, de grande originalidade.
7. Indivíduo, sujeito, cara.
8. Pessoa pouco respeitável.
9. (ASTR) Descrição gráfica de uma ou mais partes da ciência astronômica.
10. Espécime o qual, examinado pelo pesquisador, é indicado como uma espécie nova e sobre a qual é feita a descrição original que passa a servir de padrão para essa espécie.
11. Conjunto das características que indicam a qualidade de um produto.
12. (GRÁF) Bloco de metal fundido ou de madeira, apresentando, em uma das faces, gravação em relevo de determinado sinal de escrita para ser reproduzido através de impressão.
13. (GRÁF) Letra impressa obtida por meio de qualquer processo de composição, caráter, letra.
14. (LING) Na relação tipo/ocorrência, cada vocábulo configurando um elemento da língua, por oposição às ocorrências que o caracterizam como elemento da fala.
15. (NUMS) Tema ou símbolo que figura numa moeda e que constitui uma característica essencial.
16. (PAT) Ordem em que aparecem e se desenvolvem os vários sintomas de uma doença.
17. (SEMIO) Signo que representa uma categoria ou um conjunto de casos ou indicações, por oposição às ocorrências particulares mediante as quais uma categoria se manifesta.
18. (CINE TEAT TV) O conjunto formado pelas características de um personagem.
19. (CINE TEAT TV) Modo de interpretar característico de um ator.
20. (TEOL) Fato ou personagem do Velho Testamento que se considera como símbolo de algum fato ou personagem do Novo. (Houaiss, id. p.2722)

Tomando por base o dicionário de publicação mais recente neste século (Houaiss 2001), elaborei um quadro sinótico que possibilitará o contraste entre os usos em cada época. Iniciei a comparação desses sentidos a partir de cinco dicionários, que respeitam espaçamentos temporais diferentes. Entre a publicação do primeiro (Rosa, 1950) e do segundo (Silveira Bueno, 1969), há um espaçamento de 19 anos; deste para o de Ferreira (1986), mantém-se um espaçamento de 17 anos; deste último à publicação de Biderman (1992), há 6 anos de diferença. E de Biderman até a publicação de Houaiss (2001), tem-se um período de 9 anos. Esse distanciamento entre as datas de publicação torna-se benéfico para que se perceba a expansão ou retração dos sentidos dicionarizados na língua portuguesa⁴⁶.

⁴⁶ A tabela inclui duas informações básicas: à margem esquerda, a acepção encontrada no dicionário; e à direita das acepções, as obras organizadas diacronicamente, seguidas, logo abaixo, da ordem de aparecimento de cada acepção no dicionário.

Quadro 6 - Resumo comparativo das acepções em dicionários⁴⁷.

Acepção	1950	1969	1986	1992	2001
Caráter tipográfico	1	1	9, 10		12, 13
Aquilo que produz fê como modelo	2	2	1		
Representante distintor de classe	3	3	2	1	2
Símbolo	4	4	3		15
Exemplar	5	5	4	3	
Modelo (pessoa excêntrica)	6	6	4		6
Qualquer indivíduo (ridicularizando)	7		6		
Qualquer indivíduo		7			7
Pessoa pouco respeitável		8	7	4	8
Personagem paradigmático da ficção ou da tradição oral			5		5, 18, 19
Rótulo da biologia geral (padrão)			8		10
Caracteriza alguém ou alguma coisa				2	3
Coisa produzida em série (modelo)					1
Traços característicos de raça					4
Rótulo da astronomia					9
Qualidade de um produto					11
Na língua (rótulo lingüístico)					14
Patologia					16
Semiótica					17

Da observação de preenchimento das linhas em cada coluna, nota-se uma ampliação sistemática dos sentidos atribuídos à palavra *tipo* no decorrer dos anos, o que vem a comprovar os deslizamentos semânticos operados pelos falantes.

Depreende-se desse resumo também que alguns sentidos deixam de ser registrados⁴⁸. Há duas possíveis explicações para o fato: o primeiro diz respeito ao tipo de documento utilizado pelo lexicógrafo para servir de base para o dicionário: se não há ocorrência do termo no sentido previsto, não poderá integrar o dicionário; o segundo diz respeito à mudança na língua: o povo pode deixar de empregar um item com determinado sentido, como é o caso do sentido “qualquer indivíduo (ridicularizando)”, incluído por Rosa (1950) e Ferreira (1986). Atualmente, para se compor esse sentido, é bastante comum a sufixação diminutiva (tipinho) ou a mudança entonacional em situação de fala.

O dicionário de Biderman (1992) apresenta um leque de acepções reduzido. Duas são as explicações para esse fato: a primeira refere-se à criação de uma entrada separada para o sentido relativo ao caráter tipográfico; a segunda é atinente aos objetivos precípuos da obra: atender à demanda escolar do ensino básico. Essa obra, portanto, baseia-se num

⁴⁷ O critério que cada autor utiliza para compor seu dicionário influenciará a ordem de aparecimento de cada sentido. Os dois primeiros, mais tradicionais, baseiam-se na etimologia do termo. Os três últimos baseiam-se em técnicas lexicográficas fundadas na alta recorrência da acepção do termo no *corpus* utilizado como base.

⁴⁸ Talvez esse pudesse ser um indicio do abandono de seu uso em documentos escritos.

tratamento metodológico divergente, em grande medida, dos demais dicionários sob análise.

É certo que ratificar as acepções de dicionários exige um trabalho árduo com documentos históricos, muitos dos quais inacessíveis, ou por comporem acervos particulares ou por estarem em precário estado de conservação. Em algumas ocasiões, o acesso é mediado por filólogos que, a partir do documento original, produzem versões semidiplomáticas, legíveis a variados leitores. Foi o meio como tive acesso a uma receita de cozinha portuguesa do século XV⁴⁹, em que se encontrava uma ocorrência de *tipo*:

Escolham alguns marmelos alongados, do **tipo** pêra, bem compridos e lisos, podendo, inclusive, ser marmelos silvestres. Descasquem-nos, partam-nos em quartos, dando-lhes a seguir uns cortes oitavados. (XV)

Confrontando a edição consultada com a versão *fac-similar*, notei a não-existência da palavra *tipo*. Explico: a versão disponibilizada no *site* da Biblioteca Nacional era, na verdade, uma versão modernizada (Gomes Filho, 1994) do seguinte documento:

Tomarão mujto bõos marmelos e bicudos
E cõpridos e lisos e grandes babaros
Se quiserẽ falosão ã quartos e apara
Losão oitauadas./

O cotejo das edições desse documento permite a reflexão sobre os contextos em que *tipo* se insere em dados mais recentes. Talvez não tivesse ainda sofrido deslizamento funcional tão acentuado que lhe afetasse o espaço morfossintático.

Durante a constituição do *corpus* diacrônico, incluí também documentos sobre o tema ‘tipografia’. Deles extraí duas ocorrências de *tipo* num documento do século XIX:

Dos progressos que a Arte Typographica vai fazendo entre nós, são argumentos os exemplares do nº 61 do Panorama, e da 1ª e 2ª serie da Harpa do Crente, que a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis offereceo para a Exposição. O **Typo** é fundido pelo Sr. Neves.

As provas dos **Typos**, e das Cartas de jogar da Fabrica pertencente á Impressão Nacional, de que o seu Administrador fez presente á nossa Sociedade não deslustrão o seu bom nome. (Relatório Geral da Exposição de productos de industria portuguesa, 22/07/1838, p.510)

⁴⁹ Agradeço ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto pela busca empreendida nos documentos virtuais da Biblioteca Nacional.

O baixo número de ocorrências de *tipo* serve, assim, de explicação para a ausência de algumas acepções nos dicionários.

Em assim sendo, as funções mais recentes da palavra *tipo*, como a função juntiva ou, ainda, as funções discursivas, não passam de ‘promessas’ num dicionário do futuro. Hoje, contudo, por não figurarem em textos utilizados para o trabalho lexicográfico, funções inovadoras de *tipo* continuam excluídas e possivelmente evitadas em usos mais próximos de um padrão culto.

Um outro problema tem a ver com a ausência de sentidos menos inovadores. Identifiquei poucas ocorrências de *tipo* referindo-se a substantivos parafraseáveis por *pessoa*. Essa dificuldade poderia gerar a explicação equivocada de que tivesse caído em desuso em determinada época. Na verdade, não é difícil que o sentido com o traço [+humano] já estivesse sendo empregado largamente pelo povo desde sempre, mas pode atualmente ter sua recorrência presa a outros fatores⁵⁰.

Não é demais repetir que, no português falado urbano, é bastante comum o uso da palavra *tipo* e da locução *tipo assim*. São usos normalmente avaliados como gírias, por serem mais evidentemente empregados por falantes de faixa etária jovem, contudo o que presenciamos é uma ampliação desses usos de modo que não se pode propriamente falar em gíria de adolescentes, já que os falantes que têm contato intenso com aqueles agregam tais usos ao seu idioleto.

Também não se pode aceitar que seja um termo gerado socialmente pela falta de outros mais apropriados, como defende Silveira Bueno (1969: 159-60):

Algumas palavras ficaram, em português, como substitutas natas de todas as demais cujos nomes não ocorrem, no momento, a quem estiver falando. São as palavras ‘omnibus’, que servem para tudo. [...] As mais comuns de todas são cousa, coisa, sujeito, tipo, camarada, cara (um cara), chefe, cavalheiro, cidadão, negócio, etc. Ex.: Foi aquele tipo seu conhecido quem lhe contou tudo.

⁵⁰ Durante a análise de *tipo*, fiz incursões pelo *corpus* organizado pela Unesp-Araraquara e percebi que textos com temáticas voltadas à sociologia e à filosofia, assim como textos de ficção apresentam usos recorrentes desse padrão funcional.

De qualquer modo, desse comentário de Silveira Bueno depreendo que a palavra *tipo* era já bastante utilizada à época da publicação, porque cumpria a vez de outras palavras que com ela partilhassem características. Isso me leva a supor que seu registro gramatical tenha sido justamente barrado pela recusa bastante comum, num modelo tradicional, de se empregarem palavras vicárias.

Até o momento, focalizei o deslizamento unicamente por meio dos registros feitos em dicionários e gramáticas. Não se deve perder de vista que a toda mudança lingüística subjazem funções adaptativas que teriam relação direta com o papel social da língua de servir à comunicação, à interação, à necessidade de estabelecer as identidades sociais:

It is the oscillation between the internal process of structural generalization, and interaction with the external social system, which provides the impetus for continuous linguistic evolution (Labov 1970: 78)

Assim, *tipo* tem sofrido grande expansão de padrões funcionais na boca do povo e esses deslizamentos funcionais estão se operando tão lenta e gradualmente no português do Brasil que não são percebidos pelas pessoas⁵¹. Normalmente, os estágios iniciais de deslizamentos são imperceptíveis, somente sendo 'vistos' quando alterações categoriais específicas já operaram.

1.3. HIERARQUIA DE USOS DE *TIPO*

Os trabalhos que considerei no início deste capítulo mostraram que a palavra *tipo* tem assumido deslizamentos que partem de sua função original de núcleo de SN a item periférico e, posteriormente, a item marginal na sentença, assumindo a função de juntor e também de marcador discursivo.

Partindo desses usos já identificados e das ocorrências nos *corpora* PEUL e NURC, apresento a hierarquização de *tipo* numa escala de padrões funcionais, que obedecerá à unidirecionalidade como recurso heurístico.

⁵¹ Refiro-me às pessoas comuns, que não se preocupam com a configuração funcional do que é dito, mas apenas com o objetivo e com a informação. Não se incluem nesse grupo os lingüistas que, enquanto pesquisadores, estão atentos a minúcias da situação comunicativa e da configuração sintático-semântica na situação interacional.

a) Tipo¹ (**substantivo referenciador**)⁵² – este subconjunto compreende as utilizações substantivais de *tipo*. Enquanto tal, apresenta as propriedades gramaticais associadas à classe substantivo, vale dizer, número e grau; pode co-ocorrer com determinantes e modificadores; remete a entidades concretas, humanas e não-humanas. Uma paráfrase possível é “pessoa”⁵³.

(20) Eles equilibravam aquele, pau nas costas com os dois cestos, vendiam frutas na porta, peixe na porta. Tinha também o amolador de facas, que era um **tipo**, humano muito interessante, e tinha o tripeiro que isso, me disseram que ainda existe até hoje lá na Tijuca, ou no subúrbio. (E002-NURC-Recontato)

b) Tipo² (**substantivo classificador**)⁵⁴ – este subgrupo engloba os casos em que *tipo* é empregado para classificar. Nesses usos, *tipo* integra duas formas de estruturação: [um/o *tipo* de + N] ou [SN + desse *tipo*] e exhibe as propriedades gramaticais de tipo¹. É parafraseável por “espécie, modelo”.

(21) Ela tem certa gamação por mim que é fora do comum. O que ela puder fazer por mim, ela faz. O **tipo** de pessoa que, assim, qualquer coisa que eu depender dela – e eu também faço por ela que eu gosto dela demais, né? (E42-PEUL-Amostra 00)

(22) eram pequenos sobrados que alguns ainda existem hoje, e um comércio, que eu não ia muito pr'aquela trecho assim, mas haveria, possivelmente, uma tinturaria, uma padaria, uma farmácia, uma coisa desse **tipo** né. (E133-NURC-Recontato)

c) Tipo³ (**preposição exemplificativa**) – este subconjunto inclui empregos de *tipo* preposicionais. Nessa função, *tipo* liga dois sintagmas nominais, ocupando, assim, posição na fronteira de constituinte. Seu antecedente é um SN indefinido, com referência não especificada, composto por nome com ou sem a presença do determinante. É sucedido por um sintagma nominal ou por oração em sua forma nominal. Apresenta valor semântico exemplificativo, cuja função é dirigir a atenção do interlocutor por meio da

⁵² Na proposta de hierarquização das palavras, valho-me de duas estratégias que podem facilitar a leitura: emprego rótulos numéricos, que me parecem mais neutros; e coloco entre parênteses um rótulo descritivo para me referir à função desempenhada pelos itens.

⁵³ Duas ocorrências (uma na Amostra 00 do PEUL e outra no contato do NURC) têm comportamento um pouco distinto. É o caso de *tipo* (nome) que requer necessariamente um qualificador. Acoplado a um adjetivo, *tipo* passa a qualificar o indivíduo. Uma paráfrase possível é “aparência”. Exemplo: “Só solteira, tenho **tipo** físico, né? aí, de repente arrumo [um]... um, sei lá, uma feira pra apresentá, um troço assim. Morrê de fome num vô.” (E63-PEUL-Amostra 00)

⁵⁴ Segundo definição de Crystal (1985, p.47), classificadores são “*morfemas cuja função é indicar a classe semântica ou morfológica dos itens*”.

restrição/delimitação de opções interpretativas. Possibilita como paráfrases as expressões *como*, *por exemplo* e *como por exemplo*.

(23) Então [é] ..é fazê a fatura, é ligá pros clientes, cobrá, porque [o] ...[o]...o seguro de vida você precisa [da]...[da]...dos dados da empresa. No caso o cliente manda...um exemplo: uma empresa **tipo** [a]...a... sei lá, Texaco, né? aí ela manda a folha de pagamento dela pra gente, manda uma relação de funcionário, com o salário deles, a gente calcula o valor...ah...[que a gente]...que a gente chama de prêmio. (E63-PEUL-Amostra 00)

(24) num sei se é lei ou alguma coisa assim que eles têm que tê [uma]...um seguro pro...oferecê um seguro [pro]...para os funcionários, né? por causa do perigo [da]...da profissão, né? tem empresas *assim*...indústrias normalmente ó, **tipo** a Colgate, que agora é Colgate com...e a Kollynos, né? se uniram, também porque são empresas que lidam [com]...com muitos funcionários, né? tem empresas assim que têm...ah empresas [de]...[de]...[de]...de transporte rodoviário, a empresa de ônibus, né? (E63-PEUL-Recontato)

(25) A mesma coisa é um técnico de alguma coisa, ele vem normalmente na tua casa, não ... qué dizê, na verdade, não, na verdade é você que tá com um defeito, né? você é que procura. Não, mas é, sei lá, tipo uma pessoa que tem serviços **tipo** colocá (inint) tava lendo no jornal (hes) ... coloca cortina, tipo assim, né? aí você: “ah, troca num sei que”, a pessoa vem, tenta te oferecê o serviço dela, tipo assim. (E63- PEUL-Amostra 00)

d) Tipo⁴ (**conjunção comparativa**) – este subgrupo reúne aquelas ocorrências em que *tipo* estabelece a ligação entre uma oração núcleo e uma oração hipotática de base comparativa. Esta traz elíptico o verbo da oração, o qual pode ser recuperado a partir do verbo da primeira oração ou pela inclusão do verbo de ligação “ser”. Admite a paráfrase “como”⁵⁵.

(26) Vai morar para lá, (“então”) carrega sua família. Tem muitos capixabas, tem muitos cariocas, gaúchos, mineiros. Mineiro dá muito! Então, aí é **tipo** uma colônia, não é? (E23-PEUL-Amostra 80)

(27) Eu não sei se é porque eles fazem as varandas assim, sabe como é que é, é varanda **tipo** sacada mesmo. (11-NURC-Recontato)

e) Tipo⁵ (**discursivo – delimitador aproximativo**) – este subconjunto de ocorrências engloba usos em que *tipo* expressa uma noção de aproximação. Sinaliza a imprecisão da informação expressa na cadeia sintagmática seguinte; não admite ser modificado por um adjetivo. Em alguns casos, é possível parafraseá-lo pelas expressões *quase* ou *por volta*

⁵⁵ Tomando como modelo de classificação a gramática tradicional, pode-se chegar à conclusão de que a oração analisada possibilita interpretação ambígua (oração comparativa / oração conformativa). Contudo, porque ambas são estruturações que requerem o processamento cognitivo de base comparativa, aqui optei por incluir o exemplo no conjunto de orações comparativas.

*de*⁵⁶; em outros casos, funciona como um operador de proximidade. Para estes últimos, não encontrei expressão parafrástica satisfatória.

(28) cada dia era uma coisa diferente, enquanto isso a casa ia ficando o caos, mas aquele momento que eu chegava, assim, **tipo** oito horas da noite, microondas é uma coisa, assim, muito rápida, então você oito horas tinha alguma coisa pronta pro jantar, uma coisa diferente (inint), agora não que num vira mais novidade, né? (E-23-PEUL-Amostra 00)

(29) Na bacia de plástico, (ruído) pega três tablete de manteiga, amassa naquela (hes) naquele açúcar, depois pega – bem amassadinho, você pega quatro ovos, joga ali dentro, quebra ele, (explicando) não precisa bater a clara não que isso é frescura, você bota ele dentro, mexe até ficar aquele **tipo** um mingau. Ai, bota uma colher de sopa de fermento, (est) bota quatro de Nescau, você pode fazer com Nescau quatro colher de Nescau ou cinco, aí o Nescau é a gosto, né? (E42-PEUL-Amostra 80)

(30) A minha filha quando era pequena, ela sempre desceu sempre brincou lá, o salão de festa não é, eu também [?] dava as festinhas dela lá, entendeu. Então aproveitou isso, né, agora, ela já tá entrando em outra fase, não faz mais festinha de aniversário. Eu acho que vai ter agora festa **tipo** de adolescente, né. (E11-NURC-Recontato)

f) Tipo⁶ (**discursivo – marcador**) – neste subgrupo, *tipo*, acompanhado do advérbio *assim*, é utilizado como finalizador de subtópico, sinalizando para o interlocutor que a idéia foi concluída de modo aproximado, sem inteira precisão. Pode ser parafraseado pela expressão *é mais ou menos isso*.

(31) [Não!] Olha só, não que eu queria tê ... no momento eu não penso em ter filhos. Eu tô dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá (est) Mas ... **tipo assim**, entendeu? (E63 – PEUL – Amostra 00)⁵⁷

Mais raramente, algumas ocorrências acumulam funções em dois níveis lingüísticos⁵⁸: ligam orações e organizam a seqüência tópica da conversa, sinalizando uma digressão.

(32) Acho que [pra quem]... pra quem qué, pra quem realmente qué, pra quem realmente procura, pra quem tem um mínimo ... **tipo** eu, eu eh ... tenho nível superior, entendeu? não só nenhuma expert em nada, mas eu tenho <ni...> eh ... isso conta a favor, entendeu? Então eu acho que tá ruim, tá difícil. (E63 – PEUL – Amostra 00)

Contabilizando o número de ocorrências nos *corpora* em relação à hierarquia proposta para os usos de *tipo*, os resultados são os seguintes:

⁵⁶ Segundo Jucá Filho (1971:134), o mesmo teria ocorrido com a palavra *como*: “Certamente, de começo, *como*, sinônimo de *quase*, tinha, como este, a significação de *à maneira de*, tal como no passo camoniano (...)”.

⁵⁷ No caso, funciona como marcador discursivo conclusivo.

⁵⁸ Para fins de computação matemática, esse uso será incluído no conjunto dos usos discursivos.

Quadro 7 - Distribuição funcional de *tipo* – PEUL/NURC

Usos	PEUL	NURC	Total
Tipo ¹ -substantivo referenciador	01	05	06
Tipo ² -substantivo classificador	57	41	98
Tipo ³ - preposição exemplificativa	23	01	24
Tipo ⁴ - conjunção comparativa	10	01	11
Tipo ⁵ - discursivo – delimitador aproximativo	14	04	18
Tipo ⁶ - discursivo – marcador	28	01	29
Total	133 (71,5%)	53 (28,5%)	186 (100%)

A palavra *tipo* é empregada de forma mais recorrente pelos falantes do NURC somente em seu valor de substantivo. Os usos mais inovadores são amplamente empregados pelos falantes do PEUL⁵⁹. Tendo em vista a diferença do tamanho do *corpus* por amostra, retomarei esses dados no capítulo 5, separando os padrões funcionais por falante a fim de identificar os fatores que se correlacionam com os usos mais ou menos inovadores.

⁵⁹ Como mostrei anteriormente, o PEUL é mais extenso que o NURC no contato (2,2 vezes maior) e no recontato (3,5 vezes maior).

2. DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS DA PALAVRA *FEITO*

Gramáticos, a exemplo de Bechara (1999: 229), argumentam que muitas formas participiais terminadas em *-to* são provenientes do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo. Também é comum encontrar a indicação de que essa terminação pode ser derivada de um uso motivado por analogia com modelo pré-existente. Aqui, parto da forma *feito*, considerando-a, originariamente, um particípio passado no português.

Autores, a exemplo de Machado (1956) e de Nascentes (1954), classificam a palavra *feito* como uma forma verbal que indica particípio passado irregular, não a incluindo como entrada de dicionário. Por conseguinte, ignoram vários usos dessa palavra em outras funções, tais como os seguintes:

- (33) Outro *feito* de Tasso foi atrair para Ciro o ex-diretor da ANP (Folha Eleições – Folha de S.Paulo, 2002)
- (34) Logo após a Copa, (...) os norte-americanos apareciam em nono, um *feito* inédito para o país. (Folha Esporte, Folha de S.Paulo, 2002)
- (35) Agarradinhos. Com a mãe manipulando os bonequinhos *feito* fantoches, a criança visualiza melhor a história. Molengas e aconchegantes, os personagens (...) prendem a atenção pelo concreto. (Revista Cláudia, 1999).
- (36) Faltava abandonar a velha escola/ tomar o mundo *feito* coca-cola... (canção de Lulu Santos)

Alguns desses usos são bastante recorrentes na língua portuguesa, outros nem tanto, mas o conjunto das funções de *feito* permite observar que deslizamentos funcionais vão se implementando no decorrer dos tempos. Nesta seção, trato desses deslizamentos, inicialmente por meio do resgate dos registros lexicográficos e, depois, por meio de sistematização desses usos e de outros analisados nos *corpora* PEUL e NURC.

2.1. COTEJO COM AS ACEPÇÕES REGISTRADAS EM DICIONÁRIOS

Como ponto de partida à análise, selecionei Rosa (1950), que inclui uma única entrada para *feito*, depois segmentada em duas categorias gramaticais: substantivo e adjetivo. Esse dicionário, à época de sua publicação, era tido como acolhedor das normas

contidas no Pequeno Dicionário, da Academia Brasileira de Letras, razão suficiente para trazer somente os usos assumidos pela norma culta:

Feito, s.m. *Fato*; *ação*; *ato*; *façanha*.
adj.: *Acabado*; *completo*. (Rosa 1950: 156)

Caldas Aulete (s/d, pp.1571-2), por sua vez, inclui três entradas em seu dicionário para formas oriundas da raiz infinitiva verbal *fazer*: *feita*, *feito1* e *feito2*:

Feita – s.f. obra, ação; desta, dessa ou daquela feita. (loc.adv.)

Feito1 – (adj. e part. de fazer); afeito, habituado; exercitado, adestrado, instruído; homem feito (pronto); maduro, sazonado; perfeito, completo, bem disposto e acabado; decidido, assentado, resolvido; disposto, conformado, proporcionado;

(loc.adv.) de feito – efetivamente, com efeito, realmente.

(frase feita) – roupa feita/ de tenção feita – de propósito/dito e feito – com presteza, rapidamente/que é feito de ...? – que destino teve...?

(loc.adv.) é bem feito – ainda bem.

(conj. – Bras.) – *como*: *correr feito coelho*.

Feito2 – s.m. ação de fazer uma coisa, ato, fato, façanha; obra; sucesso, ação, empresa, lance; fito, intento, propósito; (*sic*)

Nota-se que Rosa, pelo propósito de ter seu dicionário vinculado à obra publicada pela Academia Brasileira de Letras, suposta guardiã da norma portuguesa, apresenta de forma bastante econômica as significações do termo. É certo que há entre essas duas publicações uma distância temporal de 20 anos, período em que se poderia observar o ingresso de novos usos na norma⁶⁰. Em Caldas Aulete, inclui-se a conjunção como uma forma tipicamente brasileira e exemplifica-se com uma sentença comparativa de modo da ação de correr⁶¹. Além disso, há o indicativo de uma paráfrase nesses casos: a palavra *como*.

Com relação à etimologia de *feito*, as indicações lexicográficas mostram-se conflitantes. Caldas Aulete explica que, ainda que as formas incluídas por ele como entradas no dicionário sejam homógrafas, derivam de percursos distintos assumidos desde o latim. A entrada de **feito1** deriva do latim *fāctus* enquanto a entrada **feito2**, do termo latino *fāctum*⁶².

⁶⁰ Tendo em vista a orientação tradicionalista da época, de acordo com a qual a língua escrita culta era espelho para a língua falada, não creio que tantos sentidos tenham sido incorporados. Antes, é compreensível que usos muito novos – certamente presos à oralidade – não poderiam figurar numa obra de renome.

⁶¹ O autor insere a função conjuntiva numa única entrada em que também estão incluídas quatro outras funções.

⁶² Bréal & Bailly (s/d:82) afirmam que, no francês, esse uso deriva de “*factum*, *i* (*n.*), *fait*, *action*”.

Houaiss, por sua vez, a despeito de concordar com a origem difusa do termo, apresenta caminhos diversos. Segundo ele, quatro são as formas primitivas: *factum*, *i* (substantivo: feito, ação, façanha), *filictum*, *i* do latim tardio (substantivo: lugar em que nascem os fetos), além de *fāctus, a, um* (feito, executado, obrado, criado) e participio passado de *fiēri* “ser feito, fazer-se, dar-se” (Houaiss, p.1322):

- ¹**feito** s.m. (s.XIII) 1. ato ou efeito de fazer(-se)
 2. aquilo que se fez; obra, fato, acontecimento <orgulhava-se do seu *feito*> 2.1 ato de heroísmo; façanha <seus *feitos* foram cantados em prosa e verso>
 3. objeto de desejo, de intenção; fito, propósito, objetivo, intento <o *feito* de todos é viver com dignidade>
 4. resultado de um negócio, de um empreendimento; sucesso <para assegurar o lucrativo *feito*, logo tornou-o público>
 5. DIR.PROC. o processo ou o conjunto dos autos da demanda, da causa ou do pleito.
 6. LUD no voltarete e similares, jogador que, após declarar ter jogo, desafia os outros parceiros.
- ²**feito** s.m. (s.XV) ant.m.q. “feto”, lugar onde nascem ou há fetos (plantas)
- ³**feito** *adjetivo* 1. que se acostumou; acostumado, habituado <*feito* no banditismo>
 2. que se treinou; exercitado, adestrado <espírito *feito* nas lides políticas>
 3. que se constitui; formado, conformado <criança bem *feita*>
 4. que se tornou ponderado, experimentado; amadurecido, maduro, adulto <ser um escritor *feito*> <um homem *feito*>
 5. estabelecido de comum acordo; definido, ajustado <negociações *feitas*>
 6. pronto para disparar (diz-se de arma) <espingarda *feita*>
 7. pronto para ser utilizado ou consumido <prato *feito*>
 8. B Informal. Com determinação; disposto, decidido sumido <foi *feito* na direção dos arruaceiros>
 9. Religião- iniciado (no candomblé, umbanda e seitas afins), após passar pelo ritual de praxe <iaô *feito* recentemente>
Conjunção 10. conjunção comparativa. B como, do mesmo modo que, tal qual <trabalha *feito* burro de carga>
Interjeição LUD.11. voz usada em cassinos para indicar que não é possível mais apostar no jogo, esp. Roleta

As indicações feitas por Houaiss em seu dicionário fazem ressuscitar uma discussão clássica na Lingüística: o que ocorre com a palavra *feito* seria um caso de polissemia ou de homonímia? Essa mesma discussão pode ser vista em Taylor (1992) ao tratar da categorização das palavras. O caminho, contudo, não se tem mostrado seguro para uma resposta incontroversa. Aqui, parece-nos plausível concordar com Langacker (1987, *apud* Taylor 1992) que defende que toda a motivação necessária para que um termo possa ser

assimilado numa determinada categoria é proveniente dos usos possíveis pelo indivíduo⁶³. É a difusão desses usos lingüísticos que poderá redundar numa incorporação pela gramática normativa; todavia, o abandono de algum uso não provocará, necessariamente, o desaparecimento de seu registro lexicográfico, como é o caso da acepção 3, de ¹*feito*.

Embora se perceba, ainda, uma atitude normativista de alguns autores, empregar o termo *feito* como conector já parece não incomodar tanto no século XX. Mesmo assim, algumas restrições parecem impedir um uso em larga escala. Exemplo disso é a orientação de Sacconi (1987), autor de manual de consulta sobre a gramática normativa, que critica a forma *igual* como conjunção, ao mesmo tempo em que assume uma posição mais maleável quanto ao termo *feito*:

Feito (...) pode substituir **igual**, porque já se torna como conjunção (*sic*). Ex.: Você é **feito** eu. Mas o melhor mesmo é construir sem querer inventar: você é **como** eu. (p.164)

De seu raso comentário, depreendo que *igual*, *feito* e *como* são usos intercambiáveis em estruturas comparativas, mas, a partir da consulta a gramáticas, percebo que, desses, somente *como* assume o papel de “correto” e aceito em qualquer situação porque representa a norma. As expressões ‘substituir’ e ‘sem querer inventar’, empregadas por Sacconi, denunciam a posição normativista, que explica sem apresentar as razões e que determina sem esclarecer as motivações.

Advêm dessa mesma postura as críticas que muitos autores fazem à inclusão da palavra *feito* no rol das conjunções. Um argumento freqüente é aquele que explica esse uso como regional. O efeito dessa associação para os falantes escolarizados e urbanos, especialmente, tem sido evitar seu emprego nessa função.

Cegalla, por sua vez, demonstra assumir posição diferente sobre o assunto, ao incluir a palavra *feito* na lista das conjunções comparativas⁶⁴. Tal inclusão justifica-se pelo próprio comportamento da palavra, visto que subordina à anterior a sentença que introduz, como mostrarei adiante por meio da análise dos dados colhidos.

⁶³ “An entity [will] be assimilated to a category if a person finds any plausible rationale for relating it to prototypical members” (Langacker 1987, p.17, *apud* Taylor, id., p.121);

⁶⁴ A despeito de publicar numa editora paulistana de grande penetração no mercado, não inclui qualquer nota, por menor que seja, sobre o fato de a palavra *feito* ter uso em caráter exclusivo por alguma região do Brasil. Independentemente disso, por se constituir um uso real na língua portuguesa, merece ser observado, analisado e discutido tanto do ponto de vista de sua abstratização quanto de sua recorrência no português do Brasil.

Comparativas: como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão ou tanto) como, (mais) que, (menos) que, (tanto) quanto, que nem, feito (=como, do mesmo modo que). (Cegalla, 1971: 222)

Com base na função desempenhada, Neves (2002:187) também analisa a emergência funcional de *feito*:

Originariamente participio passado do verbo fazer, e muito em uso no Brasil – embora restrito ao português coloquial – como juntivo em comparações modais de igualdade (“do mesmo modo que”): Eu também estava de joelhos sobre as tais pedrinhas, pedindo que ele fizesse feito eu / Eu também já fui moça feito ela.

Segundo a autora, ninguém ousa assumir que *feito* seja verbo e também conjunção comparativa⁶⁵. Vale ressaltar que a comunicação não é afetada por esse receio, uma vez que os falantes utilizam e compreendem a função verbal distinta da função comparativa. E Neves conclui seu raciocínio:

E é assim que, com lenta e contínua mudança no conjunto de membros das diversas categorias, a gramática se acomoda, rearranjando-se no sistema os elementos que se vão deslocando gradativamente, para resposta às necessidades da língua em função. (p.187)

A exemplo do que ocorre com a análise da palavra *tipo* – e posteriormente mostrarei que assim se sucederá com *igual* e *como* também – constata-se o deslizamento funcional de *feito* que, de verbo no participio passado, em determinados usos, passa a juntor de base comparativa. Nesses casos, pode ser intercambiável por outros termos, tais como:

- a) trabalha *feito* burro de carga.
- b) trabalha *igual* burro de carga.
- c) trabalha *tipo* burro de carga.
- d) trabalha *como* burro de carga.

2.2. HIERARQUIA DE USOS DE *FEITO*

Nesta seção, partindo dos usos já identificados e que foram empregados pelos informantes do PEUL e do NURC, apresento uma proposta de hierarquização de *feito* numa escala de padrões funcionais, que obedece à unidirecionalidade como recurso heurístico.

⁶⁵ É certo que autora não havia tomado contato, à época, com o dicionário Houaiss (2001), em que estão incluídas várias acepções de *feito*, dentre as quais as citadas pela autora.

a) Feito¹ (**predicador verbal no participio**) – este subconjunto compreende empregos de predicadores verbais no participio passado. Pode ocorrer em construções ativas e passivas. Enquanto passiva, pode receber as marcas gramaticais de gênero e de número.

(37) Porque eu acho que não existe diferença entre a criação de uma mulher e de um homem. Eu acho que os princípios morais tanto são **feitos** para mulher como são **feitos** para o homem. (E43-Peul-Amostra 00)

(38) então esses trabalhos assim di... digamos, secundários, né, mecânicos, que não exigem nenhuma criação, nenhuma criatividade, é **feito** por essas auxiliares. Então faz a lavagem, a massagem, uma vez terminada, então ele vem e dá o toque do artista. Só isso. (E96-Nurc-Contato)

Enquanto construção em voz ativa, *feito* é empregado em orações em que a pessoa do discurso referida é normalmente o *agente* da ação verbal. É antecedido de verbos auxiliares que carregam os morfemas modo-temporal da perífrase por isso não admite flexão de número e de gênero.

(39) Peguei o currículo dele, um currículo maravilhoso. O garoto tinha **feito**, não sei que na Espanha, formado no Federal lá, de não sei o que, engenheiro formado. Engenheiro procurando um negócio de cinema, tu vê, tá, sabe? (E59-Peul- Amostra 00)

(40) preparou-se claro que... não que ela tivesse **feito** uma coisa muito exagerada não... mas FEZ quer dizer fez a sua:... suas camisolas os seus jogos de... de lençol de linho borda:do isso foi feito né? essa coisa foi... inteiramente clássica... (E71-Nurc-Contato)

b) Feito² (**substantivo referenciador**) – este subgrupo de ocorrências reúne os casos em que *tipo* é convertido em substantivo; admite a anteposição de determinante e a flexão de número; com o valor substantival, passa a aceitar modificador e a assumir a posição nuclear no sintagma nominal.

(41) Seu principal *feito* foi presidir a Comissão Parlamentar que investigou crimes de lavagem de dinheiro. (Folha S.Paulo, 08/2002)

d) Feito³ (**adjetivo - qualificativo**) – este subconjunto engloba aqueles usos em que *feito* desempenha a função adjetival, modificando o substantivo; exige a anteposição de expressão de modo. Com esse valor, flexiona-se em gênero e em número⁶⁶.

⁶⁶ Esses exemplos estão no masculino e singular, não permitindo a observação da concordância citada. Entretanto, numa conversão hipotética, isso é possível.

- (42) Porque o pessoal não sabe admirar um carnaval bem **feito**. Se eles soubesse admirar, eles sabia o que é União da Ilha que diz no pé, traz o samba rasgado, não é? (E42-Amostra 80-Peul)
- (43) Em relação, quer dizer, a pessoa ainda tem que fazer em casa, né, mas eu compro, eu compro muito frango pronto. Tenho lá um, lugar onde eu moro que fazem muito bem **feito**. (E2-Nurc-Recontato)

e) Feito⁴ (**conjunção – comparativa**) – este rótulo inclui todas aquelas ocorrências em que *feito* apresenta a função de ligar orações. Teoricamente não estabeleceria concordância, uma vez que é recategorizado como conjunção, mas pode manifestar esse traço de sua categoria nominal original. O verbo não é realizado na segunda oração, já que é o mesmo da oração anterior. Uma paráfrase possível é “como”.

- (44) Eu chego lá nove e meia e saio de lá, às vezes, oito hora da noite, então realmente eu achava [que]... que ... (hes) ... eu acho isso uma bobagem, acho que é tratá o funcionário **feito** criança... (E63-Peul-Amostra 00)
- (45) depois tem um quarto que é... quarto quarto onde mora um sobrinho dela... que mora com ela... não tem nada de muito especial não... tem só uma cama... uma cômoda e um armário... aí depois vem o quarto do meu a... do meu tio que é o pai dela... né... e que é doente... então é uma cama **feita** aquela cama de hospital... (E11-Nurc-Contato)

f) Feito⁵ (**discursivo - delimitador aproximativo**) – este subconjunto reúne ocorrências em que *tipo* integra um SN em posição marginal esquerda ao N. Assume a função de delimitar, de forma aproximativa, a noção expressa pelo N.

- (46) as casas eram muito generosas de espaço, dava pra você fazer, festas, né, dava pra você, reunir em grandes almoços, né, quintal, com, pequeno jardim, eu me lembro que depois, quando terminava tudo, né, chegava na cozinha ainda tinha, **feito** uma arezinha pra lavar roupa (E11 – Nurc-Recontato)

A distribuição do total de ocorrências nos *corpora* em relação à hierarquia proposta para os padrões funcionais de *feito* é a seguinte:

Quadro 8 - Distribuição funcional de *feito* – PEUL/NURC

Usos	PEUL	NURC	Total
Feito ¹ -predicador verbal no particípio	53	63	116
Feito ² -substantivo referenciador	0	0	0
Feito ³ -adjetivo – qualificador	8	8	16
Feito ⁴ -conjunção – comparativa	9	9	18
Feito ⁵ -discursivo - delimit. aproximativo	0	1	1
Total	70 (46,5%)	81 (53,5%)	151 (100%)

A palavra *feito* é empregada nas mesmas funções pelos dois grupos de informantes. Há, entretanto, um uso inovador (delimitador aproximativo) que somente aparece nos dados dos falantes do NURC. Esses dados serão retomados no capítulo 5, quando procederei ao estudo painel com os informantes de ambos os *corpora*.

3. DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS DA PALAVRA *IGUAL*

Como mostrei anteriormente, os termos aqui focalizados são intercambiáveis em algumas funções, como, por exemplo, na função juntiva, não obstante terem apresentado deslizamentos funcionais diversos no português.

Nesta seção, trato dessa questão. Início com as acepções registradas por lexicógrafos e, depois, passo à hierarquização funcional de *igual* com base naqueles usos e em outros identificados nos *corpora* PEUL e NURC.

3.1. COTEJO COM AS ACEPÇÕES REGISTRADAS EM DICIONÁRIOS

O termo *igual* é citado por Bluteau (1721:45) como palavra relativa que significava à época: “o que he do mesmo tamanho, que outro, o que tem a mesma quantidade, ou qualidade [...] *Igual* distribuição dos despojos.”

Para Bréal & Bailly (s/d⁶⁷), essa peculiaridade de *igual* favorecia seu uso como instrumento comparativo. A condição para que fosse adequadamente empregado era que um dos componentes dessa comparação fosse uma pessoa⁶⁸.

Aproximadamente trinta anos depois, no português, Rosa (1950:189) inclui o termo *igual* dentre os adjetivos, acrescentando, depois, a categoria de substantivo:

Adj. – Idêntico; liso; que tem a mesma grandeza ou mesmo valor; Uniforme; inalterável; designação de pessoa sincera, cujo temperamento e modo de tratar os outros é sempre o mesmo.

S.m. e f. – Pessoa de mesma condição ou categoria.

Para Rosa, a qualificação por meio de *igual* pressupõe identidade de propriedades, podendo ser empregada em relação a objetos (quanto ao tamanho e valor, a similaridade

⁶⁷ Na edição consultada (11ª edição), não havia referência à data de impressão, contudo, pela biografia dos autores no que diz respeito à vinculação linguística estruturalista, suponho que tenha sido publicada no início do século XX.

⁶⁸ “égal, de même âge, contemporain” (Bréal & Bailly s/d, p.4). Tanto Bluteau quanto Bréal & Bailly afirmam que essa palavra deriva do termo latino *aequālis*, *is* (masc. e fem.) e *aequāle*, *is* (neutro) e já era empregada com a acepção indicada pelo primeiro autor.

entre superfície de espaços físicos) e a pessoas (quanto ao comportamento e atitude). Já, na categoria de substantivo, notam-se inclusões de outros aspectos socioculturais (classe social, por exemplo), não citados por Bréal & Bailly, que apenas haviam distinguido *idade*.

Dois anos mais tarde, Magne (1952), autor com grande preocupação com a norma culta, ratifica as noções de idade e de tamanho, vinculadas ao traço [+humano] do referente: “igual, no tamanho e na idade” (p.123).

É interessante observar que, dezessete anos depois de Magne, já na segunda metade do século XX, Silveira Bueno (1969:649), sob a égide do Ministério da Educação brasileiro, portanto representando a versão oficial para as escolas de então, classifica o termo unicamente como adjetivo. Numa análise superficial desse dicionário, tomando apenas esta entrada para inferências, noto que as acepções são apresentadas de modo vago e podem ser associadas também a um referente [-humano]⁶⁹.

Adj. 2 gên. Idêntico; liso; que tem a mesma grandeza ou o mesmo valor; uniforme; inalterável.

Em Portugal, em situação similar, Caldas Aulete (s/d, p.1900) apresenta sinônimos, de uma forma mais ampla, sem deixar de mencionar usos não totalmente aceitos na variedade culta. Este autor associa a palavra *igual* a duas categorias:

adj. – que não tem diferença, semelhante (em quantidade); que se ajusta exatamente sobre o outro em todas as suas partes; idêntico, análogo, o mesmo; que tem o mesmo nível, liso, plano; que se não altera nem perturba; uniforme; que procede ou se executa do mesmo modo e sem alteração; que se acha em condição ou é de natureza idêntica; suscetível dos mesmos direitos e sujeito às mesmas penas.

(Bras. Fam.) diz-se de pessoa sincera, afável, de tratamento invariavelmente lhamo.
subst. m. e f. – o que é da mesma natureza; condição ou modo de ser.

Observe que de um termo intrinsecamente referido à **pessoa**, *igual* passa a indicar o **objeto** em sua dimensão (ajusta-se em todas as suas partes); e depois, desse sentido para uma noção vinculada ao **espaço físico** (plano, liso); chegando a indicar **qualidade** da pessoa (pessoa sincera). Há um porém com relação a esse último uso: é considerado o uso mais popular, mais cotidiano na variedade brasileira, sem nenhuma equivalência no português europeu, o que não permite afirmar que seja um “erro” ou “gíria”. Talvez seja um termo que sobrevive na boca do povo, como a denotar a abstratização dos usos. Sem dúvida, alguns sentidos foram emergindo dos usos cotidianos e, numa proporção inversa,

⁶⁹ O autor não adota o método de exemplificação em sua obra.

outros sentidos foram caindo em desuso, sobrevivendo na língua falada de camadas, talvez, não-escolarizadas.

Aproximando-nos do final do século XX, Cunha (1982) insere o termo *igual* no conjunto categorial dos adjetivos ao qual atrela o significado de “idêntico, que tem as mesmas características, uniforme, inalterável” (p.423). Segundo esse autor, está no século XIII o primeiro registro que encontrou (*yqual*), após o que o termo foi assumindo formas variadas em decorrência da agregação dos sufixos [-ar, -lhar, -dade, -ança] e do prefixo [des-]. Ainda segundo esse autor, no século XIII, houve o uso do prefixo des- (por ex.: desigual); no século XIV, a inclusão dos sufixos -ar, -lhar, -dade (por ex.: igualar, igualhar, igualdade); no século XV, o emprego do sufixo -ança (por ex.: igualança); e no século XIX, o uso de formas parassintéticas (por ex.: desigualar, desigualdade)⁷⁰.

Pelo levantamento mais minucioso apresentado pelo autor, verifica-se que a palavra *igual* é mais recorrente nos documentos escritos do que a palavra *tipo*. A explicação para isso reside no fato de que *igual* aceita uma maior gama de afixos diversamente do que ocorre com *tipo*, que, sabemos, admite atualmente -inho, -ão e até -aço com referência a pessoas, embora quase exclusivamente na língua falada ou em representações desta.

A gramática tradicional ainda não contempla a palavra *igual* no conjunto dos conectores da língua portuguesa. Contudo, as notas de rodapé, em especial nos manuais de consulta rápida, que transmitem preceitos normativistas, alertam para o “erro” – indicativo de uso coloquial dentre os falantes populares:

Ígual é adjetivo, e não conjunção. Sendo assim, não podemos construir **ígual eu, ígual tu, ígual ele, ígual nós**, etc. Mas: **ígual a mim, ígual a ti, ígual a ele, ígual a nós**, etc., porque esse nome rege a preposição **a**. (Sacconi 1987: 164)

É possível entrever que, à época da edição, o autor certamente já havia se deparado com algumas ocorrências de uso conjuncional da palavra *igual*, que, em contexto corrente, prescinde da preposição: Saiu pela porta da frente *igual* eu (saí pela porta da frente).

Biderman (1992: 506) também assume a posição neutra de que *igual* é adjetivo. Oferece dois exemplos, que merecem ser discutidos aqui:

- (a) Todos os homens são iguais.
- (b) Quatro quartos de laranja é igual a uma laranja.

⁷⁰ No *corpus* consultado, não encontrei exemplos que abonassem tais observações de Cunha, exatamente como as apresenta. Esse fato é plenamente justificável, uma vez que na constituição do mesmo podem ter entrado documentos diversos dos consultados por Cunha.

Não se pode negar que esses exemplos diferem um do outro em larga medida. No exemplo (a), tem-se um adjetivo em sua função típica atributiva, funcionando como predicativo do sujeito; no exemplo (b), tem-se uma estrutura equativa em que um segundo elemento – que se enquadra similarmente em todas as suas partes (medida e tamanho) – confere transitividade ao adjetivo. Ademais, no exemplo (b), pode-se parafrasear a expressão *igual a* pela palavra *como*, o que não ocorre com (a). A mesma forma “igual” em orações com verbo de ligação pode desempenhar funções distintas.

Tendo em vista as diferentes funções identificadas nos usos da palavra *igual*, consultei dois dicionários de grande circulação nos séculos XX e XXI respectivamente: o Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986)⁷¹ e o Dicionário Houaiss (2001).

Ferreira (1986: 915) apresenta uma única entrada para *igual*, que é subdividida em três classes de palavras: adjetivo, substantivo e conjunção:

- a) adjetivo: 1. que tem a mesma aparência, estrutura ou proporção; idêntico, análogo. Ex.: Esta casa é igual àquela.
- 2. que tem o mesmo nível, liso, plano. Ex.: superfície igual.
- 3. que tem a mesma grandeza, valor, quantidade, quantia ou número; equivalente. Ex.: dividiu o dinheiro em partes iguais.
- 4. que tem a mesma condição ou categoria. Ex.: Todos são iguais perante a lei.
- 5. que tem a mesma natureza, qualidade, medida ou grau. Ex.: A lei é igual para todos.
- 6. Uniforme, imperturbável, inalterável: gênio igual.
- 7. Bras. Diz-se de pessoa que trata os outros de maneira igualmente cordial, solidariamente afetuosa.
- b) substantivo: 8. pessoa da mesma condição ou categoria: “Quem ama, ama só a igual, porque o faz igual com amá-lo.” (Fernando Pessoa)
- c) conjunção: 9. como, feito, tal qual. Ex.: “Virgem Santa,/Que a fome era tanta, /Que até parecia / Que mesmo xaxando / Meu corpo subia / Igual se estivesse / Querendo voar.” (Carlos Lira e Vinicius de Moraes)

Vê-se que, em expressão popular da língua portuguesa, como é o caso da cantiga exemplificada na acepção 9, a palavra *igual* já apresenta o uso conjuncional, bastante comum atualmente na língua falada. Esse uso é, curiosamente, refreado pela escola e ignorado enquanto tal pelos professores de língua portuguesa.

⁷¹ O lançamento da edição consultada foi feito quando o dicionário completava uma marca de 5 milhões de exemplares vendidos. Tem por objetivo contemplar “não só a língua dos escritores (muito especialmente os modernos, mas sem desprezo, que seria pueril, dos clássicos), senão também a língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, ao falar do povo, aos linguajares diversos – regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, gíriescos...” (id., p.VII)

As acepções coincidem com aquelas apresentadas por Houaiss, contudo são ordenadas de forma diferente. Além disso, no mais recente dicionário, a categoria gramatical de advérbio é incluída, o que, embora soe como novidade, já faz parte dos usos do português desde o século XIII. A justificativa para a ausência dessa categoria em dicionários anteriormente citados novamente deve repousar no tipo de material que constitui o *corpus* do lexicógrafo: se não há texto corroborativo, não se pode incluir no dicionário.

Como já mencionei, no dicionário Houaiss, a palavra *igual* aparece indexada em quatro categorias gramaticais distintas: adjetivo, substantivo, conjunção e advérbio:

- a) adjetivo: 1. que, numa comparação, não apresenta diferença quantitativa. Ex.: dividir em partes iguais.
 2. que, numa comparação, não apresenta diferença qualitativa. Ex.: combater com armas iguais.
 3. diz-se do que apresenta a mesma proporção, dimensão, natureza, aparência, valor, intensidade; equivalente, uniforme. Ex.: os quartos da casa eram todos iguais.
 4. cujos direitos e deveres não diferem. Ex.: os homens são iguais perante a lei.
 5. que não apresenta aspereza, saliência; plano, liso. Ex.: uma superfície igual.
 6. diz-se da pessoa que, no seu trato com outras, não faz distinções de caráter social, econômico ou intelectual. Ex.: ele é igual com todo mundo.
- b) substantivo: 7. pessoa que em relação a outra não apresenta diferença de qualidade ou valor. Ex.: ele só se associa com os seus iguais.
- c) conjunção: 8. como, tal como, tal qual. Ex.: andava de lá para cá, igual estivesse numa jaula.
- d) advérbio: 9. igualmente, sem distinção. Ex.: ele trata todo mundo igual.

Analisando o dicionário mais recente (Houaiss 2001: 1569)⁷², é possível dispor esses usos, como recurso analítico, em uma escala unidirecional com base na ampliação do foco de comparação: igual em composição (pessoa/objeto), nivelado/uniforme (espaço físico), constante/de mesma duração/de mesma idade (tempo), contemporâneo, camarada, companheiro (qualidade).

O estudo dos registros em dicionários e gramáticas permitiu observar que *igual*, pela própria etimologia, favorece o processamento de uma comparação. Este é especialmente favorecido pelo cotejo entre elementos que compartilham alguns atributos, resultando numa aproximação por semelhança.

⁷² Segundo Houaiss, o termo *igual* já era usado no português arcaico (século XIII): *igual, yqual, equest*.

3.2. HIERARQUIA DE USOS DE *IGUAL*

A partir das informações dos dicionários e das ocorrências dos *corpora* PEUL e NURC, é possível hierarquizar os vários usos de *igual* na seguinte escala de padrões funcionais:

a) Igual¹ (**adjetivo - qualificador**) – este subgrupo inclui a palavra *igual* numa função adjetiva; é usado para modificar o substantivo em estruturas atributivas e relacionar comparativamente entidades que apresentam traços de semelhança. É parafraseável pelas expressões “semelhante” e “a mesma coisa”.

(47) Ah o português eu acho que não tem problema nenhum, o italiano eu até acredito que seja (“muito”) difícil, mais difícil... (inint) (“Lógico que”) eles tem muitos termos dele, né? tem o... aquelas (‘partes’). Pô, a gente aqui solta um: “Pô” A gente sabe que o pô e o outro pô é **igual** (E26-Peul-Amostra 00)

(48) você paga o garçom...você paga...o AMBIENTE...mas a comida é **igual**...e no Brasil não...falsificam o que podem...e o que não podem ((riso))...(E2-Nurc-Contato).

b) Igual² (**substantivo referenciador**) – este subconjunto engloba as ocorrências em que *igual* sofre conversão categorial de adjetivo para substantivo. É parafraseável por “indivíduo semelhante”.

(49) Porque as pessoas pra se sentirem seguras elas têm que se unir em grupos. Grupos religiosos, grupos políticos, grupos esportivos. Porque a pessoa só se sente segura entre **iguais**. (E43-Peul-Amostra 00)

c) Igual³ (**ambíguo - conjunção**) – Este subgrupo inclui aqueles dados constituídos por *igual* + *a*; formalmente podem ser caracterizados como uma locução prepositiva, funcionalmente são usados para relacionar duas orações com valor de comparação.

(50) Tudo bem que num tentei falar **igual** a eles porque ele não sou né? Eu simplesmente eu fui para (inint). Então eles gostam muito é de... aí é... (E35-Peul-Amostra 00)

(51) deixa eu ver o que mais que tinha na casa dela... olha eu não sei... eu acho que assim... a... a planta da casa o... era **igualzinha** a nossa... (E11-Nurc-Contato)

d) igual⁴ (**conjunção comparativa**) – este subgrupo inclui casos em que *igual* relaciona duas orações, aproximando-as por similaridade; estabelece comparação entre entidades semelhantes. O segundo SN, alvo de comparação, assume a função de sujeito sintático da

segunda oração, constituída a partir da recuperação do verbo da primeira oração. Diferentemente de *igual*³, *igual*⁴ dispensa a preposição. Pode ser parafraseado por “semelhante”.

- (52) Eu tenho eu sou careca aqui em cima que eu arranquei meus cabelo. Eu não sei, sabe? Não sentia dor. (gesticulando) fazia assim, puxava, (hes) arrancava um monte. Me mordi toda, fiquei toda roxa. Por fim eu tive que ir para o hospital, fiquei internada, tive que ficar amarrada *igual* um cachorro ("qualquer") um bicho. (E06-Peul-Amostra 80)
- (53) agora nos quartos tem persiana... dessa persiana comum... porque tem umas bonitinhas de bambu... né... e tem outra dessas assim de plástico... é plástico isso? acho que é plástico... então eh... eh... dessas comuns mesmo né então tem isso aí... agora na... na piscina tem guarda-sol... sabe... *igual* que a gente usa na pra/ barraca de praia... (E11-Nurc-Contato)

e) *Igual*⁵ (**discursivo - marcador**) – este subconjunto engloba os casos em que *igual* sinaliza o início de uma digressão, cuja função é explicar ou exemplificar a informação anterior. Funciona como marcador discursivo.

- (54) F-Eu fui criada aqui, não é? Nasci aqui, aliás, nasci em Madureira. Morava minha mãe já morava aqui. (hes) maternidade era em Madureira; vim para casa. Aí, essa casa estava em construção como está até hoje. ("Já") teve melhorzinha agora, não é? Vamo ver se a casa agora, melhora um pouco.
E- E, você gostaria de se mudar?
F-Não. ("Não") gostaria não, porque eu sou acostumada alguma coisa- é *igual* um casamento. Você casa, acostuma, não é? Mesmo coisa, estou morando num lugar, eu acostumo. Eu gosto daqui. (falando baixo), Muito tranquilo. (E23-Peul-Amostra 80)
- (55) E- Vem cá ! É às vezes eles pegam, assim o pessoal do morro, não é, todo mundo, e leva para um conjunto de casas, não é, assim [como] como aconteceu aí. (hes) Você acha que você ia gostar de morar nessas [casa, assim, lá em baixo!]
F- [Ah, eu não!]. Queria, não!
E- Não? Mas, assim, com água, luz, gás, (criança chora) tudo perto (inint).
F- Não queria, não! Eu acho que eu não queria, não! É muita bagunça demais. Coisa dada, assim, muito. Só vai sair bagunça demais.
E- É?
F- Não quero, não, ("sabe"), muita bagunça. *Igual* lá onde ("sararu"), onde mora o sogro do meu tio. Lá é legal, mas é que a casa- as casas os apartamento são dado. É uma bagunça. É um monte de gente preto na janela fazendo gracinha. É uma bobeira, sabe? (E06-Peul-Amostra 80)

Com base no conjunto das ocorrências identificadas nos *corpora* PEUL e NURC, apresento um quadro com distribuição obedecendo à tipologia proposta:

Quadro 9 - Distribuição funcional de *Igual* – PEUL/NURC

Usos	PEUL	NURC	Total
Igual ¹ -adjetivo-qualificador	26	13	39
Igual ² -substantivo referenciador	1	0	1
Igual ³ - ambíguo - conjunção	24	3	27
Igual ⁴ - conjunção comparativa	35	4	39
Igual ⁵ - discursivo – marcador	3	0	3
Total	89 (81,5%)	20 (18,5%)	109 (100%)

Os usos mais inovadores de *igual* são muito mais recorrentes no PEUL. No caso do padrão discursivo, este somente é empregado por falantes também do PEUL. Ao que parece, o caráter mais popular de *igual* como conjunção comparativa é evitado pelos falantes do *corpus* NURC.

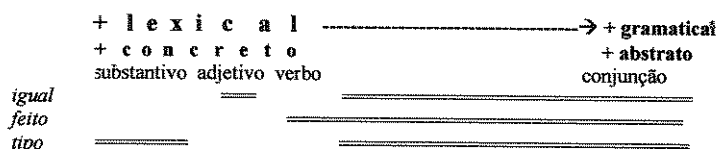
Esses dados serão reorganizados por padrões/usuários no capítulo 5, quando investigarei os usos individuais e possíveis explicações para comportamentos similares entre os falantes.

4. DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS DA PALAVRA *COMO*

Nas seções anteriores, mostrei que as palavras estudadas revelam algumas semelhanças com o uso da palavra *como* no português.

A palavra *igual*, em suas funções, exibe um processamento dinâmico ainda em atuação no século XXI, cujo resultado observável é a convivência de empregos em contextos bastante diferentes, com implicação inclusive categorial (adjetivo e conjunção, por exemplo). O mesmo pode ser observado com os resultados do estudo desenvolvido sobre a palavra *feito*: convivem sincronicamente verbo e conjunção. Na análise da palavra *tipo*, não se demonstrou diverso o resultado da análise: convivem substantivos com conjunções. Pode-se, dessa maneira, postular um ponto de convergência entre os deslizamentos funcionais dessas palavras, conforme exponho a seguir:

Esquema 3 – Deslizamentos funcionais – *igual*, *feito* e *tipo*⁷³



Cada uma delas exibe acepções diversas, mas todas compartilham o fato de poderem exercer a função de conexão oracional. Nesse contexto de uso, passam a competir, como variantes na função comparativa, com a palavra *como*.

4.1 COTEJO COM AS ACEPÇÕES REGISTRADAS EM DICIONÁRIOS E EM GRAMÁTICAS

No latim (Moraes, 1936), a noção de comparação que atualmente é expressa, em português, pela palavra ‘como’ introduzia orações comparativas com verbo no modo indicativo num processo de correlação: *nihil est tam popularis quam*⁷⁴ *bonitas* (nada é tão

⁷³ Não incluí, no esquema, as funções discursivas. A razão para tal exclusão deve-se ao fato de que todos os itens estudados confluem para a categoria juntiva. Posteriormente, cada uma segue sua rota própria de abstratização, sendo que nem todas apresentam dados de categorias discursivas em meus dados. É o que ocorre com a palavra *feito*, por exemplo.

⁷⁴ A partícula *quam* pode ser expressa ou oculta na construção comparativa. Se expressa, levará o segundo membro da comparação para o mesmo caso do primeiro; se oculta, fará com que o segundo termo vá para o

popular como a bondade), ainda que houvesse outras formas possíveis para codificar essa noção, tais como *neque mihi par ratio cum Lucilio est ac tecum fuit* (o caso com Lucílio não é tão fácil como o foi contigo) para indicar tanto semelhança quanto dissemelhança de atributos. Já no latim, era possível estabelecer comparação entre fatos por meio do processo de correlação, tal como ocorre hoje no português (Leoni 1858: 207)⁷⁵.

Quase uma década depois, Koehler (1948) ratifica, em sua pesquisa, o uso de *quam* como uma conjunção prototipicamente comparativa⁷⁶ no latim. Segundo o autor, essa palavra também podia ser combinada a outras, formando pares correlativos que encerravam essa mesma noção de comparação: *tantus...quantus* (tão grande como), *tam...quam* (tão como).

No latim, como em português, registra-se um número considerável de conectores comparativos⁷⁷ nem sempre intercambiáveis num mesmo contexto. Naquele idioma, esses termos eram empregados em contextos análogos, entretanto com nuances semânticas.

Com a dialeção, alguns usos do latim clássico sofreram alterações, como muito bem apresentou Maurer Jr. (1959). Segundo o autor, que não separa comparação de modo, a conjunção mais usual era *quomō (do)*, ilustrada no seguinte exemplo: *Solebat cenare, quomōdō rex*⁷⁸.

ablativo (Camargo, s/d). Esses dois modos foram herdados pelo português: 'mais de cem' ou 'mais que cem' (Coutinho, 1962:285).

⁷⁵ Leoni apresenta os seguintes exemplos de uso: *Assim como a propria sombra foge de quem corre após ella, e vae após de quem della foge, assim a verdadeira gloria desta vida foge de quem a busca, e busca a quem lhe foge* (Heitor Pinto, *apud* Leoni, p.207); e *Ut, quemadmodum gobernatores optimi vim tempestatis, sic illi fortunae impetum superare non possent* (Cícero, *apud* Leoni, p.208).

⁷⁶ Nesse mesmo capítulo, o autor apresenta as formas através das quais a comparação podia ser expressa no latim: a) advérbio relativo *quanto* ou *como* (*hic homo est tam imbecillis como vedes* → este homem é tão fraco como vedes); b) partícula empregada depois dos comparativos (*hic liber longior quam latior est* → este livro é mais comprido que largo); c) com superlativos (*quam citissime* → o mais depressa possível); d) seguido da partícula *pro*, para encerrar a noção de 'do que se podia' + ação verbal (*velocius currit quam pro sene* → corre mais depressa do que se esperaria de um ancião); e) seguidos das particulas *ut* e *qui* (*maior sum quam cui possit fortuna nocere* → sou grande demais que o destino não pode me prejudicar). Dessa forma, as orações introduzidas por 'como' conformavam não somente um quadro de analogia entre duas ações, mas ainda de consecução.

⁷⁷ *ut, uti, sicut, sicuti, tanquam, quasi, velut, ac, atque, quam, perinde ac, perinde ut, non minus quam, non secus ac, quum, quod, quia* (Dicionário Acadêmicos, 1989).

⁷⁸ Documentada na *Cena Trimalchionis* (38,15), na *Vetus*. (Maurer Jr., 1959:168).

Ainda segundo Maurer Jr., as palavras *ut*, *velut*, *quam* foram, aos poucos, substituídas nos usos pela palavra *quomodo*⁷⁹ (como), que se especializou com a noção comparativa prototípica no latim vulgar.

Em lugar de *ut*, desconhecido no latim vulgar, pelo menos em sua fase mais recente, se encontra *como* (quōmōdō), e.g., **altus como una turris* = port. Alto *como* uma torre, fr. *Haut comme une tour*, it. *Alto come una torre*, engad. *Ot sco ûna tuor*" (Maurer Jr. 1959: 205)⁸⁰

Para Almeida (1969: 348), tal redução do uso das várias formas latinas, conjugada à expansão do uso de uma única forma, retrata o fenômeno de convergência vocabular⁸¹. Segundo ele, os falantes promoveram a acomodação fônica da conjunção latina *quōmōdō* (>comodo > comoo > como), gerando uma forma homófona à primeira pessoa do verbo comer (comedo>comoo>como)⁸².

No português, Gonçalves (1954) cita um rol de dezessete maneiras de se empregar a palavra *como*. Nessa lista, *como* já aparece com a grafia assentada⁸³ e em seis nuances peculiares, em que a noção comparativa é nuclear⁸⁴:

- a) preposição: se puder ser substituído por *na qualidade de*, *no caráter de*. Ex.: Andréa é tida *como* a melhor aluna da classe.
- b) conjunção comparativa: se estabelecer relação de analogia entre dois elementos. Ex.: Era alta *como* um poste (é alto).

⁷⁹ Esse uso pode ser observado também tanto em romeno quanto em línguas derivadas do latim vulgar no ocidente (id., p.227)

⁸⁰ Os adjetivos e advérbios com noção comparativa foram formados, em português, a partir de *magis* e *plus* (Williams 1975:23). Na variedade europeia, em textos de escritores, é comum, segundo Coutinho (1962:285), comparativos como *mais grande* ou *menos pequeno*, diferentemente do que ocorre na variedade brasileira.

⁸¹ O autor exemplifica com a convergência de *sum/sanctus/sanus* > são e *quomodo/comedo*>como. Ele parte de exemplos do latim clássico e mostra que, no processo popular de formação do português, ocorrem transformações variadas. Mostra que a conjunção latina *quōmōdō*⁸¹ (> comodo > comoo > como) gerou uma forma homófona à primeira pessoa do verbo comer (comedo>comoo>como). Coutinho (1962), discutindo o assunto, afirma que, ao lado de *como*, existiu na fase arcaica do português *come* <*quomodo* + *et* e *coma* < *quomodo* + *ac*. Em relação especificamente à palavra *como*, propõe o seguinte *continuum* evolutivo: *quomodo* > *quomo* > *como*.

⁸² Segundo Silveira Bueno (1963:243), no português arcaico é possível encontrar a conjunção *coma* (=como a), aliás muito freqüente em Gil Vicente.

⁸³ Em Leoni (1858), encontram-se discussões sobre a grafia da palavra *como*. Pela preocupação do autor, percebe-se que, à época, formas divergentes concorriam. A grafia *quomodo*, considerada a mais correta para o autor, portanto a de mais prestígio, passa nessa época por uma variação de uso gráfico em que duas formas concorriam *quomodo/como*. A primeira, eleita pela minoria e a segunda, a mais recorrente. Há discussão sobre esse tema também em Silva Neto (1957).

⁸⁴ Os exemplos apresentados pelo autor são, respectivamente, os seguintes: a) preposição: Múcio é tido como o melhor aluno da classe; b) conjunção comparativa: A nossa última empregada era pálida como cera; c) conjunção correlativa: Ele estudou tanto como sua prima; d) aproximativa ou aditiva: Tanto Dilma como Ada farão bom exame; e) locução conjuntiva: apresenta somente o rol de locuções (assim como, bem como, visto como, etc.); f) palavra expletiva: Santos Dumont foi julgado como sábio e como herói. (Gonçalves, p.205).

- c) conjunção correlativa: se estabelecer relação de analogia em correlação com a palavra *tanto*. Ex.: Sebastião estudou tanto *como* a Vânia (estudou).
- d) conjunção aproximativa ou aditiva. Ex.: tanto Cristina *como* Angélica inscreveram-se para o exame.
- e) locução conjuntiva. Ex.: assim *como* Malu, Nilza viajou na Páscoa.
- f) palavra expletiva: se puder ser excluída sem prejuízo do sentido. Ex.: Collor foi condenado *como* político e (*como*) cidadão.⁸⁵

Em Carneiro Ribeiro (1957), há notícias de que a palavra *como* assumia tanto a noção circunstancial de modo quanto de causa, relação que podia ser expressa, também, pela locução conjuntiva *como quer que*.

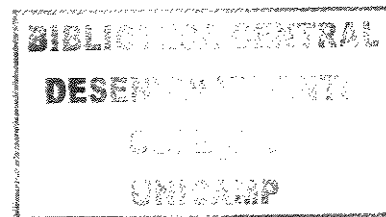
Até aqui, mostrei que a palavra *como* tem origem adverbial e, provavelmente, pela mobilidade típica dessa classe gramatical, assume função de conector oracional, mantendo sua função adverbial de indicar circunstância. Sua função conjuntiva, reconhecida em toda a bibliografia consultada, é aproximar dois elementos em circunstância modal comparativa; mas, em alguns casos, pode também assumir a função causal.

Para rastrear os registros cultos de meados do século XX até o presente momento, consultei manuais e gramáticas que pudessem agregar a este trabalho informações sobre a ampliação de sentidos constatada nas funções atuais da palavra *como*, quais sejam: Melo (1959), Quadros (1966), Cegalla (1971), Luft (1978), Cunha (1982), Cunha & Cintra (1985) e Bechara (1992). A escolha dessas obras e não de outras deve-se ao alto número de tiragem de exemplares e, portanto, à sua infiltração nas escolas enquanto manual de consulta por todo o Brasil. Para as informações sobre o português culto do século XXI, consultei a gramática considerada pela Academia como a mais recentemente revista e ampliada, bastante utilizada como referência no campo de pesquisas científicas neste início do século XXI, ainda que publicada em fins do século XX. Refiro-me a Bechara (1999).

Recorrer apenas aos dicionários não me permite refazer o itinerário de mudanças com base num modelo funcional, haja vista que neles encontro apenas a intersecção dos módulos semântico e sintático para interpretação, a despeito da relevância do módulo pragmático.

Isso posto, há a necessidade de um quadro-resumo, proposto como forma para mostrar os usos aceitos pela norma culta em cada época. Sugiro cautela na análise dessas informações, por dois motivos: a) até fins da década 70, uma vala considerável separava

⁸⁵ Os exemplos *a* e *f* são muito próximos. Ao que parece, distingue-os o tipo de verbo empregado. No último verbo, integra a estrutura um verbo transobjetivo.



língua falada⁸⁶ – considerada celeiro das novidades e incorreções – de língua escrita, que era tida como modelo para a primeira nas escolas; b) muito do que se apresenta como exemplos nas gramáticas, mesmo após a década de 70, provém de textos literários, nem sempre produzidos por brasileiros.

Da leitura dos autores consultados⁸⁷, nota-se pequena variação quanto às noções vinculadas à palavra *como*:

Quadro 10 - As funções de *como* nas Gramáticas

	Melo 1959	Quadros 1966	Almeida 1966	Cegalla 1971	Luft 1978	Cunha 1982	Cunha 1983	Cunha & Cintra 1985	Bechara 1992	Bechara 1999
Aditiva		não só... como, tanto... como, assim... como	tanto... como, assim... como, não só... como	como também, bem como						
Integrante		como		como	como					
Causal	Como	como, visto como	como, visto como	como	visto como, como	visto como, como	visto como, como	visto como, como	como, visto como	como, visto como
Comparativa	assim como... assim	tão... como, não só... como, tanto... como	não só... como, tanto... como, tão... como	como, assim como, tal... como, tão... como, tanto... como	como, tal como	como, assim como, bem como	como, assim como, bem como	como, assim como, bem como, como se	Como, assim... como, tal... como, assim como, tanto... como,	Como, assim... como, tal... como, assim como, tanto... como, tão... como
Conformativa		como	como	como	como	como	como	como	como	Como

⁸⁶ Razão suficiente pela qual os fenômenos de fala não eram incluídos.

⁸⁷ Não se pode esquecer que, com o advento da NGB, houve a uniformização e simplificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959), que desencadeou um enxugamento dos rótulos correntes, sacramentando estas orações adverbiais: causais, comparativas, concessivas, condicionais, consecutivas, finais, temporais, proporcionais e conformativas. Constituíam, em 1958, a comissão da NGB: Antenor Nascentes, Clóvis do Rego Monteiro, Cândido Jucá Filho, Carlos Henrique Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha.

Modal	como se, como				como					
-------	------------------	--	--	--	------	--	--	--	--	--

Melo (1959: 112) propõe a distinção entre a oração correlativa comparativa de igualdade e a subordinada modal comparativa. Segundo o autor, nesta “não há dois termos e a comparação é explicativa”, denotando o modo. A paráfrase efetivada nesses casos é “do mesmo modo que” e “segundo”. Com o conector “como”, há ainda o processo sintático correlacional (*assim como...como*) para a construção do sentido comparativo⁸⁸.

Uma década depois, Quadros (1966: 279) indexa a palavra *como* tanto ao conjunto dos conectores coordenativos quanto ao conjunto dos subordinativos num leque mais amplo de sentidos. Provavelmente, a idéia de coordenação advenha da impossibilidade de se alterar a ordem da oração comparativa, comportamento sintático destoante do conjunto das orações subordinadas adverbiais.

Uma novidade aparece em meados da década de 70, quando Luft (1978) descreve as classes de palavra que podem integrar a palavra *como*. Nessa perspectiva, afirma que essa palavra funciona às vezes como preposição (correr como o diabo da cruz – p.154), como parte de uma interrogação indireta e como um pronome relativo sem antecedente (não tem [maneira] como reagir). As diferenças, contudo, entre o uso original e os usos descritos por Luft são tênues, já que as categorias originais – advérbio e conjunção comparativa – são facilmente defensáveis como possibilidades de interpretação nos usos mais recentes. Daí talvez a manutenção de uma classificação tradicional na maioria dos manuais e gramáticas.

Tal posição tradicional é percebida em Cunha (1983), ao defender que, na acepção comparativa, a conjunção *como* é sempre correlativa. Segundo ele, quando aparece sozinha, pode-se ‘facilmente’ subentender a palavra “tal” na primeira oração. É óbvio, pelo que mostrei até o momento, que, em se tratando de deslizamentos sintático-semânticos, nenhuma interpretação é tão tranqüila para toda a comunidade como afirma o ilustre gramático. Essa falta de convergência entre os gramáticos pode ser ilustrada pela aproximação entre comparativa e adjetiva, feita por Bechara (1999). Afirma que as

⁸⁸ Como mostrei anteriormente, alguns autores apresentam essa correlação associada à comparação de fatos.

comparativas “guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente” (p.473). Mais do que simples divergências, há pressupostos diferentes.

Ainda Bechara (1992, 1999) não seleciona os mesmos critérios para análise de um conjunto. A título de exemplo, tomemos as explicações sobre algumas orações subordinadas. Enquanto a ordem (critério sintático) explica o comportamento das causais⁸⁹, o significado (critério semântico) faz o mesmo com o das comparativas⁹⁰. Essa desigualdade de tratamento deve-se às especificidades comportamentais dos elementos focalizados, entretanto, não se justifica para a análise que vise traçar o itinerário de mudanças. Este somente pode ser conhecido por meio de um tratamento algorítmico que proporcione uma visão de conjunto sob um mesmo grupo de critérios exaustivamente correlacionados.

Uma questão interessante concerne à locução *como se*. Em Melo (1959: 112), a locução conectiva *como se* é explicada como resultante da elisão de um verbo que configura uma oração **como** em seu formato “modal” mais aceito:

Bramindo o negro mar, de longe brada

Como [bradaria] se desse em vão nalgum rochedo (Camões, Os Lusíadas, V, 38)

É a primeira notícia⁹¹, nos compêndios, sobre a locução conjuntiva *como se* e, ao que parece, a emergência dessa locução pode ter seguido uma alteração inaugurada na língua falada:

- > inicialmente, o verbo entre *como* e *se* era explicitado, desencadeando interpretação de duas orações subordinadas na cadeia de fala;
- > para evitar uma repetição desnecessária, o falante elide o verbo, aproximando duas conjunções (tal elisão não é sentida pelo ouvinte na cadeia interpretativa, pois este recupera a informação no contexto anterior de fala);

⁸⁹ Cita que as causais diferenciam-se por apresentarem-se categoricamente antepostas às orações principais.

⁹⁰ Segundo o autor, as orações comparativas introduzidas por *assim como* apresentam valor assimilativo e as que se relacionam por meio de *tão...como* denotam valor quantitativo.

⁹¹ A noção comparativa hipotética, no latim, era construída com o verbo no modo subjuntivo: *Parvi enim primo ortu, sic iacent, tamquam omnino sine animo sint* (as crianças, logo que nascem, conservam-se em repouso, como se não tivessem alma), sinalizando por essa alteração o novo sentido desencadeado.

- > mais tarde, essa recuperação de informação torna-se opaca para os falantes mais jovens e, ao mesmo tempo, é condenada pelos mais velhos;
- > pela recorrência da nova estrutura, vislumbra-se a possibilidade de uma nova locução conjuntiva.

Essa alteração, ainda que hipotética, é plenamente plausível, haja vista os comentários de Almeida (1966) e de Bechara (1999). O primeiro defende que, nessa estrutura, duas noções são observadas, pois a locução *como se* é resultante da aproximação de uma conjunção conformativa *como* (com verbo subentendido no futuro do pretérito) e uma conjunção condicional *se*. Já Bechara (1999:495) argumenta que a comparação hipotética é uma possibilidade de interpretação e garante que os gramáticos, em sua maioria, preferem o desdobramento em duas orações: a primeira, comparativa e a segunda, condicional. Para o autor, a locução *como se* tem equivalência em **como a + infinitivo**.

Para o primeiro autor, a hipótese de que estão presentes de forma perceptível e inconfundível duas noções é defendida; já, para o segundo autor, o quadro de divergência entre as análises propostas é o que impera. Esse conflito argumentativo ao mesmo tempo em que ilustra um problema no tratamento de dados diacrônicos (que impedem, invariavelmente, uma análise calcada no falante e na situação de uso), justifica a metodologia adotada, pois, com o rastreamento de informações nas várias gramáticas, pode-se perceber que paulatinamente novas relações de sentido vão se estabelecendo diacronicamente no uso e na norma, mascaradas muitas vezes pelos rótulos de corretas e de excepcionais no decorrer do século XX.

Nos dicionários, ficam registradas as várias acepções que *como* foi assumindo no decorrer dos tempos. Em Houaiss (2001: 772), por exemplo, há a explicação da mudança formal de *quōmōdō* para *como*⁹²: processo de lexicalização do sintagma *quo modo*, que se traduzia na expressão “de que modo”, em que o ablativo masculino singular ‘quo’ une-se ao ablativo de ‘modus’. Sincronicamente, esta palavra é empregada na função de três categorias: advérbio (circunstância), pronome/conectivo (circunstância⁹³) e conjunção

⁹² O primeiro registro da forma *como* no português aparece, ainda segundo esse autor, em documentos do século XIII, nas categorias de advérbio e de conjunção.

⁹³ Exemplifica esse uso ambíguo: Este é o modo como tratamos nossos amigos.

(causa, conformidade, proporção, condição-hipotética, comparação, integrante, coordenada⁹⁴).

Nota-se um caminho não-linear e único que desenha a multifuncionalidade de *quōmōdō*. Em alguns pontos do deslizamento funcional da palavra no português, várias noções emergem, tais como a de analogia e de consecução. Nem sempre, contudo, os limites entre as noções são discretos. Ao contrário, constituem-se pontos nebulosos marcados pela ambigüidade⁹⁵.

Todos os itens analisados no padrão funcional juntivo comparativo (*tipo, feito, como e igual*) exigem que pelo menos dois elementos relacionem-se pela atividade de cotejo processada pelo falante. Um ou mais atributos/características repetem-se nos elementos relacionados (constatação pelos sentidos) permitindo uma aproximação e a constatação de igualdade, de desigualdade ou mesmo de conformidade, que é codificada lingüisticamente (aproximação sintática).

Com a palavra *igual*, há a busca pelos atributos/características semelhantes. Com *tipo*, há a identificação de série, espécie (um macro-conjunto cujos elementos são membros com traços que se repetem de forma semelhante); mais recentemente, *tipo* pode delimitar ou aproximar idéias como resultado dessa mesma atividade de cotejo num período complexo. *Feito*, originalmente forma nominal do verbo *fazer* (particípio passado), tem a capacidade histórica de funcionar como adjunto⁹⁶. Essa peculiaridade torna possível aproximar dois elementos por traços/atributos que se repetem. Por conseguinte, torna-se pertinente falar em processamento de base comparativa como consequência do uso de alguns padrões funcionais das formas *como, feito, igual e tipo*.

As consequências desses deslizamentos para o ensino de língua portuguesa constituem uma questão que merece ser discutida. É certo que os registros feitos nas gramáticas sobre os usos da norma culta acabam por nortear o conteúdo a ser ensinado na

⁹⁴ Pelo processo sintático da correlação, estabelece a noção de adição.

⁹⁵ A ambigüidade cria contextos próprios para a reanálise.

⁹⁶ Segundo Mattoso Câmara (1998, p.187), participios exprimem o processo verbal ao mesmo tempo em que funcionam como adjunto de um substantivo.

escola, ou seja, as conjunções transmitidas como corretas pelos professores são mantidas a todo custo na língua escrita, uma vez que a escola é o lugar da norma culta.

Facilmente se observa a transmissão dessas idéias nos livros escolares, cujos autores fundam seus capítulos orientados pela leitura dos preceitos gramaticais. No livro didático de Faraco & Moura⁹⁷ (1992), para citar um exemplo, a palavra *como* aparece distribuída entre as noções causal, comparativa e conformativa, exatamente na mesma ordem apresentada por Bechara.

Uma investigação importante para compreender os movimentos da língua seria saber se a normatividade veiculada pela escola é capaz de impedir a transmissão de usos inovadores da modalidade falada para a escrita. Essa questão será tratada no capítulo 5.

Feita a descrição dos padrões funcionais das palavras *feito*, *igual* e *tipo*, passo, agora, a apresentar a hierarquização dos usos da palavra *como*.

4.2. HIERARQUIA DE USOS DE *COMO*

Baseada nos usos recorrentes identificados nos *corpora* PEUL e NURC e também nas entradas de dicionários, proponho uma hierarquia dos padrões funcionais de *como*, conforme segue.

a) Como¹(**advérbio de modo**) - este subconjunto engloba empregos adverbiais de *como*. A paráfrase “do modo que” é possível em frases declarativas e “de que modo” nas frases interrogativas.

(56)E cortasse aquele cabelo! Eu achei aquele cabelo ridículo. Assim melhorou, mas **como** estava antes estava ridículo. (E63-Peul-Amostra 80)

(57) por acaso eu estava procurando um programa e parei, eu gosto muito de de (...) dança... era, eles estavam passando um festival da... **como** é que é aquilo... uma fita do último festival de dança de Curitiba e era o festival de dança folclórica, com todas as etnias do Paraná, quer dizer, muito, é uma coisa muito linda, né? (347-Nurc-Recontato)

b) Como²(**ambíguo – advérbio de modo/conjunção**) – este subgrupo de dados apresenta *como* numa função ambígua: ao mesmo tempo em que é advérbio da oração subcategorizada por verbo transitivo direto, é conjunção que liga as duas orações. A

⁹⁷ O livro de Faraco e Moura é rotulado de gramática, ainda que seja uma ressonância dessa em sala de aula.

oração principal apresenta um verbo de atividade mental, de atitude ou de estado. É parafraseável por “de que modo”.

- (58) a pessoa pensa só que vai sê feliz, que vai tê saúde (inint) nun pensa no amanhã, num pensa se ela morrê **como** é que vai ficá a família, né? (E63-PEUL-Amostra00)
- (59) De um lado bom também, você veja a Medicina, tudo **como** progrediu. Não é possível que não haja uma solução pra uma coisa relativamente simples, é ou não é? (E347-NURC-Recontato)

b) Como³ (**preposição**) – este grupo inclui ocorrências prepositivas de dois tipos: exemplificativa propriamente dita e pseudocomparativa. No primeiro caso, *como* desempenha função de introduzir exemplos ou de enumerar elementos em cadeia exemplificativa. Antecede-o um SN indefinido, ou seja, de referência não-especificada. Pode ser parafraseado pela expressão “por exemplo” ou “qual seja”.

- (60) É o mal do século. A televisão, por incrível que pareça, ela é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ela instrui a uma criança em programas bons **como** o (ruído) sítio do pica-pau amarelo, ela também passa, toda noite, um filme de violência. (E48- PEUL - Amostra 80)
- (61) Então você diz se tem ou não tem, você, ela te põe numa cadeira e, e você pode fazer a opção se quer só o corte, se quer lavagem também além do corte ou algum, por exemplo massagem, uma outra coisa **como** massagem. (E96- NURC -Contato)

O segundo conjunto de dados assemelha-se formalmente às comparativas por relacionar dois elementos, que, na verdade, constituem uma única entidade, o que configura casos de pseudocomparação. O segundo elemento é um pronome demonstrativo que sinaliza o seu valor endofórico (o alvo de comparação é retomado - anafórico) ou exofórico (o alvo de comparação é uma informação compartilhada ou pressuposta).

- (62) Não tá ai, saiu pra procurar emprego, tá desempregado, o filho maior... ai dizendo que um dia eles comem, passa dois, três, cinco meses sem ter o que comer. Ah, numa terra rica **como** essa não é possível ! É todo mundo a roubar.(E33- PEUL -Amostra 00)
- (63) Se você sai do centro de Tóquio e começa a andar pelos arredores... você vai ver uma situação de habitação muito... muito precária... eles vivem muito precariamente... acho impressionante como as casas são desconfortáveis e como são ruins... viu? você vê gente de... de boa... de boa situação social e econômica vivendo em condições péssimas... quer dizer... uma casa **como** essa...(E233- NURC-Contato)

Um subconjunto⁹⁸ de preposição sinaliza uma restrição (o falante precisa estabelecer um recorte de função/papel que será focalizado), permite formalmente uma leitura conjuncional

⁹⁸ Este subconjunto reúne exemplos ambíguos de advérbio/conjunto e de preposição/conjunção.

(dois elementos são incluídos numa estrutura sintática em que o verbo pode ser compartilhado). Uma paráfrase possível é “na qualidade de”.

- (64) um colega de trabalho que trabalha comigo que ele tem vinte anos de casa e num progrediu, de tê uns dez anos no mesmo lugar. entendeu? então ele deve ter entrado **como** arquivista, sei lá e progrediu um pouco mais e ficou naquilo, não chegou a chefe [de]... da chefia nem nada. (E63- PEUL -Amostra 00)
- (65) Creio que ainda existe com esse nome, aqui na rua Voluntários, entre Sorocaba e D. Mariana, que era uma papelaria, vendia alguns livros como antigamente, também as papelarias tinham esse, acho que esse aspecto mais nítido, **como** menina naturalmente eu tava interessada na papelaria e na confeitaria, não, o resto (E133- NURC -Recontato)

d) Como⁴ (**conjunção**) – este conjunto inclui casos em que *como* assume a função de conectar orações. É um item particularmente polissêmico sinalizando as relações de conformidade, causalidade, comparação e, em alguns casos, ligando dois constituintes, a exemplo do que ocorre numa oração coordenada aditiva. Essas noções são exemplificadas, respectivamente, a seguir.

- (66) o espaço da cidade, não é mais o mesmo, é um espaço, violento né, então você já não pode bater perna na rua, **como** você batia e o Rio de Janeiro é uma cidade adorável pra você bater perna né. (E11- NURC - Recontato)
- (67) Por enquanto não, mas agora, **como** tá tudo facilitado, (“tem”) as minhas crianças (inint) mais importante, que agora tá todo mundo na idade ideal. (E23- PEUL -Amostra 00)
- (68) Não, só um café, ou, às vezes um suco uma coisa, mas, não, não precisa né, já tem bastante, não tem lanche assim **como**, antigamente tinha, punha a mesa pra tomar lanche quando eu era criança, punha-se a mesa pra tomar lanche. (E02- NURC - Recontato)
- (69) Porque eu acho que não existe diferença entre a criação de uma mulher e de um homem. Eu acho que os princípios morais *tanto* são feitos para mulher **como** são feitos para o homem. (E43- PEUL -Amostra 00)

e) Como⁵ (**discursivo - marcador**) – este subgrupo inclui os enunciados em que *como* é usado para sinalizar a inclusão de subtópico sobre o qual o falante discorrerá, de uma autocorreção ou, mesmo, para sinalizar a manutenção do turno conversacional. Essas funções são exemplificadas, respectivamente, a seguir.

- (70) F- Acho que tem padre por aí que tem algum caso, não é? (rindo) Qual o padre que vai rejeitar?
E- Você mudaria o quê mais assim nesse-
F- Ah, não sei! deixa eu ver! Ah, **como** eu- eu já tive pensando um negócio: eu ia botar um- tem time de futebol, não é? Penso logo em futebol! as mulheres também iam jogar! (E23- PEUL -Amostra 80)
- (71) Dificilmente, talvez, um buraco, amigo, com parentes, com minha sogra, que tá velhinha, oitenta e oito anos e tal, eu vou lá, mas, realmente não, não sou chegado. Já

freqüentei, **como** diz, já viajei nesses países aí, da América do Sul (E52- NURC - Recontato)

(72) Eu acho que (pausa) que: essas pessoas aí tinham que parar com isso e: esse negócio aí estimula a pessoa a ter mais... é... **como** se diz... estimula as pessoas a: ser mais, ter mais, é... entusiasmo, esse negócio assim. (E33- PEUL -Amostra 00)

Esses padrões de uso estão distribuídos nos *corpora* PEUL e NURC da seguinte maneira:

Quadro 11 - Distribuição funcional de *como* – PEUL/NURC

Usos	PEUL	NURC	Total
Como ¹ -advérbio de modo	230	55	285
Como ² -advérbio/conjunção	59	53	112
Como ³ -preposição – exemplificativa/restritiva	98	63	161
Como ⁴ -conjunção	288	172	460
Como ⁵ - discursiva – marcador	42	12	54
Total	717 (67%)	355 (33%)	1072 (100%)

Dentre as palavras investigadas, *como* é a mais recorrente nas várias funções. Em sendo o *corpus* PEUL maior do que o NURC, os números brutos permitem afirmar que preposições exemplificativas são mais recorrentes entre os falantes com curso superior. Cabe-me, no entanto, saber se os falantes do PEUL com características similares também empregam essas preposições. Para essa análise e outras, como, por exemplo, a distribuição de usos conjuntivos e preposicionais/juntivos, é preciso reorganizar os dados, o que farei no capítulo 5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, mostrei que todas as quatro palavras analisadas apresentam semelhanças e também diferenças importantes quanto aos deslizamentos funcionais compreendidos.

Durante a análise desses deslizamentos funcionais, alguns problemas se apresentaram. O primeiro diz respeito à categorização das palavras: nem sempre houve limites claros entre os diferentes *types* de cada palavra. Isso justificou a inclusão de categorias ambíguas.

O segundo problema refere-se ao tamanho dos *corpora*. Analisei um total de 1.518 ocorrências, sendo 1.009 delas provenientes do *corpus* PEUL e 509, do *corpus* NURC. Se

ignorarmos, por um momento, os diferentes usos dos itens investigados, o conjunto das ocorrências por item lexical analisado apresenta-se semelhante. Contudo, se levarmos em conta os diferentes *types*, então diferenças importantes entre o comportamento dos falantes do NURC e do PEUL apresentam-se. Este aspecto será discutido no capítulo 5.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DIACRÔNICA

INTRODUÇÃO

Na análise de qualquer fenômeno em mudança, não se pode desprezar o recuo no tempo. Esse distanciamento temporal pode, muitas vezes, explicar muito do que já ocorre sincronicamente, mas que não pode ser percebido com nitidez; além disso, favorece a compreensão da direção assumida pela mudança.

Esse recuo pressupõe duas tarefas ao observador: a consulta a manuais, dicionários e gramáticas a fim de observar os padrões aceitos pela norma e eventuais desvios indicados, como fiz no capítulo 3; e a constituição de um *corpus* que favoreça a observação de usos em tempo real, como faço neste capítulo. Esta última tarefa somente pode ser levada a cabo com documentos escritos por meio dos quais será possível recolher indícios sobre boa parte da trajetória do fenômeno analisado e, com isso, ratificar os deslizamentos funcionais observados sincronicamente.

Nas seções seguintes, realizo um estudo baseado na quantificação de *types/tokens*, apresento um exemplário diacrônico e analiso o resultado da distribuição observada para cada função das palavras *tipo*, *igual*, *feito* e *como*.

É importante esclarecer que os padrões funcionais continuam identificados por números sobrescritos após o item estudado (por exemplo: *tipo*¹), mas a ordem em que esses padrões são apresentados neste capítulo respeita a ordem de aparecimento cronológico.

4.1 TRAJETÓRIA E FREQUÊNCIA DE USOS

Partindo do inventário de usos das palavras *tipo*, *igual*, *feito* e *como*, o qual já pressupõe as relações funcionais no texto, procedo à quantificação de *types* (quais padrões

foram identificados) e *tokens*⁹⁹ (frequência de ocorrência de cada *type*) no percurso diacrônico do século XIII ao XX. Apresento, assim, os deslizamentos funcionais sofridos pelos itens analisados, com vistas à apreensão da evolução histórica, no período citado, por meio da estatística lexical de *tokens* e *types*.

A. DIACRONIA DE TIPO

Quadro 12 – *Types/tokens* de tipo

Séculos	Types	Tokens	Exemplos ¹⁰⁰
XVII	tipo ¹ (substantivo referenciador)	2	(73), (74)
Total	1	2	
XIX	tipo ¹ (substantivo referenciador)	2	(75), (76)
	tipo ² (substantivo classificador)	2	(77)
Total	2	4	
XX	tipo ² (substantivo classificador)	7	(78)
	tipo ³ (preposição exemplificativa)	2	(79)
Total	2	9	

a) Tipo¹ (**substantivo referenciador**) – é um uso pouco recorrente nos documentos mais recentes da língua portuguesa¹⁰¹, especialmente se marcado com o traço [-humano].

(73) Bem conhecem os **tipos** de França. - Cartas de Dom Francisco Manoel, Cartas familiares escritas a varias pessoas sobre assumptos diversos. Roma, por Felipe Maria Manciana, 1664, pag.491, *apud* Bluteau (Cartas – XVII)

(74) Ficou **Typo** da Igreja. In: Dom Fernando Correa de Lacerda. Vida da Princeza D. Sãta Joanna, pello Bispo do Porto, Lisboa, por Miguel Manescal, anno 1680, pag.4 (Narrativa da vida de nobres – XVII)

(75) Os pontos mais difíceis do programma, taes como os que se referem á Prehistoria, aos primeiros **tipos** sociaes, á sciencia da historia, da qual se deduzem os dados cosmologicos, physicos e psychologicos, foram tratados com toda a proficiencia e orientação didactica pelo *Senhor*. Annibal Mascarenhas que, sem resfolhos, explanou estes variados assuntos de modo a facilitar sua comprehensão a todas as intelligencias. *A Bomba*, 10 de outubro de 1894 (Anúncio de jornal - XIX)

⁹⁹ Como esclareci no capítulo 2, *token* estatisticamente remete à frequência de ocorrências para cada *type* (por exemplo, tipo¹, diacronicamente, apresentou apenas uma ocorrência-*token*). *Type*, por sua vez, refere-se à frequência por tipo de padrão funcional identificado (quantos padrões de uso existem para cada palavra analisada; por exemplo, a palavra *tipo* apresenta, sincronicamente, 6 *types*: tipo¹, tipo², tipo³, tipo⁴, tipo⁵ e tipo⁶). Nesta tese, refiro-me ao rótulo *padrão funcional* como sinônimo de *type*.

¹⁰⁰ Nesta coluna, aparecem os números que referenciam os exemplos de cada *type*.

¹⁰¹ Encontrei, a título de curiosidade, uma sequência de dois dados no *Corpus* Informatizado da Unesp-Ar, em texto específico: “Parece algo entre um mictório e uma capela. Um homem está urinando. É um **tipo** claro, de óculos escuros. **Tipo** de grande cidade. No outro lado vê-se R. ajoelhado religiosamente. Quando o homem termina e está abotoando as calças começa a falar sem sair do seu lugar. Fundo musical de Bach.” (CCILD.DOC - peça teatral). Isso pode ser um indício da permanência desse uso de tipo em trechos descritivos de textos narrativos de ficção.

(76) Officina de Obras. Estando completamente montada com machinas modernas e grande variedade *de tipos* a nossa OFFICINA DE OBRAS, inteiramente separada das do “Jornal”, achamo-nos habilitados a satisfazer qualquer encomenda, encarregando-nos da impressão de jornaes, e de qualquer trabalho typographico dos mais importantes e por preços moderados. ... *Jornal do Brazil*, 02 de julho de 1891 (Anúncio de jornal – XIX)

b) Tipo² (substantivo classificador)

(77) Corpo de Bombeiros. Recebem-se propostas, até o dia 3 de Outubro proximo vindouro, ás 11 horas da manhã, para a compra de 150 capacetes iguaes ao **tipo** existente na estação central, sita á praça da Acclamação número 41, onde se informa acerca das condições do fornecimento. *Jornal do Commercio*, 01 de outubro de 1881 (Anúncio de jornal - XIX)

(78) Finalmente| você não tem | mais que usar | um sabão em pó| diferente para cada | **tipo** de roupa. |||Basta usar o Ariel específico para o seu **tipo** de máquina.|| A fórmula de Ariel Máquina frontal | tem o controle correto de espuma para deixar as roupas muito mais limpas também neste | **tipo** de máquina. Com Ariel, lavar roupa evoluiu tanto que você não precisa mais usar | um sabão diferente para cada **tipo** de roupa. *Revista Cláudia*, ano 38, 0 6. 06.99 (Propaganda comercial – XX)

c) Tipo³ (preposição exemplificativa)

(79) Estivemos juntos em vários lugares, **tipo** reveillon na casa de Jorge Amado, eu com Fernando e Tom com Ana, sua segunda mulher. (Revista Feminina – Entrevista -XX)

A ordem de aparecimento de cada um dos padrões funcionais no *corpus* diacrônico ratifica a hierarquia dos valores identificados sincronicamente no capítulo anterior. Naquele capítulo, contudo, havia duas outras funções que não apareceram aqui: discursivo (marcador e delimitador aproximativo). Parece plenamente defensável que são padrões presos à conversação, uma vez que desempenham as funções de sinalizar a imprecisão da informação codificada pelo falante (delimitador aproximativo) ou de organizar subtópicos (marcador).

B. DIACRONIA DE FEITO

Quadro 13 – *Types/ tokens* de feito

Séculos	Types	Tokens	Exemplos ¹⁰²
XIII	feito ¹ (predicador verbal)	14	(80), (88)
	feito ² (substantivo referenciador)	7	(95)
Total	2	21	
XIV	feito ¹ (predicador verbal)	34	(81), (89)
	feito ² (substantivo referenciador)	18	(96)

¹⁰² Nesta coluna, aparecem os números que referenciam os exemplos de cada *type*.

Total	2	52	
XV	feito ¹ (predicador verbal)	36	(82), (90)
	feito ² (substantivo referenciador)	6	(97)
	feito ³ (adjetivo qualificador)	2	(102)
Total	3	44	
XVI	feito ¹ (predicador verbal)	19	(83), (91)
	feito ² (substantivo referenciador)	1	(98)
	feito ³ (adjetivo qualificador)	2	(103)
Total	3	22	
XVII	feito ¹ (predicador verbal)	37	(84), (92)
	feito ² (substantivo referenciador)	5	(99)
	feito ³ (adjetivo qualificador)	13	(104)
Total	3	55	
XVIII	feito ¹ (predicador verbal)	40	(85), (93)
	feito ² (substantivo referenciador)	2	(100)
	feito ³ (adjetivo qualificador)	1	(105)
Total	3	43	
XIX	feito ¹ (predicador verbal)	31	(86), (94)
	feito ² (substantivo referenciador)	3	(101)
	feito ³ (adjetivo qualificador)	1	(106)
Total	3	35	
XX	feito ¹ (predicador verbal)	3	(87)
	feito ⁴ (conjunção)	1	(107)
Total	2	4	

a) Feito¹ (**predicador verbal no particípio**) – Os usos na voz ativa não aparecem nos documentos do século XX.

- (80) E as sentenças que os prelados e os clérigos poserẽ e subre estas cousas seyã ben teudas ata que a enmẽda *seya feyta* e quando a enmenda for *feyta*, a sentença seya logo tollecta. (XIII)
- (81) E quando a oraçõ for acabada deue elle meesmo a aseentar a primeyra pedra e poer sobr'ela hũa cruz e sobre aquela pedra deue a *seer feyto* o altar (XIV)
- (82) E chamou Deus a este firmamento ceceo, porque cobre totalas cousas, e *foi feita* vespera e manhã dia segundo (XV)
- (83) e como tal não poderão deyxar de achar todos os mesmos pontos vniformemente *sendo* os instrumentos **feitos** com igual perfeição para se introduzir o uso della ficarão obrigados os pilotos... (XVI)
- (84) E appelladas pello ouuidor Antonio dandrade caminha, que antaõ era a quem *foi feito* o aggrauo e rizistencia mandei uir as culpas e carta de seguro por linha cõ o mais pera uer (XVII)
- (85) Faso saber aos q'esta minha Carta de dadas de terra de Sesmaria virem e o conhecimento della com direito pertenser em como a mim me *foi feito* esta pitisão (XVIII)
- (86) O serviço *será feito* com promptidão, asseio e modicidade de preço. (XIX)
- (87) A nova linha Starflon Tramontina *foi feita* para as pessoas que gostam de cozinhar, mas não gostam de lavar panelas. (XX)

- (88) ...mas é daquelles que a sua vida e a sua lidice é senpre em penintencia, pela qual lhes vem gram bem para o outro mundo e perdoa Deos a aquelles que erro *ouverom feito* contra elle. (XIII)
- (89) E esto que quer Deus he con muy grã rrazõ por que o torto que o hom~e rreçebe nõ no pode saber ata que *feyto* o *aia* e depois que o ssabe ha ende pessar corporalmete segundo o corpo e spiritalmete següdo a uõontade. (XIV)
- (90) E entom roguei aaquela donzela mui homildosamente que me acorresse com sua ajuda; mas ela me disse que o nom faria, porque eu lhe *havia feitas* tantas enjúrias com sua immiiga mortal, que é a gargantoice. (XV)
- (91) pedem a Vossa Alteza que lhe perdoe os ditos cinco anos que tem por servir ou lhe mande pagar as obras que lhe ele *tem feito* no seu Colegio nos ditos cinco anos. (XVI)
- (92) Robellio diaz morea nomeado por natural f.^c erd.^c para gozar das onras e (...) e ser erdr.^o do que sua mag.de me *ha feito*, que não fallta quem sirua a sua mag.^{de} (XVII)
- (93) E quando nos parecia que seria o unico que passasse bem veio-lhe um ataque, da sua gôta reumática com grandissima fôrça que o *tem feito* padecer infinito. (XVIII)
- (94) Solicita das excelentissimas Senhoras Que tem comcorrido as suas reuniões que não lhe neguem desta vez ainda a confiança e distincção com que tão benevolamente lhe *tem feito* captivo de eterna gratidão. (XIX)

c) Feito² (substantivo referenciador)

- (95) Mas o demo enartar-a foi, por que emprennar-s'ouve dun de Bolonna, ome que de recadar avia de e de guardar seu *feit'* e sa besonna (XIII)
- (96) ...e móstrasse por falso e por atreuido en querer fazer escarniho a Deus en cuiro poder tẽ o corpo e a alma e <a> que nõ pode mêtir nẽ asconder nẽ hũa cousa de seu *feyto*. (XIV)
- (97) E isto nunca vy a algũu dos gregos ainda acontecer que fosse igual em ambas estas maneiras: que soubesse bem procurar em os *feitos* e demandas e que soubesse graciosamente falar. (XV)
- (98) Companheiro não tẽs razão de te escandalizar, por~q nam tratei do teu masamede, nem da sua *feita*, mas de Deos, por dizeres ~q adoras o mesmo Deos que eu adoro (XVI)
- (99) francisco de barbuda escriuaõ dos *feitos* da faz^a de sua mg.^c Morados nesta cidade e luis ordinario nella de idade ~q dise ser de quarenta e oito annos pouco maes test^a que recebeo Iuram.^{to} dos Sanctos evangelhos (XVII)
- (100) já hoje não há disputas, e argumentos indecentes que havia naquele lugar, despacham todo o tempo que ali estão, e quando levam menos *feitos* do que me parece que deviam (XVIII)
- (101) Quando se discutem *feitos* de nobres caracteres, como os de que regem actualmente o paiz, deve-se primeiro de tudo, ter-se consciencia, e por ella aquilatar-se os deveres ... (XIX)

d) Feito³ (adjetivo qualificador)

- (102) ...todo esto nom pode seer bem *feito* se nom guardares as regras do officio. (XV)
- (103) ...e como fores perto do lado contraposto emxergaras muitas serras ou oiteiros beira mar muy cheos de aruored e mais ao mar delles hum monte tão bem *feito*. (XVI)

- (104) E por ser bem **feita** todos a louuaraõ E tem feito neste ano mais do ~q fizeraõ os outros todos. (XVII)
- (105) Cada fortaleza tem um armazém muito bem concertado com os seus sobressalentes, os quartéis muito bem **feitos** para recolher a guarnição (XVIII)
- (106) ...fugiu o seu escravo Joaquim, idade 26 annos mais ou menos, natural de São Paulo, com os signaes seguintes: mulato, cabellos grenhos, pouca barba, altura regular, corpo delicado, bonito de rosto, olhos pretos e grandes, boa dentadura, tem um signal pequeno na testa, meio fundo, produzido por quêda ou pancada, bem **feito** de mãos e pés, ...(XIX)

e) Feito⁴ (conjunção)

- (107) É um brinquedo que “cresce”, em recursos pedagógicos e em novos usos, com a criança. Agarradinhos: com a mãe manipulando os bonequinhos **feito** fantoches, a criança visualiza melhor a história. (XX)

Da hierarquia proposta, no capítulo anterior, para a palavra *feito*, alguns valores são ratificados diacronicamente. A exceção deve ser feita ao *feito*⁴ (delimitador aproximativo), empregado para sinalizar a imprecisão da informação seguinte.

C. DIACRONIA DE *IGUAL*

Quadro 14 – *Types/tokens* de *igual*

Séculos	Types	Tokens	Exemplos ¹⁰³
XIII	igual ¹ (adjetivo qualificador)	1	(108)
Total	1	1	
XIV	igual ¹ (adjetivo qualificador)	1	(109)
	igual ³ (adjetivo/conjunção)	1	(117)
Total	2	2	
XV	igual ¹ (adjetivo qualificador)	1	(110)
	igual ³ (adjetivo/conjunção)	1	(118)
Total	2	2	
XVI	igual ¹ (adjetivo qualificador)	9	(111)
	igual ³ (adjetivo/conjunção)	2	(119)
Total	2	11	
XVII	igual ¹ (adjetivo qualificador)	1	(112)
Total	1	1	
XVIII	igual ¹ (adjetivo qualificador)	3	(113)
Total	1	3	
XIX	igual ¹ (adjetivo qualificador)	7	(114), (115)
	igual ³ (adjetivo/conjunção)	1	(120)
Total	2	8	

¹⁰³ Nesta coluna, aparecem os números que referenciam os exemplos de cada *type*.

XX	igual ¹ (adjetivo qualificador)	2	(116)
	igual ³ (adjetivo/conjunção)	1	(121)
Total	2	3	

a) Igual¹ (**adjetivo qualificador**) – com o sufixo diminutivo, a palavra *igual* pode ser parafraseada por “exatamente semelhante”. Em anúncios de jornais do século XIX, passa a se combinar com o prefixo “sem” e a admitir, então, a paráfrase “único”.

- (108) que nenguu non seya enganado per ella e ue seya conuenhauil aa terra e ao tépo e s[e]ya onesta e boa e dereyta e **yguai** e profeytosa a todos ensembra e a cada huu per sy (XIII)
- (109) E a ssegunda maneyra he como quãdo aiütam dous moesteyros ou duas eygreias en hũu de guisa que nõ he sometuda hũa aa outra, mays que som **yguaes** assi que os que som mōges ou uelogs da hũa som esse meesmo da outra e todalas cousas que am som comunaes tanbê e aos hũus como aos outros. (XIV)
- (110) E isto nunca vy a algũu dos gregos ainda acontecer que fosse **igual** em ambas estas maneiras. (XV)
- (111) mas como não se poderão ver todos lembro porém primeiro que ao mar dos baixos o fundo do parçel he muito e muy **desigual** e a cada passo de pedra (XVI)
- (112) E ao nosso parecer estariamos 8 p.^a 9 legoas ao Mar (...) afastados de tera 6-7 legoas ao Mar, e achamos ~p sinais de fundo nesta derrota em 13 braças pedra e por 10, e 12 pedra, e tambem em alguãs partes Orneiro e por 18 braças todo este fundo **igual**. (XVII)
- (113) Com o conhecimento principal, que Vossa Excelencia me ordenou na referida portaria, necessariamente entrei no exame de outra **igual** violencia praticada com Francisco Jozé de Lucena... (XVIII)
- (114) Esta officina que há muito annos funcionava na rua de São José, e agora na Rua de São Bento número 11, continúa como sempre a serviu bem os seus freguezes em boas obras e em barateza, não pôde haver **igual** pelos meios de que dispõe esta officina enciclopédica em seus trabalhos. É a única que satisfaz as necessidades de qualquer trabalho com promptidão para o povo desta capital e interior. (XIX)
- (115) 1.000:000\$000|Grande Loteria de Natal|EXTRACÇÃO NOS DIAS 22, 23 e 24 DO CORRENTE|Acham-se á venda os bilhetes desta importante loteria, no CHALET FEDERAL, rua 2, número 56.|Chamamos a attenção do publico para o pla[n]o desta collossal leteria **sem igual** no brazil. A[c]ceita-se pedidos, a[c]ompanhados de sua respectiva importancia e forn[e]ce[-]se bilhetes a cambistas. (XIX).
- (116) Quanto você daria por um carro desses? (...) Vã até um Concessionário Volkswagen e experimente o Golf. Você vai ver que ele continua **igualzinho**, a única coisa que mudou foi a fábrica: da Alemanha para o Brasil. Golf. Agora produzido no Brasil do jeitinho alemão. (XX)

A paráfrase admitida para *igual*-adjetivo diacronicamente foi sofrendo ampliação. Os dados colhidos apresentam essa expansão semântica a partir do século XIV, quando, na

função sintática de predicativo, admitia como paráfrases *mesma* e *uma só*, conforme exemplos apresentados¹⁰⁴:

Quadro 15 – Paráfrases de *igual* - Adjetivo

séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XIX	XX
Paráfrase	certa justa	mesma uma só	similar	(i)regular coincidente	mesma	única	única / o mesmo/ exatamente semelhante

b) Igual³ (ambíguo - adjetivo/conjunção)

- (117) Amigos, bẽ sabeedes commo todos os homẽes, por poderosos que sejiã, ham de morrer, ca a morte nõ perdoa a nẽ hũu, ante he **igual** a todos, da qual eu estou mui acerca (XIV)
- (118) mas ainda os livros que eu compus da philosaphia, que som já **iguaaes** a elas, tu os leas com boa deligencia (XV)
- (119) ...que fizemos dos marcos porque ainda que os graos de (...) não sejião iguais aos do outro antes nem no mesmo marco os austrais são **iguoaes** aos septentrionais porem todos os septentrionais de hum marco são iguoaes entre sy como tambem os austrais entre sy. (XVI)
- (120) Os mosaicos para terreiro são de reconhecida vantagem para o aperfeiçoamento do café; sua collocação é **igual** a do tijolo (XIX)
- (121) Finn family é **igualzinho** ao Finn pó que você já conhece, numa embalagem prática e econômica... (XX)

A ordem em que aparecem os padrões funcionais diacronicamente referenda os valores hierarquizados sincronicamente sob a orientação de um *continuum* de gramaticalização.

Não aparecem, no *corpus* diacrônico, os usos substantivos de *igual*², que decorrem de casos de conversão. Também não são referendadas as funções conjuntiva e discursiva. Ao que parece, *igual*⁴ (conjunção) é uso inovador, que ainda carrega o estigma de ‘popular’ e essa é uma restrição para que seja empregado em textos escritos¹⁰⁵. Já, a ausência de *igual*⁵ (discursivo) era prevista, uma vez que esse uso apresenta-se relevante em situações de interação face-a-face.

¹⁰⁴ As ampliações de sentidos remetem à manutenção dos sentidos anteriores e acréscimo de nova função. Essa novidade pode ser traduzida em novo sentido, nova função sintática ou, até mesmo, novo escopo sintagmático dentro da oração, como claramente é apresentado na passagem do século XIX para o XX.

¹⁰⁵ É importante lembrar que a língua escrita é considerada, tradicionalmente, a guardiã da norma culta.

D. DIACRONIA DE *COMO*Quadro 16 – *Types/Token de como*

Séculos	Types	Tokens	Exemplos ¹⁰⁶
XIII	como ¹ (advérbio de modo)	39	(122), (123), (124)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	5	(132), (139)
	como ³ (preposição exemplificativa)	1	(156)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	2	(161)
	como ⁴ (conjunção)	73	(169), (183), (191)
Total	5	120	
XIV	como ¹ (advérbio de modo)	55	(125), (126)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	23	(133), (140)
	como ³ (preposição exemplificativa)	4	(146)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	1	(162)
	como ⁴ (conjunção)	173	(170), (177), (184), (192)
Total	5	256	
XV	como ¹ (advérbio de modo)	39	(127)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	5	(134), (141)
	como ³ (preposição exemplificativa)	3	(147)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	2	(163)
	como ⁴ (conjunção)	93	(171), (185), (193)
Total	5	142	
XVI	como ¹ (advérbio de modo)	29	(128)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	8	(135), (142)
	como ³ (preposição exemplificativa)	4	(148)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	3	(164)
	como ⁴ (conjunção)	239	(172), (178), (186), (194)
	como ⁷ (discursivo-delimit.aproximativo)	23	(219) a (224)
Total	6	306	
XVII	como ¹ (advérbio de modo)	32	(129)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	7	(136), (143)
	como ³ (preposição exemplificativa)	7	(149), (157), (158)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	21	(165)
	como ⁴ (conjunção)	241	(173), (179), (187), (195)
	como ⁷ (discursivo-delimit.aproximativo)	1	(225), (226)
Total	6	309	
XVIII	como ² (advérbio de modo/conjunção)	2	(144)
	como ³ (preposição exemplificativa)	1	(150)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	13	(166)
	como ⁴ (conjunção)	169	(174), (180), (188), (196)
Total	4	185	
XIX	como ¹ (advérbio de modo)	1	(130)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	32	(137)
	como ³ (preposição exemplificativa)	22	(151), (152), (153)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	32	(167)
	como ⁴ (conjunção)	143	(175), (181), (189), (197)
Total	5	230	

¹⁰⁶ Nesta coluna, aparecem os números que referenciam os exemplos de cada *type*.

XX	como ¹ (advérbio de modo)	6	(131)
	como ² (advérbio de modo/conjunção)	8	(138), (145)
	como ³ (preposição exemplificativa)	41	(154), (155), (159), (160)
	como ⁶ (preposição/conjunção)	40	(168)
	como ⁴ (conjunção)	97	(176), (182), (190), (198)
	como ⁷ (discursivo-delimit.aproximativo)	1	(227)
Total	6	193	

a) Como¹ (**advérbio de modo**) – São empregados até o século XVII. Nos séculos XVIII e XIX não são empregados nos documentos analisados. Volta a ser empregado em estruturas interrogativas (advérbio-pronome interrogativo). O gênero do texto, carta pessoal (século XIX) e propagandas de revistas (século XX), pode explicar a ocorrência desses poucos casos. Usos de *como* com este valor não foram encontrados no estudo sincrônico.

- (122) Guarda o que dizes e o que pensar e o que te poderá vir. Vai, cousa sandia; e **como** ousaste esto pensar? (interrogativo - XIII)
- (123) Esta é **como** Santa Maria ressucitou ao menço que o judeu matara porque cantava Gaude Virgo Maria (declarativo-XIII)
- (124) Quando el rei entendeo que sua filha se matara com suas mãos, disse: Ai, Deos, **como** foi esto maa ventura! (exclamativo-XIII)
- (125) **Como** e por qual razõ chamarõ o cõdado de Portugal (declarativo-XIV)
- (126) Oo mesa que ja ouveste por senhor o filho del rei David que foy spelho aos sabedores, **como** temo seeres mal assenhorada daqui adeante! (exclamativo-XIV)
- (127) Homem fraco e de pequeno coração, **como** te ajudarei, que tam quite fõste e és sempre de mi e tam afastado, como da cima desta tõe u estás? (interrogativo -XV)
- (128) Porẽ tu homẽ nacido nũ desẽparado dessas beluinas armas, dotado da razão arma diuina pera auiriguar todos os negocios cõ ella, **como** consentes ~q te enganẽ cõ o costume das bestas? (interrogativo – XVI)
- (129) Certidaõ de **como** se noteficou o despacho asima ao Vig.^{no} (declarativo-XVII)
- (130) Manda-me dizer como te achas e se a queda te fez mal. Tivemos sustos! Lá vi os debates da Bahia. **Como** estará minha irmã e sobrinhos? (interrogativo-XIX)
- (131) Diante de um novo milênio, **como** escolher uma escola para o seu filho? (interrogativo-XX)

b) Como² (**advérbio - conjunção**)

- (132) E filarun-li illos inde vi casales cun torto. E podedes saber **como** mando Dun Gõcauo a sua morte. (XIII)
- (133) E sse for clérigo nõ deue a dizer as oras cõ os outros pero que as posa dizer **cõmo** fãria hũu dos leygos. (XIV)
- (134) E tornou-sse contra sy meesmo e disse-lhe sua culpa das emjurias que avia ditas a elle e aos outros fraires e, vendo **como** a causa do dano avia siido obra de caridade, conhece-sse ser avararemento e desagradeçido dos benefícios de Deus (XV)

- (135) E que sseja ajuda certa, por saber **como** a elle e a suas couas ha de ser agardado o que se deve. (XVI)
- (136) Dise se chamaua antonio da aldea de parnenbetiba em porto seguro e preguntado **como** fora prezo pellos enemigos e que nauios eraõ (XVII)
- (137) Mas não sei **como** hei de arranjar com a gente que hei de levar, pois Maria José quer ir e a sua família, que é maior agora, (...) pois nasceu o nosso neto e a sua ama e alguns escravos mais, bem como o que lhe dei (XIX)
- (138) Em outras palavras, você usa os serviços do Banco Boavista e vai acumulando pontos, podendo obter até 100% de desconto nas tarifas. Para saber **como** ganhar, ligue para o Boavista Phone/Fax Service ou converse com o seu Gerente. (XX)

Um outro subgrupo inclui ocorrências em que *como* é antecedido por preposição¹⁰⁷. É possível parafraseá-lo pela expressão “que modo”.

- (139) ...pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razõ <e> entendimento de **como** se deuê a guiar os outros nembros (XIII)
- (140) Mas agora leixara a estorya de fallar desto e torna a contar de **como** os Romaãos êvyaron Cepion, o Mãcebo, aa Spanha contra os de Affrica (XIV)
- (141) E emtre tanto o senhor do porco que quedava com o pee cortado foy emformado por aquele que os guardava de **como** hum fraire menor lhe avia cortado hum pee a hum porco (XV)
- (142) E estamdo isto asy, Francisco de Vacas, chantre que hé no Reyno, fez uma petição ao Cabido em **como** o Bispo nom podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar escomungado e irregular por fferyr dous homens por sua maão em sua cassa (XVI)
- (143) Antes e dipois do dito tempo acrescentam.^{sc} em **como** esta pago dos ditos atrasados p.^a q em nenhum tempo se posão repetir (XVII)
- (144) E o conhesimento della com direito pertenser faso saber em **como** Manoal da Costa Cabral me fes pitisam dizendo em ella o seguinte q' hera morador em mogi e que hera hum dos primeiros povoadores e casado (XVIII)
- (145) Época publicou na semana passada a versão que ele deu para o crime e o relato de **como** teria sido cooptado para ajudar na ação (XX)

c) Como³ (preposição exemplificativa)

- (146) E outrossy se ssom *homêes* que aiã poder de ffazer iustiça, **assy come enperadores ou rreys ou outros homs** a que seia outorgado per deryto (XIV)
- (147) E entom deu de si a terra *tres geerações d'animalhas*, convem a saber, aquelas, que som pera comer, e pera fazerem os homs suas obras, **assi como bois, e ovelhas, e asnos**, e outrossí as bestas bravas, e os bischos, e as serpentes da terra (XV)

¹⁰⁷ Segundo Coutinho (1962, p.253), constitui-se arcaísmo sintático o emprego “da preposição *em* antes de oração integrante começada por *como*: ‘sabedes bem en como esta terra de Espanha foi perduda’” e ainda constituem-se formas derivadas de combinação os termos *come* e *coma*. O primeiro resultante da combinação de *quōmōdō* + *et* e o segundo, de *quōmōdō* + *ac* (idem, p.317).

- (148) De bertangis de que os negros se uestem e com estas roupas se fas... de *todas as cousas* que nos rios ha **como he ouro, marfim, am... e escrauos e mantimentos** que ha muitos (XVI)
- (149) Não esta feito aualiassão de *alguãs* que ora entrega **como ssaõ, crizes, e gorgoroãs**, pello ~q, pede a V.M.: mande ao escriuão da faz.^{da} Pedro uiegas (XVII)
- (150) O conservaremse Igrejas, & muytas imagens milagrosas he certo, & consta de *varias historias* (em que tambem entraria a Divina Providencia, para as defender, & conservar illesas de mãos sacrilegas) **como a casa, & imagem da senhora do Pilar de Caragoça** (XVIII)
- (151) Também ahi encontrará o respeitavel publico *artigos* concernento às machinas de costura, **como agulhas, retroz, oleo, almotolias, correias, peças avulsas**, etc. (XIX)
- (152) Esta empresa encarrega-se de *qualquer serviço* pertencente ao ramo da electricidade **como sejam: campainha e quadros indicadores, para-raios, aparelhos paradiço e electromedrecaes**. (XIX)
- (153) É de suppôr que no proximo anno, encontre sua senhoria toda aceitação para o seu curso por parte dos pais de familia, que poderão descansar sempre que confiarem a educação dos seus filhos a *moços* bem procedidos, intelligentes e dignos, **taes como o senhor professor Dyonisio Xavier d'Assumpção**. (XIX)
- (154) Os estudantes seguiram sem patrocínio e sem holofotes, comuns para *outras equipes*, **como as de futebol**. (XX)
- (155) Pesquisas têm mostrado que a proteína da soja previne contra *doenças* **como a osteoporose, o câncer de mama, de próstata e de colo de útero**. (XX)
- (156) Ca muito seria gram bravura se depos [da morte] da minha filha, que nom posso cobrar, fizesse matar *tam* bõ cavalleiro **como** vos sodes. (XIII)
- (157) E os sentenceou na forma da ordenação não dis bem por~q tais palauras não se dizem em preiuzo de hũ iulgador *taõ* omrrado **como** he Antonio dandrade caminha (XVII)
- (158) Que como as paredes de fora são em extremo delgados, e estão opostas a hũ inimigo *taõ* continuo **como** o mar (XVII)
- (159) Sua beleza ou o fato de estar tendo um relacionamento fictico com um home mais novo não lhe dão condições de ser capa de uma revista informativa **como** Época. (XX)
- (160) É uma pena que um político sério **como** Mário Covas tenha sido atacado em praça pública. (XX)

d) Como⁶ (preposição/conjunção)

- (161) E, ssi eu for morto, rogo o apostoligo, **come** *padre e senior*, e beigio a terra ante seus pees, que el recebia en sa comêda e so seu difindemêto a raina e meus filios e o reino (XIII)
- (162) E assy fez coroar a ymagê de ima do moymêto **como** *de raynha*, e poelo ygual do seu. (XIV)
- (163) mas, **como** *revel e malicioso e fraco e mezquinho*, nom te quiseste ajudar do meu proveito e consentiste, pola maior parte, ao anjo maau, que ã contrairo a mi e a ti e ao Senhor Deus (XV)
- (164) E todos que temos sabidos de sua vertude, vos mandamos que fosseijs a elle, e com elle em nosso asentasseijs paz e amizade, pera, ao diante, **como** ...*amigos* (XVI)

- (165) Pareço ao clero desta Capitania ~q lhe conuinha e pertencia nesta cidade **como** *cabessa da administração* eleger prelado nella nesta vagante como de dr.¹⁰ lhe pertence (XVII)
- (166) & aguardariaõ alguns delles que ficavaõ na Cidade, ou **como** *cativos*, ou **como** *tributarios* (XVIII)
- (167) O tenente Cornelio Alves de Cerqueira, tendo cessão de herança feita pelos sobrinhos da falecida Maria Theodora dos Santos, **como** *unicos herdeiros* da mesma e fazendo parte dos bens deixados por ella os escravos Thomaz e Maria Bruna, que acham-se occultos, pelo presente scientifica a quem os tiver acoutado que cobrará judicialmente a importancia do serviço dos ditos escravos (XIX)
- (168) A paranaense Lizmarie Sella, de 26 anos, começou **como** *guia turistica* de uma agência em Curitiba. (XX)

e) Como⁴ (**conjunção**) – seu caráter polissêmico faz com que *como* conjunção seja empregado para codificar diversas relações semânticas (causal¹⁰⁸, hipotético-condicional¹⁰⁹, conformativa¹¹⁰, temporal¹¹¹) dentre as quais a comparação.

- (169) E a maior ainda que illos hic cōnocerum que les acanocese Laurenzo Fernândiz sa irdade per plecto que a tevese o abate de Sancto Martino que **como** uencesen que asi les dese de ista o abade. (causal -XIII)

¹⁰⁸ Com o valor *causal*, *como* introduz oração hipotática em posição categoricamente anteposta. Nesses contextos, a conjunção pode ser parafraseada por *porque* e *já que*. Os dados apurados indicam que a correlação *presente indicativo/presente do indicativo* é não-marcada nesse tipo de oração complexa, ainda que possam ocorrer também *presente do subjuntivo/presente do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo/perfeito do indicativo* em reduzido número de orações.

¹⁰⁹ O valor *hipotético-condicional* é codificado pela locução *como se* (ou *como que*), o que permite inferir valores semânticos superpostos: uma conformativa hipotética, outra condicional. Há a combinação de uma noção de igualdade que figura no plano das possibilidades, portanto no tempo não-agora, não-real, subjuntivo verbal. A ordem não-marcada desse tipo oracional é *matriz+hipotática*, numa correlação modo-temporal que apresenta as seguintes configurações: *presente do indicativo*, *futuro do subjuntivo*, *presente do subjuntivo*, *pretérito perfeito do indicativo*, *futuro do pretérito do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo*, *imperativo afirmativo* (na matriz); e *pretérito imperfeito do subjuntivo* (tempo-modo mais recorrente) ou mais raramente *pretérito mais que perfeito do indicativo* (na hipotática). Ao que tudo indica, com a inversão oracional que resulta na anteposição da oração hipotática, a inferência pode se alterar para um valor aproximado de concessão.

¹¹⁰ Com o valor *conformativo*, os jutores *como*, *assim como* e *tal como* introduzem uma idéia de conformidade entre os fatos expressos nas orações combinadas. Esses elementos podem ser parafraseados por *conforme* ou *segundo*. Até o século XV, a locução *assim como* pode codificar essa noção e *como* é empregado com valor similar. Após esse século, a conjunção *como* ganha espaço no *corpus*. O verbo da oração conformativa é, quase categoricamente, um verbo *dicendi*, ainda que verbos de percepção sensorial também possam ser utilizados aí, tais como *ver* e *ouvir*. As flexões modo-temporal do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo são associadas a essa oração hipotática.

¹¹¹ Com o valor *temporal*, identifiquei 10 ocorrências distribuídas entre os vários séculos. Dois dados foram interpretados com sentido exclusivamente temporal, por exemplo, a) E por esto entendeu el rey Eurigo que entõ avya tempo de gaanhar dos Romaãos o que podesse. E, **como** hya avyado cõ suas hostes, foi cercar Arboz e Marselha e tornouhas do seu senhorio (tempo -XIV); b) E logo el rey Teuderigo, **como** esto foy determynado, se partio do emperador e foyse pera os Estrogodos e mandoulhes logo que se guyassem pera hyr conquistar terra de Ytalia que lhes o emperador dava por herdade (tempo -XIV). Os demais casos eram ambíguos tempo/causa, como ilustra a seguinte ocorrência: E o mineiro cõ qualquer tpõ que **como** fica Boiante pode Bordejar milhor ~q indo os jndios (tempo/causa-XVII).

- (170) E por esto entendeu el reu Eurigo que entõ avya tempo de gaanhar dos Romaños o que podesse. E, **como** hya avyado cõ suas hostes, foi cercar Arboz e Marselha e tornouhas do seu senhorio (causal - XIV)
- (171) E Sam Framçisco, **como** era cheo de sabedoria, maravilhando-sse os outros fraires d'aquelle feito, emmaginou se por ventura frey Junipero, com algum zello sem descriçam, ouvesse cometido tam grande escandello. (causal -XV)
- (172) E **como** o demonio trabalha sempre por empedir as tais cousas pôs tanta frieza no coração do Principal.(causal -XVI)
- (173) **Como** esteia taõ doetissimamente apontado pellos religiosos e mais collegas e parecer não auer duuida alguã sou do mesmo parecer saluo meliori inditio. (causal -XVII)
- (174) **Como** V.Exa. se interessou tanto por tôdas estas gentes cabendo-me a mim uma grande parte pelo favor que a V.Exa. devi, devo dizer a V.Exa. que já fiz a regulação dos dois Regimentos de Infantaria. (causal -XVIII)
- (175) Lendo hontem o seu periodico, número 2, deparei com uma correspondencia do Senhor Joaquim Eleutherio d'Amorim, em que diz dever-lhe dois camaristas -- oitenta e tantos mil reis: e, **como** eu seja camarista, vejo-me na obrigação de declarar, que nada devo a esse senhor. (causal -XIX)
- (176) Mas **como** desempenho não é tudo, ele vem equipado com direção hidráulica progressiva e coluna de direção ajustável de série (causal -XX)
- (177) E esto seeria **como se** algũu bispo vsasse per XL anos ou mays de fazer en elles obedêça e depois deste tẽpo o mayoral daquel logar fizesse obedêça a outro bispo sem consentimẽto de sseu conuẽto (hipótese/condição - XIV)¹¹²
- (178) Era tanto fogo por onde elles passavão, que me acendia o rosto **como se** estivera numa estufa. (hipótese/condição - XVI)
- (179) Dis que por huã Verba de seu testamento esersita o dito Officio **Como se** a iurisdicão Concedida pello dito breue ao dito administrador fora ereditaria e elle a podera nomear em quem quizer (hipótese-condição - XVII)
- (180) Por empossados e por esta os tono a metter de posse das ditas terras **como se** pela justiça e ministros della o fossem digo o foram de que lhes mandei passar a presente carta de data de terras (hipótese/condição - XVIII)
- (181) Tendo perdido já um olho e soffrendo de cataracta em outro, foi n'estas condições que recorri aos cuidados do preclaro oculista que sem remuneração operou-me tratando-me com a maior caridade e desvelo, dedicação e carinho, sob o seu tecto, no seio de sua familia, **como se** eu d'ella fizesse parte. (hipótese-condição -XIX)
- (182) Adquiriu o controle da Banerj Convênios, mais recentemente, a Refeicheque e se tornou a 2ª maior empresa de alimentação convênio do país. E **como se** não bastasse, a SodexhoPass também atua na área farmacêutica através do cartão Unik... (hipótese-condição - XX)
- (183) Non vos foi del mui mezquinho: per **como** diz Cogominho, desseino-o. (conformat-XIII)

¹¹² A locução *como se* é empregada desde o século XIII. O mesmo se dá com a locução *assim como se* nos séculos XIII e XIV; no século XV, contudo, o advérbio *assim* não mais integra a seqüência locucional. Ex.: Peyte a el rey sa coomha dubrada e o que fazer nõ ualla e torne ao juyzo **assy come se** nõ fosse feyto (XIII); E fezeron viir todallas molheres que na villa avya, sem toucas, e fezerõnas sobyr ã cima do muro, **assy como se** fossem homens. (XIV); E quem nom defende ou nom embarga, se pode, a injuria feita a outrem, **assi** he en culpa **como se** desemparasse sues parentes ou amigos ou sua terra (XV).

- (184) Depois que a lide foy vencida desaventuradamente, **como** avedes ouvydo, os mouros buscaron os mortos e tomaron todallas armas que lhes acharon e todo o outro esbulho (conformativa -XIV)
- (185) Vos outros sodes afeitados com aas e esforçados com vertude e andades a huia parte e a outra, **assy como** vos apraz. (conformativa -XV)¹¹³
- (186) Acabades de desandar estes tão trabalhosos caminhos **como** arriba dixe, chegou o Padre à Ilha de Tarpariqua (conformativa -XVI)
- (187) Mandadas as ditas conquistas assi durante seu gouerno **como** dito he, como no tpõ do gouernador gaspar de sousa, e no de VS, como constará da certidão ~q offeresse do Escriuão da faz.^a (conformativa -XVII)
- (188) E faltando-se a qualquer destas clausulas se haverão por devolutas, e se darão a quem as pedir ou denunciar, **como** sua Magestade manda em suas reaes ordens. (conformativa -XVIII)
- (189) O fogo de planta com que vão terminar-se os festejos, em louvor á Nossa Senhor da Ajuda, sera queimado amanhã no adro da mesma capella e não na praça da Acclamação **como** hontem dissemos (conformativa -XIX)
- (190) Seguindo a mesma linha de pensamento do filósofo em seu artigo, se o país inteiro está doido, **como** ele afirma, imagine-se então um país com 170 milhões de malucos armados (conformativa -XX)

Com o **valor comparativo**, a palavra *como* exprime semelhança ou igualdade. Pode constituir com outras palavras locuções conjuntivas (assim como, tal como) ou expressões correlativas (tão...como, tal...como, tanto...como, assim...como). As comparativas de igualdade permitem as paráfrases *igual* e *do mesmo modo que*.

- (191) Ramiro Gõcaluiz e Goncaluo Gõncaluiz, Elmira Gõcaluiz forum fiadores de sua irmana que orgase aquele plazo **come** illos. (XIII)
- (192) E esta melhoraça desto he quando Nostro Senhor Lhesu Cristo doendosse ssegũdo homẽ e auẽdo piadade ssegũdo Deus ressucita per peendencia aquelles que iazẽ em pecados mortães hu cherã mal as almas des que ssom cõrrõpudas polos erros que fazẽ, **assim como** o corpo de Sam Lazaro era cõrrõpudo pelos humores que sse desatauã em elle (XIV)
- (193) E aly veriades grande multidõe de peixes pequenos chegar-sse mais açerca a Samto Antonyo, **asy como** seu defendedor, que se hiam a elle, asy como os pelegrinos vão a indolgemça, assy que em aquella pregaçom hordenada do çeeo estavam em na agua mais baixa os pexes mais pequenos e mais adiante contra o maar os pexes meaños, e os mayores pexes estavam mais adiante honde a agoa era mais alta e todos estavam deante de Santo Antonio. (XV)
- (194) Toda esta terra e levado o dinheiro da costa com penas e escomunhões postas aa sua vomtade e os homens fiquão vivemdo **como** damte. (XVI)

¹¹³ Em alguns casos do português arcaico, há ocorrências de conformativa em que *assim* e *como* não aparecem justapostos. Ex.: a) Se *assi* quiserdes fazer **como** dizedes prometo a Deos (que) ante dom Gallaaz, que aqui sta, que manterrei esta demanda (XIII); b) E dou muyto **como** se uia *assy* mudado e dizendo e jurando que era mudado (XIV); c) Os quaaes per juramento certificarom logo que *assi* fora **como** el dizia (XV); d) Mas nós, que nom por determinar se foi *assi* ou nom **como** elles disserom (XV).

- (195) ...e que o gemtio que ai esta saõ **como** negros damguolla pardos das caras coais fallaõ de papo (XVII)
- (196)...Porque nesse caso quero antes viver sempre desterrado, ainda em um destêrro para mim **tão** violento **como** êste, do que mais levemente desagradá-lo. (XVIII)
- (197) Mas pode ficar na certeza de que hei de fazer todo o possível por me afastar de tais desordens. E é como o mano Luís, pois ele pensa **como** ele. (XIX)
- (198) Fale com seu Gerente Bradesco e veja como seu filho vai se comportar **como** um anjinho (XX)

Os alvos de comparação aproximados são dois elementos de mesmo estatuto quanto às categorias cognitivas, como mostro no quadro seguinte.

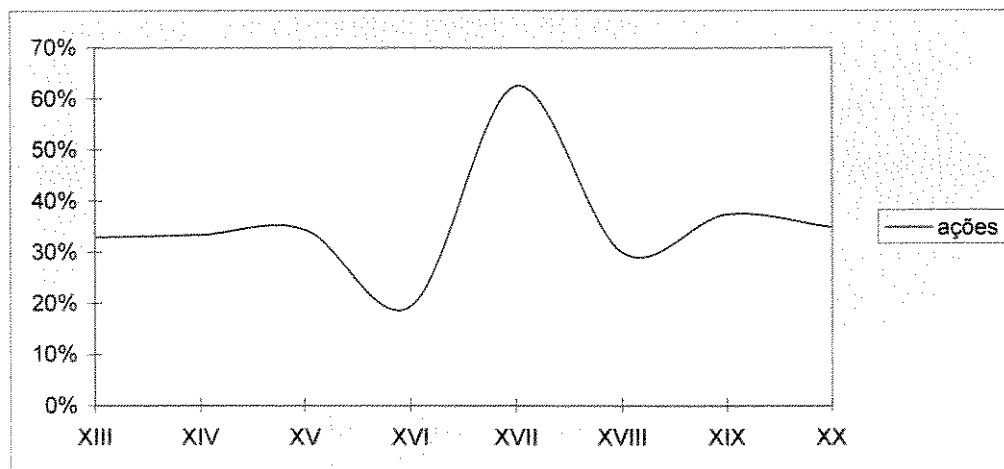
Quadro 17 – Elementos comparados nas orações *como*¹¹⁴

SÉCULOS	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Pessoa	1/9 11%	1/33 3%	0	7/46 15%	2/26 7,5%	3/13 23%	2/8 25%	5/17 29,5%
Objeto	1/9 11%	2/33 6%	1/23 5%	3/46 6,5%	2/26 7,5%	1/13 7,5%	1/8 12,5%	5/17 29,5%
Espaço físico	0	0	0	8/46 17,5%	2/26 7,5%	2/13 15,5%	0	0
Tempo	0	0	0	0	0	0	0	1/17 6%
Ações	3/9 33%	11/33 33,5%	8/23 34,5%	9/46 19,5%	16/26 62,5%	4/13 30%	3/8 37,5%	6/17 35%
Qualidade	2/9 22,5%	7/33 21%	6/23 26%	5/46 11%	2/26 7,5%	1/13 7,5%	2/8 25%	0
Idéias	0	0	0	1/46 2%	0	0	0	0
Fatos	2/9 22,5%	12/33 36,5%	8/23 34,5%	13/46 28,5%	2/26 7,5%	2/13 15,5%	0	0

Na tabela, são mais recorrentes, em todos os séculos, as comparações que envolvem as ações. É uma comparação que apresenta alto índice em todos os séculos, com picos de uso no século XVII¹¹⁵.

¹¹⁴ Os itens coloridos sinalizam os maiores índices percentuais.

¹¹⁵ Essa aproximação de ações favorece a leitura de conformidade. As conformativas são muito mais recorrentes do que as comparativas de igualdade nos séculos XIII a XVI. A partir do século XVII, os limites entre comparativas e conformativas tornam-se tênues. Isso ocorre especialmente quando são cotejadas duas ações em tempos verbais distintos, estando na oração hipotática os tempos pretérito ou presente.

Gráfico 1 – Comparação entre ações – *como* conjunção

As comparações estabelecidas com a categoria de *pessoa* e também com a categoria de *objeto* apresentam uma trajetória de usos bastante semelhante, atingindo índices idênticos no século XX.

Um conjunto de sete dados inclui comparações entre categorias distintas. Nessas ocorrências, dois elementos (um concreto e outro abstrato) são comparados.

- (199) E porẽ ãno começo desta obra puge o nome de Jhesu Christo, e ãno seu nome a comecey, o qual nome he mui delectoso, onde diz Jhesu, filho de Sirac: *Asi como o mel seera doce a renẽbrãça delle*, convem a saber o nome que he Jhesu, que quer dizer saude. (XIV)
- (200) Per que entẽdemos os livros en que *aquela sabẽça* jaz scrita, assi **como** os *grãos das sementes* jazẽ esparjudos pelo orto e pelos agros (XIV)
- (201) Há *tanta coisa* que caminhando e dizendo de Itapagipe a Itapoan não acaba de dizer; é **como** o *bicho* nunca mais acaba de correr. (XIX)
- (202) Quando a *immoralidade*, vestida de casaca e luvas, altiva e vigorosa ameaça – **como** os *mares da Batavia* – engolir quanto está abaixo do nivel; como a esses, não se lhe póde oppôr um dique, que, ao menos momentaneamente, a faça parar no seu curso precipitado de ambição: é bem triste, é bem mesquinha a sorte do homem social fraco de posição, que se vê na penosa obrigação de conviver com essas pantheras-arlequins,

que da moral, nem entendem a significação: e só conhecem por lei seu apetite depravado. (XIX)

(203) Quando o inverno chegar, o que você quer ser: cigarra ou formiga? (*você*) Seja providente e inteligente **como** a *formiga*, economize para o futuro enquanto deduz no presente. (XX)

(204) O *golpe* do coronel Chávez ainda está fresco e, **como** os bebês, é bonitinho. (XX)

(205) O *xaveco venezuelano* cai **como** uma *luva* para os golpistas do novo milênio. (XX)

Uma questão interessante com que me deparei na análise das comparativas de igualdade foi o caráter ambíguo de algumas orações. As paráfrases mais recorrentes ‘igual/do mesmo modo que’ eram permitidas assim como também eram permitidas as paráfrases ‘como se/como se fosse’. A comparação de igualdade, assim, tanto poderia ser compreendida num plano real quanto num plano hipotético, irreal. A título de ilustração, observe os seguintes exemplos com as respectivas interpretações:

(206) A *terceyra* chamã mortal por que ella ffaaz ao homẽ conprir per feyto os pecados que ssom **come** morte da alma. (XIV)

...per feyto os pecados que são como se fossem morte da alma. (comparação hipotética)

... per feeyto os pecados que são como morte da alma é. (comparação real)

(207) Porém fiquei de tal forma enoiado, que nem um só dia tenho deixado de ter a cabeça tonta, os passeios que dou são trocando sempre as pernas **como** bêbado.. (XVIII)

...trocando sempre as pernas como se fosse bêbado. (comparação hipotética)

...trocando sempre as pernas como bêbado troca as pernas. (comparação real)

(208) Fugio ao commendador Francisco Lopes Chaves, de Jacarehy, um escravo de nação, de nome José, de altura regular, magro, um pouco fula, olhos avermelhados, mal encarado e falla **como** crioulo. (XIX)

...e falla como se fosse crioulo. (comparação hipotética)

...e falla como crioulo fala (comparação real).

(209) Jorge Luis Borges não acreditava que Buenos Aires tivesse começado algum dia. “Julgo-a tão eterna **como** a água e o mar”, escreveu. (XX)

...julgo-a tão eterna como se fosse a água e o mar. (comparação hipotética)

...julgo-a tão eterna como a água e o mar são eternos. (comparação real)

Algumas estruturas acumulam duas noções: comparação e intensidade, tal como ocorre no exemplo seguinte. Esses dados são raros, mas ocorrem já nos documentos do século XIII (3 casos) e aparecem também nos documentos dos séculos XV (1 caso), XVI (1 caso), XVII (6 casos), XVIII (7 casos), XIX (2 casos) e XX (2 casos).

- (210) Tenho 30 anos e não me lembro de um comercial que me emocionasse **tanto como** o de Época (XX)

Identifiquei também um conjunto de ocorrências em que *como* tem uma interpretação ambígua compatível com leitura preposicional e conjuncional. Nesses casos, sobressai-se o *valor aditivo*. Na estrutura, há elipse de informações (SN ou SV) e paralelismo sintático. Formalmente, a conexão das informações é feita por *como* em sua forma simples, locucional (*bem como, tanto como, como também, assim como*) ou correlativa (*tão bem...como, nem só...como*)¹¹⁶.

A distribuição desses usos no decorrer dos séculos revelou que o elemento *como* desfruta de tradição aditiva no português, ainda que as combinações locucionais ou correlativas variem de época para época.

- (211) e que o amassê e guardassem e onrrassê e prezassê e que gardassê sa fama boa e ssa onrra **come** seus coorpos (XIII)
- (212) Ca este, logo que começou a reynar, fêzesse muy esquyvo e bravo, *assi* aos seus **como** aos vizinhos, fazendolhes muytos nojos e muytas forças (XIV)
- (213) Isto meesmo te consselho que tu faças pera saberes *tanto* da hua **como** da outra lînguajem, da qual cousa, segundo que a nos parece (XV)
- (214) A esta gente *assi* da terra **como** brancos, e com vossa vinda que vireis e estareis em tal parte e en tal. (XVI)
- (215) Escolheose então de comuñ acordo entre os doze o meo desta variedade assentando ~q se dessem doze mil cruzados em sinco annos repartidos igualm.^{te} *tanto* en hũ **como** en coutro com ~q o negoço ficou concluido nesta conformidade (XVII)
- (216) E vistos por mim varios documentos que pela sua pr.^{te} apresentaraõ os ditos Padres, **como também** os Irmaõs 3^{as} introduzidos e inobedientes, com varios processos (XVIII)
- (217) O proprietário deste bem montado estabelecimento, previne ao público desta cidade, *tanto como* o do interior, que tem sempre um completo sortimento de bebidas todas ellas preparadas com o maior esmero (XIX)
- (218) A liberdade de ir e vir é imprescindível, *assim como* a manifestação popular. (XX)

¹¹⁶ No século XIV, a expressão *tanto quer dizer como* foi utilizada com o valor aditivo e se constituía um uso bastante freqüente, ainda que não mantido nos demais séculos. O século XIX apresenta o maior leque de usos quanto ao elemento utilizado. Nesse período, oito combinações distintas foram feitas: *assim como, como, quanto...como, tal como, tanto...como, bem como, como também, não só...como*.

f) Como⁷ (**discursivo – delimitador aproximativo**) - do século XVI ao XVII, a palavra *como* sinaliza a imprecisão da informação em relação à distância geográfica. Posteriormente, passa a sinalizar essa imprecisão com relação a valores monetários¹¹⁷.

- (219) E a este rumo **como 3 ou 4 legoas** há outro baixo em que arebenta muito o mar (XVI)
- (220) A costa logo corre a sudeste **como** por *duas legoas*, e depois por outras duas ou 3 ao susudeste continuando ao mesmo pouco mais ou menos té a Baía de Tinguimaro (XVI)
- (221) E com barreiras vermelhas que lhe fica **como duas legoas** da banda do norte (XVI)
- (222) Da banda do sul, hũa meza pequena beira mar que estara **como 3 legoas** do mesmo rio (XVI)
- (223) Ao norte do qual **como hum tiro de peça** na mesma praya brota depois que se for hum quarto de agoa vazia (XVI)
- (224) A terceira he a agulha metida em hũa **como** cayxinha, a qual esta repartida por baxo (XVI)
- (225) Tres mil cruzados de renda nas ditas minas cõ ho abito de Crito p^a my e para ãdar em meus desendentes na forma que eu ordenar que çera em hũ **como** morgado ou capella (XVII)
- (226) y que despues de uisitados y hechos a la uela la misma noche que salierom **como tres leguas** deste puerto per no dalle flete ni llevar que comer les mando desenuarcar (XVII)

No século XX, o único dado encontrado indica um referente [-animado] correlacionado a um verbo [-dinâmico], constituindo uma aproximação de valor monetário.

- (227) Obrigou todos os restaurantes do país a colocarem em seus cardápios um *prato feito* que se chamava *Sunabão* e custava **algo como R\$ 3**. (XX)

¹¹⁷ Complementarmente ao decréscimo dos sinalizadores de imprecisão em relação à distância e ao lugar, há a inclusão de outras expressões para indicar a distância, em que alguns elementos aparecem com a noção aproximativa. São os elementos **ou**, **por causa de**, **para**, **pera** que se especializam como marcadores de incerteza de uma distância: (a) pla ditta carta Verá VM. ~q para o Rio Pará 40, **ou** 60- legoas da Ilha tem o frances outro forte com trinta soldados (XVII); (b) Aos 6 dias do dito mes fomos caminhando ao Noroeste e a hũa ora depois do meio dia, estauamos 8 legoas ao Sul da Bahia fermosa duas **ou** tres legoas ao Mar **pouco mais ou menos**, e fomos sondando athe estar Leste ou Este com a dita Bahia fermosa (XVII); (c) E ao Loesnoeste athe onde se diz a petintigua sempre **por causa de** 7 ou 8 legoas ao Mar **pouco mais ou menos** sondando e achando de fundo **causa** de 15 Braças, e em partes 18 e 20 e tinha por Sinaes o fundo manchas de area e pedra (XVII); (d) E ao nosso parecer estariamos 8 p.^a 9 legoas ao Mar (...) afastados de terra 6 – 7 legoas ao Mar, e achamos ~p sinaes de fundo nesta derrota em 13 braças de pedra e por 10, e 12 pedra, e tambem em alguás partes Orneiro e por 18 braças todo este fundo igual (XVII); (e) Aos 9 do dito mes que foi a 6^a fr^a fui caminhando todo o dia por oesnoeste afastado de terra 6 **pera** 7 legoas ao mar os sinaes de fundo por 18 braças area grossa entre manchas cõ algũ Cascalho misturado (XVII); (f) Eu bataua cõ o amigo gp.^{ar} de oliv.^{ra} tornaõdose o Capitaõ **perto de** 30 leguas desta sidade (XVII); (g) e casado cõ filhos reside em guayana 5 **ou** 6 legoas distante do mar (XVII). No século XVIII, há a ampliação da distância geográfica, e esses elementos passam a sinalizar a incerteza quanto ao tempo: (a) fiz a minha viagem com muito feliz sucesso, gastamos nelas, até desembarcar neste pórto 56 dias de viagem, entrando nesta conta 4, **para** 5 que nos demoramos em Pernambuco (XVIII); (b) Eu aqui cheguei com uma viagem que dizem ser feliz, gastei 56 dias compreendidos 4 **para** 5 que nos demoramos em Pernambuco, vim enjoado muito menos tempo do que esperava (XVIII)

Retomando os resultados da análise sincrônica, desenvolvida no capítulo 3, em correlação aos resultados da pesquisa diacrônica, algumas observações tornam-se pertinentes.

A hierarquia unidirecional estipulada na análise sincrônica não incluiu o valor adverbial de modo, que foi acrescentado neste capítulo. A razão para essa ausência parece ser a seguinte: o gênero textual do *corpus* sincrônico é basicamente composto por entrevistas. É esperado e bastante freqüente, o uso de *como*¹¹⁸ pelo entrevistador, mas o mesmo não se pode dizer com relação ao informante. Este responde às perguntas e, pelo próprio contexto situacional, evita tomar a posição de entrevistador¹¹⁸. Também não foram encontradas ocorrências de *como* funcionando como marcador discursivo.

Quanto aos valores de advérbio de modo, advérbio/conjunção, preposição/conjunção, preposição-exemplificativa e conjunção, estes já ocorrem desde o século XIII. A função de delimitador aproximativo passa a ser encontrada, nos documentos, a partir do século XVI somente. Nos documentos analisados, relatos de viagens, o escrevente pretende sinalizar ao leitor que não tem certeza sobre a informação passada. Apesar de pretender indicar ao leitor como chegar a determinado lugar, não conta, à época, com instrumentos de precisão para essa tarefa. Todas as indicações serão aproximativas, portanto.

Além dos dados já descritos no estudo sincrônico, há um conjunto de dados, mais recente na língua portuguesa, que aparece em textos escritos a partir do século XX. Está correlacionado a verbos de elocução e de percepção¹¹⁹. Os verbos de percepção são empregados para encerrar um juízo de valor sobre um fato avalizado pela estrutura precedente *como*.

Inclui construções cujo elemento de ligação *como* antecede uma informação usada com a finalidade de conferir credibilidade ao empreendimento lingüístico. Nesse sentido, o autor da sentença antepõe à informação relevante uma informação adicional capaz de

¹¹⁸ Houve casos em que o informante repetiu o pronome interrogativo *como* empregado pelo entrevistador na pergunta. Esses casos em que o informante repete a pergunta para ganhar tempo na formulação da resposta foram ignorados nesta análise por serem condicionados.

¹¹⁹ Embora aqui não tenha constituído um *corpus* escrito para o século XXI, analisei um conjunto de dados em materiais de imprensa e observei que esse uso é razoavelmente freqüente com verbos de elocução e de atividade mental.

provocar no leitor pressuposições acerca do valor de verdade da informação seguinte. E assim, localizando socialmente uma pessoa, que o informante torna possível uma informação no mundo lingüístico ou, em outras palavras, é com uma informação do mundo não-lingüístico que se torna inquestionável e inequívoca a informação lingüística:

- (228) *Como antropólogo responsável pela definição dos limites da terra indígena aem e Itamarati e Tapauá, no Amazonas, esclareço que os denis tiveram sua terra certificada pela Funai em 1999, com uma superfície de 1.530.000 hectares.* (XX)
- (229) *Como profissional da área, posso afirmar que esse foi, sem dúvida, um dos melhores filmes publicitários a que já assisti.* (XX)
- (230) *Como fã da rainha do pop mundial, não via uma reportagem desse porte fazia muito tempo.* (XX)
- (231) *Como advogado de Venenice de Freitas Alencar, acrescento que Antônio Venâncio da Silva, quando em vida, reconheceu como seus filhos Antônio Venilson da Silva e minha constituinte, mas os registros de nascimento foram anulados por sua esposa, dona Odontina, com base no Artigo 358 do Código Civil, hoje revogado.* (XX)

Em cada um desses exemplos, o produtor do texto apresenta uma informação que deve ser legitimada pela sua condição de autoridade, reconhecida na sua vivência. Portanto, confere à informação posterior o valor de verdade necessário, ficando patentes a autoridade e o conhecimento de causa acumulados pelo falante.

Nas amostras sincrônicas não foram encontradas ocorrências de *como* com o valor delimitador aproximativo, razão por que não integra a hierarquia de padrões funcionais apresentada no capítulo 3.

Como mostro neste capítulo, os itens *tipo*, *como*, *feito* e *igual* assumem diacronicamente trajetórias de gramaticalização e passam, cada um numa época, a assumir funções de juntor oracional. A palavra *como*, desde o latim, desempenhava essa função; no português, segue a trajetória de deslizamento assumindo novas funções relacionais entre as orações conectadas. No século XV, *igual* passa a conectar orações, *feito* faz o mesmo no século XX e *tipo* não aparece nessa função nos documentos consultados.

Os padrões sincrônicos foram, assim, parcialmente, referendados pelos dados diacrônicos. Já era esperada a ausência diacrônica das funções *tipo*⁶, *igual*⁵ e *como*⁵, todos discursivos, por isso mesmo típicos da modalidade falada da língua portuguesa.

Essas constatações permitem afirmar que *tipo* é o uso juntivo mais recente, dentre os analisados. Cabe, agora, pesquisar a convivência dessas funções na língua falada e

escrita atuais. Para tanto, proponho duas estratégias de observação: 1. explorar a expansão/restrrição desses valores na língua falada pelos mesmos informantes em dois momentos de sua vida; 2. explorar a expansão/restrrição dos padrões funcionais mais inovadores na modalidade escrita em situação formal.

Com essas estratégias, espero conseguir indícios dos fatores que motivam a expansão/restrrição de uso na modalidade falada e, assim, discutir a rota de mudança da língua, que pode ser avalizada com o respaldo de seu ingresso na modalidade escrita.

CAPÍTULO V

IMPLEMENTAÇÃO DE USOS NAS MODALIDADES FALADA E ESCRITA

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discuto a implementação de empregos inovadores das formas *igual*, *feito*, *como* e *tipo*, com especial enfoque para os deste último item, buscando identificar os possíveis fatores que justificam a adesão de falantes aos padrões funcionais variados.

Para tanto, optei por dois materiais específicos: língua falada e redações escolares. Na análise da língua falada, num viés sociolinguístico, acompanho a trajetória de uso em tempo real de curta duração por meio de entrevistas de falantes cariocas. A escolha desse *corpus* deve-se a alguns cuidados prévios tomados na coleta dos materiais de fala, os quais favorecem a realização de estudos segundo o método *painel*. Conto com entrevistas realizadas por pesquisadores dos projetos PEUL e NURC, com informantes contatados na década de 80 e 70, respectivamente, e recontatados por volta de dezessete anos depois.

Com relação ao material de língua escrita, já descrito anteriormente no capítulo que tratei dos pressupostos metodológicos, serão utilizadas redações como meio de observar o ingresso de formas inovadoras na modalidade escrita, guardiã da norma culta. De acordo com Labov (2002), para que novas formas/funções linguísticas sejam incorporadas pelos indivíduos, essas precisam ser associadas com valores e atributos do grupo que as originou ou que mais evidentemente as utiliza. Essa atitude seria a indicação de sua sintonia com os valores daqueles falantes.

As análises, explicações e possíveis conclusões também serão baseadas nessa orientação laboviana, já que as apoiarei necessariamente em informações contextuais, co-textuais e pragmáticas, posto que “a única fonte segura para a obtenção dos dados relevantes (...) são os próprios falantes, vistos como membros da comunidade de fala dinâmica e diversificada” (Paiva 1999:7).

1. ESTUDO PAINEL

No final do século passado e mais intensamente neste início do século XXI¹²⁰, vários lingüistas procuram recontatar a comunidade originalmente estudada, a fim de reproduzir os estudos já realizados com esses informantes.

Nesta tese, utilizo as amostras dos *corpora* PEUL e NURC, ambas constituídas com gravações de falantes cariocas, para proceder ao estudo da mudança ocorrida com as palavras *tipo*, *feito*, *igual* e *como*. Por ser um estudo que requer a análise de entrevistas feitas num período distante em média 17 anos, a metodologia painel permitirá a comparação do emprego das várias funções atribuídas a cada um dos itens analisados em dois momentos diversos e também a apreensão das rotas de gramaticalização empreendidas por esses itens.

É bastante comum a indicação dos fatores *escolaridade* e *idade* para a explicação da incorporação de usos inovadores feitos pelos falantes. Espera-se que os mais escolarizados dominem mais apropriadamente a norma culta e evitem inovações ainda não integrantes de dicionários; da mesma forma, tem-se a idéia de que padrões funcionais inovadores pouco aceitos pela comunidade lingüística adulta são empregados por grupos fechados como forma de ‘contestação’, daí a vinculação à faixa etária mais rebelde, a adolescência.

Mostro que essas correlações não são totalmente válidas ainda que, em alguns casos, seja possível afirmar que, quanto maior a progressão escolar do informante, maior é o leque de funções observadas para os itens analisados. Argumento a favor da extensão dos contatos sociais como recurso para promover ou facilitar a incorporação de usos inovadores pelos falantes. Assim, a integração em várias malhas sociais é discutida como fator relevante para explicar a expansão funcional¹²¹ e, conseqüentemente, as rotas de mudança lingüística.

Parece que a integração social do indivíduo pode representar importante papel na transmissão dos usos inovadores. Em contrapartida, o isolamento dos indivíduos ou a ocorrência de muitos e duradouros movimentos geográficos também podem gerar

¹²⁰ Fora do Brasil, dentre outros, citamos Sankoff & Cedergren 1973; Brink e Lund 1975; no Brasil, encontram-se prontas as amostras do Nurc-RJ e do Peul, ambas organizadas pelos pesquisadores da UFRJ. Muitas discussões estão em andamento nesse sentido para o Português Popular (Rodrigues 1987) e Nurc-SP.

¹²¹ *Expansão de padrões funcionais* referem-se à adesão de novos empregos/valores de uma palavra pelo informante. Nesta tese, *padrões funcionais* é expressão empregada como sinônima dos seguintes termos: *usos*, *valores*, *funções*, *empregos*, *types*.

consequências à comunicação espontânea. A ruptura no processo de incorporação dos deslizamentos funcionais das palavras, pela movimentação natural para fora de uma comunidade, pode ser uma dessas consequências.

Para responder a questionamentos que decorrem dessas reflexões e também para averiguar a validade das afirmações feitas sobre a correlação usos/aspectos sociolinguísticos, utilizei dados de dois *corpora* do dialeto carioca: PEUL e NURC/RJ. Do primeiro, analiso as entrevistas de 16 informantes, heterogêneos quanto ao grau de escolaridade, dentre outras características; do segundo, analiso as entrevistas de 11 informantes com curso superior. Em ambos os casos, conto com as entrevistas realizadas em dois momentos distantes aproximadamente 17 anos no tempo.

1.1 ESTUDO PAINEL – *CORPUS* PEUL

A base de dados para o *estudo em painel* é composta pelas entrevistas realizadas com 11 mulheres e 5 homens em dois momentos distintos (Amostra 80 e Amostra 00). Seis das onze mulheres mantiveram-se no mesmo grau de escolaridade que tinham à época do contato e somente um homem continuou estudando. Essas informações, contudo, não são suficientes para oferecer explicações coerentes acerca dos resultados quantitativos da expansão/redução dos padrões funcionais de *tipo*, *feito*, *igual* e *como*, mostrados, adiante, no quadro 18.

As constatações diacrônicas de que os usos mais inovadores, na escrita, são as conjunções¹²² e de que alguns dos termos estudados sofreram maiores deslizamentos funcionais do que outros servirão de critério para ordenação das explanações. Desta maneira, organizo a análise partindo do item de maior deslizamento para os de menor deslizamento funcional (*como*, *igual*, *feito* e *tipo*) e dos usos menos inovadores para os mais inovadores.

Início com a apresentação de um quadro em que estão dispostos todos os padrões funcionais identificados nas entrevistas dos falantes do PEUL, em dois momentos de

¹²² Refiro-me aos resultados das análises observados para os itens *tipo*, *feito* e *igual*. Com relação à palavra *como*, esta já desempenhava função conjuntiva desde o latim.

registro. Nas colunas referentes às duas amostras, estão distribuídas as ocorrências coletadas nas citadas entrevistas.

Quadro 18 – Distribuição de padrões funcionais – PEUL

FALANTE	Categoria	Padrão funcional	A m o s t r a 80				A m o s t r a 00			
			como	igual	feito	Tipo	como	igual	feito	tipo
59 Mulher	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	2
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	1	-	-
	Advérbio	modo	-	-	-	-	2	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	1	-	-
	Advérbio/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	2	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	5	-
	Preposição	exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	-
	Conjunção	juntiva	2	1	1	-	6	1	-	-
63 mulher	Discursiva	marcador	-	-	-	-	1	-	-	2
	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	2
	Adjetivo	qualificador	-	-	1	-	-	1	1	-
	Advérbio	modo	9	-	-	-	12	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	3	-	-
	Advérbio/ conjunção	ambiguo	-	-	-	-	7	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	5	-
	Preposição	restritivo	2	-	-	-	4	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	3	-	-	19
	Conjunção	juntivo	5	-	-	1	22	1	3	5
	Discursiva	marcador	-	-	-	-	3	-	-	13
57 mulher		delimitador	-	-	-	-	-	-	-	1
		aproximativo	-	-	-	-	-	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	2	-	-	-	1	-	-
	Advérbio	modo	2	-	-	-	2	-	-	-
	Advérbio/ conjunção	ambiguo	1	-	-	-	1	-	-	-
	Preposição	restritivo	-	-	-	-	1	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	-	-	-	1
23 mulher	Conjunção	juntivo	1	1	1	-	2	-	-	-
	Discursiva	marcador	-	-	-	-	1	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	2
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	1	-	-
	Advérbio	modo	19	-	-	-	11	-	-	-
	Advérbio/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	1	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	2	-
	Preposição	exemplificativo	-	-	-	-	2	-	-	-
39 mulher		restritivo	1	-	-	-	-	-	-	-
	Conjunção	juntivo	11	1	-	2	9	-	-	-
	Discursiva	delimitador	-	-	-	2	-	-	-	2
		aproximativo	-	-	-	-	-	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	2	-	-	-	8
	Adjetivo	qualificador	-	-	-	-	-	1	-	-
	Advérbio	modo	25	-	-	-	3	-	-	-
	Advérbio/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	10	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	9	-
	Preposição	restritivo	1	-	-	-	8	-	-	-

FALANTE			A	m	o	s	t	r	a	80	A	m	o	s	t	r	a	00
	Categoria	Padrão funcional	como	igual	feito	Tipo	como	igual	feito	tipo	como	igual	feito	Tipo	como	igual	feito	tipo
39 (cont.)		exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	2								
	Conjunção	juntivo	5	1	1	-	26	2	-	-								
	Discursiva	marcador	-	-	-	-	4	-	-	9								
		delimitador aproximativo	-	-	-	-	-	-	-	4								
06 mulher	Adverbo	modo	6	-	-	-	6	-	-	-								
	Adverbo/Conjunção	ambíguo	-	-	-	-	2	-	-	-								
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	1	-								
	Preposição	restritivo	3	-	-	-	2	-	-	-								
		exemplificativo	1	-	-	-	-	-	-	-								
	Conjunção	juntivo	7	6	-	-	4	-	1	-								
38 homem	Discursivo	marcador	-	1	-	-	-	-	-	-								
	Substantivo	classificador	-	-	-	3	-	-	-	2								
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	4	-	-								
	Adverbo	modo	8	-	-	-	8	-	-	-								
	Adjetivo/Conjunção	ambíguo	-	-	-	-	-	2	-	-								
	Adverbo/Conjunção	ambíguo	-	-	-	-	4	-	-	-								
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	2	-								
	Preposição	restritivo	1	-	-	-	3	-	-	-								
		exemplificativo	-	-	-	-	4	-	-	-								
	Conjunção	juntivo	1	-	-	-	10	1	-	1								
04 mulher	Discursivo	marcador	-	-	-	-	5	-	-	2								
	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	1								
	Adjetivo	qualificador	-	-	1	-	-	1	-	-								
	Adverbo	modo	7	-	-	-	1	-	-	-								
	Adjetivo/Conjunção	ambíguo	-	4	-	-	-	-	-	-								
	Adverbo/Conjunção	ambíguo	1	-	-	-	2	-	-	-								
	Preposição	restritivo	-	-	-	-	1	-	-	-								
	Conjunção	juntivo	5	3	-	-	6	-	-	-								
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	1	1	-	-								
		delimitador aproximativo	-	-	-	1	-	-	-	-								
26 homem	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	4								
	Adjetivo	qualificador	-	-	-	-	-	3	-	-								
	Adverbo	modo	9	-	-	-	4	-	-	-								
	Adjetivo/conjunção	ambíguo	-	-	-	-	-	1	-	-								
	Adverbo/Conjunção	ambíguo	-	-	-	-	3	-	-	-								
	Preposição	restritivo	2	-	-	-	1	-	-	-								
	Conjunção	juntivo	6	-	-	-	5	1	-	1								
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	2	1	-	-								
42 homem	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	3								
	Adjetivo	qualificador	-	1	1	-	-	-	-	-								
	Adverbo	modo	7	-	-	-	5	-	-	-								
	Adjetivo/Conjunção	ambíguo	-	4	-	-	-	3	-	-								
	Adverbo/Conjunção	ambíguo	1	-	-	-	3	-	-	-								
	Verbo	participio	-	-	5	-	-	-	2	-								
	Preposição	restritivo	5	-	-	-	3	-	-	-								
	Conjunção	juntivo	5	3	-	-	7	-	-	-								
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	3	-	-	-								
		delimitador aproximativo	-	-	-	2	-	-	-	-								

FALANTE	Categoria	Padrão funcional	A m como	o s t igual	r a feito	80 Tipo	A m como	o s t igual	r a feito	0 0 Tipo
47 mulher	Substantivo	referenciador	-	-	-	-	-	1	-	1
		classificador	-	-	-	-	-	-	-	3
	Adjetivo	qualificador	-	-	-	-	-	4	-	-
	Advérbio	Modo	9	-	-	-	4	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	2	-	-
		ambiguo	1	-	-	-	3	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	3	-	-	-	8	-
	Preposição	exemplificativo	1	-	-	-	1	-	-	-
		restritivo	5	-	-	-	5	-	-	-
48 mulher	Conjunção	juntivo	4	-	-	-	18	-	-	-
	Discursiva	marcador	1	-	-	-	2	-	-	2
	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	3
		qualificador	-	1	1	-	-	-	1	-
	Advérbio	Modo	7	-	-	-	5	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	5	-	-	-
		participio	-	-	1	-	-	-	1	-
	Preposição	restritiva	2	-	-	-	6	-	-	-
		exemplificativo	1	-	-	-	2	-	-	-
36 mulher	Conjunção	juntivo	17	-	1	-	12	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	1	2	-	-	-	-	-
		Modo	17	-	-	-	5	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	1	-
	Preposição	restritivo	1	-	-	-	7	-	-	-
		juntivo	14	1	-	-	7	-	1	-
	Discursiva	marcador	1	-	-	-	8	-	-	-
		classificador	-	-	-	5	-	-	-	2
	Advérbio	Modo	6	-	-	-	3	-	-	-
03 homem	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	1	-	-	-	3	-	-	-
		participio	-	-	3	-	-	-	1	-
	Preposição	restritivo	3	-	-	-	-	-	-	-
		exemplificativo	3	-	-	-	3	-	-	-
	Conjunção	juntivo	26	-	-	-	10	4	-	-
	Discursivo	delimitador	-	-	-	1	-	-	-	-
		aproximativo	-	-	-	-	-	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	4	-	-	-	1
	Advérbio	Modo	9	-	-	-	3	-	-	-
35 mulher	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	1	-	-	-	2	-	-
		ambiguo	3	-	-	-	5	-	-	-
	Conjunção	juntivo	8	2	-	-	4	1	-	-
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	1	-	-	-
		classificador	-	-	-	1	-	-	-	4
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	-	-	-
		modo	8	-	-	-	8	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	1	-	-
		participio	-	-	2	-	-	-	2	-
33 homem	Preposição	restritivo	3	-	-	-	-	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	2	-	-	1
	Conjunção	juntivo	10	2	-	-	13	3	-	-
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	9	-	-	-
		delimitador	-	-	-	-	-	-	-	2
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	-	-	-
		modo	8	-	-	-	8	-	-	-
	Adjetivo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	1	-	-
		participio	-	-	2	-	-	-	2	-

Pela metodologia de estudo painel, a generalização dos resultados é inconveniente. Agrupar os informantes em faixas etárias rígidas pode camuflar o fenômeno que, sutil, deve ser apreendido sob o ponto de vista da mudança de comportamento lingüístico do falante. Por outro lado, o estudo em painel favorece a organização estratégica de dados lingüísticos individuais. Esta, dependendo de fatores externos, pode confluir para resultados semelhantes, que merecem ser cotejados. Isso faz com que algumas constatações mais gerais possam ser feitas com o fim de, num momento posterior, explicar muito do que ocorre com padrões inovadores de usos.

À época da primeira entrevista, as crianças/pré-adolescentes (59, 63 e 57) apresentavam algumas similaridades e também algumas diferenças que somente podem ser compreendidas se exploradas do ponto de vista dos usos efetivamente feitos e dos aspectos sociolingüísticos de cada informante.

Com relação à palavra *como*, as falantes 59 e 57 apresentaram padrões funcionais semelhantes (advérbio, advérbio/conjunção, preposição e marcador discursivo), mas diferem quanto aos usos juntivos, mais recorrentes na entrevista da falante 59. Todas as falantes ampliam significativamente os padrões funcionais na amostra 00. Quanto às recorrências, as conjunções detêm maior freqüência de usos para 59 e 63. A falante 57 apresenta um quadro mínimo freqüencial para todos os padrões funcionais. Em relação à palavra *igual*, 59 e 57 partem, na Amostra 80, de usos equiparados para um quadro diverso: 57 reduziu a freqüência de adjetivos e abandonou as conjunções enquanto 59 ampliou padrões funcionais (advérbio e adjetivo/conjunção) em índices mínimos e manteve os adjetivos e os conjuntivos. A falante 63 ampliou as categorias adjetivo/conjunção e conjunção. Quanto à palavra *feito*, 59 e 63 expandem os usos verbais participiais; 57 e 59, que no primeiro contato empregaram conjunções, reduzem seu uso a zero. Ainda com relação a *feito*, 63 apresenta maior gama de padrões funcionais. A palavra *tipo*, por sua vez, apresenta suas funções expandidas por todas essas falantes, mas 63 continua destoando desse grupo no segundo contato, pois amplia de forma acentuada os padrões e também as recorrências, especialmente dos discursivos e das preposições exemplificativas. A falante 57 reduz a zero os substantivos-classificadores e faz emergir a preposição-exemplificativa numa recorrência mínima.

Essas falantes, embora com idades muito próximas, diferem em aspectos sociolingüísticos importantes. A informante 63 chegou ao curso universitário, apresentou-se mais comunicativa e bastante expressiva nos dois contatos. Diversamente, as demais informantes não freqüentaram universidade. Num primeiro momento, a escolaridade poderia explicar essa diferença de usos no segundo contato (Amostra 00), entretanto outro aspecto muito interessante chamou-me a atenção nos resultados gerais dos *corpora* devido à co-recorrência: as relações sociais e a integração do falante com grupos/ativida... variados.

A informante 59, no segundo contato, já está casada e tem uma vida social dinâmica, no sentido de lidar com pessoas diferentes toda semana, porém seus contatos sociais são bastante restritos. Lida, basicamente, com artistas e funcionários administrativos, mas somente para tratar de negócios: datas, pagamentos, serviços, agendamento, etc. Se comparada à rotina de 63, que é solteira e que vivencia a dinâmica social da cidade, embora também trabalhe com faturamento e contatos com empresas diversas, a diferença é grande. A informante 57 provém de família desagregada e recomposta num segundo relacionamento de sua mãe. Interrompeu seus estudos na 6ª série porque se envolveu emocionalmente com quem viria a se casar. Suas opções de vida a levaram a morar num bairro humilde da periferia carioca. Possui uma malha de contatos e de relações sociais bastante restrita. Diz gostar das atividades domésticas e considera-se “do lar”. É sustentada pelo marido, um militar, e vive em função da filha, cujo crescimento deve acompanhar até que julgue necessário. Acredita que ser mãe é seu grande papel social.

Duas informantes de 15 anos à época das primeiras entrevistas (23 e 39) foram recontatadas 18 anos depois e apresentaram comportamento lingüístico similar com relação aos padrões funcionais de *como*: ambas diminuíram os advérbios e passaram a empregar os advérbios/conjunções, usos ambíguos. Enquanto a informante 23 reduziu a freqüência das preposições-restritivas e das conjunções, a informante 39 aumentou seus usos consideravelmente e ampliou o espectro de padrões funcionais com o marcador discursivo. Com relação a *igual*, essas informantes mantiveram o comportamento anteriormente observado: reduziram ou mantiveram em índices baixíssimos os usos mais próximos ao item-fonte (adjetivo), tendo a informante 23 reduzido a zero os usos discursivo e

conjuntivos, que já eram de baixíssima recorrência no primeiro contato, enquanto a informante 39 aumentou a recorrência da conjunção e ampliou os padrões funcionais com o adjetivo. Quanto aos usos de *feito*, essas informantes passaram a empregar os participios verbais (passivos). Esta última falante (39), contudo, abandonou os usos conjuntivos. Quanto à palavra *tipo*, são ampliadas as recorrências de substantivos-classificadores. Enquanto 23 reduziu a zero os usos conjuntivos, 39 incluiu os discursivos (marcadores), os preposicionais (exemplificativos) e os delimitadores aproximativos.

A queda/aumento de usos pode ser explicada por aspectos externos à língua. Apesar de mesma idade, a informante 23 só estudou até o magistério e a 39 fez curso universitário. Há também similaridades que vão além da simples idade: ambas buscam conhecimentos, sentem a necessidade de se superar, mas cada uma traça caminhos próprios para resolver essa questão. Os contatos e relações sociais de ambas diferem em grande medida. A informante 23 fez magistério e se casou. Depois participou de vários cursos para seu aperfeiçoamento. Por conta de ter dois filhos pequenos (5 e 7 anos) à época do segundo contato, não tem oportunidade de sair/participar da vida social, que se reduz ao eixo trabalho-família¹²³. Na primeira entrevista, era uma adolescente e apresentou-se mais comunicativa do que no segundo contato, quando estava com 33 anos e gravava sua entrevista ao lado de um dos filhos. É professora de crianças (rede particular de ensino), lê muito pouco, não gosta de teatro e raramente vai ao cinema. A falante 39, por sua vez, mostra-se linguisticamente articulada e constrói respostas críticas com bastante fluência. Cursou alguns semestres do curso de Letras, em universidade pública, mas desistiu para fazer o curso de Administração. Por ter origem humilde, decidiu-se pela busca do sucesso profissional, adiando a constituição de uma família. À época do segundo contato, trabalha na Marinha e desfruta de estabilidade no emprego. Lida com círculos de jovens e adultos que se alteram a cada semestre. Já está no segundo casamento, tem vida dinâmica. Sente-se realizada profissionalmente e vive um momento de realização no amor. Não tem filhos. O marido é músico e tem também contatos sociais bastante intensos¹²⁴, dos quais a informante

¹²³ Uma justificativa para não participar dessa vida social pretendida é o preço exorbitante das atividades culturais. Segundo a informante, todo valor unitário de uma atividade deve ser multiplicado por quatro (o número de integrantes de sua família). Isso mostra que não se enxerga como indivíduo, mas, sim, como um integrante da família, o que impede qualquer lazer individual.

¹²⁴ Seu marido é integrante de uma banda e toca em shows. Também escreve em coluna de crítica musical na internet.

também participa. Não tem um único lazer preferido, razão pela qual participa de muitas e variadas atividades, tanto em ambientes abertos (praia) quanto em ambientes fechados (teatro, mostras etc.). Assina muitas revistas e lê tudo o que lhe cai às mãos.

Dois informantes de 18 anos à época do primeiro contato (6 e 38) foram recontatados 17,5 anos depois (em média). Com relação à palavra *como*, mantiveram identicamente a frequência de advérbios; passaram, na Amostra 00, a empregar os advérbios/conjunções, usos ambíguos. A partir daí, só há diferenças: a falante 6 diminuiu as preposições (restritivas) e as conjunções; o falante 38 expandiu esses usos em sua segunda entrevista e passou a empregar as preposições (exemplificativas) e os discursivos. Os usos de *igual* apresentaram-se assim distribuídos: a informante 06 reduziu a zero as conjunções e os discursivos, e o informante 38, ao inverso, ampliou os seguintes padrões: adjetivo, adjetivo/conjunção (ambíguo) e conjunção. Com relação a *feito*, 06 e 38 passam a usar os participios verbais (voz ativa), mas só 06 passa a empregar as conjunções. Já, sobre a palavra *tipo*, somente 38 passa a empregar discursivos e conjunções, mas reduz a frequência de substantivos-classificadores.

Além das diferenças de sexo entre 6 e 38, outros fatores contribuíram para as diferenças de usos observadas. A informante 6 está no segundo casamento, tem três filhas e dois netos. Fica em casa com os netos e às vezes vai com o marido para samba, pagode, desfile e futebol. Não se interessa por tevê, mas ouve rádio. Não se relaciona com os vizinhos, que considera encenqueiros e fofoqueiros. Mora num bairro humilde e cheio de problemas. Abandonou definitivamente os estudos no ensino primário antigo (fundamental 1). Seus contatos são basicamente os familiares. Já, o informante 38 tem uma malha de contatos maior. No primeiro contato, estava com 18 anos e atuava como salva-vidas. Apresentava-se como um esportista e respondia com bastante desenvoltura às perguntas feitas. Iniciou após aquele momento o curso universitário – que nunca conseguiu concluir por motivos que independiam de sua vontade. Mudou-se para Porto Alegre depois que se casou e presta serviços de manutenção de aeronaves para empresas aéreas. Sua esposa tem contatos sociais extensos, tem cargo importante numa empresa e compartilha com o marido alguns desses laços fraternais. Tem uma filha pequena, mas isso não impede o casal de ter

uma vida social bastante dinâmica. Seus familiares ainda moram no Rio de Janeiro, para onde viajam com certa frequência.

Em muitos aspectos, os informantes 38 (homem) e 39 (mulher) – os únicos que atingiram, numa faixa etária idêntica, o curso superior – incorporam, de modo bastante similar, novos usos de *tipo*. E essa semelhança poderia conduzir o desenvolvimento da análise para a centralização da escolaridade nas explicações. Assim, a progressão escolar, *ab initio*, parece ser decisiva na expansão de padrões diversificados de *tipo*, mas, quando há estagnação dos estudos, a expansão de usos também se manifesta em alguns casos, remetendo a outros fatores sociais da vida do informante, como mostrarei a seguir.

A informante 04, com 25 anos à época do primeiro contato, demonstrou redução acentuada de *como*-advérbio, mas apresentou aumento freqüencial de conjunções e de advérbio/conjunção. Também ampliou o espectro de padrões funcionais, empregando, em índices muito baixos, preposições restritivas e discursivos. Com relação aos usos de *igual*, novamente demonstrou redução acentuada de adjetivo/conjunção e conjunção, mas, no segundo contato, ampliou, em índice muito baixo, os padrões discursivos e adjetivais. Quanto à palavra *feito*, houve redução estatística a zero do único padrão empregado na Amostra 80: o adjetivo. *Tipo* continua, em índices mínimos, empregado como substantivo-classificador, mas o delimitador aproximativo é reduzido a zero.

Essa informante, recontatada 18 anos depois, sem progressão escolar¹²⁵, não apresentou expansão funcional da palavra *tipo* em suas entrevistas. Durante a segunda entrevista, não se expôs muito. Ao responder aos questionamentos, não explorou a temática da pergunta, foi sintética. Não abriu espaço para novos usos em seu texto. Quanto às suas atividades, dedica-se a tarefas de fazer e congelar alimentos, uma lida solitária na maior parte do tempo.

Há muitos anos, é cozinheira de escola de crianças, onde tem contato basicamente apenas com uma colega, com quem divide as tarefas na cozinha. Não tem, assim, contatos variados e freqüentes. Em casa, não conversa muito com os filhos. É uma pessoa de poucas palavras sobre amenidades. Não lê, não gosta de cinema nem de teatro. No carnaval, integra a ala das baianas da Escola de Samba do Salgueiro. Seus contatos sociais são restritos e, na

¹²⁵ Interrompeu definitivamente os estudos na 5ª série (fundamental 1).

maior parte do tempo, cumpre as mesmas obrigações sem grandes inovações, e isso lhe traz prazer.

Os informantes 42 e 26 (homens) têm diferença de um ano (31 e 32 anos, respectivamente). De modo semelhante, aumentam os usos de *como*-advérbio/conjunção e de discursivo. Ambas reduzem os índices de *como* no padrão funcional preposicional (restritivo) e adverbial. Enquanto 42 aumenta freqüencialmente *como*-conjuntivo e *como*-adverbial, 26 os reduz. Com relação a *igual*, 26 passa a usar, na Amostra 00, os adjetivos, adjetivo/conjunção (ambíguo), conjunção e discursivo; 42, por sua vez, reduz a zero a freqüência de todos os seus usos da Amostra 80, quais sejam: adjetivo e conjunção, mas mantém em índices mais baixos os adjetivos/conjunções. Quanto à palavra *feito*, esta não foi empregada por 26 em suas entrevistas e é reduzida freqüencialmente pelo falante 42 nos padrões adjetivo e particípio verbal (vozes ativa e passiva). Com relação à palavra *tipo*, 26 e 42 empregam substantivos-classificadores, que sofrem aumento de freqüência; contudo, enquanto 26 passa a usar, em índices mínimos, o conjuntivo, 42 reduz a zero o padrão delimitador aproximativo.

Essas diferenças sustentam-se também nos dados de suas fichas sociais, já que, apesar da idade e da profissão semelhantes (vendedores), 42 chegou ao ensino médio e 26 não passou da 8ª série do ensino fundamental. Outra diferença entre eles é que 42 já se aposentou e 26 ainda está em atividade. 26 gosta de assistir a programas televisivos e não perde novelas e notícias, enquanto 42 ouve rádio e, na tevê, somente assiste a programas noticiários. A vida cultural de ambos é pouco desenvolvida. 26 prefere o sossego de sua casa para fazer solitários churrascos, para assistir a filmes e para cuidar dos pássaros; 42, por sua vez, faz caminhadas no calçadão pela manhã, gosta de cozinhar e participa das atividades domésticas. Apesar do lazer externo de 42, seus contatos são mais restritos que os de 26.

A informante 43, com 42 anos à época do primeiro contato e recontrada com 59 anos sem progressão escolar, reduziu a freqüência de usos de *como*-advérbio e discursivos ao mesmo tempo em que aumentou os usos ambíguos *como*-advérbio/conjunção e conjunção. Manteve nos mesmos índices as ocorrências de preposições exemplificativas e

restritivas. Em relação à palavra *igual*, houve ampliação dos padrões funcionais com a inclusão de substantivo, adjetivo e adjetivo /conjunção. Também houve o aumento freqüencial dos participios verbais (passivos) de *feito*. Sobre *tipo*, houve expansão de padrões com substantivos-classificadores, substantivos-referenciadores e discursivos. Seus contatos sociais podem amparar a expansão observada nesta análise.

Do ponto de vista sócio-cultural, a informante 43 participa de uma variada gama de contatos. É separada e suas filhas, já casadas, deram-lhe muitos netos. Não é, apesar disso, mulher que viva somente presa aos afazeres domésticos: vai a cinema e a teatro sem grande freqüência, mas faz caminhadas todos os dias. Por não trabalhar, recebe ajuda financeira das filhas. Lê jornal diariamente, adora telenovelas e tem contatos com pessoas do Rio de Janeiro, de outros estados e até mesmo de outros países. É autodidata, não acredita que a escola possa preparar o indivíduo, por isso estudou até o primeiro ano do antigo clássico e não pretende nunca mais entrar em uma sala de aula.

A informante 48, dez anos mais velha que a informante 43, também não teve progressão escolar, parando no ensino médio. Foi recontatada 18 anos depois, quando estava com 70 anos. Como a falante anterior, diminuiu a freqüência de *como*-advérbio e de conjunção ao mesmo tempo em que emprega estruturas ambíguas de *como*-advérbio/conjuntivo. Aumentou os usos preposicionais (restritivos e exemplificativos). Com *igual*, reduziu a zero o único emprego (adjetivo) e com *feito* manteve o uso de adjetivo e de participio verbal (passivo) nos mesmos índices mínimos da primeira entrevista, no entanto reduziu a zero a conjunção. Sobre *tipo*, a informante passa a empregar o substantivo-classificador no segundo contato, um uso mais próximo do item-fonte.

Essa informante é casada há muitos anos com um português, de 82 anos no segundo contato. Seu casamento à época do segundo contato não anda bem, mas ela releva essa situação. Sempre fez trabalhos voluntários junto à igreja¹²⁶. Ter casa própria era seu sonho, que realizou ao se mudar do Rio para Teresópolis. Tem muitas amizades, majoritariamente com pessoas idosas, o que torna seus contatos sociais bastante restritos.

¹²⁶ Trabalhou na favela da Rocinha e, no segundo contato, também atua junto a idosos de seu bairro.

Os informantes 3 e 36, à época do contato com 56 e 57 anos respectivamente, foram recontatados quando estavam com 74 anos. Com relação a *como*, ambos reduziram drasticamente os advérbios e conjunções, mas somente o falante 03 ampliou os usos ambíguos advérbios/conjunções. Enquanto a falante 36 aumentou os usos de preposição (restritiva) e discursivos de forma também drástica, o falante 3 reduziu a zero a preposição (restritiva), que já era minimamente freqüente. Mantiveram suas diferenças nos padrões funcionais de *igual*: enquanto 36 reduz a zero os padrões adjetivo e conjunção, na primeira entrevista minimamente empregados, o segundo expande o uso de conjunção, que é coloquialmente empregado no Rio de Janeiro. Da mesma forma, 36 reduz a zero os adjetivos de *feito*, mas amplia os padrões, empregando ocorrências de particípio verbal (passivo) e de conjunção em índices mínimos. Já a informante 03 reduz a freqüência de *feito-particípio verbal* (passivo). Nos dois momentos de contato, 36 não empregou a palavra *tipo* em nenhuma estratégia comunicativa, diferentemente do informante 03, que já empregara o substantivo-classificador na Amostra 80 e reduz sua freqüência na Amostra 00. Também emprega, no primeiro contato (Amostra 80), o delimitador aproximativo, que é reduzido a zero na segunda entrevista (Amostra 00).

As diferenças podem parcialmente ser explicadas pelo grau de escolaridade. A informante 36, cuja idade já era avançada à época do primeiro contato (57 anos), foi recontatada dezessete anos depois, quando já concluíra o equivalente ao atual ensino fundamental 2 (antigo ginásio); o falante 03, por sua vez, cursou o antigo primário (4ª série do ensino fundamental). Há, entretanto, outras diferenças quanto às relações sociais. Enquanto o falante 03, separado da família há alguns anos, é aposentado¹²⁷ e vive perto do mar¹²⁸, a informante 36 tem muitos amigos, relaciona-se bem com os vizinhos e, estando em casa, gosta de assistir a programas da tevê. Dificilmente está sozinha, pois recebe muita gente em casa¹²⁹.

Os informantes 35 e 33, respectivamente com 59 e 60 anos, não apresentaram progressão escolar no segundo contato: ambos tinham cursado somente o ensino

¹²⁷ Apesar de aposentado, procura sempre fazer um serviço extra para se manter ocupado. Invariavelmente são atividades solitárias.

¹²⁸ Segundo o informante, viver perto da natureza lhe dá prazer.

¹²⁹ Muitas vezes, não consegue relatar cenas de novelas porque, como a casa está sempre cheia, não pode prestar atenção ao que se passa na tevê.

fundamental – 1º ciclo (até as 4 primeiras séries). 35 reduz os usos de *como* conjuntivo e adverbial, e 33 faz o mesmo com *como*-preposição (restritiva). Ambos os falantes aumentam a frequência de discursivos, mas somente 35 amplia a frequência de advérbios/conjunções. O falante 33 emprega *como* num espectro funcional maior, incluindo usos preposicionais (exemplificativa e restritiva), aumentando a frequência de conjuntivos e mantendo a frequência de advérbios modais. Com relação a *igual*, os falantes se equiparam quanto aos padrões selecionados no segundo contato (Amostra 00). Refiro-me aos padrões adjetivo/conjunção (ambíguos) e conjunção, este reduzido por 35 e aumentado por 33. Quanto a *feito*, o informante 33 mantém os participípios verbais (ativo e passivo) em índices frequenciais baixos, enquanto a falante 35 não emprega nenhuma função de *feito* nos dois momentos. Na distribuição de *tipo*, 35 reduziu a frequência de substantivos-classificadores, e 33 apresentou expansão de padrões, empregando o delimitador aproximativo e a preposição exemplificativa.

Essa distribuição pode ser explicada por aspectos sócio-culturais dos informantes. A falante 35 é doméstica, messiânica praticante, tem várias amigas e, depois de ter ingressado para estudar na igreja, deixou de ficar somente dentro de casa, agora anda muito por outros bairros. O falante 33, por sua vez, embora não tenha lazer, sempre teve atividades profissionais de muito contato diário, inclusive nos finais de semana. Agora, já mais velho, prefere o sossego de seu bairro, tipicamente residencial, onde a tranquilidade reina. Note que as histórias dos informantes são opostas quanto aos contatos: enquanto 35 se considerava, no primeiro contato, preguiçosa por não sair de casa e não fazer amizades, 33 era um trabalhador compulsivo, que tinha muitos e variados contatos. Aproximadamente dezessete anos depois, a situação se inverte: 35 resolve ampliar seus contatos sociais e 33 busca o sossego de uma vida pacata.

Ao que parece, a vida ativa do informante 33 durante anos fez com que tomasse contato com variados padrões funcionais, que 35 não virá provavelmente a desenvolver, posto que amplia seus contatos sociais em extensão, o que não se traduz em aspectos sociais diversificados (idade, sexo, grau de escolaridade, atividades e credos).

Portanto, a idade parece não ser fator importante para explicar a adesão a esses usos inovadores, como o senso comum permitiria defender, tampouco a escolaridade de modo

isolado. A conjugação de fatores, especialmente articulados pelas relações e contatos sociais, pode tornar a idade e a escolaridade importantes para a adesão de usos inovadores.

Em outra perspectiva de análise, esses aumentos, quedas e manutenção de usos pelos informantes poderiam ser explicados, segundo Naro, em termos de fluxo e contrafluxo¹³⁰.

Há outras questões que estão embutidas nesses resultados e que, se esclarecidas, podem contribuir para o entendimento da expansão de alguns usos e da redução de outros. No quadro 19, distribuo os dados já apresentados, agora sob a ótica de *types/tokens* e, também, da avaliação dos contatos sociais.

Para tornar mais objetiva a avaliação da extensão dos contatos sociais, selecionei alguns critérios básicos: o tipo/ambiente da principal atividade diária, a extensão dos contatos diários, a interação com outros meios de comunicação (mídia em geral, teatro, tevê, rádio, revista, jornal, etc.). Distribuí esses critérios por três índices qualitativos:

A. Tipo/ambiente da principal atividade diária

0 - atividades solitárias.

1- atividades com grupos restritos (idade, escolaridade, profissão, etc.).

2- atividades com contatos variados e irrestritos.

B. Extensão dos contatos diários

0- participa somente de círculos familiares.

1- participa de círculo restrito e compartilha as amizades familiares.

2- participa de círculos variados de amizades.

C. Exposição a outros meios de comunicação/canais de informação

0- está exposto a, pelo menos, um veículo de comunicação.

1- está exposto a, pelo menos, dois veículos de comunicação (rádio/tevê).

2- está exposto a canais/meios de comunicação variados (carta, tevê, rádio, internet, especializados, revistas, etc.).

Após a análise das entrevistas e das fichas sociais dos informantes, atribuí um índice para cada um dos critérios estipulados. Esses índices aparecem na sétima coluna do quadro. Posteriormente, somei-os e calculei uma média para cada um dos informantes. Observe a tabela seguinte.

¹³⁰ Em conversa pessoal, Anthony Julius Naro afirmou ter encontrado resultados semelhantes ao investigar a concordância verbal com sujeito complexo. Explica-os em termos de fluxo e contrafluxo.

Quadro 19: Distribuição *types/tokens* e contatos sociais - PEUL

FALANTE	Itens	AMOSTRA 80		AMOSTRA 00		Índices (contatos)	Média
		Types	Tokens	Types	Tokens		
59	como	1	2	5	12	2-1-1	1,3
	igual	2	2	3	3		
	feito	1	1	1	5		
	tipo	-	-	2	4		
63	como	3	16	6	52	2-2-1	1,6
	igual	-	-	3	5		
	feito	1	1	3	9		
	tipo	2	2	5	40		
57	como	3	4	5	7	0-0-1	0,33
	igual	2	3	1	1		
	feito	1	1	-	-		
	tipo	1	1	1	1		
23	como	3	31	4	23	1-0-2	1
	igual	2	2	1	1		
	feito	-	-	1	2		
	tipo	3	5	2	4		
39	como	3	31	6	52	2-2-2	2
	igual	1	1	2	3		
	feito	1	1	1	9		
	tipo	1	2	4	23		
6	como	4	17	4	14	0-0-0	0
	igual	2	7	-	-		
	feito	-	-	2	2		
	tipo	-	-	-	-		
38	como	3	10	6	34	2-1-1	1,3
	igual	1	1	3	7		
	feito	-	-	1	2		
	tipo	1	3	3	5		
4	como	3	13	5	11	0-0-0	0
	igual	2	7	2	2		
	feito	1	1	-	-		
	tipo	2	2	1	1		
26	como	3	17	5	15	2-1-1	1,3
	igual	-	-	4	6		
	feito	-	-	-	-		
	tipo	-	-	2	5		
42	como	4	18	5	21	1-1-1	1
	igual	3	8	1	3		
	feito	3	6	1	2		
	tipo	2	3	1	3		
43	como	6	21	6	33	0-2-2	1,3
	igual	-	-	3	7		
	feito	1	3	1	8		
	tipo	-	-	3	6		
48	como	4	27	5	30	1-1-1	1
	igual	1	1	-	-		
	feito	3	3	2	2		
	tipo	-	-	1	3		
36	como	4	33	4	27	0-2-1	1
	igual	2	2	-	-		

FALANTE	Itens	AMOSTRA	80	AMOSTRA	00	Índices (contatos)	Média
		Types	Tokens	Types	Tokens		
36 (cont.)	feito	1	2	2	2		
	tipo	-	-	-	-		
3	como	5	39	4	19	0-0-0	0
	igual	-	-	1	4		
	feito	1	3	1	1		
	tipo	2	6	1	2		
35	como	3	20	4	13	2-2-1	1,6
	igual	2	3	2	3		
	feito	-	-	-	-		
	tipo	1	4	1	1		
33	como	3	21	4	32	1-2-1	1,3
	igual	2	3	2	4		
	feito	1	2	1	2		
	tipo	1	1	3	7		

Os informantes 59, 63, 39, 38 e 35 aproximam-se pela média calculada. Todos eles ampliaram os padrões de usos dos itens analisados (*types*). Configura-se, assim, a correlação entre altos índices de contatos sociais e expansão de padrões de usos lingüísticos.

Os falantes 26 e 43 poderiam integrar esse grupo, mas, apesar de apresentarem média de contatos sociais muito próxima ao grupo anterior, detêm peculiaridades que justificam a criação de um novo grupo. O informante 26 não emprega nenhum padrão funcional de *feito* e somente passa a empregar *igual* e *tipo* no segundo contato, da mesma forma que 43. Pode explicar esse comportamento a estagnação nos estudos dos informantes, o que pode ter prejudicado o contato com grupos variados sociolingüisticamente.

O informante 33, que poderia perfeitamente integrar o grupo anterior pelos índices de contatos apresentados, na verdade encontra-se num conjunto intermediário entre os primeiros, que expandiram muito os padrões de usos e os últimos, que ampliaram timidamente os padrões. O informante 33 obteve essa média de contatos sociais a partir da análise da mudança ocorrida em sua vida entre o momento do primeiro contato e o momento do segundo contato. Ocorre, entretanto, que esse informante teria os índices 2-2-1, se fosse avaliado somente o perfil apresentado no primeiro contato, quando tinha contatos sociais intensos com uma malha variada de pessoas. Ainda não era aposentado e trabalhava de domingo a domingo. Daí o quadro tão atípico de padrões e usos: poderiam ter

sido expandidos já em momentos anteriores ao de sua aposentadoria, quando busca o sossego de uma vida cotidiana.

Outros informantes (57, 6, 4 e 3), com média de contatos sociais bastante baixa, demonstram a correlação havida entre a intensidade/variedade de contatos e a expansão de padrões de usos lingüísticos. São reduzidos a frequências mínimas muitos usos, especialmente os inovadores e mantidos os menos inovadores. Esses informantes atingem média de 0 a 0,33 nos contatos sociais.

Um último grupo de informantes (23, 42, 48 e 36) ilustra a média intermediária de valor 1, ou seja, falantes com contatos sociais razoavelmente restritos. Esses apresentam usos lingüísticos diminuídos a frequências baixas e rejeitam usos inovadores de *igual e tipo*, que são empregados com redução de padrões funcionais.

É importante salientar que este recurso analítico deve ser tomado com cautela e nunca isoladamente, porque pode mascarar os reais dados. Foi o que ocorreu com os informantes 35 e 33, que alcançam média aproximada, mas cada um deles pode ter atingido índices exatamente iguais em amostras diferentes. Enquanto 33 apresentava grande extensão de contatos até se aposentar, 35 passou a ampliar os seus contatos sociais após longos anos de ócio e de solidão. Atingem os mesmos índices e, em consequência, a mesma média, mas não apresentam os mesmos usos, por exemplo, de *tipo*. Por isso, avaliar a extensão dos contatos requer, não somente o dado matemático, mas principalmente o conhecimento da ficha social e das entrevistas dos informantes.

No geral, o recurso metodológico permitiu explicar o comportamento de 15 dos 16 informantes com relação aos usos inovadores x contatos sociais. O índice percentual aferido daí parece conferir grau de confiabilidade bastante alto para os resultados que explanei. Entretanto, como mostrei anteriormente, o fato de um único caso (falante 33) não se conformar aos padrões observados sugere que algum fato novo e não registrado em sua entrevista poderia explicar essa aparente incongruência¹³¹.

A idade parece, sim, ser um fator relevante para o resultado positivo na correlação com expansão de padrões de usos lingüísticos. O falante 33 apresenta um espectro de usos interessantemente amplo em relação à informante 35, que somente com idade avançada

¹³¹ Agradeço a Ingedore Koch e Maria Conceição Paiva pela análise crítica dos resultados apresentados na tabela. Os equívocos que, porventura, possam existir na interpretação feita continuam de minha inteira responsabilidade.

resolve retomar contatos. Essa mudança de atitude pode afetar os contatos sociais da informante, mas parece não ter impacto na emergência/adesão a padrões de usos inovadores.

1.2 ESTUDO PAINEL – *CORPUS NURC*

A base de dados para o *estudo em painel* é composta pelas entrevistas realizadas com 11 informantes (6 mulheres e 5 homens), entrevistadas em dois momentos distintos: década de 70 (contato) e década de 90 (recontato). Todos os informantes, desde o primeiro contato, já possuem o ensino superior concluído. Alguns, ainda assim, tiveram progressão na formação, mas essas dizem respeito a cursos de pós-graduação e pós-doutoramento. Por isso tratar de escolaridade aqui não será suficiente para explicar as possíveis diferenças de comportamento dos falantes quanto aos empregos dos padrões funcionais de *tipo*, *feito*, *igual* e *como* (expansão/redução/manutenção).

As discussões seguirão a seguinte organização: inicialmente apresento o quadro 20, em que sintetizo a distribuição dos padrões funcionais dessas palavras, acompanhada das frequências em que foram empregadas pelos informantes. Em seguida, busco explicações para a expansão/redução de usos. Posteriormente, reorganizo os dados em função de *types* e *tokens*, correlacionados aos índices de contatos sociais atribuídos a cada informante segundo os mesmos critérios observados para os falantes do PEUL¹³².

Quadro 20 – Distribuição de padrões funcionais – NURC

FALANTE	Categoria	Padrão funcional	C O N T A T O				R E C O N T A T O			
			como	igual	feito	tipo	como	igual	feito	tipo
133 mulher	Substantivo	classificador	-	-	-	3	-	-	-	5
	Advérbio	modo	1	-	-	-	-	-	-	-
	Advérbio/ conjunção	ambíguo	2	-	-	-	3	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	3	-
	Preposição	exemplificativo	1	-	-	-	1	-	-	-
		restritivo	-	-	-	-	3	-	-	-
	Conjunção	juntivo	8	-	1	-	11	-	-	-
	Discursivo	marcador	-	-	-	1	-	-	-	-
		delimitador aproximativo	-	-	-	-	-	-	-	1
11 mulher	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	4
	Adjetivo	qualificador	-	2	-	-	-	1	-	-

¹³² Vale esclarecer que não tive acesso às fichas sociais desses informantes. Os dados sócio-culturais são buscados nas próprias entrevistas concedidas.

FALANTE	Categoria	Padrão funcional	C O N T A T O				R E C O N T A T O			
			como	igual	feito	tipo	como	igual	feito	tipo
11 (cont.)	Adverbo	Modo	4	-	-	-	-	-	-	-
	Adjetivo/ conjunção	ambiguo	-	1	-	-	-	-	-	-
	Adverbo/ conjunção	ambiguo	7	-	-	-	8	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	5	-	-	-	3	-
	Preposição	restritivo	1	-	-	-	3	-	-	-
	Conjunção	juntivo	8	2	5	-	9	-	-	1
	Discursiva	marcador	2	-	-	-	1	-	-	-
	delimitador aproximativo	-	-	-	-	-	-	1	3	
96 homem	Substantivo	classificador	-	-	-	3	-	-	-	2
	Adverbo	Modo	9	-	-	-	1	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	-	-	-
	Adverbo/ conjunção	ambiguo	-	-	-	-	1	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	7	-	-	-	1	-
	Preposição	restritivo	3	-	-	-	1	-	-	-
		exemplificativo	1	-	-	-	1	-	-	-
	Conjunção	juntivo	10	-	-	-	11	-	-	-
164 homem	Substantivo	classificador	-	-	-	2	-	-	-	1
	Adjetivo	qualificador	-	1	1	-	-	-	1	-
	Adverbo	Modo	6	-	-	-	1	-	-	-
	Adverbo/ conjunção	ambiguo	3	-	-	-	-	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	8	-	-	-	4	-
	Preposição	exemplificativo	1	-	-	-	-	-	-	-
		restritivo	7	-	-	-	3	-	-	-
	Conjunção	juntivo	-	-	-	-	10	-	-	-
	Discursivo	marcador	3	-	-	-	1	-	-	-
2 mulher	Substantivo	referenciador	-	-	-	-	-	-	-	1
		classificador	-	-	-	2	-	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	2	-	-	-	-	2	-
	Adverbo	Modo	1	-	-	-	1	-	-	-
	Adverbo/ Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	5	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	2	-	-	-	1	-
	Preposição	restritivo	6	-	-	-	-	-	-	-
		exemplificativa	4	-	-	1	-	-	-	-
	Conjunção	juntivo	9	-	-	-	8	-	1	-
	Discursivo	marcador	-	-	-	-	1	-	-	-
140 mulher	Substantivo	classificador	-	-	-	1	-	-	-	-
	Adverbo	Modo	1	-	-	-	1	-	-	-
	Adverbo/ conjunção	ambiguo	2	-	-	-	4	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	-	-	-	-	1	-
	Preposição	exemplificativa	1	-	-	-	-	-	-	-
		restritiva	3	-	-	-	-	-	-	-
	Conjunção	juntivo	6	-	1	-	7	-	-	-
233 homem	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	3
	Adjetivo	qualificador	-	-	1	-	-	-	-	-
	Adverbo	Modo	5	-	-	-	1	-	-	-
	Adjetivo/ conjunção	ambiguo	-	-	-	-	-	1	-	-
	Adverbo/ conjunção	ambiguo	4	-	-	-	-	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	4	-	-	-	1	-
	Preposição	restritivo	3	-	-	-	-	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	-

52 homem	Conjunção	juntivo	12	-	-	-	1	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	3
	Advérbio	modo	3	-	-	-	-	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	-	-	-
	Advérbio/Conjunção	ambiguo	-	-	-	-	1	-	-	-
	Preposição	exemplificativo	3	-	-	-	1	-	-	-
		restritivo	3	-	-	-	2	-	-	-
	Conjunção	juntivo	8	-	-	-	6	-	-	-
373 mulher	Discursivo	marcador	1	-	-	-	2	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	3	-	-	-	-
	Advérbio	modo	8	-	-	-	5	-	-	-
	Adjetivo	qualificador	-	4	-	-	-	-	1	-
	Adjetivo/Conjunção	ambiguo	-	1	-	-	-	-	-	-
	Advérbio/Conjunção	ambiguo	1	-	-	-	7	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	4	-	-	-	1	-
	Preposição	exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	-
		restritivo	-	-	-	-	3	-	-	-
	Conjunção	juntivo	9	1	-	-	1	-	-	-
347 mulher	Discursivo	marcador	1	-	-	-	-	-	-	-
	Substantivo	classificador	-	-	-	-	-	-	-	6
	Adjetivo	qualificador	-	1	-	-	-	-	1	-
	Advérbio	modo	3	-	-	-	4	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	3	-	-	-	11	-
	Advérbio/Conjunção	ambiguo	1	-	-	-	2	-	-	-
	Preposição	restritivo	1	-	-	-	-	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	-
71 homem	Conjunção	juntivo	10	-	-	-	7	-	1	-
	Substantivo	referenciador	-	-	-	4	-	-	-	-
		classificador	-	-	-	1	-	-	-	1
	Adjetivo	qualificador	-	-	1	-	-	-	-	-
	Advérbio/Conjunção	ambiguo	2	-	-	-	-	-	-	-
	Verbo	participio	-	-	4	-	-	-	-	-
	Preposição	restritivo	-	-	-	-	3	-	-	-
		exemplificativo	-	-	-	-	1	-	-	-
	Conjunção	juntivo	18	-	-	-	3	-	-	-

Com relação à palavra *como*-advérbio, a maioria dos falantes diminui seu uso, à exceção das informantes 2 e 140, que o mantêm em índices mínimos de frequência, e da falante 347, que aumenta em um ponto sua frequência. Todos os homens reduzem o uso de *como*-advérbio (modo), à exceção do falante 71, que não o emprega em nenhum dos contatos.

A maioria dos falantes também aumenta a frequência de *como*-advérbio/conjunção (ambíguos), à exceção dos falantes 164, 233 e 71, que o reduzem e de 96 que não o emprega em nenhum momento. As ocorrências de *como*-preposição exemplificativa são usadas com mínima recorrência pela maioria dos informantes, à exceção de 164, 2 e 140, que abandonam seu uso, seguindo o mesmo comportamento da falante 11, que não o

empregou em nenhuma das entrevistas. As preposições restritivas têm seu uso reduzido pela maioria dos falantes, mas são ampliadas por 133, 11, 373 e 71. Alguns poucos falantes empregam *como*-discursivo (11, 164, 02, 52, 373)¹³³. Os conjuntivos dividem os falantes em dois grupos bastante distintos: os que ampliam seus usos (133, 11, 96, 140 e, mais drasticamente, 164) e os que o reduzem no segundo contato (2, 52, 347 e, mais drasticamente, 233, 373 e 71).

Algumas ocorrências aproximam-se daquelas observadas nas entrevistas dos informantes do PEUL. Essas me interessam mais de perto, pois revelam movimentações lingüísticas que independem da escolaridade dos informantes, e, especialmente, de sua trajetória social. É o caso da diminuição de advérbios simultaneamente ao aumento de usos ambíguos (advérbio/conjunção). Quanto às conjunções, não há, aparentemente, explicação para a diferença entre os dois grupos citados, a não ser o fato de que todos aposentaram-se e restringiram seus contatos sociais: a falante 02 reclama da incompreensão entre gerações, pois ela vive esse problema com sua filha mais nova, mas não relata atividades externas ao lar com outros grupos; 52 aposentou-se como funcionário público, mas ainda atua em cargos de confiança; 347, procuradora aposentada, relata limitações para muitas atividades que gostaria de fazer; 233, advogado, somente narra suas lembranças de momentos vividos no passado; 373 trabalha com filantropia de grupo restrito (mães solteiras); e 71, procurador aposentado, reclama da distância de filhos e netos. Todos eles são pessoas que viajaram muito e muitos até moraram em outros países e estados por conta do trabalho. A mobilidade geográfica excessiva poderia interferir na adesão de usos emergentes. O grupo de informantes que ampliou as funções conjuntivas, do primeiro para o segundo contato, estabeleceu-se no bairro e fortaleceu os laços sociais com a comunidade. Exclui-se dessa generalização o falante 164, que não relata fatos pessoais em nenhum momento das duas entrevistas.

Com relação à palavra *igual*, os falantes 133 e 71 não usam em nenhum contato seus padrões funcionais; os falantes 96, 164, 2, 52 e 347 empregaram o adjetivo, em baixa recorrência, somente no primeiro contato; os falantes 11 e 373, que fizeram uso, no contato, de adjetivo, adjetivo/conjunção e conjunção, mantiveram, em índices mínimos, somente o adjetivo. O falante 233 expandiu o padrão funcional de *igual*, incluindo o

¹³³ O grifo sinaliza falantes que empregaram a função citada somente no primeiro contato.

adjetivo/conjunção no segundo contato. As informantes 11 e 373 têm em comum o fato de apresentarem-se muito comunicativas, terem uma filha, e conviverem com jovens adolescentes por meio das amizades da filha e, no caso da falante 373, acompanhar e orientar a vida de meninas de famílias pobres que engravidam na adolescência. No geral, nota-se a rejeição aos usos inovadores de *igual* pelos falantes mais cultos, assim como ocorre com os informantes do PEUL que têm ensino superior.

Com relação à palavra *feito*, os falantes 133, 164, 2, 233 e 347 e 71¹³⁴ empregam os participios verbais (voz ativa) com baixa frequência.; os falantes 71, 233 e 2 reduzem a zero os participios verbais (voz passiva), ao contrário dos falantes 133 e 140, que passam a empregá-lo, embora reduzam os conjuntivos a zero. Os participios verbais (voz passiva) são diminuídos pelos falantes 11, 96, 164, 373, mas são aumentados pelo falante 347. Os conjuntivos passam a ser empregados no recontato pelos informantes 2 e 347, são abandonados por 133, 11 e são evitados por 96, 164, 233, 373 e 71. Diferentemente dos demais falantes, 11 emprega um delimitador aproximativo no recontato. Os adjetivos são usados somente por 164 e 233, 2, 373 e 347¹³⁵. Quase cinquenta por cento dos falantes não usa, em nenhum momento, os adjetivos, mas os que o utilizam apresentam similaridades: tanto os homens (professores universitários) quanto as mulheres são aposentados e desenvolvem uma conversa com respostas bastante longas no primeiro contato.

Sobre a palavra *tipo*, os substantivos-classificadores são os mais usados. Enquanto os informantes 133, 11, 233, 52 e 347 aumentaram seus usos, os falantes 96, 164, 2, 140 e 373 os reduziram; 71, contudo, o manteve em frequência mínima. Alguns falantes empregaram, episodicamente, as preposições exemplificativas (falante 2) no primeiro contato, o substantivo (falante 71), o adjetivo (falante 164) e a conjunção (falante 11) no segundo contato. Tanto 133 quanto 11 passam a empregar, no recontato, o delimitador aproximativo.

As funções de *tipo* empregadas pelos falantes do NURC ratificam que a idade não é suficiente para explicar os usos inovadores. Considero, a título de ilustração, dois homens (informantes 96 e 164) e duas mulheres (informantes 133 e 11), de idades próximas. As informantes ampliam a frequência de substantivos-classificadores, e os homens fazem o

¹³⁴ Os grifos indicam as referências a usos exclusivamente do recontato.
¹³⁵ Os grifos referem-se aos usos feitos exclusivamente no recontato.

inverso. Essas mesmas informantes passam a usar delimitadores aproximativos no recontato, contudo somente 133 emprega o discursivo no primeiro contato. Assim, o fator sexo também não pode explicar, com exclusividade, a emergência de alguns usos.

Pode ser que a explicação para a não-incorporação de *tipo* resida justamente num aspecto caro à sociolinguística: a alta mobilidade geográfica do indivíduo, que impediria a assimilação de funções inovadoras. Em oposição a esse bloqueador de manutenção dos contatos sociais estaria a mobilidade social (Labov 2001), que favorece maior contato com inovações. Se uma pessoa, grupo ou segmento social passa a ter acesso a espaços a que antes não tinha, como pode ser o caso das mulheres ou dos adolescentes na sociedade moderna, talvez seja possível falar em mobilidade social, que se correlaciona com o status social de que esse grupo passa a desfrutar. De qualquer modo, é importante saber que o status social não pode ser considerado um universal (Labov 2001:509). Assim, se a escolaridade é fator de status social em determinada comunidade ou geração, nem sempre essa é uma verdade permanente ou generalizada para todos os grupos sociais ou gerações.

Retomando a análise das entrevistas, percebo que a mobilidade geográfica pode explicar o comportamento lingüístico de alguns informantes do NURC. E o que vejo, por exemplo, com relação às entrevistas da informante 133, que, embora tenha sido criada no Rio de Janeiro, há muitos anos deixara de ter suas atividades naquela cidade. Em 1961, casou-se e foi morar em Barcelona, onde ficou por 12 anos, morou por 4 anos em Montevidéu, morou em Brasília por um ano e meio aproximadamente. Diz conhecer pouco o Rio de Janeiro e, no primeiro contato, apresenta uma entrevista pouco colaborativa, com respostas curtas. No segundo contato, apresenta-se mais expansiva, mas, a exemplo do informante 233, nada acrescenta, reproduzindo as narrativas de vinte anos atrás. Outros informantes encontram-se em situação similar: moraram durante anos em vários locais e agora, aposentados, tentam retomar os contatos. Outros, como o informante 52, que viaja muito a trabalho, manteve sua base de relações centralizada nos poucos amigos e família. Assim, emprega padrões mais conservadores e, do contato para o recontato, há padrões funcionais que praticamente se repetem.

Outros fatores podem interferir nos resultados de um estudo *painel*. Um deles é o planejamento temático e, nesse sentido, há uma grande diferença entre os *corpora* analisados. No PEUL, os informantes tinham maior liberdade para falar sobre temas

cotidianos e, por isso, mostravam maior envolvimento do que alguns informantes do NURC, cujos pesquisadores determinavam previamente a temática sobre a qual deveria girar toda a entrevista, sem levar em conta o interesse do informante sobre o assunto. Isso pode afetar a avaliação de funções inovadoras. Para ilustrar, selecionei três casos interessantes. A informante 2 demonstrou, no primeiro contato, ter amplo domínio do assunto tratado (alimentos e preparo de pratos) e respondeu a todas as perguntas com bastante desenvoltura, como quem, de fato, lida com as tarefas de comprar os produtos e de preparar todos os pratos citados. Além disso, mostrou-se profunda conhecedora dos hábitos gastronômicos das pessoas em geral. No segundo contato, no entanto, revelou que detesta o tema, que sempre teve alguém para auxiliar nessas tarefas culinárias e questiona o entrevistador sobre o motivo da escolha temática. Desse mesmo modo, age o informante 96, que responde, no contato, a perguntas sobre vestuário, mas, no recontato, afirma não gostar do tema da entrevista, inclusive perguntando ao entrevistador se não poderia falar sobre outro assunto. Nos momentos seguintes a essas revelações, os informantes tornam suas respostas mais sintéticas e sem grande envolvimento. O outro exemplo refere-se ao informante 164, professor de história, que tem que discorrer sobre sindicalismo e direitos trabalhistas. Assim o faz nos dois momentos de contato, sem, no entanto, desviar-se do roteiro. O resultado é uma entrevista com respostas longas, poucas perguntas, como se fosse uma aula de fato programada e não uma entrevista espontânea.

Por conseguinte, não é apropriado falar em atuação de cada um dos fatores sociolingüísticos como determinantes isoladamente do uso. A interação entre os fatores pode atuar de forma significativa para a incorporação de funções inovadoras. Isso só vem a reforçar a tese de que não se pode explicar os deslizamentos lingüísticos de *tipo* unicamente pelo fator escolaridade ou idade, como o senso comum parece nos fazer crer.

Mostrei, neste capítulo, que a conjugação de fatores extralingüísticos pode explicar os usos lingüísticos, especialmente se se volta a atenção para usos inovadores da língua. Na análise do *corpus* PEUL, por meio da avaliação do tipo/ambiente da principal atividade dos falantes, da extensão dos contatos diários e da exposição a variados meios de comunicação e canais de acesso a informações, expliquei a (não) adesão a usos inovadores dos itens analisados.

Em alguns momentos, verifiquei a importância da escolaridade para essa adesão. Contudo, seria mais adequada a interpretação se tivesse deslocado a atenção para o espaço físico em si e não propriamente ao domínio linguístico da norma culta. Explico: a escola é um ambiente que propicia aos estudantes variados contatos e acesso a informações variadas. As faixas etárias diferentes se encontram nesse ambiente da mesma forma que se encontram pessoas de regiões distintas, de culturas distintas, de hábitos e crenças distintos.

Isso pôde ser verificado com a análise das entrevistas de alguns informantes do NURC. Embora todos contassem com curso superior, isso não foi suficiente para explicar a incorporação de usos inovadores na situação de fala. Muitos desses informantes, por apresentarem grandes deslocamentos espaciais e também duradouros, em viagens motivadas pelo trabalho ou pelo estudo, perdem contato com as inovações em andamento na comunidade de que faziam parte. Em contrapartida, os falantes que apresentam grande mobilidade social, seja por atividades comunitárias ou por intensos contatos com amigos, revelam a adesão às inovações.

Uma questão interessante é saber os efeitos da adesão a usos inovadores – que se traduz, aqui, na expansão funcional dos itens *como*, *feito*, *igual* e *tipo* – para o conjunto categorial das conjunções comparativas empregado pelos indivíduos. Na seção seguinte, trato dessa questão. Para tanto, estabeleço um recorte semântico: focalizo o conjunto das conjunções comparativas de igualdade.

2. EMERGÊNCIA DE PADRÕES FUNCIONAIS CONJUNTIVOS: O QUADRO DAS CONEXÕES COMPARATIVAS DE IGUALDADE.

Nas análises sincrônica e diacrônica desenvolvidas previamente, apresentei os deslizamentos funcionais das palavras *como*, *igual*, *feito* e *tipo*, as quais assumem, cada uma a seu tempo, a função conjuntiva. Duas consequências importantes desses deslizamentos foram a recategorização de alguns itens num intenso processo de gramaticalização e a mudança de configuração do espectro de alternantes que compõem as possibilidades de empregos das conjunções comparativas pelos falantes.

Nesta seção, providencio o tratamento dessa multifuncionalidade num tratamento diverso daquele adotado para os estudos de variação lingüística¹³⁶. Reorganizo os dados, que são agora agrupados segundo uma mesma função desempenhada: comparação de igualdade.

Hopper (1991), tratando do processo de gramaticalização, afirma que é possível reconhecer a atuação desse processo já em seus estágios iniciais por intermédio de cinco princípios: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Atenho-me, aqui, ao primeiro deles, cuja consequência pode ser avaliada em termos de alternantes lingüísticas. O autor rotulou de *estratificação* o estágio de gramaticalização em que novas camadas funcionais emergem. Nesse momento, a forma gramaticalizada passa a integrar um novo conjunto categorial, no qual passa a competir com outras formas que desempenham a mesma função.

A despeito da importância de se avaliarem a competição e o peso de fatores lingüísticos condicionadores dos usos, interessa-me, nesta abordagem, o efeito da expansão de padrões funcionais que culminaram com a emergência de conjunções comparativas e, especialmente, a convivência de gramáticas velhas e novas em momentos distintos da vida de uma mesma pessoa.

Uma questão interessante, neste momento, seria saber se os falantes com instrução diversa (ensino fundamental 1, ensino fundamental 2, ensino médio e ensino superior) apresentam diferenças quanto às alternantes empregadas e, inversamente, se algum conector está circunscrito a algum grau de instrução. Observe a distribuição das conjunções comparativas de igualdade por informante e grau de escolaridade no quadro seguinte. Essa síntese refere-se às conjunções empregadas pelos falantes do PEUL.

Quadro 21: Juntões de comparação¹³⁷ - PEUL

¹³⁶ Nesta seção, refiro-me à *variação lingüística* e à *regra variável* sem, contudo, proceder a um estudo variacionista *stricto sensu*. Priorizo as consequências desencadeadas pela expansão dos padrões funcionais juntivos inovadores, mas não vou lidar com grupos de fatores, correlações e pesos relativos como metodologicamente é previsto num estudo sobre regras variáveis. Busco, enfim, identificar as maneiras possíveis de expressão da comparação de igualdade pelos falantes do PEUL e do NURC, ainda com uma combinação de amostras que especialmente favorece uma observação/análise do tipo painel.

¹³⁷ Os dados de comparação hipotética foram excluídos desta análise.

Informante	Juntões	Amostra 80	Amostra 00
59	igual	1	1
	feito	1	-
	como	2	1
63	tipo	1	5
	como	2	3
	igual	-	1
	feito	-	3
57	igual	1	-
	feito	1	-
	que nem	11	4
	da mesma forma que	-	1
	do (mesmo)jeito que	1	-
06	igual	6	-
	como	3	1
	que nem	1	-
	feito	-	1
23	igual	1	-
	tipo	2	-
	como	1	3
	assim como	1	-
	enquanto	-	1
39	igual	1	2
	como	1	2
	feito	1	-
	que nem	8	-
	tanto como	2	1
38	que nem	1	3
	como	-	2
	assim como	-	1
	tanto...como	1	-
	igual	-	1
	tipo	-	1
	da mesma forma que	-	1
04	igual	3	-
	como	-	1
	que nem	5	-
	tanto...como	1	-
26	igual	-	1
	tanto...como	-	1
	tipo	-	1
42	como	1	2
	não só...como também	-	1
	igual	3	-
	da mesma forma que/ do jeito que	2	2
43	como	-	11
	tanto...como	-	2
48	como	6	3
	tanto...como	3	1
	feito	1	-
36	igual	1	-
	como	7	5

	feito	-	1
35	da mesma forma que	1	-
	do (mesmo)jeito que	1	-
	tanto...como	1	-
	como	2	1
	assim como	1	-
	igual	-	1
03	como	8	5
	assim como	1	-
	igual	-	3
33	como	6	7
	assim como	1	-
	igual	2	3
	enquanto	-	2

Dois comportamentos totalmente opostos chamam a atenção nesse quadro: a direção da mudança assumida¹³⁸. Um grupo de informantes amplia o espectro de variantes e uma informante o reduz drasticamente. A ampliação pode ser observada no contraste entre as duas amostras com relação aos falantes 63 e 38, que revelam alternância entre mais de três itens lingüísticos. Talvez explique esse comportamento a progressão escolar desses informantes, que atingiram o curso superior. A redução é observada nas amostras da falante 04, que, além da baixa escolaridade, apresenta contatos bastante restritos. Os demais falantes apresentam comportamentos bastante próximos quanto ao leque de variantes apresentado.

A alternância se estabelece entre duas formas para os informantes 23, 33, 48, 43, 06, 36, 35, 03, 59 e 57. Enquanto para os quatro primeiros houve a ampliação das alternantes em direção aos usos mais conservadores¹³⁹ (23, 33, 48, 43), para os quatro seguintes (06, 36, 35 e 03) os usos tomam a direção de conjunções ligadas à variedade popular. Estes últimos têm em comum o restrito contato social e a não-progressão escolar. As falantes 59 e 57 merecem observação à parte: apesar de terem continuado a estudar e terem contatos sociais intensos, mantêm a alternância restrita a duas formas. Essa diferença pode decorrer de dois fatores; além de serem as falantes mais jovens, seus contatos sociais são pouco variados.

A competição, no segundo contato, estabeleceu-se entre três alternantes para os falantes 39, 26 e 42: o primeiro reduz de 5 para 3 ; o segundo amplia de 1 para 3

¹³⁸ Mudança, aqui, refere-se às alterações constatáveis entre a coluna referente aos resultados da Amostra 80 e os da Amostra 00. Não há, nesse sentido, nenhuma conotação de mudança lingüística *strito sensu*.

¹³⁹ Considero os juntivos mais conservadores aqueles citados pelos manuais e gramáticas tradicionais.

conjunções; e o terceiro mantém o índice de 3 conjunções nos dois momentos de contato. A partir de seus usos, é possível observar mudanças em direção à norma culta (falante 39) e em direção aos usos mais inovadores (26). O falante que segue em direção à norma culta teve progressão escolar diferentemente do que ocorreu com 26, que se manteve no ensino fundamental 2.

Com base no quadro anterior, é possível afirmar que o impacto da escolaridade no espectro das alternantes é crucial. Os maiores espectros estão associados aos falantes de maior escolaridade. Entretanto, essa explicação não dá conta da distribuição observada nas amostras da falante 39. Com progressão escolar, ela mantém os conjuntivos comparativos num leque de padrão mediano se comparado aos demais informantes de similar comportamento lingüístico. Apesar de empregar muitas conjunções de base comparativa, como faz a falante 63, não mantém um espectro expressivo de comparativas de igualdade. Parece que outros fatores, tais como assunto, gênero de texto, dentre outros, podem afetar essa distribuição.

O estudo dos dados do *corpus* NURC, sob os mesmos moldes, pode ratificar essa hipótese de interação entre fatores diversos. É importante lembrar que os informantes do Projeto NURC apresentam o mesmo grau de escolaridade (curso superior). Observe a distribuição dos dados no quadro seguinte.

Quadro 22: Juntore de comparação - NURC

Informantes	Juntore	CONTATO	RECONTATO
133	enquanto	1	-
	como	1	-
	feito	1	-
11	igual	2	-
	tipo	-	1
	feito	5	-
	como	4	2
	enquanto	-	1
096	como	1	2
	assim como	1	-
002	como	2	4
	assim como	-	1
	feito	-	1
	tanto...como	1	-
164	como	1	2
140	enquanto	-	1
	tão...quanto	1	1
	feito	1	-

	como	2	1
052	da mesma forma que	-	1
	como	3	1
233	tão...como	1	-
	como	8	1
	assim como	-	1
373	como	4	-
	igual	1	-
	enquanto	-	2
347	tão...como	-	1
	feito	-	1
	como	7	2
	assim como	1	-
071	como	2	2
	tão...como	1	-
	assim como	2	-
	o mesmo que	1	-

No contraste entre as duas amostras (contato e recontato), nota-se uma distribuição irregular. Três informantes ampliam o espectro de alternantes (2, 52, 347), cinco o reduzem (133, 11, 96, 373, 71) e três mantiveram esses padrões nos dois momentos das entrevistas (164, 140, 233).

Há a redução e uma aparente ‘evitação’ de variantes mais populares, como é o caso de *igual* e *feito*. Mais do que isso, a recorrência de comparação de igualdade é bastante baixa como estratégia no segundo contato. No PEUL, essa estratégia é efetivada por meio do emprego do conector *como* nas entrevistas de pessoas idosas. Ao que parece, nem escolaridade nem idade podem, com segurança, explicar esses usos.

Esses resultados, de certa forma, confirmam a impossibilidade de um único aspecto para explicar ocorrências lingüísticas. Vários fatores interagem na motivação de padrões de usos inovadores, como mostrei na seção anterior, e também na extensão de uso das alternantes. Dentre eles pode figurar a relação entre gênero textual e tema, por exemplo.

Alguns aspectos, como a escolarização, são mais decisivos que outros para a disseminação de alguns padrões, especialmente se eles puderem ser convertidos em ferramentas de aproximação na comunidade. No caso de *tipo*, a mídia assumiu a responsabilidade de proliferar, por meio de estereótipos, seus usos mais inovadores.

Como o poder da mídia não deve ser ignorado, é interessante saber se esses usos inovadores de *tipo*, comumente presentes na língua falada dos mais jovens, são transferidos

para situação de modalidade escrita. Estariam os estudantes empregando padrões funcionais inovadores de forma recorrente em situações inibidoras de tais usos, como é o caso de avaliações (provas e exames) de língua portuguesa? Na próxima seção, trato dessa questão.

3. TIPO NA MODALIDADE ESCRITA

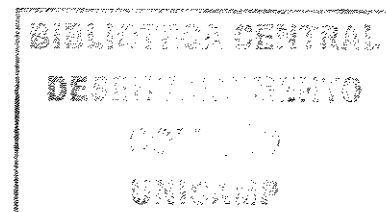
A avaliação, nos domínios escolares, faz com que o aluno vivencie uma situação de tensão pela exigência do conhecimento acumulado sobre determinado conteúdo programático e, ao mesmo tempo, pela exigência de uma redação mais cuidada, que reflita a incorporação da norma culta. Em avaliações de língua portuguesa, no que tange às modalidades de textos escritos, três são os aspectos primariamente observados no desempenho dos alunos: domínio do gênero textual, expressão do conhecimento temático e manifestação do conhecimento lingüístico. Espera-se, especialmente, que as redações possam demonstrar uma seleção mais consciente dos itens lexicais/estruturas lingüísticas de modo que a norma culta esteja refletida nessas produções.

Não causa espanto a adultos em geral a afirmação de que *tipo* é gíria falada por adolescentes de várias classes sociais. Tratar, contudo, desse assunto com os próprios adolescentes torna-se uma situação complicada: empregam o termo de forma mais ou menos recorrente, mas não sabem explicar exatamente os motivos¹⁴⁰.

Não é difícil constatar que esse comportamento por parte dos adolescentes e dos mais velhos tem um fundo de verdade. Basta que se olhe em volta: a mídia, a revista, o bate-papo dos jovens, as novelas, todo o universo parece marcar alguns padrões inovadores de *tipo*. Porém muito do que se diz a respeito desses usos pode estar, na verdade, fundado em mitos e comportamentos lingüísticos estereotipados.

Ter etiquetado um uso como típico de (pré) adolescentes parece ser o grande mérito da mídia, que, associando o uso inovador de *tipo* à idéia de modernidade, se incumbiu de fazer proliferar essa concepção. Como resultado, tornou menos árdua a tarefa de atingir esse público jovem na venda de produtos. Esse uso, contudo, talvez já estava em curso na sociedade, sorrateiramente, sem a visibilidade projetada pela mídia.

¹⁴⁰ Muitos adolescentes, quando questionados, preferem negar que utilizam *tipo*, mesmo empregando-o como recurso para dar essa resposta.



Peças publicitárias, programas de tevê, revistas destinadas ao público (pré) adolescente, etc. podem contribuir para a compreensão das funções de *tipo* na mídia. Um dado interessante pode ser observado com o recuo ao final dos anos 80, quando um veículo nomeado *Fiat Tipo* assume a frente das vendas, ganhando o título de “carro do ano” em 1989, inicialmente como veículo importado, mais tarde, em 1993, como veículo nacional.

Considerado um carro moderno – projetado com um *design* em linhas cheias e robustas que provocava a sensação de conforto, de bem-estar ao motorista – por empregar materiais mistos para a sua composição, esse veículo teve, na mídia, grande apelo comercial voltado aos jovens: *Tipo 4 portas: um carro tipo nenhum outro*.

É necessário entender as motivações desse uso. O carro do modelo *Tipo* foi lançado no mercado para o público jovem, um típico ‘carro de boy’. Era considerado pelo fabricante e pelos que o adquiriam um carro esportivo, arrojado, com tecnologia diferenciada (vide Anexo III).

Tudo isso era atrativo ao público jovem e, porque era esse o público-alvo da comercialização do veículo, adotou-se uma linguagem com que esse público se identificasse num primeiro momento e, em consequência, o levasse a ‘olhar’ para o produto como objeto de desejo e de consumo: uma linguagem jovem, moderna, arrojada, que se distingue da prática comum e antiquada. Para esse efeito, *tipo* é incorporado ao *slogan*, causando o efeito de aproximação ao segmento mais jovem do mercado:

Fiat Tipo: um carro tipo bem-sucedido.

(<http://www2.uol.com.br/bestcars/classicos/tipo-5.htm>)

Henfil, escritor de alto senso crítico e, à mesma proporção, sensibilidade e senso de humor quanto aos fatos sociais que se manifestam na sociedade da época, mostrou, por meio de suas tiras, o quão entranhado na língua falada estava o uso de *tipo* já no início da segunda metade do século XX¹⁴¹ (vide Anexo IV), talvez ainda em data anterior ao do lançamento do carro Tipo, que, é rotulado originalmente pelo fabricante de projeto TIPO DUO (tipo dois)¹⁴².

¹⁴¹ Henfil publicava, em jornais, suas tiras com a personagem Graúna, ainda num período de ditadura.

¹⁴² O projeto Tipo Duo foi criado para dar sequência ao projeto TIPO UNO, que gerou o veículo nomeado UNO, projeto tipo UNO. Tipo Duo, no entanto, não mantém o numeral como rótulo do carro, permanecendo a

Apenas quinze anos depois, já tendo saído de linha de fabricação o Fiat Tipo, é possível flagrar usos lingüísticos similares em revistas, como a *Veja*, ou mesmo em crônicas de jornais com grande circulação na cidade de São Paulo:

- (232) ...a atriz Gabriela Duarte resolveu viajar para longe com o namorado, o fotógrafo Jairo Goldflus. Nada de roteiro clássico, *tipo* assim Ilha de Caras. Eles escolheram Vietnã, Laos, Camboja e Tailândia. (Revista *Veja*, 03/2003).
- (233) Caras que vivem de música, gravando e fazendo shows, parecem passar pela vida sem os dramas comuns, *tipo* vestibular. Mas nem diga isso a Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial. (Caderno Vestibular, *O Estado de S.Paulo*, outubro/2004).
- (234) ...e resolveu arrumar um encontro entre os dois. A idéia era juntar a família dele e a dela numa festinha *tipo* relembrar os velhos tempos. (Reportagem de capa, Revista *Época*, 06/2004).
- (235) A ética na cirurgia plástica acaba de ganhar uma rejuvenescida. (...) Corte na cirurgia plástica – Novas normas proíbem o anúncio *tipo* antes-e-depois. (*Veja*, 04/2003)

Os exemplos (232) e (233) permitem a interpretação do valor exemplificativo, num uso tipicamente preposicional; os exemplos (234) e (235) apresentam *tipo* em sua função classificadora, numa apresentação formal um pouco diferente. Não incluem o Sprep esperado após o SN que inclui a palavra *tipo*, como, por exemplo, em (235b). Isso se deve a regras pragmáticas que impedem estruturas, como aquela apresentada em (235a), em que a repetição se apresenta.

(235a) ... Novas normas proíbem o *anúncio* do *tipo* de *anúncio* antes-e-depois.

(235b) ... Novas normas proíbem o *tipo* de anúncio antes-e-depois.

Do ponto de vista dos falantes, esses usos podem não causar estranhamento algum porque nem sempre implicam mudança categorial. Do ponto de vista do lingüista, entretanto, enxergar inovações pressupõe a prévia e minuciosa tarefa de observação também das “elisões”¹⁴³ superficiais que podem sinalizar alterações funcionais menos evidentes¹⁴⁴. Qualquer tentativa de explicação em termos de ‘erros’ ou ‘esquecimentos’ deve ser recusada.

palavra vaga, genérica, mas, provavelmente pela pesquisa de mercado, a palavra que melhor retratou o arrojo e novidade do projeto, a diferença necessária para a camada mais jovem.

¹⁴³ O termo *elisão* aqui é empregado com o sentido de ausência de elementos esperados na cadeia sintagmática.

¹⁴⁴ Refiro-me à alteração de traços semânticos, sintáticos e até mesmo pragmáticos. O simples fato de uma seqüência não mais exigir um SN com traço [+animado], [+humano] e [+concreto] pode ser indicio de que deslizamentos funcionais estão sendo operados.

A ausência de alguns traços constitui-se, assim, indício de deslizamento funcional. Chamo a atenção para o fato de que a recorrência de usos inovadores também não pode ser explicada em termos de modalidade ou estilo específicos. Tais ocorrências são observáveis também em textos com alto grau de formalidade. A título de ilustração, observemos as funções de *tipo* em artigos científicos e em dissertação de mestrado:

- (236) Em vez de uma resposta objetiva, *tipo* “inflação”, tem início um longo trecho argumentativo em que o locutor (...) resolve desenvolver uma análise... (Artigo Científico, Callou 1996,).
- (237) ...com verbos de movimento, precedido ou não de preposição (*tipo* “viemos ver”)... (Artigo Científico, Ilari 1992).
- (238) ...pode-se dizer que o sujeito dos verbos inacusativos, *tipo* nascer, morrer, chegar, exprime um papel semântico típico do objeto direto... (Artigo Científico, Ribeiro 1996).
- (239) Com os verbos não-ergativos, *tipo* trabalhar, chorar, sorrir, o sujeito é o agente da ação verbal. (Artigo Científico, Ribeiro 1996).
- (240) A variedade de emprego de uma conjunção *tipo* – como – que, além de comparativa, ocorre na causal e na conformativa, não é passível de explicação pelo critério sintático (Dissertação de Mestrado, Salles 1979).

Nesses exemplos, observa-se o item *tipo* em deslizamentos categoriais a partir do item-fonte, em textos voltados para um público mais especializado, redigido por professores e pesquisadores da área de Linguística. Usos como esses nem sempre são percebidos como inovadores pelos usuários da língua, contudo a inovação é evidente já que *tipo*, em determinado contexto, funciona como preposição introdutora de exemplos.

Talvez esses valores inovadores de *tipo* sejam mais ou menos perceptíveis em decorrência de quem os emprega. Nesse sentido, *tipo*-delimitador aproximativo ou *tipo*-preposição exemplificativa, dentre outros, seriam vistos como não-inovadores em textos de revistas ou mesmo em textos mais formais. A hipótese de que eles não são inovadores pode ser afetada, do ponto de vista do professor de língua, se essas mesmas noções forem surpreendidas em textos escritos por escolares.

Na comunicação entre jovens, esses usos podem ser incluídos como marca de informalidade e de identidade entre os falantes. Essa justificativa seria aplicável, dentre outros casos de comunicação escrita informal, às produções escritas mediadas pelo

computador. Note o exemplo seguinte em que dois falantes, alunos de curso superior, utilizam a comunicação simultânea, via *internet*¹⁴⁵:

- (241) F. 22:53 eu to pensando em fazer algo com textos bons...analizes de fatos historicos, discussões de assuntos de atualidade, *tipo* um fórum, *tipo* chamando algumas pessoas que tem opiniões interessantes... fazer discussões de alguns assuntos. tem coisa melhor do que discutir?
- D. 22:53 mas pode ter música, também, e arte no geral?
- D. 22:58 Perfeito! mas pode ter música, também, e arte no geral?
- F. 22:59 pode ter de tudo... tem que ter uma base de informações para os visitantes...*tipo* historia, geografia, humanidades em geral

Pode-se argumentar sobre a mistura de modalidades de língua, sobre a predominância de traços de oralidade¹⁴⁶, normalmente recorrente na comunicação pela *internet*. De fato, é um canal *sui generis* para se observar a presença de traços de oralidade na escrita, mas talvez seja também o meio mais sintonizado com as novidades da fala juvenil.

E se o objetivo da mídia é cativar esse público, a primeira atitude é conversar com esse grupo, é aproximar-se lingüisticamente, apropriando-se de suas marcas em situações variadas: adaptação de traduções ou mesmo dublagens de seriados e filmes destinados a esse público. Foi o que presenciei durante a audiência dos seriados *Um Maluco no pedaço* e *Meninas Veneno*, veiculados no início do século XXI em uma grande emissora de TV. Importados dos Estados Unidos e dublados num português supostamente adolescente, esses programas televisivos buscavam a adequação sócio-cultural e, em consequência, lingüística de suas personagens. A título de ilustração, observe alguns exemplos colhidos nesses programas:

- (242) ...eles perguntam *tipo* o que nesses lugares? (personagem adolescente de *Um Maluco no pedaço* – 2001)
- (243) ...eu ganhei quatro quilos e *tipo assim* eu comia direto (personagem de 17 anos, *Meninas veneno* – 2001).

¹⁴⁵ Como *corpus* de controle, para verificar os usos de *tipo* na escrita virtual, consultei as amostras de 130 monografias, elaboradas como instrumento de avaliação por alunos do 2º semestre de Letras da disciplina de Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II, em que foi analisada a linguagem virtual de ICQs. Nesses materiais, foram investigadas estratégias conversacionais a partir de salas virtuais por idade (os usuários tinham entre 15 e 20 anos). A recorrência de *tipo* mostrou-se bastante acentuada. No exemplo citado, temos dois universitários, na faixa de 20 anos, em conversa ICQ. Agradeço a Diana Tatit, de cuja monografia extraí o exemplo citado.

¹⁴⁶ O traço de oralidade mais proeminente é a quase-simultaneidade, propriedade da fala que se observa nessa escrita da *internet*.

São casos em que *tipo* não mais integra o núcleo do SN: no primeiro, *tipo* faz pensar numa interpretação próxima a “semelhante”, que, na realidade, não se encaixa perfeitamente, embora a compreensão da informação e da intenção do falante não seja prejudicada; no segundo, *tipo* desempenha função discursiva de marcador conversacional. Não se esgota nessas considerações o que se pode depreender desses empregos; afinal de contas, *tipo* também evoca aspectos sociais atinentes ao falante e à situação de fala.

Em muitos momentos da análise de *tipo* nesta tese, perguntei-me se a incorporação dos usos inovadores não seria muito mais uma questão de atitude lingüística. Nesse sentido, se os contatos se intensificam com pessoas que empregam *tipo*-discursivo e se a empatia envolver esses laços, então a incorporação de tais padrões funcionais poderia ser facilitada. O desejo de aproximação seria motivação suficiente para a incorporação de usos inovadores, que antes poderiam ser marcas individuais. As evidências que sustentam essa hipótese baseiam-se, dentre outros fatos, na observação da linguagem falada por pessoas ligadas a esportes mais radicais (exemplo 245) – invariavelmente praticados por pessoas mais jovens – e também na observação dos empregos de *tipo* por professores de adolescentes:

(244) ...eles ouviram falar da estação da Lapa e gostavam de dançar...então é *tipo assim*...ele vai falando pro outro (prof de dança da Estação de Deficientes, aproximadamente 35 anos, em entrevista)

(245) eu tô aqui *tipo assim*... batalhando...()...é barra...barra...barra...ah *tipo assim*... a gente fica duas horas sentado...é difícil (Léo, participante do programa No Limite, aproximadamente 25 anos)

(246) ...denotação seria sentido real...*tipo* “estou com dor de cabeça” (prof. Português da rede oficial de ensino – Damian)

Ao que parece, nesse início do século XXI, *tipo* tem sido amplamente usado pelas pessoas e o estigma de gíria tem sido, mais propriamente, associado à expressão *tipo assim*, que é mais recente, mais presa à conversação e menos ambígua. Essas características lhe conferem maior saliência social: *tipo assim* é considerada expressão de uso não-marcado de (pré) adolescentes como discursivo.

3.1 TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA: MISTURA DE MODALIDADES ?

É constatação comum entre os professores de língua portuguesa, durante a tarefa de correção de redações, que muitos alunos escrevem usando estratégias de língua falada, tais como marcadores conversacionais, topicalização, eliminação das marcas de plural no sintagma nominal e inclusão recorrente de gírias.

Quanto às flutuações de *tipo*, os professores reconhecem que, em algumas circunstâncias, devem, sim, ser classificadas como usos gírios e são assinalados como erros nos textos, enquanto outros usos podem ser utilizados sem nenhum inconveniente para a norma culta.

É esperado por esses professores, contudo, que os alunos produzam, especialmente em situação de avaliação, textos com seleção lexical mais cuidadosa e estruturas mais elaboradas. Se perguntados a respeito dos motivos que amparam tal convicção, os professores produzem respostas baseadas no critério básico para promoção de série: a nota. Esse motivo, por si só, seria suficiente para coibir supostos “erros”.

Se dessa avaliação depender também a promoção e o status social, como é o caso do ingresso na universidade desejada, espera-se que os cuidados com a produção textual sejam redobrados por parte dos candidatos.

Motivada por essa hipótese, procedi à análise da palavra *tipo* em redações produzidas por adolescentes e jovens. Como esperava que o texto a ser avaliado pelo professor fosse o mais cuidadoso por parte do aluno justamente porque está em jogo o seu desempenho na língua materna, supus que, nesse tipo de documento (o exame), não ocorreriam usos emergentes. Todavia, se as variantes já estiverem encrustadas no dia-a-dia lingüístico dos adolescentes, mesclas de modalidades lingüísticas podem ser flagradas.

As redações, como já expus no capítulo II, constituem um conjunto bastante heterogêneo de produções. Nelas, as ocorrências de *tipo* estão assim distribuídas: do primeiro grupo, composto por 3.500 redações (ensino médio)¹⁴⁷, colhi 15 ocorrências; do segundo grupo, composto por 556 redações¹⁴⁸ somadas a outras 772¹⁴⁹, ambas de ensino

¹⁴⁷ Redações produzidas para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM-2002 e ENEM-2003 – organizado pelo INEP/MEC.

¹⁴⁸ Redações produzidas para o vestibular de medicina de uma Universidade Federal situada no estado de Minas Gerais, a uma proporção de 556 candidatos/40 vagas.

médio, colhi, respectivamente, 1 e 4 ocorrências; do terceiro grupo, composto por 5.379 redações (ensino universitário)¹⁵⁰, colhi 1 ocorrência.

Esses materiais foram avaliados em termos de *tokens* e *types*, a partir do que observei os padrões funcionais em cada um dos grupos e notei que ocorrências aparentemente baixas também podem revelar padrões funcionais bastante diversos. Observe a distribuição desses dados no quadro 23.

Quadro 23: Distribuição *types/tokens* – Redações Escolares

GRUPO	Token	Type	Exemplos
I	15	05	1. substantivo classificador (4)¹⁵¹ Ex.: O capitalismo do <i>tipo</i> neo-liberal em que necessita intensamente de países pobres para fortalecer países ricos. 2. ambíguo - substantivo classificador /preposição exemplificativa(1): Ex.: Vale lembrar que ainda estamos construindo nossa cidadania, e não há mais tempo para desperdiçar o voto com pobres de espírito, sob justificativas do <i>tipo</i> “rouba, mas faz” ou “porque é bonito”. 3. preposição exemplificativa (6) Ex.: As pessoas já percebem que não se pode mais acreditar nas promessas que os candidatos saem fazendo e depois não podem cumprir do <i>tipo</i>: criar milhões de empregos, aumentar o salário mínimo, acabar com a dívida externa e coisas do gênero. 4. ambíguo - conjunção/discursivo - marcador (1): Ex.: O voto não é <i>tipo</i> como uma forma de expressão, (...) mas sim como uma obrigatoriedade¹⁵². 5. discursivo (3) a) marcador (2) Ex.: ...porque hoje o nosso Brasil com um voto você pode eleger um presidente ou um governador “errado” <i>tipo</i> assim um presidente que só queria subir a inflação do nosso país. b) discursivo - delimitador aproximativo (1): Ex.: ...prestar muita atenção em tudo o que eles prometem. E com isso chegar em uma conclusão. É não simplesmente votar, <i>tipo</i> votar sem saber para quem está votando.
II	5	2	1. substantivo classificador (4) Ex.: Ai nós temos que lidar com esse <i>tipo</i> de gente. 2. discursivo - marcador (1) Ex.: eles acabam mesmo com o desemprego, mas não da população que o elegeu e sim dos parentes, amigos mais próximos e os afilhados. <i>Tipo</i> prefeitos que na prefeitura de sua cidades eles colocam para trabalhar só quem eles querem e isso acaba na famosa fraude de concurso público.
III	1	1	1. preposição exemplificativa (1) Ex.: O que for necessário ao bom fluir da língua <i>tipo</i> fator que gera cacofonia, a gramática reflexiva estuda e aceita.

¹⁴⁹ Redações elaboradas para vestibulares em universidades particulares do estado de São Paulo.

¹⁵⁰ Provas do Exame Nacional de Cursos – do curso universitário de Letras, também organizado pelo MEC para alunos formandos do curso de Letras de universidades de todo o país.

¹⁵¹ Este número entre parênteses indica a recorrência de cada padrão funcional.

¹⁵² Poderia ser analisado como um caso de hipercorreção.

Note que a distribuição dos dados é divergente. Isso, contudo, já era esperado devido à própria heterogeneidade dos informantes que produziram os textos. O grupo I emprega um leque mais amplo de padrões funcionais com alta recorrência de substantivo-classificador e de preposição-exemplificativa. O grupo II reduz consideravelmente esses padrões, que são ainda mais reduzidos nas provas do grupo III. Os padrões funcionais discursivos, ambíguos (nome-conjunção) e preposicionais (exemplificativas) parecem não causar estranhamento aos informantes do primeiro grupo, que não os consideram interditos à norma culta. Daí sua incorporação à modalidade escrita.

A consciência do que seja norma culta pode interferir na recorrência de alguns padrões, especialmente em situação de avaliação, quando o aluno associa seu desempenho lingüístico à sua futura progressão social. Ao que parece, quanto maior for a pressão social para resultados positivos no exame, maior será a cautela no emprego de termos e estruturas da língua. Isso pode ser ratificado pelos resultados apresentados na tabela anterior. Houve baixa incorporação de usos inovadores de *tipo* em duas amostras de provas analisadas: as de uma universidade pública para o vestibular de medicina e também as de avaliação técnica do MEC para formandos do curso de Letras. Esses índices permitem afirmar que o domínio da língua, e não o grau de escolaridade, tem peso importante na condução da norma culta em textos escritos.

De outro modo, a análise desses resultados sob o ponto de vista da aquisição da norma de prestígio ratifica essa conclusão. Labov (1994) postula seis estágios de aquisição, quais sejam: aquisição da gramática básica, aquisição vernacular, desenvolvimento da percepção social, desenvolvimento da variação estilística, habilidade de manutenção de um padrão consistente e aquisição de um leque mais amplo de opções. Em relação ao que pude constatar sobre os valores de *tipo* e os grupos identificados nas amostras de língua escrita, parece que seriam justamente os vestibulandos para medicina e os formandos em Letras aqueles que percorrem todos esses estágios de aquisição. O mesmo não se pode dizer dos informantes do grupo I, que demonstram um leque de estratificação de usos bem amplo, mas não ainda a habilidade necessária com relação ao português culto, posto que, em muitos pontos de seus textos, ainda escrevem como se estivessem falando. Não têm claros os limites entre as modalidades escrita e falada da língua.

Segundo Labov (2002), é óbvio que dois grupos que integram malhas comunicativas distintas e separadas apresentem divergências. Nesses casos, o alvo de interesse volta-se para as convergências, como aquelas observadas para o substantivo-classificador, que aproxima os grupos I e II, da mesma maneira que a preposição-exemplificativa permite aproximar os grupos I e III. Sobre o dado extralingüístico, essa convergência se mostraria na atitude do falante em relação à língua: todos os informantes, sem exceção, estão produzindo textos com maior grau de consciência lingüística, já que sabem que serão avaliados quanto ao domínio da norma culta. Ao mesmo tempo, estão numa faixa etária de transgressões e busca de auto-afirmação. Assim, esses alunos tanto podem incluir um padrão inovador por desconhecimento da norma quanto pelo simples fato de transgredir regras impostas¹⁵³. O que determinará a atitude é o resultado da equação motivação/sanção, domínio inacessível no *corpus* constituído para análise.

Como última estratégia de abordar o fenômeno investigado, tentei identificar a atitude dos falantes¹⁵⁴ face a alguns usos da palavra *tipo*. Para tanto, servi-me de questionários e observações assistemáticas¹⁵⁵, cujos resultados podem ser sintetizados da seguinte forma:

I- os estudantes de Letras¹⁵⁶ acreditam que *tipo* é associado a estratégias de explicação, de comparação de igualdade e de hipótese enquanto *tipo assim* é expressão empregada em construções de explicação, exemplificação, comparação de igualdade/hipótese, de citação e de referência. Alguns poucos informantes não vêem diferença no emprego dos termos e os identificam com estratégias de coesão e de focalização, além dos valores já citados. A maioria acredita que *tipo* e

¹⁵³ É importante lembrar que os adolescentes vivem uma fase em que buscam a afirmação de identidade, afastando-se dos padrões funcionais associados aos pais e aproximando-se daqueles associados aos seus pares.

¹⁵⁴ O universo de informantes do primeiro grupo foi constituído por 150 alunos do curso de Letras, de universidades públicas e privadas (Anexo V). O universo de informantes do segundo grupo foi constituído por 20 professores do curso de Letras. Compõem o terceiro grupo 14 adolescentes de classe média da cidade de São Paulo, estudantes de escolas particulares, distribuídos na faixa etária de 11 a 17 anos (Anexo VI).

¹⁵⁵ A não-cooperação dos informantes impediu uma análise sistemática dos resultados no que concerne a atitudes lingüísticas. Do primeiro grupo somente 34 (22,6%) informantes devolveram os questionários. Do segundo grupo, somente dois informantes responderam ao questionário e o fizeram imediatamente após o recebimento do questionário.

¹⁵⁶ Um graduando, falante nativo do espanhol, afirmou que *tipo* é também um uso comum entre jovens de Buenos Aires, na Argentina. Associou seus usos aos seguintes valores/funções: aproximativo; estilo; referência a pessoa; comparação; modelo/espécie; marcador conversacional.

tipo assim sejam expressões empregadas por jovens e adolescentes e alguns poucos admitem que indivíduos de outras faixas etárias possam utilizá-las. Uma minoria associa esses empregos às classes média e alta, mas praticamente nenhum deles admite que os emprega.

II- os professores sustentam que somente a gramática pode amparar o que é correto e que as funções que identifiquei como inovadoras devem ser classificadas como erros. Eles qualificaram esses usos como *futilidades*, *oralidade*, *inadequações*, *gírias* e *informalidades* associadas aos valores de *explicação* e de *comparação*. Há, assim, alto grau de rejeição com relação aos usos inovadores de *tipo*. Esse sentimento faz com que o uso da palavra *tipo* como *marcador* seja alvo de estigmatização.

III- com relação aos adolescentes, as meninas afirmam que essas expressões são usadas para “explicar”, “exemplificar” e marcar “estilo do falante”. Também são usadas para sinalizar uma noção aproximativa, similar. A análise dos exemplos produzidos por elas revela que usam *tipo* e *tipo assim* em funções discursivas. Para os meninos¹⁵⁷, a palavra *tipo* sinaliza *semelhança* e *explicação*. Vale ressaltar que alguns meninos¹⁵⁸ usam os marcadores da mesma forma que as meninas.

Procedi à análise da linguagem empregada em programas de televisão¹⁵⁹ e em tiras de quadrinho¹⁶⁰ e verifiquei que o uso da palavra *tipo* nas funções que considere mais inovadoras está associado a personagens mais jovens. Autores ficcionistas¹⁶¹ com grande sensibilidade para a fala também se valem da palavra *tipo* com esse valor. Nos anexos de uma monografia sobre *gírias*¹⁶² também verifiquei que *tipo*¹⁶³ aparece nas respostas dos jovens a perguntas de uma enquête¹⁶⁴ feita por seus pares.

¹⁵⁷ Em sua maioria, os meninos não conseguiram/quiseram apresentar exemplos de frases em que as expressões figuravam. Sentiam-se mais à vontade em apresentar a explicação para o uso.

¹⁵⁸ Esse comportamento diz respeito aos dois mais jovens meninos desse grupo.

¹⁵⁹ Um quadro do programa *Fantástico*, protagonizado pela atriz Heloísa Perissé, por exemplo, focalizava uma adolescente comunicando-se com seus pares pela *internet*. Os marcadores linguísticos escolhidos como bordões foram as expressões *tipo* e *tipo assim*.

¹⁶⁰ Nas tiras “Bode Orelana”, de Henfil, há o emprego de *tipo* em padrões inovadores.

¹⁶¹ Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, narra, em uma crônica, situações de (des)contato com seus filhos, especialmente com sua filha adolescente. O conflito entre gerações é marcado pelo uso da expressão *tipo assim*, que vai também sendo incorporada à fala do narrador. Vide crônica nas páginas iniciais da tese.

¹⁶² Essa monografia foi realizada como trabalho de TCC para um curso de pós-graduação *lato sensu*.

¹⁶³ Os seguintes exemplos ilustram o fato:

Pergunta: Como você faz para “chegar numa mina” quando ela está só, numa festa?

Com relação a esta última incursão, vale a pena comentar que o gênero *enquete*, no modelo comumente formulado pelos jovens, apresenta uma aproximação muito acentuada entre as modalidades escrita e falada. As respostas apresentam um padrão: são breves, escritas como se fossem respostas raiadas e sempre bastante informais, daí a presença de marcadores conversacionais e de usos inovadores.

Na verdade, existe uma força social importante atuando sobre esses falantes no momento de decidir sobre o padrão de escrita que deve desenvolver em determinada situação. (Pré) adolescentes estão numa fase em que buscam a aprovação de seus pares. A identidade grupal os faz aproximarem-se das escolhas lingüísticas de seus pares ao mesmo tempo em que se distanciam dos itens lexicais/estruturas associadas aos falantes mais velhos.

Nesses termos, a atitude lingüística do falante diante de um item inovador torna-se peça-chave na transmissão lingüística desse uso. Assim, a adesão aos empregos inovadores de *tipo* e de *tipo assim* depende dos valores sociais a eles associados em cada um dos segmentos da comunidade lingüística. A alta recorrência de padrões funcionais inovadores pelas camadas mais jovens pode, inclusive, acelerar o espraio desses usos por outras camadas sociais e, na esteira disso, alimentar o processo de gramaticalização já em curso.

Resposta: Eu vejo qualé que é a dela. Se ela está afins de um lero ou se ela é do *tipo* mandão não qué patroa não deixa. Depois eu vou chegando, chegando. aí puxo um papo furado, *tipo* "cê tá sozinha", até passá um chaveco nela e aí a noite tá garantida. (M. A., 25 anos, escriturário, morador da Vila Nair -SP)

Pergunta: Bom, para começar eu queria saber uma coisa. Até que ponto vai a sua confiança no jovem?

Resposta: Olha, sinceramente, tá, minha confiança e esperança no jovem vai até ao ponto em que eu transe as minhas potencialidades e acredite em mim, saca? porque...é *tipo assim*, eu sou esse jovem; a massa do pão, então não tem a vê... você entende? ... eu tenho é mais é que pôr fê na vida de dentro de cada um. É uma questão de acreditar no que é de novo. Nós...os jovens. (L., 17 anos, 3º colegial)

Pergunta: Aliás, como está o panorama político na sua cabeça?

Resposta: Sinceramente tá, acho política mó mer... Mas já que é dela que nossa vida gira em torno, é preciso haver uma certa ligação entre eu e ela. É bem aquele lance: eu sou a política e a política é a Leila. Mas eu acho ela a maior babaquice do mundo. É *tipo assim*: "anti-sistemas". Mas ela também não precisa gostar das minhas idéias. (L., 17 anos, 3º colegial)

Pergunta: Bom, agora pra finalizar tá, eu queria que você falasse alguma coisa pras pessoas. Qualquer coisa.

Resposta: Conforme a gente conversa, vem tanta coisa na cabeça da gente, que sei lá, não sei nem como dizê. É *tipo* aquele estágio, onde se qué mais é curti um "Beto Guedes" ou "Pink Floyd". (L., 17 anos, 3º colegial)

¹⁶⁴ A enquete é uma prática bastante comum entre adolescentes. Trata-se de questionário com perguntas simples para as quais se esperam respostas curtas escritas em caderno. Esse material circula entre adolescentes de mesma faixa de idade, com o fim de promover o reconhecimento de afinidades. Para fazer a transcrição dessas respostas, mantive a informação original sem proceder a correções gramaticais.

CONCLUSÕES

O propósito desta tese foi examinar os deslizamentos funcionais da palavra *tipo* no português com base em duas amostras de língua falada por cariocas de variados graus de escolaridade. Realizei, como estratégia analítica, o estudo comparativo de outras palavras, que a exemplo de *tipo*, desenvolvem novos sentidos a partir de um processamento de base comparativa, quais sejam, *feito*, *igual* e *como*.

No capítulo I, apresentei os pressupostos funcionalistas que fundamentam este trabalho. E, assim, desloquei para o centro das discussões o usuário da língua juntamente com os aspectos que compõem o entorno comunicativo. Esse deslocamento foi fundamental para que as discussões tecidas se justificassem, especialmente porque ofereceu a possibilidade de se analisarem os tipos de padrões estruturais e os níveis de organização discursiva, tal como procedi nos capítulos I, ao tratar dos processamentos de base comparativa, e no capítulo III, ao descrever e hierarquizar os padrões funcionais dos itens analisados; esse viés teórico também permitiu responder a questionamentos sobre as motivações de estratégias lingüísticas adotadas na interação, como fiz no capítulo V. Combinando esse modelo teórico com os pressupostos da gramaticalização, este estudo pôde lidar com as inconsistências e irregularidades de alguns dados ambíguos que assumiram posição periférica nas categorizações, conforme apresentei no decorrer do capítulo III, onde descrevi os padrões funcionais sincrônicos.

Categorias ambíguas, representadas pelos *types* igual³ e como², revelam uma espécie de “elo perdido”¹⁶⁵ na cadeia de mudança, fase muito importante para explicar a convivência dos dois momentos (prévio e posterior) da gramaticalização. Os dados agrupados nessas categorias intermediárias permitem discutir, por exemplo, a atuação de dois mecanismos complementares no processo de mudança motivada por gramaticalização: metonímia e metáfora. A metonímia, processo que provoca inferências pela contigüidade de informações, pode ser detonada pela aproximação de formas/significações. Já, as inferências metafóricas decorrem da transferência entre domínios conceptuais. Um exemplo

¹⁶⁵ Aproprio-me do rótulo atribuído por Maria Luiza Braga às categorias periféricas que permitiriam mais de uma interpretação funcional. Não apresentam, assim, com exclusividade todos os traços de uma categoria central.

dos deslizamentos que envolvem esses mecanismos pode ser demonstrado com os seguintes exemplos:

- (a) Este tipo é interessante.
 [+humano]
 [+animado]
- (b) Este é um tipo de pessoa interessante.
 classif. [+humano]
 [+animado]
- (c) Este é um tipo de N interessante
 [± humano]
 [± animado]

Num ponto dos deslizamentos de *tipo*, a categoria cognitiva “pessoa” constitui o item-fonte, que desliza, num outro ponto do *continuum*, para classificador. As conseqüências desse deslizamento são majoritariamente representadas pela função mais gramatical desempenhada por *tipo* e pelo esvaziamento semântico, com reflexos na codificação sintática. Passa a exigir, nessa nova função, um Sprep em cujo interior está um nome que apresenta os traços originais [+humano, +animado] do item-fonte. Posteriormente, essa estrutura sofre, por analogia, um espraçamento. Passa, então, a admitir a presença de nomes com outros traços semânticos.

A passagem de um ponto de deslizamento a outro, no entanto, nem sempre se apresenta de uma forma inequívoca. Os deslizamentos propiciam inferências, que podem apresentar interpretações ambíguas. Esse efeito previsível foi explicitado quando discuti a atuação do processamento cognitivo básico mobilizado pelos indivíduos nos deslizamentos funcionais: a comparação. Defendi a atuação desse processamento em vários níveis lingüísticos, inclusive no da organização da estrutura conversacional.

A unidirecionalidade foi empregada como recurso heurístico para a organização dos dados e mostrou-se válida diacronicamente para os itens *tipo*, *feito*, *igual* e parcialmente para *como*. Seria pertinente uma discussão sobre a fragilidade desse recurso tendo em vista que não foi ratificado nos deslizamentos de *tipo*⁴ (conjunção), *tipo*⁵ (discursivo - delimitador aproximativo), *tipo*⁶ (discursivo - marcador), *feito*⁴ (conjunção), *feito*⁵ (discursivo - delimitador aproximativo), *igual*⁴ (conjunção) e *igual*⁵ (discursivo - marcador). Os problemas metodológicos, todavia, são decorrentes da associação desse *continuum* unidirecional com a ratificação diacrônica. Explico: esses *types* podem sofrer restrição em documentos escritos como os que consultamos.

Há uma série de quesitos importantes que favorecem ou explicam os *types* que não foram encontrados nos documentos escritos: 1. texto narrativo com alto grau de oralidade; 2. interação face-a-face ou simultânea; 3. contextos de emergência lingüística (usos inovadores); 4. estigmatização. Esses mesmos quesitos podem ser aqueles que determinaram a exclusão de muitas dessas funções dos dicionários consultados.

Outros casos que, embora não tenham sido ratificados, não afetam a hierarquização proposta são aqueles que refletem uma conversão categorial, como é o caso de *igual*⁴, que podem ou não ocorrer em qualquer ponto do *continuum*, uma vez que não remetem a uma mudança categorial motivada por gramaticalização. Com base na análise procedida, postulei, no estudo sincrônico, que categorias altamente gramaticalizadas assumem funções discursivo-conversacionais, contudo, não tenho recursos precisos para discutir a época de surgimento desses itens funcionais pelas limitações próprias dos materiais diacrônicos.

A palavra *como*, já conjuntiva desde o latim – ainda que esta forma seja mais próxima de um latim vulgar –, colocou-me frente ao impasse de resolver se a categoria prepositiva (exemplificativa/restritiva) tinha estatuto mais abstrato do que a categoria conjuntiva, que reunia um conjunto bastante amplo de valores semânticos. Optei por considerar o grau de abstratização do tipo de estrutura em que estava inserido o item. Se consideramos que preposições ligam palavras e conjunções orações, estas estão num nível hierárquico mais alto, mais abstrato portanto. No entanto, é uma questão que merece maior aprofundamento em estudos posteriores, de modo a verificar a estratificação de *como* conjuncional e depois confrontar esses resultados com aqueles revelados neste estudo. Aqui, um conjunto de dados que aparece somente a partir do século XX é uma evidência de uma abstratização interessante, que pode ser derivada de uma estrutura conjuntiva comparativa. Observe o seguinte exemplo:

... Como antropólogo responsável pela definição dos limites da terra indígena deni em Itamarati e Tapauá, no Amazonas, esclareço que os denis tiveram sua terra identificada pela Funai em 1999, com uma superfície de 1.530.000 hectares. (XX)

Nesse exemplo, é possível notar, numa perspectiva funcional, que há a intenção de o falante marcar seu papel social para se enquadrar como autoridade no assunto de que vai tratar na sequência informativa seguinte. A estrutura introduzida por *como* é topicalizada e sinaliza ao leitor algo além da informação puramente lingüística, mas que poderia atuar

numa função próxima a de sinalizar ao ouvinte que a informação subsequente não pode ser questionada. Como esses dados ocorrem em momento histórico posterior ao da conjunção comparativa, poderia gerar debates sobre a atuação de uma unidirecionalidade. É uma questão que ainda permanecerá em aberto.

No capítulo V, em que travo o efetivo diálogo entre gramaticalização e sociolingüística, busquei identificar as forças externas à língua que atuam nesses deslizamentos e, depois, a incorporação dos usos inovadores de *tipo* na escrita escolar.

A teoria clássica do tempo aparente define o final da puberdade como ponto de estabilização da gramática dos indivíduos. O estudo painel é uma metodologia que permite apreender se de fato isso ocorre. Analisei os itens *como*, *feito*, *igual* e *tipo* nas entrevistas produzidas pelos mesmos falantes em dois momentos distantes no tempo aproximadamente 18 anos. Com a análise, foi possível verificar que os falantes alteram a frequência de *types* de cada item em função de suas características sócio-culturais. Não somente alteram os usos mais lexicais – diminuindo, eliminando, aumentando suas frequências, ou mesmo incorporando novos padrões funcionais – mas também os usos mais gramaticais das palavras analisadas. Com os resultados, é possível discutir a estigmatização de alguns usos, como ocorre com o *igual* e *feito* em seus valores conjuncionais. Estes são evitados por falantes com alta escolarização. Com relação a *tipo*, pode-se falar no “mito da gíria” que reflete a concepção dos mais velhos em relação a marcadores discursivos “tipo assim”. Ocorre que os falantes que incorporam esses usos mais inovadores, sejam eles marcadores discursivo-conversacionais ou delimitadores aproximativos, são aqueles que mantêm vínculos sociais bastantes extensos, normalmente propiciado, embora sem exclusividade, também pela escola.

Se segmentarmos os informantes somente pelo grau de escolaridade, teremos dois conjuntos de informantes agregados: os três falantes do PEUL (38, homem; e 39 e 63, mulheres) e os 11 falantes do NURC (6 mulheres, 5 homens). Enquanto os falantes do PEUL incluem *tipo* em funções juntivas, discursivas (marcador, delimitador) no segundo contato (amostra 00), e somente a falante 63, que era pré-adolescente de 12 anos no primeiro contato (amostra 80), empregava o juntivo, dos falantes do NURC, duas (133 e 11) chamam a atenção pela incorporação de usos inovadores de *tipo*. Ambas são as falantes mulheres mais jovens da amostra (estão na primeira faixa etária: 25 a 35 anos, no contato; e de 36 a

55, no recontato). A falante 11 mantém contato intenso com jovens e seus contatos sociais justificariam essa adesão, diversamente do que ocorreu com a falante 133, que se afastou por longos anos do Brasil.

Quanto aos falantes do PEUL, pela análise das fichas sociais de cada informante nos dois momentos das gravações, há forte correlação entre vínculos sociais e adesão de usos inovadores. Outra questão bastante interessante foi a idade em que esses contatos se impõem e a extensão desses contatos. Ampliar seus contatos sociais numa idade muito avançada e restringir tais vínculos a grupos mais fechados, como os religiosos, pode minar as possibilidades de incorporação de usos inovadores.

Com a análise de provas dissertativas, notei que a pressão escolar ou de objetivos tem papel importante na (não)adesão de usos inovadores. E de conhecimento geral que *tipo* detém alta recorrência de uso entre os falantes mais jovens em situação espontânea de fala, contudo as redações mostraram que quanto maior é a escolaridade e o grau de exigência social tanto menor será o uso de *tipo*. Na prova do grupo I, cujos alunos são levados a acreditar que seu desempenho servirá como meio de avaliar o ensino colegial e não o seu desempenho individual, houve o maior índice de *types* (05), dentre os quais quatro eram inovadores. Na prova do grupo II, em que os alunos são efetivamente avaliados para ingressar no curso superior e são levados a acreditar que seu desempenho é critério eliminatório de ascensão/status social, houve o uso de apenas dois *types*, com apenas uma ocorrência de marcador discursivo. Ressalto que, nas provas vestibulares para medicina, para uma universidade federal, não houve nenhum emprego inovador. No grupo III, em que os alunos sabem que estão sendo avaliados ao mesmo tempo em que seu desempenho serve de índice avaliativo do potencial de ensino de sua universidade, houve um único caso de uso inovador de *tipo* em seu uso preposicional-exemplificativo, que se aproxima perceptivelmente dos usos discursivos.

São índices de incorporação ínfimos, que corroboram a afirmação inicial de que a situação social do indivíduo pode afetar a incorporação de funções inovadores, especialmente daqueles empregos mais estigmatizados.

Numa última tentativa de abordar a transmissão de usos inovadores, conversei com adolescentes, professores e estudantes de Letras. Esta estratégia não se mostrou eficiente, mas permitiu reunir elementos para um futuro encaminhamento da questão. Os

adolescentes incorporam usos inovadores se estes forem aceitos pelo grupo, contudo se seus pares rejeitam essa forma – como é caso dos meninos mais velhos consultados que associam *tipo* a grupos femininos – então a tendência será que evitem esses empregos.

Chegamos, assim, a resultados bastante interessantes sobre a gramaticalização e incorporação de usos inovadores por falantes do português, que podem servir de ponto de partida para um estudo do tipo tendência. Os resultados observados por meio de um estudo dessa natureza permitiriam a explanação dessas questões, aqui discutidas num âmbito individual, em larga escala social. Permitiria generalizações válidas para a comunidade lingüística, um todo heterogêneo que é guiado por regras claras e organizadas para os deslizamentos funcionais de itens e estruturas lingüísticos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1969.

BAUGH, John. A reexamination of the Black English Copula. In: LABOV, William. *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, 1980. (pp.83-106)

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1992.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIDERMANN, Maria Tereza C. *Dicionário Contemporâneo de português*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A face quantitativa da linguagem. In: *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BISANG, Walter. Grammaticalization and Language Contact, Constructions and positions. In: RAMAT, Anna Giacalone & HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998 (pp.13-58)

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. *Tipo (assim) como delimitador de 'unidades de informação'*. In: *Revista de Estudos Lingüísticos*. São Paulo, 2000 (pp.264-69).

BLUTEAU, Raphael. *Diccionario Castellano y Portuguez: para facilitar a los curiosos. Vocabulario Portuguez & Latino*. Lisboa Occidental: Imprensa de Pascoal da Sylva, 1721.

BRAGA, Maria Luiza. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Conferência apresentada em concurso para professora titular junto ao Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999 (inédito)

_____. *A Interface Sociolingüística/Gramaticalização*. Mimeo. inédito.

BRAGA, Maria Luiza & PAIVA, Maria da Conceição de. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003 (pp. 206-212)

BRÉAL, Michel & BAILLY, Anatole. *Dictionnaire étymologique latin*. 11a édition. Paris: Librairie Hachette, s/d.

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003 (pp. 602-623). www.unm.edu/~jbybee

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, s/d (18??).

CAMARGO, Alberto Mesquita de. *Lições de Latim*. São Paulo: Edições IAMC, s/d.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Estudos Gramaticais e filológicos*. Salvador: Progresso/Aguiar & Souza, volume 3, 1957.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* (19): 1997 (pp. 25-64).

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1971.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CRUZ, Marques da. *Português prático*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

_____. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1982.

_____. & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DEL NERO, Henrique Schützer. O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

DICIONÁRIO ACADÊMICOS. *Dicionário de Português-Latim*. Portugal: Porto Ed., 1989.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

_____. Raising in a Functional Grammar. *Lingua* (47), 1979 (pp.119-140).

DOWNES, William. *Language and society*. London: Fontana Paperbacks, 1984.

- DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, John (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985 (pp.343-65).
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1992.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- FRAJZYNGIER, Zygmunt. *Grammaticalization of the complex sentence: a case study in Chadic*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- GENETTI, Carol. From postposition to subordination in Newari. In: TRAUGOTT & HEINE (1991), volume II (pp. 227-256).
- GOMES FILHO, Antônio. *Um tratado da cozinha do século XV. Leitura diplomática e modernizada*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, Colette (ed.) *Noun classes and categorization: proceedings of a Symposium on categorization and noun classification*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1986 (pp.77-102).
- _____. *On understanding grammar*. Nova Iorque: Academic Press, 1979.
- _____. The evolution of dependent clause morpho-syntax in Biblical Hebrew. In: Traugott & Heine (1991). Volume II (pp.257-310).
- GONÇALVES, Maximiano Augusto. *Questões de linguagem*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1954.
- HAIMAN, John. From V/2 to subject clitics: evidence from Northern Italian. In: TRAUGOTT & HEINE (1991). Volume II (pp.135-158)
- HARRIS, Alice C. & CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. (pp.19-20)
- _____. *Cognitive foundations of grammar*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1997.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization as an Explanatory Parameter. In: PAGLIUCA, William (ed.) *Perspectives on Grammaticalization*. Current Issues in Linguistic Theory (109) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994 (pp.255-287)
- HEINE, Bernd & REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991a (pp. 149-187)

_____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991b.

HERRING, Susan. The grammaticalization of rethorical questions in Tamil. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs and HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991 (pp.253-285).

HOOK, Peter Edwin. Paradigmaticization: a case study from South Asia. . In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988 (pp.293-303)

_____. The emergence of perfective aspect in Indo-Aryan Languages. In: Traugott & HEINE (1991) vol. II (pp.59-90)

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-35)

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

IRMÃOS MARISTAS. *Gramática latina*. São Paulo: Ed. Brasil, 1961.

JUCÁ FILHO, Cândido. *O fator psicológico na evolução sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

KOEHLER, Pe. Henrique. *Dicionário escolar latino-português*. Porto Alegre: Globo, 1948.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. *Sociolinguistic Patterns*. Pensilvânia: University Press, 1972 (pp.1-42).

_____. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. *Principles of linguistic change*. Volume I: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Driving forces in Linguistic change. 2002. *International Conference on Korean Linguistics*. Seoul: Seoul National University, 2002.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

LEMLE, Miriam & NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral, Fundação Ford, 1977.

LEONI, Francisco Evaristo. *Genio da Língua Portuguesa ou causas racionais e philologicas*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1858, Tomo II.

LICHTENBERK, Frantisek. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Volume I. (pp.37-80)

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. *Dicionário grammatical da lingua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1971.

MAALEJ, Zouhair. Metaphoric discourse in the age of cognitive linguistics, with special reference to Tunisian Arabic. *Journal of literary semantics*. XXVIII, 1999. (pp.189-206)

MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva: baseada nas doutrinas modernas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1956.

MACMAHON, April M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MAGNE, Augusto. *Dicionário etimológico da língua latina*. Volume I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro, 1952.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1998 [1977].

- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965 [1912].
- MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, Charles (Ed.) *Historical Linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, 1993. (pp.215-236)
- MITHUN, Marianne. The role of motivation in the emergence of grammatical categories: the grammaticalization of subjects. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume II: focus on types of grammatical markers. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.159-184)
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. *Os delimitadores no português falado no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1991.
- MORAIS, Clóvis Barleta de. "Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais". In: *Alfa* (18/19), Marília: FFLC de Marília, 1972-73.
- MULLER, Charles. *Principes et méthodes de statistique lexicale*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1992.
- NARO, Anthony Julius. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996 (pp.81-87)
- _____; PAIVA, Maria Conceição; SILVA, Giselle Machline Oliveira. Organização das Fichas sociais dos informantes do PEUL – Amostra 80. 1996. Mimeo.
- _____. & LEMLE, Miriam. Syntactic Diffusion. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, 29 (3) 259-68, 1977.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1954.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática de usos é a gramática funcional. In: *Boletim da Abralin* (19), 1996 (pp.27-38).
- _____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- _____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA SILVA, Giselle Machline & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria Conceição de. *Amstras do Português Falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Capes, 1999.

PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto de. "O processo de compreensão da metáfora na formação dos professores de língua materna". In: PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M.A. Alba (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1992.(pp.233-246)

PÉREZ, Aveline. *Time in motion. Grammaticalization of the be going to construction in English*. La Trobe University Working Papers in Linguistics (3). In: HEINE & KUTEVA (2002).

QUADROS, Jânio. *Curso prático da língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.

RODRIGUES, Ângela C. de S. *A concordância verbal no português popular na cidade de São Paulo*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

ROSA, Ubiratan. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1950.

SACCONI, Luiz Antônio. *Não erre mais!* São Paulo: Ática, 1987.

SALLES, Miguel. Um estudo sintático-semântico da comparação em português. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1979.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC/RJ.

SHIBATANI, Masayoshi. Grammaticalization of topic into subject. In: TRAUGOTT & HEINE, 1991 volume II (pp.93-134).

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Tratado de semântica brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1965.

_____. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1969.

_____. *Estudos de Filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

SVOROU, Soteria. The lexicalization of locative grams and the unidirectionality hypothesis. In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.

_____. (org.) *Corpus Diacrônico do Português*. Campinas, 1991. (documentos xerocopiados)

TAYLOR, John R. Polissemia and meaning chains. *Linguistic categorization: prototypes in Linguistics Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1992 [1989]. (pp.99-121)

THOMPSON, Sandra. O discurso e a gramática. In: *DELTA*, volume 9, n.2, 1993 (pp. 217-236)

THOMPSON, Sandra & MULAC, Anthony. A quantitative perspective on the grammaticization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT & HEINE, 1991, volume II (pp.313-330)

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988

ULMANN, Stephen. *Semantics: An introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Blackwell, 1962.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (pp.27-44)

_____. *Dicionário básico de lingüística funcional*. 1999. Inédito

_____. & ROCHA, A.R. "A base corporal da metáfora". In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. Coleção biblioteca Tempo Universitário(37), 1975.

WOUDEN, Ten van der. *Negative contexts: collocation, polarity and multiple negation* (Routledge Studies in Germanic Linguistics) London & New York: Routledge, 1997.

ZIEGELER, Debra. Redefining unidirectionality: is there life after modality? In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.

Abstract

The sociolinguistics/grammaticalization interface: stratified functions of *tipo*, *feito*, *igual* and *como* – synchrony and diachrony.

Starting with the premise that linguistic items/structures, in a grammaticalization process, slide from less grammatical to more grammatical, I investigate synchronous uses of the words *tipo*, *feito*, *igual* and *como* in Portuguese, spoken in Rio de Janeiro, in a panel study methodology (Labov 1994).

I introduce the rule change from a theoretical perspective of sociolinguistics and grammaticalization, since internal and external motivations contribute for the comprehension of isolated points of the movement of the forms towards grammar. For this, I propose a hierarchy of these items based on the hypothesis of unidirectionality. I return in time, through documents from the XIII to the XX centuries, and I verify if this postulated organization is the same. I study these functions through type/token frequencies, since the quantification favors the comprehension of the direction taken over by the items in their slidings.

In order to verify the incorporation/adhesion of the innovative uses of *tipo*, I analyze compositions. I defend that the entrance of the functional standards in written language also depends on extralinguistic factors. I sustain my explanations in traditional sociolinguistic aspects (age, sex, education degree) and in the correlation of these with values and group attributes. This adhesion/refusal attitude of innovative uses would be a harmony index of the speaker with the behavior of their peers.

ANEXO I

Histórico do PEUL

O PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – é um grupo de pesquisas inter-institucional que reúne professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (onde o grupo está sediado) , da Universidade Federal Fluminense e da Universidade de Brasília voltados para o estudo do binômio variação e mudança e da interface língua sociedade. Conjugando diferentes perspectivas teóricas (funcionalista, gerativista, gramaticalização, teorias do discurso) aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana o grupo tem procurado contribuir, ao longo da sua existência, para a compreensão da realidade linguística brasileira, através de trabalhos que enfocam sua complexidade sócio-geográfica.

O grupo constituiu-se em 1979 e a equipe pioneira incluía os professores Sebastião Josué Votre, Giselle Machiline de Oliveira e Silva, Charlotte Emmerich, Edwaldo Cafezeira e Leda Bisol , orientandos de Anthony Naro, professor responsável pela introdução da Sociolinguística Variacionista no Brasil, inspirador e primeiro coordenador do grupo. Ao longo dos anos, a equipe original modificou-se e orgulha-se por ter podido contar com o auxílio inestimável de pesquisadores como Jurgen Heye, Giselle Machiline de Oliveira e Silva, Alzira Verthein Tavares de Macedo, Gregory Guy, Anthony Kroch. Na sua configuração atual o grupo é constituído pelos pesquisadores Anthony Julius Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Nelize Pires de Omena, Maria Cecília Mollica, Maria da Conceição de Paiva, Maria Luzia Braga, Claudia Roncarati, Cristina Gomes Abreu, Helena Gryner, Maria Eugênia Lamoglia Duarte e Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva. No desenvolvimento de diferentes projetos ao longo de mais de vinte anos de existência o grupo tem podido contar ainda com a colaboração de inúmeros alunos de Pós-graduação e de bolsistas de Iniciação Científica.

O grupo de pesquisadores se congregou inicialmente em torno do objetivo de analisar fenômenos linguísticos variáveis e depreender os possíveis processos de mudança em curso na variedade não culta falada na cidade do Rio de Janeiro. Para a consecução deste objetivo, e com o apoio financeiro da Finep e do Inep, o grupo empreendeu a

formação de uma amostra da fala carioca que ficou conhecida como Amostra Censo. Essa amostra tem permitido a análise de diversos processos variáveis, em diferentes níveis da língua (fonético/fonológico, morfossintático, sintático, discursivo) contribuindo, assim, para esclarecer muitas das questões relativas à interface língua/sociedade e para a construção de um perfil mais completo do universo variável presente na variedade carioca.

O interesse pela investigação de outras questões teóricas levaram à ampliação do acervo de dados, incorporando outras amostras de fala (Amostra Alzira, Amostra Gryner, Banco de Dados Interacionais) e de amostras de língua escrita em cartas e jornais. Essa ampliação de interesses conduziu os pesquisadores do grupo à extensão do modelo variacionista a fenômenos fora do domínio da oração e a integrarem nas análises fatores relacionados à organização discursiva e ao processo interacional.

Ainda perseguindo a compreensão da dinamicidade do português, o grupo se voltou mais recentemente para um estudo da mudança em tempo real de curta duração, realizando pesquisas do tipo painel (centrada na mudança no comportamento lingüístico do indivíduo) e tendência (centrada na comunidade) através da constituição de novas amostras de fala dos informantes que compõem a Amostra Censo e da comunidade de fala carioca.

Ao longo do seu percurso, os membros do PEUL têm contribuído não apenas para o debate teórico/metodológico acerca da variação e da mudança, como também para a aplicação dos resultados da pesquisa teórica ao ensino/aprendizagem do português com 1ª língua.. Além disso, o grupo estimula o debate acerca da natureza e dos condicionamentos da variação lingüística, através de um constante intercâmbio com outros grupos de pesquisa brasileiros e com pesquisadores de instituições estrangeiras.

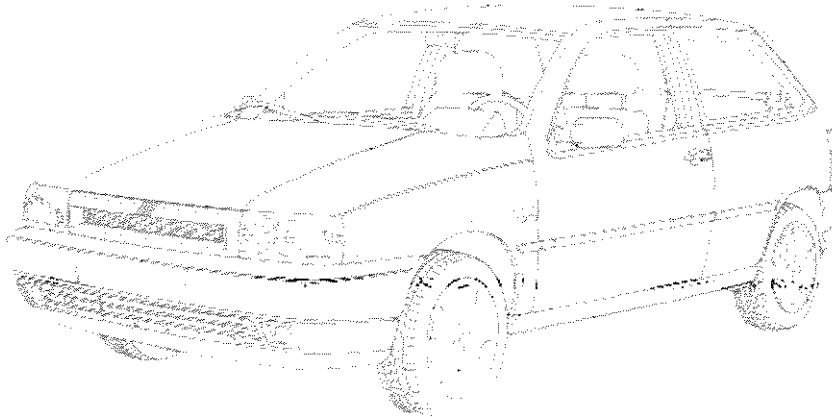
Para maiores informações sobre o Projeto PEUL, sugiro consultar o endereço www.lettras.ufrj.br/peul.

Anexo II - Projeto NURC - Histórico do Projeto

Há trinta anos, em 1968, em relatório solicitado pela Comissão de Linguística Iberoamericana do PILEI, o professor Néelson Rossi (UFBA) ressaltava o interesse de se estender ao Brasil a execução do *Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica* - de que participavam países de língua espanhola, mais especificamente, as cidades de Bogotá, Buenos Aires, Caracas, Havana, Lima, Madrid, México, Puerto Rico e Santiago do Chile - em virtude de serem "tão evidentes e tão relevantes os pontos comuns à problemática do espanhol nas Américas e do português no Brasil". Propunha então que fossem estudadas as normas cultas de cinco capitais brasileiras Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que proporcionariam uma amostra relativa a uma população urbana (aproximadamente um sétimo dos habitantes do país) concentrada "em quatro cidades fundadas no século XVI e uma - Porto Alegre - no século XVIII, distribuídas harmoniosamente por nossa extensão territorial mais densamente povoada".(...)

O final da década de 80 e começo da década de 90 marcam o início da implementação do Projeto Gramática do Português falado, que tem por objetivo a preparação de uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil, com base no *corpus* do projeto NURC, nas cinco capitais, procurando congregiar esforços de pesquisadores que já se vinham dedicando ao estudo da língua falada, e de outros estudiosos voltados mais para questões linguísticas teóricas e que tomavam pela primeira vez contato com um *corpus* natural de linguagem oral. Complementarmente, com o intuito de analisar a mudança linguística, tornou-se necessário estabelecer um confronto com as gravações dos anos 70, que documenta com o maior rigor uma década de grande interesse dentro do momento político-histórico brasileiro. Iniciou-se, assim, em 1992, no Rio, uma ampliação do *corpus*, com a inclusão de 08 entrevistas do tipo DID - recontato de quatro homens e quatro mulheres - que, na década de 70, pertenciam à primeira e segunda faixas etárias e passam a representar a segunda e terceira faixas etárias, na década de 90, respectivamente, e mais 04 novos locutores, pertencentes à primeira faixa etária, 12 informantes, no cômputo geral, portanto. A partir de 1995, foram realizadas outras três outras entrevistas de recontato, pertencentes à terceira faixa etária, na década de 70, e que correspondem hoje, na década de 90, a uma quarta faixa etária (informantes acima de 74 anos). Esse *corpus* foi transcrito grafematicamente e digitado dentro das mesmas normas do restante do *corpus*, visando a uma publicação. Em 1996, constituiu-se uma nova amostra (informantes não entrevistados anteriormente), distribuída, igualmente, por três faixas etárias. Intenta-se, assim, discutir os resultados estatísticos da análise em tempo aparente - a partir do comportamento dos locutores por faixas etárias - com o resultado das análises em tempo real. Em Salvador, já se deu início também ao levantamento de novos *corpora*. (fonte das informações: www.letras.ufrj.br/nurc-rj).

ANEXO III



FIAT TIPO

"Car of the Year" 1989

<http://www2.uol.com.br/bestcars/classicos/tipo-5.htm>

O Fiat Tipo revolucionou o mercado de importados, até que uma série de incêndios pôs fim a sua carreira

Texto: Fabricio Samahá - Fotos: divulgação

A década de 80 foi, para a Fiat, um tempo de renovação -- e de reviravolta, que daria até capa da revista americana *Time* para o executivo-chefe e principal acionista, Gianni Agnelli. Começou em 1983 com o Uno, em um rompimento com as formas pasteurizadas de seu antecessor 127 (147 no Brasil), prosseguiu em 1983 com o Regata e em 1985 com o Croma, pouco conhecidos por aqui. Então chegava a vez de atualizar o segmento médio-pequeno, representado pelos já veteranos Strada e Ritmo, introduzidos em 1978.

Em janeiro de 1988 era lançado, com grande estardalhaço na imprensa européia, o Tipo. (seu nome era mesmo grafado seguido de um ponto). O evento envolveu 1.200 jornalistas do mundo todo, instalados em Madri, Paris, Londres, Frankfurt e Roma, com os quais a Fiat se comunicava através de transmissão de TV via satélite.

Desenhado pelo centro de estilo da marca, com a colaboração do estúdio I.D.E.A de Turim (que mais tarde projetaria o Palio), o Tipo chegava ostentando linhas cheias, robustas, que transmitiam a sensação de um amplo interior. Não era apenas sensação: com entreeixos de 2,54 metros e largura de 1,70 metro, surpreendia pelo espaço. Dois volumes e cinco portas eram a única versão de carroceria, com o bom coeficiente aerodinâmico (C_x) de 0,32.

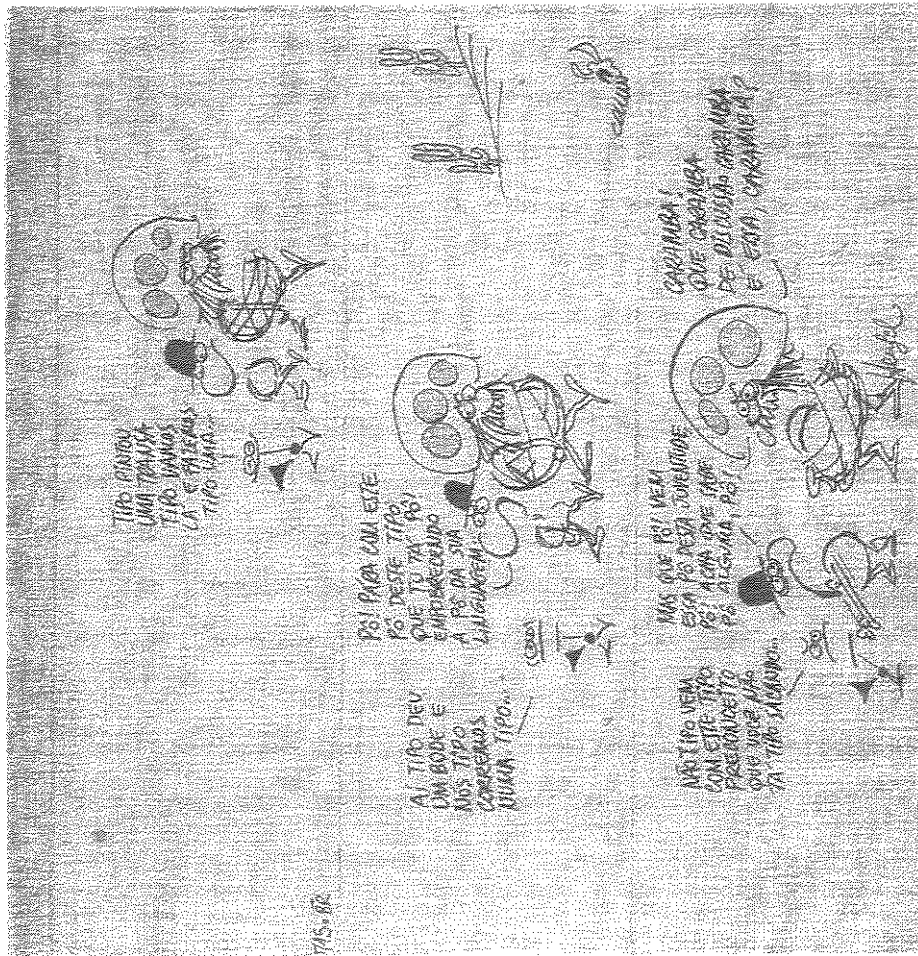
O curioso nome parece ter vindo da designação do projeto, Tipo Due (tipo dois, em italiano), uma continuação da linhagem iniciada com o Tipo Uno (tipo um), ou apenas Uno. Era fabricado em uma nova unidade em Cassino, na Itália, com uma linha de produção altamente robotizada, referência neste aspecto entre as marcas européias. A linha seria exclusiva até a chegada de seus derivados Tempira e Tempira S.W., em 1990.

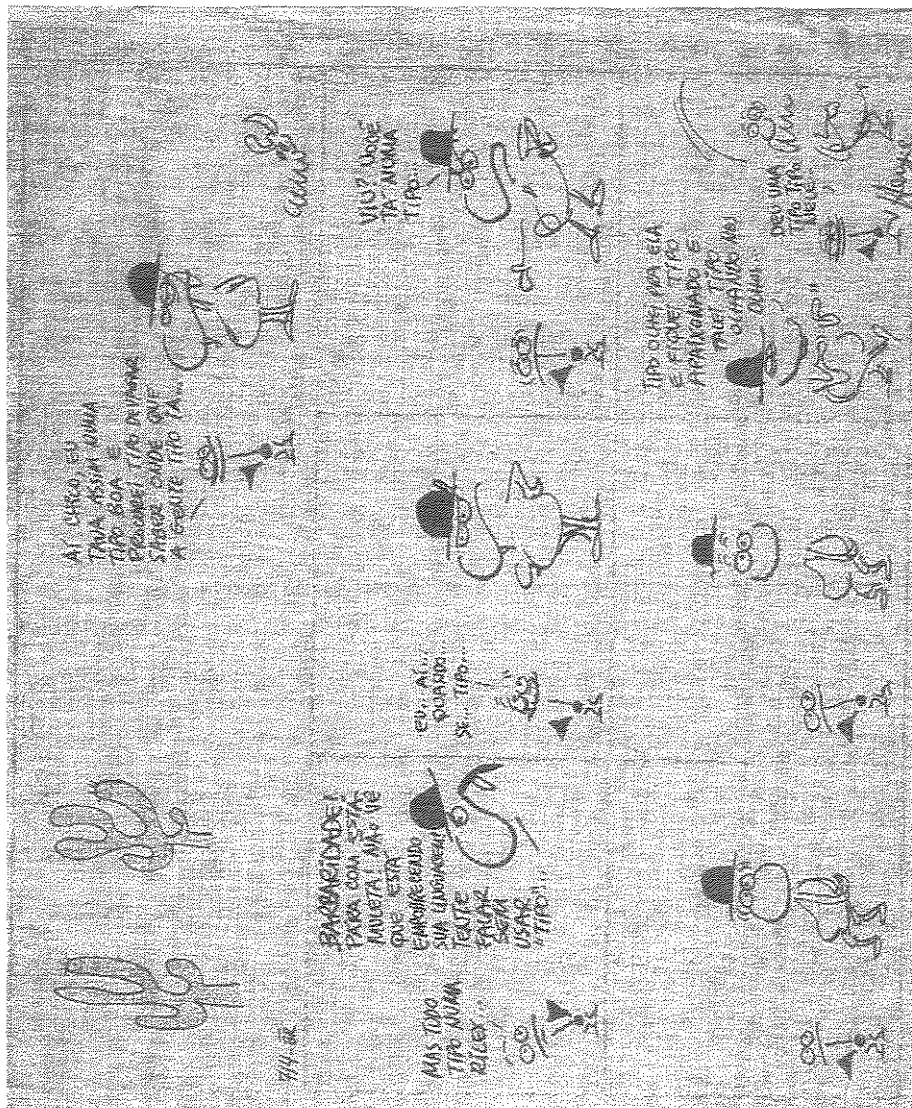
No Brasil O Tipo chegou ao mercado brasileiro em setembro de 1993, de início com três portas e logo depois com cinco. Com um sistema otimizado de logística -- vinha nos mesmos navios que exportavam para a Europa os Fiats brasileiros -- e uma estratégia de *marketing* agressiva, a Fiat conseguiu uma proeza: vender um carro ainda moderno e com bom equipamento de série (incluindo direção assistida, opcional nos concorrentes) por um preço muito interessante, US\$ 17 mil à época.

A versão única de acabamento -- *1.6 i.e.* -- não era luxuosa, mas oferecia os opcionais mais desejados no segmento, como ar-condicionado, controle elétrico dos vidros e travas e até teto solar. O revestimento dos bancos era claro e alegre, numa época em que predominava o preto. O motor 1,6-litro, o mesmo dos Fiats nacionais, tinha injeção monoponto e 82 cv, 10 cv a menos que no Uno 1.6R mpi lançado pouco antes. Embora adequado ao uso familiar, graças ao bom torque de 13,3 m.kgf, seu desempenho deixava um pouco a desejar diante dos mais potentes Kadett e Escort de 1,8 litro. Mas havia detalhes bem pensados: segunda chave "de manobrista" (não abria porta-luvas e porta-malas), dobradiças pantográficas no capô (para grande ângulo de abertura), banco do passageiro dianteiro com memória de posição (após afastado para o acesso, no caso do três-portas, retornava ao ajuste anterior de distância), tampa do porta-malas em plástico de alta resistência e um bom volante de quatro raios.

O Tipo havia ficado rápido, muito rápido. A decoração externa da versão era esportiva e de bom gosto, com saias laterais largas, um friso vermelho nos pára-choques e laterais, lanternas traseiras e rodas exclusivas. Na Itália era usado aro 15 pol com pneus 185/55, mas a Fiat temia que o perfil muito baixo provocasse danos em buracos. Aqui, optou pelo aro 14 pol e pneus 195/60.

ANEXO IV – Tiras Henfil





ANEXO V – questionários

Primeira Estratégia : questionário escrito

1º teste – público-alvo: alunos do curso de Letras de universidades públicas e privadas.

Retorno: de um total de X questionários entregues, somente X foram devolvidos.

Objetivo: avaliar o grau de aceitação das expressões *tipo* e *tipo assim*.

Procedimento: a) construa duas frases: uma utilizando a palavra *tipo* e outra incluindo a expressão *tipo assim*.

b) avalie o uso dessas expressões em sua comunidade. Diga de que modo é utilizado, por quem e em que situação.

Respostas de alunos de Letras que trabalham em áreas diversas.

Geralmente o ‘tipo’ é usado para dar explicações e exemplos. Ao invés de começar essa frase, com a palavra geralmente, poderia começá-la assim: “tipo assim”, todo mundo usa o ‘tipo’ para dar exemplos.

Esta expressão é utilizada principalmente por adolescentes quando querem exemplificar algo.

Normalmente essas expressões são usadas por adolescentes, empregadas como gírias para exemplificar alguma coisa ou dar sentido a uma frase.

Essas duas expressões são usadas muito, pelos jovens; (eu mesma uso bastante). Elas são usadas mais para dar exemplos. Ex.: Sabe aquela cor, tipo azul, quase verde? ou Ex.: - Rosa, o que é P.N.P.? - Tipo assim, é aquele português que é falado pelas classes dominadas, uma “língua” sem regra, adquirida.

Tipo e tipo assim seria um jeito ou maneira de se expressar para explicar “alguma coisa”

Prefiro não responder.

Essa expressão é usada quando é utilizado quando queremos comparar algo. Ele é mais utilizado por adolescentes quando estão conversando com os colegas. Tipo assim, aquele cara tem uma moto da hora.

Primeiro é utilizada por adolescentes, mas a febre do tipo e tipo assim já atingiu outras faixas etárias. E utilizada para explicar algo, quando pergunto algo a respeito de seus sentimentos por exemplo respondem : Sei lá! Tô tipo assim, legal!!! Sinto algo, tipo assim, entende. Mó ruim.

Não só crianças mas quase todo mundo está usando tipo assim. Ex.: - Tipo assim, eu fico triste quando não o vejo! - Mais assim, eu não tô nem aí, tô de boa mesmo! - Eu não sei se eu vou, tipo assim meu pai vai embacha! (?)

Vou dar um exemplo do meu ex-namorado que quando ia chamar minha atenção usava a expressão. É tipo assim como vou te explicar você me entende! Onde trabalho é mais usada o tipo assim.

O tipo e o tipo assim são usados freqüentemente pelos adolescentes, eu posso dizer com certeza pois sou uma de 18 anos. "Tipo assim" depende da situação do falante, mas geralmente quer dizer "por exemplo", ou uma figura de linguagem, uma metáfora, comparação, metonímia. Ex.: Isto tipo magoada (como se estivesse magoada). O tipo às vezes é um "todo" de muitos outros. (Patrícia Souza de Oliveira)

O "tipo" começou a ser usado como gíria entre os jovens, que agora é utilizado pelos adultos também através do famoso "imbalo". Ela é dita muitas vezes automaticamente, para exemplificar algo a que se está referindo "tipo assim", é loucura do povo, cara!! (brincadeirainha). Mas é exatamente assim que o "tipo assim" é usado. Às vezes ela interrompe algo que não tem nada a ver para ser usada; e usa só pra se situar na "moda" do PNP. Tipo, é isso professora, espero que ajude!! (Vivian)

Tipo = não vejo muito essa palavra não, palavra que já bateu virou passado.

Tipo assim = os manos lá da área usa muito para contar fatos ocorridos ou até para contar detalhes com exemplos figurados.

Tipo: uma pessoa que apresenta um tipo. Tipo assim: quando vou me referir a algo/objeto ou minha conversa com a colega.

Adquiri a “mania” de usar tipo e tipo assim, no colegial e mais precisamente no cursinho. Percebo que é comum esses termos em colégios de classe média e até mesmo usado para satirizar (em programas) um tipo de classe social. Usa-se muito para ligar idéias ou para prender a atenção de quem ouve à próxima frase ou informação.

Antigamente ouvia-se pouco a expressão tipo assim hoje já é mais aceito pelas pessoas para explicar algo e não como gíria. Ex.: vou cortar o cabelo tipo assim... - O professor da minha cunhada ouviu uma aluna dizer tipo assim e a repreendeu dizendo que era uma gíria barata (discordo!)

Sim. Sempre quando estão com um grupo de amigos. Tipo assim, aquele cara é super legal!

Essa expressão no meu serviço muitas vezes é usada da intenção de explicar alguma coisa. - Como você arruma estes documentos? - Você coloca no arquivo, tipo assim, você separa por datas coisas desse tipo.

Tipo assim - é usado quando você vai mostrar algo e ao mesmo tempo estar ensinando esta pessoa como fazer. Ex.- você esta vendo este pipa, eu vou te ensinar a fazer “tipo assim”

Tipo assim→ ex.: tipo assim Camila, eu tô mais não tô. Ou seja, a pessoa (adolescente) está numa dúvida cruel, mas está tentando se fazer entender pela outra adolescente propositalmente está utilizando uma linguagem para dificultar o entendimento do adulto.

Tipo assim, é mais usado com frequência por jovens, e é fácil observar que eles utilizam essa forma em situações, em que precisam dar algum tipo de exemplo. OU seja, exemplo = tipo assim

Tipo e tipo assim

Olha que ‘tipo’ de gente? que tipinho mais esquisito? tipo de gente assim eu já conheço. Essas expressões são utilizadas por pessoas arrogantes. E uma palavra que geralmente é usada em tom pejorativo. Em minha sala há todo tipo de gente ou melhor todo tipo de pessoas. São pessoas bacanas. Algumas vezes, exagera, mas no geral são boas. Essa utilização é usada em nível mais alto. Mas é também nas classes mais privilegiadas que ouvimos esse “tipo de expressão”. Pelo

visto, a palavra tipo vai terminar como hipócrita, que antes representava a ética na medicina. E hoje... (Francisco)

O uso dessa expressão, na minha opinião, demonstra uma pausa para pensar. A pessoa quando quer se explicar ou explicar uma situação normalmente interrompe a fala e diz: tipo assim... NO meu trabalho somente ouço a expressão TIPO, também como uma partícula explicativa (trabalho em banco). Mas, entre meus amigos e na minha comunidade em geral o TIPO ASSIM é muito utilizado, nas mesmas situações (para explicar algo). Exemplos : Esse trabalho é do tipo urgente. Passe um email tipo padrão. Eu me senti, tipo assim, muito feliz. Nós estávamos, tipo assim, atrás do carro. Chegue amanhã tipo às dez horas.

Essa expressão, atualmente, é usada com tanta frequência em nossa sociedade que fica difícil explicá-la, sem compará-la a uma gíria. Em meu trabalho, por exemplo, costumo usar os dois modos de 'tipo'.

Em conversa com os clientes do cartão de crédito, eles possuem um cartão do tipo mais comum, ou do tipo mais abrangente como os cartões internacionais. Comparo o 'tipo' com os cartões que a Unibanco fornece aos clientes. Sendo mais profundo ainda, temos o cartão tipo: Cartão n11- com atraso em 30 dias. Cartão n12 - com atraso em 60 dias e em acordo. Cartão J11 - com atraso a 90 dias. Cartão J12 - com atraso a 90 dias e em acordo. Costumo usar o TIPO para caracterizar as diferentes situações dos cartões. Já conversando com os amigos eu uso a expressão TIPO ASSIM, como gíria, ou mesmo para comparar algo a alguém, por exemplo. - Aquele cara é tipo assim um super-gato, um thuco e etc. Costumo usar o 'tipo assim', somente em conversas informais, para diversão ou explicação de algum fato ocorrido. Tipo assim... a prof.a Maria Célia fez uma prova super difícil, tipo assim, parece que ela sabia que ninguém conseguiu ler o livro todo... Não acredito que essa pronúncia, seja característica de um determinado grupo., ela se tornou popular, moderna e usada até mesmo sem a percepção do falante. Tipo assim, pode acontecer com qualquer um. entendeu? Fernanda.

Na minha comunidade muitos adolescentes usam estas expressões. Eles a utilizam geralmente para fazer alguma comparação ou explicação Ex.: eu gosto de filmes tipo aventura

eu não sou professora mas mesmo assim, eu gostaria de debater o uso dessas expressões. Eu acho que a expressão TIPO, surgiu antes de TIPO ASSIM, e tem um sentido de equivalência , igual. O TIPO ASSIM tem sentido de por exemplo, uma citação, uma referência a uma determinada coisa

que o emissor pensa e quer citar. O TIPO ASSIM, acho que é mais generalizado porque substitui o outro. É uma coisa recente e acho principalmente que começou como a outra gíria. (Priscila Moscardi, 1º Letras)

Respostas de alunos de Letras que também são professores do ensino fundamental.

Meus alunos utilizam para demonstrar um exemplo: Ao invés de falarem por exemplo, assim, desse jeito > eles utilizam o tipo assim. Tipo assim, como se fosse uma bola.

O modo em que é usado é em uma conversa informal, em uma situação amigável, sendo em conversas com meus alunos eles falam “tipo assim professor” para dar exemplo da matéria, colocando ele para explicar (aluno).

Essas expressões não são encontradas somente em alunos, mas em qualquer pessoa. Geralmente são usados para explicar algo que estão falando. Exemplo: Este poema nos mostra a sensibilidade do autor, tipo assim, observando o poema agente pode ver o quanto o autor é sensível.

A expressão tipo e tipo assim é usada na minha comunidade na troca da palavra EXEMPLO. Ao invés de uma pessoa falar: “por exemplo, aquele assunto...” usa-se TIPO ASSIM ou TIPO, aquele assunto...” E os meus alunos usam essa expressão quando querem se expressar, opinar, usando o TIPO ASSIM PROFESSORA...

A utilização das expressões TIPO e TIPO ASSIM são utilizadas para exemplificar algo, geralmente é utilizada por alunos que são mais favorecidos financeiramente. Vejo isto, com bastante clareza, pois trabalho em duas escolas, uma que é centralizada e a outra é dentro da periferia do Embu. Na primeira escola eles utilizam a expressão com mais frequência.

Quando estou explicando na lousa, ou mesmo conversando, e eles não entendem e falam: Tipo assim professora! Quando terminam de fazer alguma atividade, e para confirmar se está certo fala: Tipo assim que fiz professora!

Tipo assim é um novo termo que está substituindo o termo “por exemplo”. Os alunos utilizam no dia-a-dia vem perceber em conversas não formais e até mesmo em formais. Ex.: Eu não falei este tipo de coisa.

2º teste – público-alvo: Professores universitários da área de Letras

Retorno: de um total de X questionários entregues, somente X foram devolvidos.

Objetivo: avaliar o grau de aceitação e categorização das palavras *igual, feito e tipo*.

- a) avalie o uso dessas palavras em sua comunidade. Diga de que modo é utilizado, por quem e em que situação.
- b) seus alunos as utilizam? Quando? Cite algum exemplo de frase em que aparecem.
- c) A que categorias elas são indexadas na gramática?

Jovens que têm atitudes menos formais (as quais se refletem também na roupa, no cabelo, no jeito de andar mais solto) costumam usar as expressões citadas, ao tentarem explicar um ponto de vista com base numa comparação. Ex.: “Muita gente fala que o Maluf rouba mas faz, tipo assim que ele pode até ser ladrão, mas faz aquilo que o povo precisa. Só que aí tem que ver que...” Alguns alunos meus (poucos, porém)* utilizam tais expressões, mas sempre oralmente.

* poucos no curso de jornalismo/ nenhum no curso de Letras. (Henrique, prof. universitário)

Essa expressão foi utilizada (ouvi quando ainda lecionava) por meus alunos em situação de oralidade (conversas sobre futilidades ou quando respondiam oralmente algumas questões de sala de aula. Minha atitude era sempre de reprovação e os alunos eram orientados a substituir por outra, que eu julgava mais condizente com a situação.

ANEXO VI - NOTAS SOBRE AS RESPOSTAS DOS ADOLESCENTES

A seguir, apresento as respostas dadas pelos adolescentes. Primeiramente, as respostas do grupo feminino e, na sequência, as respostas do grupo masculino. As informações apresentam-se da seguinte maneira: nome do informante e idade, exemplos criados (se houver) e observações sobre comentários que fez durante a conversa.

Juliana, 12 anos: *Aquele menino é muito bonito...tipo Marcel.*

Observação: a informante não conseguiu formular o exemplo de *tipo assim*, e alegou ser a mesma coisa que *tipo*. Apresentava-se bastante acanhada. Disse que seus pais não usam.

Ingrid, 12 anos. *Keds é um tênis superlegal....tipo muito bom. Cara, tipo assim, fala sério!*

Observação: A informante comentou que *tipo* é usado para dar um exemplo e *tipo assim* é empregado para “falar” o estilo da pessoa.

Simone, 13 anos. *Você acha que eu devo ir lá? Tipo...vai lá, meu...fala com ela.*

Observações: Como titubeou ao responder, foi-lhe reiterada a solicitação: “Fala um exemplo de como você usa” e ela já respondeu com a expressão: “Tipo assim...quando eu tô explicando para alguém”. A informante disse que nunca viu adultos usando *tipo assim*.

Ieda, 14 anos. *A minha roupa é tipo muito linda....tipo assim ela tem detalhes rosa.*

Observação: disse considerar *tipo* e *tipo assim* iguais.

Fernanda, 13 anos. *Acontece algo: tipo assim que ridículo! Tipo: Ela tem um cabelo tipo*

castanho. Observação: Segundo a informante, o emprego de *tipo* é feito para indicar que *parece, mas não é*. Disse que os jovens usam mais *tipo assim* para mostrar uma coisa diferente. Ela disse que, quando procura um modo de se explicar e não consegue, usa *tipo assim* para emendar a frase.

Gabriela, 14 anos. *Ela tá com um tênis tipo esse Ela tava tipo assim, com uma blusa rosa*

e uma calça azul. Observação: a informante disse que *tipo* é usado em caso de se dar exemplos. Segundo a mesma, seus pais não utilizam, mas os irmãos sim.

Nayara, 14 anos. *Ela tem uma blusa tipo a minha. Eu estou tipo assim com fome*

Observação: a informante disse que *tipo* é usado para passar o que está sentindo. Segundo ela, em sua casa, ninguém utiliza *tipo*.

Luigi, 13 anos. *Eu tenho um CD tipo/parecido aquele ali.* Observação: O informante

comentou que *tipo* é usado como sinônimo de “parecido”, “que nem”. Disse, ainda, que usa indistintamente *tipo* e *tipo assim*, da mesma forma que seus colegas na escola. Segundo ele, em sua casa ninguém usa essas expressões, à exceção de sua irmã de 9 anos. Ao final, acrescentou que acha que os meninos usam mais do que as meninas.

- André, 15 anos.** Observações: Não se sentiu à vontade para criar exemplos. Disse usar, de vez em quando, *tipo* e *tipo assim*, que significam “assim como”. Acha que, em sua escola, os meninos usam mais do que as meninas.
- Nélson, 15 anos.** Observações: Não conseguiu elaborar um exemplo, mas enquanto pensava em algum, disse, no momento de pausa, “*tipo...*”. Considerou que usa mais *tipo* para significar “quase a mesma coisa”. Nota que todos os seus colegas (meninos e meninas) utilizam essa expressão quando pretendem “explicar” algo e não sabem como falar. Disse, ainda, que seus pais não utilizam, mas sua irmã de 15 anos usa com certa frequência.
- Fernando, 15 anos.** Observações: Reiteramos a solicitação de exemplo, mas o informante limitou-se a explicar o contexto de uso. Disse que usa, com mais frequência, *tipo assim* quando quer dar um exemplo. Nota que as meninas usam mais do que os meninos.
- Bruno, 16 anos.** Observações: Não conseguiu formular um exemplo e disse inicialmente que não usava nunca. Depois, voltou atrás e disse que usa raramente *tipo* como “por exemplo”. Nunca usa *tipo assim*. Em sua casa, ninguém usa, nem mesmo seus 2 irmãos (14 e 20 anos).
- Evandro, 17 anos.** Observações: Não elaborou exemplos e disse que raramente usa porque hoje prefere, como seus colegas, usar a expressão “tá ligado?”. Considera que *tipo* é uma expressão ultrapassada, mas ainda vê muitas meninas usando. *Tipo* é usado, segundo ele, para dar explicação.
- Kiko, 17 anos.** Observações: Não elaborou exemplo, mas, durante a tentativa de criar um, disse que usa nas situações em que quer explicar alguma coisa. Também disse usar pouco e também acha que é uma expressão mais usada por meninas.